

INHAÚMA

Benedito Celso



Benedito Celso

INHAÚMA

Copyright © 2015 Benedito Celso

Projeto gráfico, preparação dos originais
e editoração eletrônica: Editora Pontocom
Revisão: Dalka Castanheira e Sérgio Holanda
Coordenação: André Gattaz

EDITORA PONTOCOM

CONSELHO EDITORIAL

José Carlos Sebe Bom Meihy
Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães
Zeila de Brito Fabri Demartini
Zilda Márcia Gricoli Iokoi

COORDENAÇÃO EDITORIAL

André Gattaz

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C394

Celso, Benedito
Inhaúma / Benedito Celso. – Salvador : Editora
Pontocom, 2015.

409 p. : 21 cm
ISBN: 978-85-66048-46-9

1. Romance brasileiro I. Título

CDD B869.3
CDU 821.134.3(81)

Leitura de liberdade.

*Num gesto riscado no ar,
como lance inacabado,
o início do voo
de uma pomba lançada ao livre-ar.
Um braço estendido
e a liberdade abraçada ao espaço,
num gesto infinito
incomensuravelmente lindo.*

*À minha esposa EMERY,
luz da minha vida,
e às minhas netas
GIULIA e ISABELLA,
para que a história não se perca.*

SUMÁRIO

- 1 ~ O CASAMENTO ~ 11
- 2 ~ INHAÚMA ~ 53
- 3 ~ NATÁLIA e TINA ~ 95
- 4 ~ ORDÁLIA ~ 129
- 5 ~ BENVINDA ~ 153
- 6 ~ ADELAIDE ~ 177
- 7 ~ ELIODORO ~ 207
- 8 ~ IZIDORO ~ 233
- 9 ~ MINORO ~ 259
- 10 ~ GENÉSIO ~ 279
- 11 ~ O CIRCO ~ 307
- 12 ~ SABINO ~ 325
- 13 ~ CONSTÂNCIA ~ 355
- 14 ~ PAI GUSTAVO ~ 385

~ 1 ~

O CASAMENTO

Era por volta das nove e meia ou dez horas da manhã de uma quinta feira, 13 de maio de 1926, quando a família dos Coutos saiu do patrimônio de Santo Antônio para vencer as seis léguas que o separavam de Cruz das Almas, uma cidadezinha ainda menina incrustada às margens do Rio Itaguaí. O município abrangia cinco distritos ao longo de seus mais de 2300 alqueires de terra pouco habitada. Na canga do carro, dois bois nada arredios faziam com que ele produzisse seu som característico, ora um meio gemido, ora um profundo lamento. A cantadeira, parte do eixo que fica em contato com a parte inferior do chumaço, era o que produzia esse som. Quanto mais cantava o carro, mais dele se orgulhava o dono. Seus ocupantes sabiam que a viagem seria lenta e de horas, no ritmo dos pesados passos dos bois carreiros. Quem os avistasse de longe na estradinha sinuosa e estreita supunha não terem nenhuma pressa de chegar a lugar algum.

Acomodado no primeiro dos dois estrados transversais à mesa do carro, viajava sentado o patriarca Izidoro Couto comandando os bois. Era um homem alto, esguio e forte que nos seus 48 anos de labuta com a terra sob um sol ardente ganhara rugas precoces e profundas no rosto amorenado. Mantinha o queixo sempre erguido, como se espiasse o mundo bem à frente para ser o primeiro a saber das coisas e depois poder contar aos outros como se somente ele tivesse visto. Izidoro tinha um ar de patrão autoritário, sempre impondo a

vontade de ser aquele que diz a última palavra. Eram suas todas as terras que se avizinham ao patrimônio de Santo Antônio, sem contar que fora ele o fundador e o dono do próprio vilarejo. Viajava calado de modo pensativo, com uma perceptível preocupação que lhe marcava a face sem nem mesmo ele saber exatamente por quê. Como de costume, só falava o necessário ou encerrava a conversa sempre que lhe convinha. Conhecia cada palmo do caminho que percorria. Já o fizera por muitas e muitas vezes, um dia a cavalo, outro dia tocando bois de carro, como agora, e até mesmo a pé.

A seu lado, ainda no primeiro estrado, ia Constância Dias da Conceição, a esposa pacienciosa e cheia de sins que nunca pensava em contrariar o marido em nenhuma de suas ordens ou vontades. Viajava sentada meio que de banda, com as duas mãos segurando firme o estrado, temendo que um pequeno solavanco pudesse derrubá-la. Fitava a estradinha à sua frente com olhar indiferente aos lugares por onde passava. Constância tampouco falava. Ficava a ouvir sempre concordante as raras falas do marido ou dos demais ocupantes do carro. Observava as cangas dos bois que balançavam de um lado para outro e o mal traçado caminho por eles percorrido. Por ela mesma não estaria enfrentando essa incômoda e cansativa viagem. Sabia que a distância a ser vencida iria custar cerca de quatro horas, e nem mesmo quando sua filha caçula ficou doente dos pulmões ela ousou acompanhar o marido até a cidade de Cruz das Almas em busca de um médico. Achava-se pesada demais e suas pernas inchavam quando permanecia sentada por muito tempo. Nesse dia ela viajava porque tinha especial motivo. Estava indo para o casamento do filho mais velho, o primeiro na família.

Atrás, no segundo estrado, iam os dois filhos maiores, Aristeu e Everaldo Couto. Aristeu era o primogênito, que há

poucos meses havia completado 21 anos e já se importava em manter um bigodinho atrevido cuidadosamente aparado a navalha para que pudesse parecer mais avançado na idade. Assim como seu irmão mais novo, o Everaldo, ele herdara a aparência do pai. Rosto de ossatura longa, ombros largos, pernas e braços compridos e fortes, mãos enormes, capaz de pegar um boi à unha sem, contudo, nunca se dispor a criar rixa ou puxar briga com quem quer que fosse. Aristeu era uma pessoa de paz. Mantinha os cabelos alinhados, penteados lisos para trás, além de ter mais alguma coisa que fazia com que fosse prontamente reconhecido como sendo Coutinho, o filho mais velho de Izidoro Couto. Também puxara um pouco à mãe, a matriarca Constância, principalmente no que dizia respeito à maneira de se relacionar com os outros. Sempre sério e reservado, no mais das vezes dava-se muito pouco e com pouca gente, fosse com os colonos na época da colheita, caboclos desocupados que eram contratados sob empreitada pelo pai, fosse no trabalho que desenvolvia na fazenda. Mesmo quando estava no povoado de Itaiporã, um vilarejo a cerca de meia légua do pequeno sítio onde viria a fixar morada depois de casado, Coutinho não se enturmava nem se imiscuía no grupo que aproveitava a ocasião para jogar carteadado no pátio da Igreja, ou manter prosa mole com desocupados. Não gostava de se agrupar nem quando das festas religiosas com leilão de prendas, às quais acorriam todos os sitiantes da região, reunindo-se para batizados, primeira comunhão dos filhos menores, crismas ou casamentos, tudo com a presença do jovem padre Agostinho. Preferia se aquietar num canto e ficar olhando tudo ao largo. Ria mais para dentro do que para fora quando alguém fazia uma estripulia qualquer. Ficava às espreitas admirando as mocinhas que transitavam insinuantes à cata de pretendentes e acoitava-se calado e sozinho, como se pouca

coisa despertasse interesse maior. Embora não fosse totalmente tímido, era um moço de pouca conversa, preferindo ser bom ouvinte a ter que falar. Não gostava de encompridar a prosa. Procurava ser curto em suas falas, por isso cuidava de ficar apenas espiando o que se passava a seu redor.

Sua futura moradia viria a ser um pequeno sítio de pouco mais de vinte alqueires, banhado por duas águas: as do Córrego Inhaúma, que dava nome ao lugar, e as do Rio Caimbé, que desemboca no Itaguaí, já perto de Cruz das Almas. Era a pequena gleba de terra doada por seu pai na primeira divisão que fez ao casar o primeiro filho.

Na viagem Coutinho pouco falou, a não ser quando seu pai o questionou sobre a roupa do casamento. Limitou-se a responder que estava tudo arranjado, apontando que a levava na mala de couro acomodada junto a seus pés. Nela, além de uma muda de roupa comum, levava um terno escuro de casimira riscada que Siqueira, um alfaiate itinerante seu conhecido, havia confeccionado a seu pedido e sob medida; uma camisa de linho branco que foi bem passada a ferro de brasa e uma gravata larga de duas cores que tomara emprestado de Xicuta, um fazendeiro das bandas dos Araújos. Seus sapatos ele havia comprado dias antes numa pequena loja de Cruz das Almas, não sem uma pechincha, que convinha ao pouco dinheiro que tinha. Certamente esses sapatos vão ranger enquanto novos, num incômodo que não mais lhe dão as velhas botinas que costumava usar.

Seu irmão mais novo, o Everaldo, conhecido apenas por Aldo, estava chegando aos dezenove anos com ralos pelos na cara. Esse também pouco assuntava. Sentado ao lado de Coutinho, viajava sem prosa, que nem o irmão. Deixava-se seduzir apenas pela observação do estreito caminho seguido pelos bois do carro, atento aos curios e assuns-pretos que se

empoleiravam nas árvores às margens da trilha. Quando muito, perguntava ao pai sobre que árvore era essa ou aquela outra, vistas à beira da estrada, ou comentava sobre um ou outro boi gordo, avistado no pasto ao longo do caminho. No íntimo antecipava a alegria de poder ver as tão faladas belezuras da cidade de Cruz das Almas. Era a primeira vez que viajava até lá. Só pensava na chance de poder ver um carro movido a motor, como lhe haviam contado que havia, bicicletas, lojas de armarinhos e a luz elétrica, pois que a casa grande de seus pais era iluminada só pelas chamas fugidias de toscas lamparinas alimentadas por querosene. Dava-se muito bem com o irmão Coutinho e com esse formava dupla de peso no eito, plantando e colhendo arroz, feijão, milho, algodão e amendoim.

Mais atrás, sentado no próprio assoalho do carro, de costas para os demais e balançando as pernas para o lado de fora, sempre apoiado na cheda, prancha lateral do leito, ia Altamiro, o caçula dos filhos homens, que desde pequeno veio a ser chamado apenas de Miro. Moleque travesso ainda imberbe, curioso das coisas e tagarela, era bem o contrário dos irmãos mais velhos. Na viagem, a mando do pai, ficou sendo o encarregado de descer do carro toda vez que se deparavam com uma porteira pelo caminho. E ele gostava disso como se devesse ser dele esse serviço. Sentia-se importante na missão de abrir porteiras de tábuas ou de arame ou de retirar da trilha alguns galhos caídos que empacavam os bois.

A junta seguia em passo sonolento sem que Izidoro ralhasse com os bois. Havia de ter paciência. Primeiro porque o casamento só ia ser celebrado no dia seguinte, uma sexta-feira, no final da tarde. De modo que tinham tempo de sobra para chegar ainda para o almoço na chácara dos Jacintos, que ficava nos arredores de Cruz das Almas. Ali ele poderia desatrelar os bois e soltá-los para pastar sem nenhuma pressa, pois

o trecho era longo, jornada de horas, e os bois se cansariam muito se fossem tocados às pressas.

Ao lado de Miro, sentada do mesmo jeito que esse, ia Albertina, a Tina, menina faceira que desabrochava nos seus quatorze anos, amorenada e serena, puxada à mãe e que só ficava olhando para as marcas que as rodas do carro iam deixando na estrada, sem falar nem assuntar nada. Era alegre, serelepe e falante, mas como lhe ensinara seu pai, criança só pode falar com os adultos quando questionada sobre alguma coisa ou quando obtivesse permissão para isso. De sorte que viajava também aquietada ao lado de Miro e só de vez em quando apontava alguma coisa que via, um pássaro ou um animal, para chamar a atenção do irmão, rindo de alegria como se fosse dia de festa.

Na verdade, para a pequena Tina a viagem até Cruz das Almas já era uma festa, pois nunca antes havia saído da casa dos pais para ir a nenhum lugar distante. O máximo que lhe tinha sido permitido até esse dia era ir da casa grande da fazenda até o largo da igreja que Izidoro mandara construir em suas terras e às próprias custas, bem próxima, cerca de pouco mais de um quarto de légua. Essa igreja acabou por atrair em torno dela um pequeno comércio de variedades trazidas da cidade, como retalhos, materiais para costura, alguns instrumentos agrícolas, vassouras, querosene para as lamparinas e, mais tarde, algumas bebidas engarrafadas que Izidoro desaprovou e nunca permitiu que entrassem em sua casa. Nem álcool nem baralho, pois dizia que os soldados romanos beberam e jogaram cartas aos pés da cruz do Cristo crucificado. Eram coisas do diabo!

A partir da construção da igreja, o lugarejo pouco a pouco foi se transformando num pequeno povoado, ao qual Izidoro se apressou em dar o nome de Santo Antão, santo

cultuado pela Igreja Católica e que pregou no Egito nos tempos antigos. Esse santo tem como sendo seu o dia 17 de janeiro, mesmo dia do nascimento de Izidoro. Daí a escolha do nome.

À medida que Santo Antão recebia melhoramentos, como a construção de um coreto no largo da igreja e o traçado de ruas circundantes, loteada a terra pelo patriarca fundador da vila, alguns pequenos sitiantes da redondeza se apressaram em adquirir terrenos perto da igreja para construir morada para as famílias, até mesmo porque, conforme Izidoro prometia, no ano que vem Santo Antão passaria a contar com uma escola primária para as crianças. Por anos e anos essa promessa veio a ser repetida sempre para o ano que vem.

O comércio que começou capenga, por falta ou desconhecimento do povo do lugar, progredia aos poucos. Ali se estabeleceu Jamil, um descendente de turco, vendendo quase que de tudo o que fosse preciso para o pessoal da roça. Construíra uma grande casa de tábuas, depois caiada de branco, com duas portas pintadas de vermelho escuro voltadas para a rua. Ele as abria bem cedinho para atender os fregueses, que mais se demoravam numa prosa costumeira, encostados no balcão, do que na compra de seus produtos.

Não se importava em vender fiadas suas bugigangas. Afinal, era conhecido e conhecia todos e cada um dos sitiantes da região e bem sabia que cedo ou tarde o pagamento viria a ser feito. Gente pobre e sem dinheiro jamais deixa de pagar dívida, pois é uma questão de honra. Para pagar dívida feita era só vender um roçado, um cabrito, umas galinhas, um porquinho ou um capado. Bovinos nem sempre eram postos à venda. Esses eram mais animais de estimação. Criação, como dizia Izidoro. Todos ganhavam nomes próprios dados por seus respectivos donos, como as vacas leiteiras de Izidoro chamadas de Estrela, Aliança, Mansinha, Noviça e Sereia. As mulas

Crioula e Joia, o cavalo Ponteio e os cães Lorde, Tarzan e Visconde. Curioso é saber de onde o velho Izidoro tirava esses nomes para dar a seus cães. Quanto a Tarzan ele apenas sabia contar que se tratava de uma criança que foi criada por macacos e que vivia no meio da mata junto com os bichos. Como é que essa história chegou até os cafundós de Santo Antão é coisa que não se explica, pois se sabe que a primeira tira do personagem de Edgar Rice Burroughs só veio a ser publicada num jornal do estrangeiro pouco tempo antes.

Mais abaixo, quase de frente para a igreja de Santo Antão, fixou-se um forasteiro vindo sabe-se lá de onde e que ali passou a negociar sementes e a vender açúcar, sal e outros condimentos alimentares. Era um homem meio estranho com seu corpanzil avantajado, barriga proeminente, barba sempre por fazer, usando pequenos óculos de aros arredondados que não combinavam nem um pouco com seu porte físico. Chegou ao patrimônio com bom dinheiro no bolso e logo adquiriu dois lotes de terra de Izidoro Couto. Neles construiu uma boa casa dispondo três pequenas portas voltadas para a rua, com a prévia intenção de abrir uma venda. Seu nome era incomum pelas redondezas e de difícil pronúncia para a gente do lugar. Chamava-se Aldrovando, o que o levou a ser rebatizado pelo povo de Santo Antão como sendo apenas o Seu Vando, ou o Vando da venda. Embora não pertencesse a nenhuma das famílias da região, bem cedo Vando angariou amizade com vizinhos em Santo Antão e ali fincaria raízes por anos a fio. Tempos depois, solteiro que era, arranjou casamento com uma das filhas dos Morretes, sitiantes das bandas da fazenda Mandá Saia, e com ela viria a ter cinco filhos, todos criados em Santo Antão.

O carro parou cerca de duas horas depois, junto a um pequenino riacho que cruzava a trilha. Izidoro mandou que

todos apeassem para esticar as pernas enquanto os bois bebiam água. A boa sombra das árvores ao redor da estradinha acolheu os viajantes. O sol começava a arder. Miro e Tina correram à solta e se achegaram a um pé de salta-martim com tronco ramificado e recurvo, colhendo deles alguns frutos amarelos de casca grossa e passando a atirá-los contra o chão para vê-los pular. Engraçaram-se, descontraídos, nessa brincadeira. Foi uma parada curta, mas com tempo suficiente para que Izidoro picasse um toco de fumo de corda e enrolasse um cigarro, lambendo a borda final da palha e pitando vagarosamente como quem estivesse se alimentando. Ele não pensava no resto da viagem que teria que vencer, nem no amanhã, o dia do casamento do filho. Olhou de esguelha para Constância, que estava contemplativa no meio da trilha, parada, quase que sem se mexer, e passou a lembrar o encontro que tivera alguns meses atrás com Calimério dos Anjos, o pai da noiva, também dono de amplas terras que iam de Itaiporã até o Ribeirão das Onças, numa extensão de mais de oitenta alqueires.

De certa forma, a união dos filhos significava para Izidoro também a união de terras, pois naquelas paragens casamento tinha sempre um lado que era uma questão de negócio. Tudo arranjado pelos pais. Entre uma baforada e outra, Izidoro lembrou que, bem antes desse encontro, Coutinho havia lhe contado que gostava de ver uma das filhas de Calimério toda vez que ia ao patrimônio de Itaiporã, porém sem declinar o nome, nem contar qual delas fosse. Portanto, Izidoro sabia que seu filho Coutinho nas muitas idas ao patrimônio trocava olhares interesseiros, mesmo à distância, com uma das filhas de Calimério. Só algum tempo depois é que viria a saber que essa era Natália, a filha mais velha, uma moça bonita de cabelos pretos e bem lisos, longos de alcançar a cintura, bem

feita de corpo e sempre bem vestida nos dias de festa. Quando Coutinho era avistado em rua de Itaiporã, bem apumado nas roupas e no chapéu que usava, ela correspondia a seus olhares furtivos meio que encabulada, mas sem deles se esquivar.

Soube-se que um dia Natália teve a coragem de falar de Coutinho para o pai, numa perigosa insinuação de que estava gostando dele. Calimério, homem calmo, contemporizador e sereno nas falas, ouviu a filha Natália sem responder palavra, nem se manifestar na hora a respeito de nada. Mas também não reprovou o que havia entendido. Sabia que a filha estava no ponto de se casar, pois já era passada dos dezessete anos e que, mais dia menos dia, ele teria de lhe arranjar casamento. Num relance, Calimério concluiu em pensamento que o filho de Izidoro, a quem conhecia, não deixava de ser um bom partido para uma de suas filhas. Ele tinha outras três filhas adolescentes: a Berenice, a Donária e a Ordália, afora mais quatro filhos homens, o Genésio, o Prudêncio, o Benjamim e o Dorival, nascidos não exatamente nessa ordem. Para uma ou outra das meninas, era de sua obrigação arranjar casamento, antes que passasse da idade e virasse solteirona alojada na casa dos pais.

Izidoro lembrou ainda que quando Calimério veio a estar com ele numa manhã de fim da primavera, num encontro não programado, na casa grande da fazenda em Santo Antônio, ele pensara em tudo sobre o motivo da visita menos que a prosa viesse a tomar o rumo que tomou. Calimério, sempre educado e respeitoso nas conversas com os outros, embora falasse sem rodeios, mantinha sempre o mesmo tom durante sua fala mansa, como se nada o alterasse. Logo de chegada assuntou que, como era do conhecimento de Izidoro, ele tinha filhas no ponto de se casar e que decerto seria de muito bom grado as duas famílias se unirem, casando uma delas com

um dos filhos de Izidoro, mais precisamente Coutinho, seu filho primogênito.

Izidoro não se arredou, mas emudeceu por uns instantes, como se antes carecesse de pensar um pouco nessa questão. Baixou a cabeça olhando para as pontas das botinas e respondeu que também fazia gosto na união, só dependendo de tratar desse assunto com Coutinho antes de arrematar qualquer trato a respeito. Sem pressa, como era de seu feitio, a conversa em torno de casamento de seu filho mais velho com uma das filhas de Calimério só veio a se suceder quase uma semana depois.

Nesse primeiro encontro, Izidoro e Calimério encompridaram a prosa e trocaram mútuos elogios a respeito do zelo que tinham pelas propriedades de cada um. Davam-se muito bem. Eram antigos conhecidos de família. Os pais de Izidoro, o fazendeiro Etelvino e sua mulher Dona Zuleide, tinham sido grandes amigos do velho Braz e de Dona Pureza, pais de Calimério, desde os tempos em que nem Santo Antônio existia. Essas duas famílias tinham vindo para as bandas de Itaiporã no começo dos anos oitenta do século XIX, migrados do sul das Minas Gerais, por aqui fincando raiz e cada uma conquistando propriedades de grande extensão de terras cultivadas. Caminhando em torno do mangueirão, onde naquela hora Constância ordenhava uma de suas vacas leiteiras, Izidoro e Calimério alternaram assuntos de uma boa prosa. Ora sobre bois de criação, ora sobre terras de cultivo, ora sobre a ameaçada queda do preço do café. Certo mesmo é que Calimério deixou a casa grande do patriarca de Santo Antônio ainda com alguma dúvida quanto ao fato de sua proposta ter sido aceita por Izidoro ou não.

Agora, soltando as últimas baforadas do resto de seu cigarro de palha e olhando para Coutinho, que estava calado e

cabisbaixo encostado na roda do carro, Izidoro lembrou que desde aquele primeiro momento e daquela primeira conversa que teve com Calimério, ele já havia concordado com a futura união dos filhos e quiçá das terras. Na ocasião em que tratou desse assunto com Coutinho ele o fez de maneira direta, sem pestanejar. Chamou-o de um lado e ordenou:

– Senta aqui, Aristeu! Temos que prostrar sobre assunto sério.

Coutinho avermelhou. Não era de costume o pai chamar um filho para com ele ter conversa reservada. A seriedade com que Izidoro convocou a prosa indicava que o assunto devia ser mesmo de grave importância. Sem imaginar do que se tratava e com todo respeito, Coutinho ousou questionar o velho pai.

– Algum problema na fazenda, pai?

– Não, não é nada disso! É que na semana passada o Calimério, lá de Itaiporã, veio aqui e assuntou se você quer se casar com uma das filhas dele!

Tão grande foi a surpresa por ter o pai tocado num assunto que ele julgava ser um segredo só seu, guardadinho no peito, que Coutinho na hora nem se lembrou de que um dia já tinha confidenciado ao pai que gostava de ver uma das filhas de Calimério quando ia a Itaiporã. Mas nunca dissera qual delas era. A ninguém mais tinha dito uma palavrinha sequer sobre esse assunto. De modo que Coutinho novamente enrubesceu. Baixou a cabeça como se devesse pensar por algum tempo para saber o que dizer ou como responder ao pai. Manteve-se emudecido por um minuto o que fez com que Izidoro não demorasse a replicar:

– Como é que é? Que eu bem sei você conhece as filhas do Calimério e até gosta de olhar pra uma delas. Além disso, você também sabe que Calimério é dono de muitas terras,

o que é de bom proveito numa união. Acho que já é hora de você pensar em casamento. Eu dou uma gleba de terra que fica nas bandas do Inhaúma e então você constrói lá um rancho pra morar.

O secreto encantamento que Coutinho nutria pela moça Natália, a filha mais velha de Calimério, já vinha de tempos idos, apesar de que nunca antes tinha conversado com ela ou dela ouvido uma só palavra. Só a vira de longe, algumas vezes, com troca de olhares sem nenhuma intenção declarada. Mas ela já tinha sido eleita como sua pretendida. De sorte que após se recompor, passar as mãos nos cabelos lisos, coçar levemente a face direita e assentar o chapéu no colo, Coutinho respondeu:

– Se é de gosto do pai é meu também!

– Pois então tá combinado assim! Vou providenciar para que o casamento seja em Cruz das Almas.

Depois disso, não custou nem uma semana para que Izidoro arreasse o cavalo Ponteio e fosse até o patrimônio de Itaiporã para ter novo encontro com Calimério. Como era de muita seriedade e importância o assunto a ser tratado nesse segundo encontro, o patriarca de Santo Antônio importou-se em vestir um culote novo, lustrar as botas, calçar seu par de esporas douradas com estrelas grandes e pontudas e fazer a barba com sua velha navalha Solinger, tudo como se fosse domingo. À chegada em Itaiporã encontrou Calimério capitando em volta da casa com um rústico chapéu de palha na cabeça, botinas completadas com velhos canos de botas, suado como que. Na simplicidade que era de seu feitio. O cumprimento dos dois sugeriu que entre eles já podia ter havido um acerto do trato.

– Tarde, compadre Izidoro!

– Tarde, compadre Calimério!

– Vamos apelar e entrar pra dentro, compadre Izidoro, completou Calimério, tirando o chapéu e com ele abanando a poeira das calças. Acredito que eu e o compadre temos boa coisa pra conversar. Turmalina faz um café quentinho enquanto proseamos.

Izidoro parou por aí com a recordação dos fatos que antecederam o dia de hoje. Voltando a ficar sisudo ordenou à família que retomasse seus lugares no carro para o prosseguimento da viagem, uma vez que os bois já haviam descansado um bom bocado e tinham bebido água suficiente para vencer o trecho final até Cruz das Almas. Olhou a estradinha que se alongava à sua frente, calculando que com mais uma hora ou hora e meia estaria avistando sinais da cidade.

O sol estava quase a pino, quente de arrebenatar mamona, devendo ser por volta das onze e meia ou meio dia. O novo trecho a percorrer ia apresentando algumas melhorias e, à medida que se aproximava da cidade, ficava cada vez mais plano e largo. O prefeito de Cruz das Almas havia sido pressionado pelos sitiantes da região e por causa disso mandara passar uma máquina planadeira na estrada. Desse modo, a produção agrícola ganhou melhores condições de escoamento até a cidade. Nesse segundo trecho os bois economizariam força para puxar o carro e Constância ficou menos preocupada com os solavancos, tirando as mãos do estrado e abrindo uma sombrinha para se proteger do sol.

Constância continuava viajando calada. Só de vez em quando é que ela virava o pescoço para espiar como estavam Tina e Miro, sentados na borda traseira do carro. Não se incomodava com os risos dos filhos mais novos nem com os cochichos travessos que trocavam entre si, temerosos que eram de falar alto e receberem um ralho do pai. O que preocupava a mãe é se um deles viesse a cair do carro, coisa que ainda não

tinha acontecido, mas que podia acontecer a qualquer hora. Nunca se sabe! No mais, a matriarca dos Coutos mantinha um olhar perdido à frente. Quem bem a conhecesse e a visse assim contemplativa saberia na hora que ela estava é com o pensamento longe dali. Na verdade era isso mesmo. Submissa ao marido, jamais falava tudo o que pensava. Nem opinião própria ousava exprimir. Melhor era concordar em tudo com Izidoro, porque ele nunca ia entender suas angústias íntimas, seus anseios e desejos, a preocupação diferente que uma mãe tem para com suas crias, ou as segredadas necessidades de uma mulher que ainda estava viva por dentro. Sentia que até então só havia servido para parir filhos, cuidar da casa grande, ordenhar as vacas e cozinhar todo dia para um montão de gente, incluindo os empreitados.

Não que Izidoro a tratasse com algum desrespeito. Isso não. Ele era cuidadoso com as coisas da casa e, embora só falasse com Constância num tom de autoridade de dono, nunca chegou a destrata-la com palavras ou atos. Sempre que podia trazia de Cruz das Almas um presente como sendo um agrado para a mulher. Ora um corte de tecido para que ela fizesse um vestido novo, ora um sabonete, ora água de cheiro ou outra prenda qualquer. Mas era indiferente, distante e seco. Quando trazia dava o presente sem acrescentar uma só palavra e sem se importar em saber se tinha sido ou não do gosto ou das necessidades da mulher. Às vezes nem entregava nas mãos dela o que para ela tinha sido trazido da cidade. Largava o embrulho em cima da mesa do salão de entrada e saía como se estivesse com pressa de cumprir afazeres de homem da casa. Constância que se encarregasse de saber o que era ou para quem devia ser o presente. A ele competia tocar o trabalho na fazenda. Fiscalizava com rigor o serviço na lavoura, orientava os homens que cuidavam do gado e cobrava o acerto de seus

serviços. Decidia sobre os negócios entabulados, gostava de cuidar ele mesmo de seu cavalo, ajeitava os arreios e apetrechos de sua montaria ou de seu carro de boi, tudo juntado e guardado com muito zelo num pequeno quartinho que construíra parede e meia com o paiol. Vistoriava o chiqueiro com seus porcos de engorda e examinava quase que diariamente o portão do paiol e a porteira do mangueirão para certificar-se de que estavam seguros e firmes. Quando ia até Cruz das Almas, cuidava de saber quais eram as mais recentes notícias sobre o mercado do café, tendo escutado que nesse ano o preço da saca estava tendendo a sofrer grande queda, por conta de problemas econômicos no estrangeiro. Especulava sobre o valor da arroba do boi, sobre o preço da carne de porco, do algodão, do milho, do arroz e do amendoim. Era um homem sempre bem informado das coisas, mesmo que não fosse de seu direto interesse comercial.

Constância, sempre meio que acabrunhada, não se atrevia a reclamar. Fazia de conta que tudo estava certo e que tudo devesse ser do jeito que Izidoro queria e mandava. Guardava dentro de si em doído silêncio suas dores e queixas. Ela já estava entrada nos seus 45 anos, embora aparentasse ter muito mais que isso. Na roça, a lida envelhece as pessoas. E como já tivera seis filhos, ganhara uma cintura alargada e seus seios enormes caíam que não tinha mais jeito. Sem ser precisamente uma mulher gorda, ela estava bem acima do peso ideal para sua pequena estatura, atarracada em seu metro e 65, com pernas curtas que inchavam de quando em vez, mais ainda quando permanecia sentada por muito tempo, fosse no carro, fosse junto a seu tear. Mas era uma mulher sadia, se assim se pode dizer. Raramente adoentava. Quando muito uma gripezinha seguida de tosse insistente e curada a base de chás de ervas que ela mesma preparava. Mesmo assim, continuava a ordenhar

as vacas nas manhãs frias e a tecer mantas de algodão e ralos cobertores para os catres. Bem ao contrário de Izidoro, que por qualquer coisinha se dizia adoentado, recolhendo-se no quarto e se aquietando por dias. Constância percebia que ele estava bem porque do quarto ela ouvia, por horas a fio, os sons de um ponteio da violinha que Izidoro gostava de tocar.

Os bois prosseguiam mansamente e o carro não mais sacolejava como antes, já que a estrada ficava cada vez mais plana à medida que se aproximavam dos arredores de Cruz das Almas. Costuma-se dizer que boi anda melhor no meio do mato do que em terra batida, mas Dourado e Campeiro, estimada junta de Izidoro, haviam se acostumado a andar puxando o carro por aquelas bandas.

No modo que a viagem encurtava, Miro e Tina, viajantes de primeira vez como Aldo, ansiavam-se cada vez mais, num silêncio só quebrado pelo rangido do carro. Coutinho estava taciturno e quanto mais via o carro acercar-se de Cruz das Almas, mais circunspecto ficava. Não negava que o arranjado casamento com a filha de Calimério o deixara satisfeito por demais da conta. Fosse pela formosura de Natália, fosse por saber que se tratava de uma moça recatada, criada às boas maneiras e de prendas domésticas. Ouvira dizer que ela aprendera com a mãe, dona Turmalina, a arte de fazer, com muito capricho, crochê e bordados que serviam para enfeitar o altar da igreja de Itaiporã em dias de missa ou de festas religiosas. Além do mais, também soubera, por informação de quem melhor a conhecia, que ela aprendera com a mãe a costurar roupas de homem e podia ser considerada tanto uma cozinheira de mão cheia quanto uma zelosa dona de casa. Soube ainda que em casa ela ajudava em tudo o que fosse preciso. Até mesmo ficar com as três irmãs e os quatro irmãos mais novos, deixados a seus cuidados quando a mãe tinha que cumprir

outros afazeres domésticos, ou quando carecia de se ausentar para acompanhar o marido em visita a um conhecido ou parente. Por certo haveria de ser boa esposa.

Doutro lado, porém, Coutinho se encabulava modo de que nem bem conhecia Natália pessoalmente. Nunca tivera com ela um só dedo de prosa nem sabia sequer se esse casamento também era do agrado dela. Pensava no fato de que só amanhã quando estiver na frente do altar é que ele vai ver sua prometida de pertinho pela primeira vez. Esse era o ponto que mais lhe agoniava, tanto que chegou a pensar se não teria sido de melhor arranjo se o casamento não houvesse sido marcado assim em tempo tão curto, antes que ele pudesse melhor se arrodear com Natália. Mas fazer o que? Não lhe competia discutir questão decidida pelo pai. O que não tem remédio remediado está, filosofou em pensamento.

Coutinho lembrou que foram a mãe Constância e a futura sogra Turmalina que se encarregaram de comunicar o casamento aos amigos mais chegados e aos parentes que moravam perto, indo elas de casa em casa em Santo Antônio e em Itaiporã, convidando os parentes e conhecidos para a cerimônia em Cruz das Almas, não sem observarem que tudo ia ser coisa de gente simples sem nenhum luxo ou ostentação. Coutinho não acompanhou isso de perto porque essa tarefa não era de sua conta. Aos parentes distantes que há muito não viam por terem se mudado para o sul de Minas Gerais, outros para o interior do Mato Grosso ou para inacessíveis lugarejos do não desbravado Paraná, o aviso sobre o trato acertado entre os compadres Calimério e Izidoro e o convite para o casamento de seus filhos seguiram por cartas comuns postadas em Cruz das Almas. Nunca se soube se essas cartas foram ou não recebidas pelos destinatários. Só o que veio a ser sabido depois foi que nenhum desses apareceu na igreja. Era de se

compreender: moravam em lugares muito distantes e uma viagem até Cruz das Almas seria por demais custosa e com enormes dificuldades.

De repente Izidoro se virou para trás e com seu vozeirão de comando autoritário interrompeu os pensamentos de Coutinho.

– Óia que tamos chegando!

Izidoro apontou para as margens da estrada e chamou a atenção dos filhos para que olhassem os postes com fios da luz elétrica, sem a eles dar nenhuma explicação, modo de que nem mesmo ele sabia direito como funcionava o extraordinário invento da luz elétrica. Os postes à beira da estrada era o sinal de que estavam perto de chegar à chácara dos Jacintos, nas cercanias de Cruz das Almas. De vereda Miro e Tina se levantaram, ficando em pé sobre o estrado do carro para melhor apreciar a novidade que viam. Constância ralhou na hora, mandando que se sentassem e tomassem mais cuidado em cima do carro. Ambos se riam de contentamento. Para eles tudo era coisa nova e o que estava por vir era a realização de um sonho. Conhecer a cidade de Cruz das Almas, banhada pelo Rio Itaguaí. A cerimônia que seria realizada na tarde do dia seguinte não era coisa de primeira importância para os filhos mais novos de Izidoro. Teriam que ir à Igreja assistir ao casamento do irmão mais velho e iriam porque o pai mandou, não porque fosse coisa com a qual devessem se preocupar, ou sobre a qual se importassem em parar para pensar. Só imaginavam a alegria de poder caminhar pela rua principal do comércio da cidade e de ver lojas com bonitezas que em Santo Antônio não tinha. Apreciar o esplendor da luz elétrica e quem sabe até tomar um sorvete, coisa que ainda não tinham experimentado. Tina e Miro eram só alegria, embora não devessem exteriorizar esse contentamento com nenhum alarido porque

isso não era permitido pelo pai. A alegria era aparente nos olhinhos brilhantes e no sorriso que as crianças mantinham estampado nas caras. Êta dia bom!

Quando os bois abordaram a porteira da chácara, pareceu que Jacinto já sabia a hora certinha da chegada da família dos Coutos, ou então porque tinha ouvido de longe os gemidos de um carro de boi se aproximando. Lá estava ele de pé junto ao mourão, apressando-se em abrir a porteira que rangeu tanto quanto um gemido de carro. Falta óleo nas ferragens, segredou para si mesmo o velho Izidoro.

Jacinto era um homem pequeno e magrelo. Deixava a barba crescer de forma descuidada, contrastando com Izidoro, homem zeloso com sua aparência. Estava acostumado a receber sitiantes que se dirigiam a Cruz das Almas, precisados de fazer de sua chácara a pousada para um bom descanso do corpo ou para dar água e pasto aos animais. De seu casarão feito de tábuas, vários quartos eram usados para acomodar hóspedes de passagem e, da janela de qualquer um deles podia ser avistada a torre da igreja de São Sebastião, a matriz de Cruz das Almas, onde amanhã Coutinho vai se casar. Conhecia Izidoro há muito tempo, desde que o noivo era moleque de calças curtas. Sempre se rindo a mostrar dois dentes da frente encapados de ouro, cumprimentou a família com uma saudação que lhe era própria.

– Sejam bem-vindos, meus amigos. Minha chácara passa a ser a casa de vocês. Vamos apeiar e esticar essas pernas.

Enquanto Constância, Coutinho e os meninos Miro e Tina adentravam no casarão, Izidoro e Aldo cuidaram de desatrelar os bois do carro e soltá-los num piquete de bom pasto nos arredores. Quando terminaram esse serviço foram se juntar aos demais na sala de entrada, convidados a tomar o café que estava sendo coado na hora. A dona da casa era uma mulher

tão amável e acolhedora quanto o marido. Mantinha um sorriso no rosto até mesmo enquanto falava. Izidoro nunca soube direito qual era o verdadeiro nome dela, pois todos a chamavam apenas de Dona Cota.

Constância e Dona Cota se acomodaram na cozinha conversando sobre coisas de família e sobre a viagem, enquanto a água esquentava numa panelinha de cabo e o longo coador de pano sustentado num suporte de madeira já tinha recebido o pó de café moído na hora. Os Coutos ficaram reunidos no salão, agora aumentados pela presença de dois dos filhos de Jacinto. Miro e Tina se aquietaram ao lado do pai, embora a vontade deles fosse começar a rodear a chácara e espiar a cidade de Cruz das Almas desde ali. Sabido é que crianças não podiam sair do lado dos pais sem permissão concedida e nem Miro nem Tina se atreviam a pedir isso, até mesmo porque estavam na casa dos outros.

O cheiro gostoso do café chegou à sala quando Jacinto assuntava sobre a viagem e as condições da estradinha desde Santo Antônio. Izidoro resumiu que o primeiro trecho, até as terras dos Morretes, havia sido de maior dificuldade, com os bois escolhendo onde pisar e com alguns sacolejos do carro por causa dos buracos que tinha. Concluiu por dizer que se apercebeu que o prefeito de Cruz das Almas havia feito um bom serviço com as máquinas da Prefeitura, tanto que no segundo trecho já se via que a estrada era de melhor qualidade.

Nesse instante Dona Cota chegou à sala com o café fumegante e passou a servir os hóspedes recém-chegados, tendo o cuidado de primeiro servir aos mais velhos e só depois às crianças. Constância, silenciosa, tomou seu café observando com admiração a xícara de louça enfeitada com bonitos desenhos dourados. Em casa, todos tomavam café em pequenas canecas de lata aproveitadas de produtos enlatados

comprados na loja do Jamil, para as quais Izidoro mandava por asas também de lata.

Após sorver o café, Jacinto tirou do bolso da larga calça um toco binga para acender seu cachimbo, ao que Izidoro acompanhou picando seu toco de fumo de corda e enrolando um pedaço de palha, sempre lambendo a parte final para bem assentar o cigarro. Foram ele e Jacinto fumar caminhando em torno do casarão, olhando os bois no piquete e agora proseando sobre o casamento de amanhã.

Jacinto assuntou que Coutinho era um homem sortudo por ter arranjado uma boa moça para se casar. Completou dizendo que conhecia bem a família de Calimério e que já havia dado pousada para ele e suas filhas não só uma vez. Izidoro limitou-se a ouvir sem nada acrescentar. Depois de um instante de silêncio e algumas baforadas, ele ajeitou o chapéu na cabeça como se devesse melhor se aprumar e confidenciou que nem bem conhecia as filhas de Calimério, mas que mantinha com esse uma antiga e boa amizade. Sabia que se tratava de gente boa e honesta, fixada em Itaiporã há muitos anos, tanto que ele não só chegou a conhecer os pais de Calimério, o velho Braz e sua mulher Dona Pureza, como também os pais de Turmalina, o boiadeiro Joaquim Cuta e a esposa Ernestina, antigos moradores de Itaiporã, hoje todos já falecidos.

Naquele tempo e naquelas bandas, não se casava uma filha com quem não fosse nascido e criado no lugar ou de quem não se soubesse antes a origem e a ascendência. Não fosse assim, dizia-se que essa pessoa não era sua conhecida. Fosse quem fosse. Izidoro levava isso muito a sério, de maneira que nunca aprovou de todo o casamento de uma das filhas dos Morretes, família radicada na região, com o forasteiro Vando da venda, apesar de ter comprovado depois que essa

união não veio a desandar. Sem dizer, Izidoro pensou consigo mesmo que a união de Coutinho com a filha de Calimério era coisa que haveria de dar certo.

Dona Cota convidou Constância e seus filhos para se acomodarem como quisessem nos quartos da casa, desarrumarem suas coisas e tomarem um banho se assim fosse de precisão ou de vontade. Em pouco tempo ela serviria um almoço, pois era de se perceber que a essa hora todos estavam com fome, depois de tão longa e cansativa viagem. Mandou o filho mais novo pegar um frango no quintal para ser preparado com polenta, botou o arroz no fogo para cozinhar e começou a picar alguns pepinos para fazer uma salada a ser servida aos novos hóspedes.

Em cada quarto do casarão tinha uma cama de casal bem arrumada com alinhados lençóis brancos e um beliche no qual podiam se acomodar mais duas pessoas. Constância escolheu um dos quartos, chamando Tina para que nele ficasse com os pais, e indicou um segundo quarto para Coutinho, Aldo e Miro. O banheiro ficava no fundo do corredor. Único e de uma simplicidade franciscana. Pequeno e sem janela, com água fria caindo de um balde adaptado com furos nos fundos e um naco de sabão de cinza feito em casa pela própria Dona Cota. Todos acharam mais do que suficiente para tirar a poeira do corpo e se aprontar para o almoço.

Izidoro foi o primeiro a se banhar. Trocou a roupa suada da viagem por uma calça e camisa limpas e se achegou à mesa de almoço onde Jacinto já o esperava. Até que se acercassem os demais houve tempo para os dois entabularem mais um dedo de prosa.

– Você dá muita satisfação se comparecer no casamento amanhã. Você, Dona Cota e seus filhos são todos meus convidados, sentenciou Izidoro.

Jacinto respondeu de forma rápida e direta, mas com acato e educação.

– Agradeço o amigo pelo convite, mas não posso assegurar que vou, não. Como você sabe, dia de casamento aqui em Cruz das Almas é dia em que o serviço da casa aumenta muito, com a chegada de mais gente que vem vindo das redondezas para parar ou pousar aqui, e isso segura eu, a Cota e mais os meninos no trabalho sem ninguém poder arredar pé. É da minha obrigação.

Izidoro acenou com a cabeça concordando com a argumentação de Jacinto, embora tivesse ficado meio encabulado, pois sua preocupação era a de que pouca gente comparecesse ao casório e nem chegasse a encher a igreja matriz dedicada a São Sebastião. Seus parentes distantes certamente não viriam. De Itaiporã até aqui era uma distância ainda maior do que a de Santo Antão, viagem difícil e custosa ainda que no lombo de burro. Imaginou que nem Calimério tinha certeza de que todos seus convidados viriam. Família grande, mas desacostumada de empreender viagem. Seja lá o que Deus quiser, confortou-se.

Tina e Miro estavam ansiosos para ir até a cidade logo depois de terem almoçado. Esquivavam-se de pedir, pois temiam que o pai dissesse um não. De modo que solicitaram a Aldo que fizesse o pedido ao pai, informando que os três iriam acompanhados por Cirinho, o filho mais velho de Jacinto. Sendo assim, Izidoro não titubeou em permitir, já que iriam juntos com quem bem conhecia a cidade. Para Miro e Tina, a alegria transbordou em risos e pulinhos às escondidas do pai.

Já em Cruz das Almas, vencida a pé a curta distância desde a chácara até o centro da cidade, os filhos de Izidoro se encantavam vendo as lojas do comércio da rua principal. Olhavam tudo atentamente como se retratassem cada uma das coisas

na memória. A casa de um celeiro que fabricava cordas, re-
lhos, chicotes e cabrestos para cavalos; a loja de armarinhos
com tecidos de variadas cores, uma boniteza; outra de sapa-
tos, botas, sandálias, botinas e chinelos; outra de materiais de
cozinha como panelas, bacias, talheres e bonitos tampeiros
bordados à mão; um grande armazém com sacarias de arroz,
de açúcar e outros mantimentos e a casa onde se faziam sor-
vetes de palito e de massa, a que mais atraiu Miro. A massa era
primeiramente movimentada com uma pá de madeira numa
cuba imersa em água com sal e depois depositada num recipi-
ente de alumínio acomodado no congelador. Os palitos eram
feitos com preparo anterior de suco aromatizado e despejado
numa forma de cubinhos para congelar. Antes que congelas-
sem de todo até o centro, eram colocados em cada um dos
cubinhos os palitos que iriam sustentá-los depois de prontos.
Tudo isso o tagarela Miro perguntou e ficou sabendo através
da pacienciosa explicação dada pelo dono da casa. Cirinho
comprou palitos de groselha para si, para Aldo, Miro e Tina,
que se sentiam em dia de festa. Prosseguiram caminhando até
a igreja onde amanhã ia se dar o casamento. Pouco depois
Miro lastimou-se por não ter perguntado por que é que tinha
sal na água que recebia a cuba de fazer sorvete de massa. Ele
gostava de saber de tudo, mas dessa vez ele tinha se esquecido
de perguntar sobre isso.

Católicos que eram, todos fizeram o sinal da cruz à frente
da igreja matriz de São Sebastião, com suas duas torres laterais
encimadas por cruces de ferro. Preferiram não entrar. Ama-
nhã iriam vê-la toda enfeitada para o casamento de Coutinho.
Seguiram na caminhada, ora com longas paradas para bem
apreciarem o jardim que arroteava o largo da igreja, com al-
guns bancos sob as árvores, ora com paradas mais curtas para
observarem de perto os globos de luz dependurados nos tetos

das lojas, que para Miro pareciam como se fossem de sorvete, ora desatentados como se já houvessem visto de tudo. Dessa vez, Aldo não conseguiu ver nenhum carro movido a motor fabricado pela Ford no estrangeiro, e lhe pareceu que ainda não havia chegado nenhum em Cruz das Almas. Frustrou sua grande vontade, pois na cidade só circulavam carroças, charretes, carros de bois, cavalos e burros, mas nada de se ver um carro a motor. Todos haviam gostado mesmo foi do sorvete de groselha. Passado um tempo retornaram para a chácara.

Depois do almoço e de prostrar com Jacinto sobre variados assuntos, Izidoro foi descansar o corpo na cama do quarto que passara a ocupar, garrando a pensar sobre o casamento. Antes de cochilar voltou a se lembrar do segundo encontro que tivera com Calimério na ocasião em que selaram o trato da união dos filhos.

A convite de Calimério, Izidoro apeou e entrou na casa grande do futuro compadre. Na porta cumprimentou Turmalina, uma mulher magra e frágil, escorrida num vestido de chita com estampado miudinho, usando um par de óculos de aros redondos e pequenos. Já à primeira vista deixava ver que se tratava de uma pessoinha de profunda humildade e irradiante simpatia. Embora coubesse ao visitante principiar no assunto que motivou sua chegada foi Calimério quem iniciou a conversa indo direto para a questão do casamento dos filhos.

– Pois então, compadre Izidoro, nós temos que voltar a tratar da questão do casamento de seu filho com uma de minhas filhas o que deve receber sua benção e ser do agrado de nós dois. O senhor conversou com Coutinho conforme me anunciou naquela ocasião?

Izidoro pigarreou um pouco como se ainda estivesse indeciso ou inseguro sobre o que responder. Era de seu costume não ter pressa de falar. Pensava antes no que ia dizer para

ter a certeza de que o dito por ele era o certo e definitivo. Passou a mão esquerda na face enquanto segurava com a direita seu chapéu de feltro pousado no colo. Distraiu-se com a entrada de Turmalina na sala trazendo duas xícaras de café e por final arrematou:

– Pois é, compadre Calimério, conversei sim e a resposta que eu trago é que também é de gosto e de vontade de Coutinho casar com uma de suas filhas. Só que ele não falou qual delas é, pois isso ele não disse.

Calimério não se apoquentou. Completou tratando do assunto como se fosse um negócio de venda e compra de criação entre dois donos de terras.

– Ara, compadre! Isso é o que menos importa. Olha que eu tenho aqui em casa quatro filhas já no ponto de casar. A Natália, que é a mais velha das mulheres, já beirando os dezoito, a Donária, passada dos dezesseis, a Berenice, chegada aos quinze e a Ordália, a caçula das mulheres, com quase quatorze anos. Essa caçula é a que é a mais moleca, menina levada da breca e danada da vida, mas também é a que é mais inteligente. Tenho mais quatro filhos, mas não é deles que tamos tratando.

Izidoro teve a leve impressão de ter ouvido a palavra *negociando* quando Calimério falou *tratando*, mas sorveu quieto o café quentinho trazido por Turmalina olhando fixo no pai da futura noiva.

– Pois então que seja, compadre! Estou decidido a fazer o casamento lá na igreja de Cruz das Almas de modo que eu acho que o senhor já pode cuidar dos papéis junto à paróquia de São Sebastião e com o Padre Agostinho. As patroas podem cuidar dos convites para o casamento. Aliás, sendo hoje dia 19 de dezembro, o compadre tem ideia de quando é que podemos marcar o casamento?

– O mês de maio é uma boa ideia, compadre! É o mês das noivas.

Calimério levantou-se da cadeira e achegou-se à parede da sala onde estava dependurada uma folhinha que estampava a figura de Nossa Senhora de Fátima. Foi ao final da folhinha e consultou o mês de maio do ano seguinte, para em seguida completar.

– Quem sabe no dia 14 de maio do ano que vem, que cai numa sexta-feira?

Assim é que foi marcada a data do casamento de Coutinho, que agora estava em Cruz das Almas para amanhã subir ao altar e receber sua prometida.

Ao desfazer sua velha mala de couro, Coutinho retira dela o terno e a camisa que vai usar, pedindo favor à Dona Cota para que amanhã cedo dê uma pequena repassada nessas roupas porque elas chegaram amassadas e com dobraduras fora de lugar, modo o tempo gasto na viagem. Dona Cota atendeu de pronto, afirmando que ele não precisa se preocupar com isso porque ela vai deixar a roupa de casamento bem arrumadinha.

Na manhã seguinte começava um novo tempo para a família dos Coutos. Tudo estava acertado e pronto para o primeiro casamento na família. Ainda que fosse de poucas falas, nessa manhã Constância abusou de palavras, comentando com Dona Cota que se sentia muito feliz por estar casando seu primeiro filho e que logo haveria de ter netos correndo pela casa. Izidoro amanheceu meio casmurro e ainda encabulado por achar que ia ser pequeno o número de convidados que compareceriam na igreja. Preferiu verificar como estavam os bois no piquete e quando proseava com Jacinto o assunto era outro. Não falava mais sobre o casamento. A manhã mostrava um sol brilhante, embora estivesse ainda meio fria. Tudo

indicava que a tarde iria ser quente e, segundo o prenunciado por Jacinto, sem nenhuma previsão de chuva. Izidoro se aliviou pelo menos quanto a isso. À tarde, após um bom almoço preparado por Dona Cota, tendo como mistura um assado de leitão, todos começaram a se aprontar para ir à Igreja. O noivo deveria chegar mais cedo, antes da noiva, e o horário marcado era seguido à risca por Padre Agostinho. Tinha que falar com os pais do noivo antes da cerimônia. Orientar quanto aos lugares a serem ocupados junto ao altar e como seriam os atos da celebração do casamento. A entrada da noiva, a troca de alianças, as assinaturas no livro de registros, os alternados cumprimentos às famílias e a saída da igreja. Não havia padrinhos. Só os pais é que deveriam ficar junto ao altar durante a celebração. Segundo informou Padre Agostinho, seria uma cerimônia curta.

Coutinho teve que pedir ajuda a um dos filhos de Jacinto para dar o nó em sua gravata. Depois de algumas tentativas fracassadas ele desistira de tentar fazer isso. Nunca usara gravata em toda sua vida, nem tinha a menor ideia de como ela lhe cairia. Cirinho foi quem cuidou de atender a seu pedido e deu conta do recado com muita habilidade.

Apesar de que a distância da chácara até a igreja fosse curta, podendo facilmente ser vencida a pé, como os meninos haviam feito no dia anterior, Izidoro preferiu atrelar os bois no carro para conduzir a família até lá para que não sujasse os sapatos na terra, nem se cansassem a ponto de suar com o calor que já se fazia sentir. Todos se acomodaram no carro na forma como dantes, com a diferença de que agora estavam vestidos com roupas de festa. Constância usava um traje verde claro com bordados brancos na gola e nos punhos das mangas, bem acinturado para melhor delinear seu corpo, e um pequeno chapéu de mesma cor em forma de touca com

abas pequenas, acomodado na cabeça, agasalhando todo seu cabelo. Izidoro não tinha mandado fazer roupa nova, mas se apresentou bem, vestindo um culote branco bem cuidado, calçando botas curtas caprichosamente lustradas, uma camisa de algodão também branca e um paletó claro de três botões que usava só em ocasiões especiais. Não colocou gravata, mas não dispensou o chapéu panamá, única peça recém-adquirida, comprado semanas antes.

As crianças vestiam roupas novas que Constância mandara fazer com algumas peças de tecido que Izidoro lhe dera. Tina ostentava um laço de fita nos cabelos e estava radiante, calçando sandálias novas afiveladas dos lados. Miro estava descontraído e bem à vontade com sua calça curta, camisa listrada, calçando um velho, mas conservado sapato preto, com meias brancas novas que seu pai comprara na venda do Jamil. Aldo não se preocupara em se aparentar com trajes novos. Vestia uma calça de casimira escura sem riscas, uma cinta de couro marrom e uma usada camisa amarelo-riscado, que tendo sido bem passada por Dona Cota, parecia novinha em folha. Não quis usar paletó, muito menos gravata. Já o noivo Coutinho esmerava-se no seu terno novo com a gravata com listas de duas cores, a impecável camisa branca de linho e um lenço branco no bolsinho de fora do paletó apropriadamente ajustado por Dona Cota. Bem barbeado, com o bigodinho aparado e cabelos bem alisados, era um noivo bonito de se ver.

O carro de boi venceu o pequeno trecho até a igreja sem gastar mais do que quinze minutos. Chegando ao largo que a cercava, o que se viam eram várias carroças com os mulos tendo as rédeas amarradas em troncos de pequenas árvores, da mesma forma que alguns cavalos bem arreados que deviam pertencer aos convidados. Izidoro até que se desencabulou. Começou a imaginar que haveria de ter bastante gente

na igreja. Tocou os bois do carro até o lado de trás da igreja por onde puderam entrar pela sacristia e se avistarem com Padre Agostinho. Tudo conforme o combinado. Calimério não participou da reunião, pois devia conduzir a noiva pela porta principal. Nem Turmalina. Decerto o Padre iria falar ou já tinha falado com eles em outra ocasião. Faltavam pouco mais de dez minutos para a hora marcada para o início da cerimônia. Izidoro estava ansioso para espiar a nave da igreja onde deveriam estar sentados os convidados.

Depois de receberem as instruções de Padre Agostinho, o patriarca de Santo Antão, homem de poucas letras que mal sabia fazer as quatro contas, garatujou seu nome na folha de um enorme e grosso livro da Paróquia. Constância deixou de fazer isso porque era totalmente analfabeta e Coutinho, também de poucas letras, rabiscou seu nome sem nem olhar bem o que assinava. Confiava que tudo tinha de ser assim. Quanto a Aldo, Miro e Tina, esses nem haviam entrado na sacristia. Já deviam estar sentados na nave da igreja esperando o começo da cerimônia.

Quando Izidoro foi conduzido até o lado direito do altar, teve um entorpecimento. Paralisado, apercebeu-se de que a igreja estava quase vazia, recebendo pouco mais de umas vinte e cinco pessoas. Visualizou entre elas os filhos e as filhas de Calimério enfileirados num banco só; Venerando e a mulher que moravam na outra banda do Inhaúma e eram seus convidados; seus filhos Aldo, Miro e Tina; sua irmã, a velha Perpétua, surda e muda de nascença; Vando e Jamil de Santo Antão com suas mulheres; Braz, um irmão mais velho de Calimério e mais alguns outros que para ele eram desconhecidos. Não era lá o que esperava, mas o que se há de fazer numa hora dessas?

Coutinho estava de pé ao lado direito do altar parecendo olhar para lugar nenhum, sem fitar nenhuma das pessoas

que estavam dentro da igreja. A despeito de sua ansiedade por ver Natália vestida de noiva adentrando na Igreja de braços dados com o pai, era como se cumprisse uma obrigação de estar ali, sentindo que estava sendo olhado de forma penetrante por todos os presentes. A espera pela noiva o angustiava um pouco. Minutos que demoravam a passar. O que ele queria mesmo é que tudo terminasse o mais rápido possível. Pensava em Natália e a imaginava entrando na igreja, bonita como ela só. Passou a olhar fixamente para a porta da igreja que iria ser aberta quando um coral entoasse o canto nupcial. Não via mais ninguém, nem olhava para seu pai ou sua mãe que se postaram silenciosos a seu lado. Estava como que entorpecido na ansiedade da espera. Quando o coral iniciou um canto a seis vozes, todos os convidados ficaram de pé voltando seus olhares para a porta da igreja, esperando que essa fosse aberta e por ela entrasse a noiva conduzida pelo pai.

Antes disso e não mais do que de repente Coutinho se arrepiou e estranhamente sentiu um suor frio descer pelo seu rosto. Isso era raro de acontecer e nem sequer fazia calor para tanto. O que se dera é que ele pressentiu que alguma coisa não ia dar certo, sem nem bem saber o que é que era ou por qual razão ou motivo isso acontecia. Suas pernas bambearam e ele começou a tremer como se estivesse com medo enquanto o suor do rosto aumentava a ponto de umedecer o apertado colarinho de sua camisa branca. Nunca sentira isso antes. Que haverá de ser, perguntou a si mesmo. Acostumado a enfrentar boi bravo ou a buscar bezerro parido nos brejos de beira de rio, com a vaca avançando sobre ele na defesa da cria, era muito estranho que agora dentro de uma igreja pudesse sofrer calafrios e sentir um medo do que estava por suceder. Até a gravata passou a lhe incomodar como se não devesse estar ali nem vestido assim. Olhou para seus pais e notou que tanto

Izidoro como Constância estavam serenos com semblantes de acomodada paz. Voltou-se para Turmalina do outro lado do altar e se deu conta que também ela mantinha um ar alegre e confiante com um visível sorriso no rosto e um olhar de notada felicidade. Que será que está acontecendo comigo, outra vez se perguntou em pensamento. Aceitara de bom grado esse casamento, contentara o pai com a união das duas famílias e das respectivas posses. Bem que sempre quis se casar com a moça Natália e agora na horinha de seu casamento vinha a sentir que alguma coisa não estava para se dar de acordo.

Enquanto o coral entoava a marcha nupcial, dois sacristãos se encarregaram de abrir lentamente a porta da igreja. Logo se viu Calimério dando o braço para a noiva, que chegou usando um longo e belo vestido branco, um chapéu todo enfeitado com bordados feitos à mão e um fino véu que lhe cobria o rosto. A noiva trazia na mão direita um ramallete de flores de laranjeira. Todos os olhares se voltaram para ela, sorridente e feliz, entrando lentamente na igreja de braço dado com o pai. Coutinho observou fixamente a noiva desde que ela surgiu na porta da nave. Sem reconhecê-la à distância, a primeira impressão que teve foi que ela era mais baixa do que ele pensava. Aumentou sua encabulação e murmurou:

– Ara! Não tá me parecendo a Natália!

Com as pernas tremendo e cada vez mais suando frio, Coutinho dirigiu um olhar interrogativo para seus pais, mas esses continuavam com a mesma serenidade de antes como se tudo estivesse correndo de acordo com o combinado. Mas não estava!

A noiva desfilava bem devagar pelo longo corredor da igreja e Coutinho garrou inquieto a campear a família de Calimério entre os convidados presentes, o que não foi difícil encontrar, visto que esses eram poucos. Bem logo ele divisou

que a família estava sentada à esquerda, na terceira fileira de bancos. Pela ordem reconheceu de pronto os irmãos Genésio, Prudêncio, Benjamim, Dorival e, seguindo a fila, avistou as irmãs Donária, Berenice e, para seu espanto e desespero, viu Natália sentada ali, com seus cabelos pretos e longos bem penteados, num vestido de festa, mais bonita do que antes ele tinha visto. Meu Deus do céu, a noiva não é Natália!

Coutinho mergulhou num monte de perguntas sem resposta. Conteve-se para não entrar em pânico e não provocar nenhum vexame na frente da noiva ou dos convidados, mas para ele estava tudo errado. Só concordara com o pai em se casar com a filha de Calimério porque acreditou desde o começo que o trato a ser acertado fosse o de se casar com Natália. Ela é quem sempre foi a mulher de sua vontade e gosto. Nenhuma outra estava em seus planos. Agora ele via Natália sentada na terceira fila de bancos da nave, só assistindo a seu casamento. Não podia acreditar que isso estivesse sucedendo. Não tinha vindo até aqui para se casar com ninguém que não fosse Natália. Só os olhares tantas vezes trocados com ela, ainda que nos distanciados encontros que tiveram em Itaiporã, já tinham servido para firmar entre eles um segredado compromisso de união e fizeram nascer a vontade de ficarem juntos. Para Coutinho eles haviam se comprometido e já se pertenciam desde a troca de olhares. O que fazer agora, quando no altar vê uma noiva escondida por um véu que lhe cobre o rosto e que ele nem sabe bem quem é? Em seu corpo trêmulo e em seu peito ofegante latejou uma vontade desesperada de escapular-se dali, de sair correndo do altar e desaparecer da vista de todo mundo. Uma vontade de gritar para que todos escutassem que sua pretendida é Natália e que sem ela no altar a seu lado não vai haver casamento nenhum no dia de hoje.

Mas não teve coragem para tanto. Coutinho nunca foi homem de fazer desfeitas, causar desaforos ou de criar encrências. E ali naquela hora, dentro de uma igreja, não podia promover tamanho escândalo. Era um moço bem educado, obediente, respeitoso e nunca fez ato de ofensa a ninguém. Fugir dali seria uma desfeita sem tamanho a seus pais, a Calimério e Turmalina, à noiva, que não deve ter culpa nenhuma nessa história e a todos os convidados presentes. Pensou que nem mesmo Natália podia aprovar uma atitude dessa natureza. Melhor se conformar, aquietar-se e seguir o ritual desse casamento que ele nem mais sentia que era o seu. Retirou do bolsinho do paletó o lenço branco que Dona Cota lhe arrumara e com ele enxugou o suor da testa e do pescoço, não tirando mais os olhos de Natália.

Calimério chega ao altar conduzindo a noiva. Padre Agostinho sinaliza para que Coutinho a receba dos braços do pai. Atordoado e sem mais saber o que faz ou o que deve deixar de fazer, obedece quase que automaticamente a sinalização do Padre, não sem que uma vez mais olhe fundo nos olhos de Natália, antes de dar as costas aos convidados e ficar de frente para o altar. Embora inconformado e sob dolorida angústia, suando em bicas, mas sem renitência, ouviu as palavras de Padre Agostinho não esquecendo nem um minuto de que era a filha mais velha de Calimério a sua pretendida nesse casamento. No último olhar que trocou com Coutinho, Natália baixou a cabeça sem esconder os olhos marejados de lágrimas. Não era ela quem estava no altar como também era de seu desejo, mas Ordália, sua irmã mais nova. E tinha sido assim que seu pai dissera que tinha de ser. E deveria ter sido esse o trato que Calimério havia feito com Izidoro. De manei-
ra que a Coutinho só restava refazer-se aos poucos, prometendo a si mesmo não fazer nenhuma bandalheira. A igreja não é

lugar para desfeitas ou escândalos. Que Deus me livre e guarde! Tenho que casar com essa mesmo! Fazer o quê?

Padre Agostinho começou a falar sobre os fundamentos e fins do casamento católico. Coutinho não prestava nem um pingo de atenção, pois em pensamento estava muito longe dali.

– Aqui estão perante Deus e os convidados Aristeu Couto e Ordália dos Anjos para se unirem na sagrada comunhão do casamento. A união do homem e da mulher segundo as leis de Deus e os mandamentos da Santa Madre Igreja é uma união permanente que não se desfaz a não ser com a morte de um deles. A obrigação de cada um é ser fiel ao outro, zelar pelo bem estar seja na tristeza ou na alegria e bem educar seus filhos conforme manda a sagrada Igreja Católica.

Voltando-se para Coutinho, Padre Agostinho perguntou:

– Aristeu, é de gosto e de sua livre vontade receber Ordália aqui presente como sua legítima esposa?

Coutinho emudeceu. Fitou o Padre com um olhar desolado como se pedisse ajuda. O suor continuava a escorrer pelo seu rosto e pescoço molhando ainda mais o apertado colarinho de sua camisa branca. Suas pernas bambeavam. Na verdade não era e nunca foi de seu gosto nem de sua vontade casar com a menina Ordália. Novamente passou pela sua cabeça dizer um não e desistir de tudo. Voltou a vontade de falar ao Padre e a todos que sua noiva era Natália e que ela estava sentada bem ali na terceira fila da esquerda da nave, bem como que esse casamento foi arranjado pelos pais e que a noiva foi escolhida por eles sem que ele viesse antes a saber quem era e sem ter dado seu consentimento. Mas novamente se conteve. Como dizer tudo isso na frente do altar e na presença dos pais e dos convidados? Tornou a sopesar que seria uma desfeita muito grande. Um desrespeito dentro da igreja. Um escândalo nunca visto em Cruz das Almas.

Na igreja pairou um silêncio profundo à espera da resposta do noivo. O jovem Padre Agostinho repetiu a pergunta para dar a impressão de que Coutinho não a tinha compreendido.

– Aristeu, é de seu gosto e vontade receber Ordália aqui presente como sua legítima esposa?

Mesmo estando profundamente contrariado, Coutinho respondeu com voz rouca e quase inaudível, tanto que o Padre teve de se curvar em sua direção para ter a certeza do que ele dissera um sim. Assegurando-se disso, prosseguiu:

– Ordália, é de seu gosto e de sua vontade receber como seu marido Aristeu aqui presente?

De Ordália a resposta veio rápida e alta a ponto de ecoar pela nave e ser ouvida por todos os presentes.

– Sim!

– Pois então, não existindo nada que impeça esse casamento, eu os declaro marido e mulher, arrematou Padre Agostinho. Podem trocar as alianças e depois cumprimentar os pais!

Coutinho seguiu o rito sem olhar para o rosto de Ordália. Fazia o que o Padre mandava de forma automática, como se não estivesse ali no altar e nem fosse ele quem estava se casando. Quando se virou para os convidados e aprontou-se para deixar a igreja, de braços dados com Ordália, buscou Natália e a fitou com um olhar profundamente inconformado. Dessa vez Natália não correspondeu a esse olhar. Estava imóvel com a cabeça abaixada como se estivesse rezando. Do lado de fora da porta principal da igreja os noivos pararam para receber os cumprimentos dos convidados. Coutinho, ainda desorientado, ficou estático, revoltado por dentro, desconsolado com o que lhe acontecia. Ladeado pelos pais, mal respondia aos cumprimentos que recebia. Apenas se emocionou um

pouco quando foi cumprimentado por Perpétua, a tia surda e muda que era de muita estima e respeito. Abraçou-a comovido e supôs ter ouvido dela que a vida é cheia de surpresas, às vezes boas, às vezes ruins e que Deus escreve certo por linhas tortas.

Natália não foi cumprimentar os noivos. Coutinho até que se aliviou por isso. Achou ter sido melhor assim. Findo os cumprimentos, Izidoro convocou a família para se reacomodar no carro de boi e Coutinho se apressou a pedir ao pai que o deixasse retornar com ele, sem a noiva, pois tinha muita coisa para providenciar no sítio de Inhaúma antes de lá poder acomodar sua mulher. Izidoro não reprovou e todos foram para o carro. Coutinho nem sequer se despediu de Ordália. Ali, da porta da igreja, ela retornou a Itaiporã na companhia de seus pais.

Pouco tempo depois o pátio da Igreja se fez vazio e o casamento era um fato passado. Todos voltavam para suas moradas, sendo só a família de Izidoro a que ainda tinha que fazer um novo pouso na chácara dos Jacintos, isso porque Izidoro não pretendia retornar a Santo Antônio com os bois puxando o carro durante a noite. Devia retomar a estrada amanhã bem cedinho. Foi o que fez.

Até a hora da volta no dia seguinte Coutinho ainda não se atrevera a questionar o pai sobre a escolha da noiva. Achava que ele deveria saber que seu interesse era na filha mais velha de Calimério, a Natália. Contudo, Izidoro percebeu que o filho estava amuado, com cara de quem estivesse enjoado com tudo. Não custou a perguntar:

– Que é que há Aristeu, você não parece contente com nada? Tá com cara ruim por que?

Era a ocasião que Coutinho esperava para poder falar e ele não a desperdiçou.

– Pai, eu acho que o senhor devia saber que minha vontade era a de casar com a Natália e Seu Calimério levou para a igreja uma outra filha, a Ordália, menina que nem bem está chegada aos quatorze anos e a quem eu nunca dei atenção, nem nutri interesse.

– Óia, Aristeu! As coisas nem sempre são do jeito que a gente quer que seja! Compadre Calimério falou de suas filhas, todas elas no ponto de se casar e ele acabou escolhendo Ordália para a união das famílias. Eu disse que tava combinado assim. No fim das contas é tudo a mesma coisa. A menina Ordália também é moça prendada, educada do mesmo jeito que as outras e é capaz de ser boa esposa e dar filhos como se deseja. Com o tempo você se acostuma e a benquerença vai vindo devagar. Tudo se ajeta.

Coutinho amargou a resposta sem concordar nem um pouco com a explicação dada ou com uma palavra sequer do que lhe foi dito. Mas preferiu ficar calado, sem contestar, para não contrariar o pai. Estava inconformado e ficou amuado durante todo o tempo da volta. Entretanto, tudo o que queria ou que podia dizer agora não iria adiantar mais nada. Não havia mais nada que fazer. Estava casado com uma das filhas de Calimério e sua mulher não era a Natália, como sempre fora de seu desejo. Só lhe restava tocar a vida pra frente do jeito que ela é ou deve ser. Lembrou-se da Tia Perpétua. Seja lá o que Deus quiser! Construiria um rancho em Inhaúma, nas terras da primeira partilha que seu pai disse que faria e depois iria a Itaiporã buscar sua mulher. Êta dia ruim!

Ordália voltou a Itaiporã na carroça do pai Calimério, junto com a mãe, irmãs e irmãos. Estava radiante, se rindo à toa de tão feliz. Sabia que seu marido, o belo Coutinho, iria buscá-la dentro de poucos dias, assim que as acomodações em Inhaúma estivessem prontas para recebê-la. Seu pai lhe

informava de tudo o que estava se passando. Turmalina, sempre de forma muito delicada e pacienzosa, abaixou-se para ajeitar as barras do vestido de noiva da filha e aproveitou para principiar uma conversa mais íntima, falando baixinho junto aos ouvidos de Ordália para contar sobre suas novas obrigações agora como mulher casada. Ordália ouvia a mãe sem ousar interromper com nenhuma pergunta por maior que fosse sua vontade. Acomodou-se para ouvir apesar da ansiedade e da curiosidade natural de uma criança de quatorze anos.

– Fia, agora você é uma mulher que tem obrigações de dona de casa e deveres de esposa. Você ouviu bem o que o Padre Agostinho falou. A mulher e o marido devem ficar juntos e um tem de ser fiel ao outro, tanto na alegria como na tristeza. Para o resto da vida. Eu sei que você é capaz de tudo isso e até de muito mais. Você foi bem educada e sei que você tem boa vontade para fazer as coisas. Peço que não se aborreça quando a vida começar a pregar peças e a dificuldade aparecer. Viver a vida não é fácil não! Ela é cheia de alegrias, mas também tem muitas amarguras, dores, desassossegos e muito susto. Felicidade mesmo que é bom é o que demora a chegar. Tem de ter paciência e dar tempo ao tempo. Devagariinho as coisas vão se ajeitando. O marido é seu senhor e sua vontade é uma ordem. Lá em casa nós continuamos a conversar sobre outras coisinhas que vão ser de muita valia pra você saber viver bem com seu marido.

Ordália riu um riso maroto com mistura de pressa e malícia no olhar como se já tivesse ouvido tudo do que precisava. O resto ela ia aprender sozinha, se é que já não soubesse...

Nesse momento Calimério balançou as rédeas e açoiou os cavalos. Era começo de noite de lua cheia. Daqui a algumas horas estaria em Itaiporã e sua vida ia voltar para a rotina de sitiante como sempre foi. Tinha acabado de cumprir

a obrigação de arranjar e fazer o casamento de uma filha. Nem se dava conta de que havia mais três prontinhas para casar, entre essas Natália, a filha mais velha, que ao longo de toda a viagem de volta escondia uma amargura no peito, disfarçada num respeitoso silêncio.

~ 2 ~

INHAÚMA

A gleba de terra doada a Coutinho por seu pai tinha por volta de vinte alqueires, banhada aos fundos por um pequeno córrego chamado Inhaúma, a dar nome ao lugar. À esquerda margeava o Rio Caimbé, esse um rio encorpado e profundo a meter medo nas mãos de filhos menores que moravam nas terras ribeirinhas. À direita, a estrada que vinha das bandas dos Amélios e ia até o patrimônio de Itaiporã. Só de um lado é que a divisa era de arame farpado, separando-a das terras dos Pinhos.

A mata ciliar seguia fechada tanto junto às margens do córrego Inhaúma quanto nas beiradas do Rio Caimbé, ainda se vendo que em grande parte do sítio havia capoeiras brejadas e capoeirões que não demorariam a ser derrubados em parte, para a preparação de uma faixa de terra destinada ao cultivo de sobrevivência. Desde há muito o lugar onde ficava esse sítio passou a ser conhecido pelo nome de Córrego do Inhaúma ou, no dizer dos moradores da região, como Córrego Inhaúma, ou simplesmente Inhaúma. Suas terras nunca foram cultivadas antes da partilha feita por Izidoro para o casamento de Coutinho, embora se pudesse garantir que eram de boa qualidade para lavoura, o que se comprovava pelas fartas colheitas de milho, arroz, algodão ou amendoim das terras fronteiriças.

Inhaúma era um longínquo pedaço a oeste da enorme fazenda de Izidoro que se entendia desde Santo Antão até as

margens do Rio Caimbé e do Córrego até a estrada principal que vai para Cruz das Almas, a partir daí se acercando com as terras de Calimério. Mal servira até então para a pastagem de gado, isso se um ou outro lugar mais perto Izidoro não tivesse à sua disposição. Nele não havia nenhuma construção de casa, cabana ou choupana que pudesse abrigar de pronto os recém-casados ou a esses servir de moradia, ainda que provisória. Via-se em meio de uma mata rala apenas um velho e tosco barraco de pau-a-pique com desbastada cobertura de sapé, uma ou outra metade de parede teimando em ficar em pé, sem portas, sem janelas, sem nada. Esse casebre, abandonado há anos, de quando em vez servia de refúgio aos bois em dia de chuva brava.

Era esse o barraco que Coutinho se propôs a reformar para ser sua primeira morada até que pudesse construir coisa melhor. Convidou Aldo para ajudar nessa tarefa e já no dia seguinte ao casamento cavalgaram de Santo Antão até lá. Os dois irmãos cortaram um feixe de taquaras para sustentar o barro de novas paredes, acomodaram a cobertura com mais sapés de maneira a melhor se proteger de chuvas, fizeram uma pequena divisão interna separando o que deveria ser a cozinha do que seria o quarto do casal, prepararam alguns tijolos de barro à beira do Inhaúma e com esses levantaram um estrado no quarto para servir como base de cama para o casal e um fogão de lenha na cozinha, no qual Coutinho mandou instalar uma chapa de ferro com duas bocas, fundida por Tonico Antunes, morador de Itaiporã conhecido e respeitado por suas múltiplas habilidades. O chão foi nivelado e bem batido de modo a não levantar muita poeira. Ermelindo, um carapina de poucas letras mas de bom talento, foi quem fez para Coutinho uma pequenina mesa com duas cadeiras, um rústico e diminuto armário de cozinha, além de fazer e instalar

uma porta e única janela para o quarto. Tudo em madeira natural, sem nenhum melhor preparo ou pintura. Ermelindo era a única pessoa da região que se encarregava do fabrico de pequenos bancos, camas, mesas e, ocasionalmente, de caixões para o enterro de mortos de famílias importantes.

Dias depois, Constância cuidou de levar até o casebre de Coutinho alguns trens necessários para o dia-a-dia: duas panelas de ferro, dois pratos, um par de colheres, uma faca de cozinha, uma pequena frigideira, um bule esmaltado, um coador de pano com seu aparador, uma pequena porção de café, um pouco de açúcar, uma pequena enxada, uma vassoura de alecrim, uma lamparina, uma lata de querosene e um binga de pavio farto. Preparou e levou para o novo casal um colchão feito com palha de milho, dois travesseiros recheados de taboa, mais algumas poucas roupas de cama que ela mesma confeccionara com algodão em seu tear. Izidoro deu a Coutinho a mula Crioula com todos os apetrechos necessários: baixeiro, cabresto, freio, bridão, arreio, um pelego vermelho e a badana de camurça. Além disso, doou a ele a vaca leiteira chamada Aliança com seu bezerro novo. Deu também uma faca amolada com bainha e uma guaiaca usada. Isso era tudo o que Coutinho passava a possuir para começar sua vida de casado. O resto devia ser só com ele e sua mulher, a menina Ordália. Só Deus sabe como vai ser esse começo!

Antes de ir a Itaiporã buscar Ordália, conforme era da previsão, Coutinho fez questão de carpir o mato que arrodava o casebre de maneira a dar a ele a impressão de casa em que mora gente. Como dizia seu pai Izidoro, mata é uma coisa, mato é outra. Coisas bem diferentes. Casa com mato na beirada da porta é casa sem morador. Na terça-feira seguinte, onze dias após o casamento, Coutinho banhou-se uma vez mais nas águas do Caimbé, ainda tendo alguma dificuldade para

cruzar a mata e chegar até a margem do rio. Na volta barbeou-se com uma navalha, aparando cuidadosamente seu bigodinho, à frente de um pequeno e redondo espelho de bolso que ele apoiou na estronca do casebre. Aprontou-se, escolhendo uma roupa limpa entre as poucas que tinha levado em sua mala de couro. Arreou a mula Crioula e sem nenhuma pressa pegou a estrada, deixando que o animal andasse a passos lentos, de rédeas soltas.

Enquanto cavalgava em direção a Itaiporã, olhou melancólico o trecho da estradinha à sua frente, com a triste sensação de que iria viver trancafiado naquele casebre pelo resto de seus dias – e o que era pior, tendo a seu lado a mulher que ele não escolheu. Relembrou o dia do casamento e por instantes reavaliou que devia ter se negado a casar com Ordália, mesmo que o atrevimento tivesse virado um escândalo nunca visto em Cruz das Almas. Mas readmitiu que não teria sido só um escândalo. Também teria sido uma grave desfeita e desobediência a seu pai, coisa que ele nunca havia feito. Pensou em Natália e pediu a Deus que ela não estivesse por lá quando ele chegasse à casa de Calimério para pegar Ordália. Era a primeira vez que bateria às portas da casa do agora seu sogro e com certeza haveria uma mistura de vergonha, de arrependimento e até de tristeza. Bem ao contrário do que sentia antes quando viajava para o patrimônio de Itaiporã e buscava ver Natália, ainda que fosse de longe, na beleza de seus cabelos pretos, lisos e longos e na sutileza de seu olhar arredo.

A distância era pequena, cerca de meia légua. Anos depois seus filhos e filhas irão andar a pé esse trecho para ir à escola primária de Itaiporã. A estradinha era estreita, mais parecendo um trilho acompanhado de mata nos dois lados. Terra cultivada mesmo ele só começava a ver à direita, depois da encruzilhada com a estrada principal que ia para Santo Antônio

e Cruz das Almas, no sítio dos Pinhos, antigos moradores da região com quem Coutinho viria a manter fraterna amizade por muitos anos seguintes. Nesse sítio se viam arroz cacheado, milharal embonecando e um roçado recente onde havia sido plantado amendoim. Olhar aquelas terras dos Pinhos com tão bom plantio, porteira boa à beira da estrada e com uma casa grande feita de tábuas que se via desde a encruzilhada, enlevou por alguns momentos os pensamentos de Coutinho. Quem sabe ele não poderá fazer em Inhaúma uma casa grande e ter uma boa roça que nem essa? Ele nunca fora homem de arredar pé só por causa de uma dificuldade primeira. Terras agora ele também tem e força de vontade é coisa que nunca vai lhe faltar.

De repente a mula pisou num buraco de tatu à beira da trilha dando um forte tranco no cavaleiro, de modo a acordar Coutinho de seus devaneios. Isso fez com que ele tornasse aos pensamentos sobre o destino da viagem: o encontro com Calimério e com Ordália. As rédeas continuaram soltas e a mula Crioula prosseguiu em passo lento, cabeça abaixada, parecendo tão pensativa quanto seu novo dono. Desde a encruzilhada ao alto já se avistava o patrimônio de Itaiporã, um pequeno vilarejo plantado no alto de uma colina e em meio a muito mais verde do que o verde que existia nas redondezas de suas terras cultivadas. A segunda casa à esquerda de quem chega, vindo de Inhaúma, era a casa de Calimério. Uma grande e confortável casa. Chegar lá era questão de minutos. Coutinho não arrefeceu. Firmou convicção de que não era mais hora de lastimar por coisa nenhuma. Não dava para desfazer mais nada. Só tinha que pegar Ordália, acomodá-la na garupa da mula e voltar para Inhaúma! Depois tocar a vida como Deus quisesse. Não tinha sido esse o combinado com ele, mas foi o decidido pelo pai. Que é que há de se fazer?

Foi assim, quase que destemido, que Coutinho bateu palmas junto ao portão da casa de Calimério. Demorou um pouco para que dela saísse alguém, incomodando mais ainda o filho de Izidoro, já apeado e com o chapéu na mão. Ia tornar a bater palmas quando viu o sogro abrindo a porta e de lá mesmo saudando quem chegava, com ares de boas-vindas.

– Óia quem chega! Bom dia, Coutinho! Vamos entrar pra dentro que agora você é da família.

Coutinho se aliviou com a saudação, mas assuntou que tinha pressa de voltar porque ainda havia muita coisa a ser feita em Inhaúma, apesar do rancho já estar pronto e já poder receber sua mulher. Não disse o nome de Ordália e esse detalhe foi percebido na hora pelo sogro. De modo que Calimério não quis insistir. Chamou Turmalina, que saiu pela porta da sala enxugando as mãos num surrado avental e mandou que ela avisasse Ordália para se aprontar que ela devia seguir com o marido. Turmalina emendou.

– Ué? Mas o moço não vai nem entrar pra tomar um cafezinho? Que pressa é essa?

– A Senhora me desculpe, Dona Turmalina, mas é que tenho muita coisa ainda pra fazer lá em Inhaúma e minha morada, apesar de simples, já tem condições de receber minha mulher.

Novamente Calimério se deu conta de que Coutinho não pronunciou o nome da menina com quem se casou. Deve ser falta de costume, imaginou. Na verdade era a fixada lembrança de Natália que o incomodava e impedia que ele falasse o nome de Ordália. O que Coutinho não queria mesmo era entrar ou permanecer muito tempo ali e ter encontro de perto com Natália, que a essa hora devia estar lá dentro. Só ele é que sabia dessa razão. Melhor esperar aqui!

– Outro dia desse eu volto com mais tempo, Dona Turmalina. Aí eu tomo seu cafezinho e proseamos um pouco. Hoje não dá, arrematou.

Calimério abriu o portão estendendo a mão para Coutinho que retribuiu o cumprimento sem puxar assunto. Turmalina foi chamar Ordália, que já estava de mala pronta para ir-se embora, pois sabia que Coutinho viria buscá-la nesse dia. Usava um vestido de chita estampada, tinha os cabelos bem arrumados, porém curtos, com um laço de fita preso no lado esquerdo – bem diferente do feitiço e do costume de Natália. Ordália saiu pela porta da sala com uma pequena mala na mão e ao avistar Coutinho vestiu-se de um sorriso feliz em seu rosto de menina.

– Bom dia, meu marido. Tenho muita alegria de ver você e de ir pra nossa casa.

Coutinho não respondeu, limitando-se a despedir-se de Calimério e Turmalina ali mesmo no portão com um leve aceno de chapéu e um inté. Apressou-se em acomodar Ordália na garupa da mula e se virou para retornar a Inhaúma sem dizer nenhuma palavra a mais para seus sogros. Para Coutinho ele acabava de cumprir uma incômoda tarefa. No íntimo confortou-se por Natália não ter saído e nem ter sido vista por ele. Antes que a mula iniciasse o passo ele ainda ouviu Turmalina falar em tom mais alto para que ele escutasse.

– Escuta, eu preparei algumas coisinhas para levar pra vocês. Quem sabe amanhã ou depois eu vou. Vão com Deus!

Coutinho não respondeu. Esporeou o animal e seguiu de volta, agora com a mulher na garupa e a mula tocada em passo mais rápido. Ordália logo enlaçou a cintura do marido com os dois braços e acomodou sua cabeça em seu costado sem nenhuma cerimônia. Coutinho estremeceu da cabeça aos pés num arrepio que percorreu todo seu corpo. Não era ele

acostumado com essas intimidades de pessoa estranha, embora houvesse estado com mulheres da vida em Cruz das Almas por umas duas ou três vezes. Mas com Ordália era diferente. Ele não esperava tamanha esperteza de uma menina de tão pouca idade. De modo que seguiu estrada calado como sempre. Um tanto ressabiado até. Como será que vai ser?

No percurso, Ordália quebrou o silêncio por mais de uma vez. Primeiro perguntou se seu marido já havia terminado a casa onde iriam morar e se nela tinha quarto e cama de casal, ao que Coutinho se limitou a responder que tinha. Depois disse que havia aprendido com sua mãe a fazer comida e que gostava de cozinhar. Dessa vez Coutinho não respondeu. Não quis encompridar a conversa, como era de seu feitio. Esporeou a mula e esta respondeu na horinha, apressando o passo sem pôr em risco os que a cavalgavam. Ordália entendeu que era bom não falar mais nada e assim se manteve em silêncio, até chegarem a Inhaúma e apearem junto ao casebre onde ia ser sua morada. Ah, que coisa boa, pensou Ordália.

Nessa tarde a menina Ordália passou a vistoriar o casebre e seus arredores carpidos. Examinou os trens de cozinha, apalpou o colchão de palha e os travesseiros macios, apreciou o lençol e fronhas de algodão, examinou a textura de um ralo cobertor de casal e imaginou que na frente do rancho ficaria bom plantar algumas flores para enfeitar o chão, como onze-horas, margaridas ou marias-sem-vergonha. Coutinho acompanhou a vistoria sem dizer nada. No fundo, no fundo, ele estava mais preocupado era com a primeira noite em que ia dormir naquele fim de mundo com uma menina mal passada dos quatorze anos cuja desenvoltura e malícia saltavam aos olhos e o assustavam um pouco. Bem ao contrário, Ordália deixou sua pequena mala de mão em cima da cama

do quarto e passou a correr leve e solta pelas beiradas do casebre, cantarolando e se rindo de alegria como se achasse que tudo aquilo fosse um palácio. Ai que bom Coutinho! Agora essa é nossa casa!

O filho de Izidoro só espiava mesmo sem jeito, sem dizer nada. Êta menina serelepe, pensou consigo. Vai ver que ela nem imagina as dificuldades que vamos ter para construir uma família a partir desse nada! Bom que a vida fosse sempre assim, só cheia de riso e alegria!

De tardinha, com o sol ainda sem se pôr, Ordália sugeriu que fossem se banhar nas águas do Rio Caimbé. Outro susto para Coutinho, que cada vez mais ficava apalermado com o atrevimento da menina Ordália. Não querendo nem devendo se opor, caminharam lado a lado e enfrentaram juntos a mata que margeava o rio, sempre sob a guia de Coutinho, que a conduziu até um ponto em que ele sabia ser mais adequado para o banho. Ali Ordália reservou ao marido a maior das surpresas, pois sem nenhum constrangimento despiu-se toda e nuazinha como nasceu iluminou-se sob a luz de um sol poente, para o espanto desassossegado de Coutinho, que ficou estático na beira do rio.

Ordália entrou nas águas claras do Caimbé sempre se rindo de gosto, como uma criança que ganha um brinquedo novo. Dentro d'água deixou ver seus rígidos seios com bicos cor-de-rosa de menina virgem. Virou-se para Coutinho e o convidou de forma incisiva, quase como se fosse uma ordem de quem a partir daquele momento passava a mandar ali.

– Vem! Tira a roupa e aproveita, a água tá quentinha!

Coutinho nem conseguiu balbuciar uma só palavra ainda que tentasse. E ele nem tentou. Ficou imóvel em sua incomodação. Abobado, com vergonha e até com um pouco de inveja da ousadia de uma menina capaz de fazer isso no

primeiro dia de convivência. Demorou a se mover. Era uma estátua. Por alguns minutos apenas se deixou ficar olhando aquele corpo nu da menina Ordália, bonito de doer. Difícil era se despir na frente dessa menina. Era um desafio para o qual não havia se preparado, pois nunca podia imaginar que viesse a ser assim.

De repente tudo muda. O sangue incendeia Coutinho. Ele se encontra e se eleva. Arrebenta botões da camisa, chuta fora as botinas, arria as calças e mergulha pelado no rio. Não há mais vergonha, nem medo, nem nada. É tudo da vida. As mãos se procuram, apressadas, as bocas se acham, famintas, os corpos se esfregam, ardentes, e o sol não se põe. Braços e pernas se entrelaçam nas águas. O rio se aquieta. Há um acontecimento e um encontro. Coutinho campeia tudo em Ordália, os seios, as nádegas, as coxas, o sexo. Ordália se dá por inteira, sedenta. Tateia cada parte do corpo do macho como se não visse outra coisa a não ser o que quer. Há sol em seu corpo, vontade de ser. Rolam-se nas águas e se tocam a mais não poder. As nuvens têm cores na tarde que cai e ambos se unem num só na margem do rio. A entrega é sem fim. Ninguém ouve os gritinhos de gozo de Ordália nem o barulho do másculo fervor de Coutinho. Começa a vida quando a sede se esvai. O rio é silêncio e até os pássaros se aquietam nos galhos das árvores. O tempo não passa e só há recomeço. Ordália por fim é mulher. Coutinho é seu homem, como sempre quis em segredo só seu. Por um tempo deixam-se ficar deitados na areia, nus como homem e mulher no princípio dos tempos. Nada se falam. Nem precisava. Já se encontraram e falaram tudo o que tinham por dentro. Agora é viver.

No começo da noite voltam para o casebre. Coutinho, recomposto, vai à frente abrindo caminho na mata para Ordália, que o segue feliz como quê. Em casa acendeu a lamparina

e fitou Ordália bem de pertinho, profundamente. Essa menina é valente que nem uma vaca brava, matutou. Ordália parecia dizer, em pensamento, coisa semelhante a seu marido enquanto de leve acariciou seu rosto. Nem pensaram em se alimentar, comer alguma fruta ou outra coisa qualquer. Até mesmo porque não tinha nada para comer no casebre. Foram dormir juntos serenamente, na primeira noite, que havia sido no final da tarde.

Na manhã seguinte, Coutinho acordou bem cedo, antes de Ordália. Pôde observá-la por alguns minutos dormindo como uma criança inocente. Sentiu que passou a gostar dela e que a achava bonita. Quem sabe a vida não virá a ser melhor com a troca que houve e que antes não queria? Só Deus é que sabe das coisas! Levantou-se com cuidado para não acordá-la. Vestiu-se, calçou as botinas e foi lavar a cara numa mina de água que brotava a apenas algumas braças do casebre. Nos próximos dias ele irá por ali um tronco de árvore serrado ao meio para servir de tábua de bater roupa e entancará um pouco a fina corrente de água limpa que escorre, de modo a poder dela se utilizar com mais facilidade. Quando voltou ao casebre, Ordália já estava de pé na cozinha.

– Bom dia, meu marido, disse ela sorridente.

– Bom dia, Ordália, respondeu Coutinho, ele próprio se apercebendo que era a primeira vez que pronunciava seu nome. Tudo embora, não se deram as mãos, nem se tocaram.

Era preciso campear pelas redondezas a vaca Aliança e seu bezerro e ordenhá-la para ter um pouco de leite. Coutinho saiu sem dizer nenhuma palavra ou informar ao que se destinava. Ordália encostou-se no batente da porta do casebre e se pôs pensativa. Ficou observando Coutinho distanciar-se no campo. Admirou seu porte físico e seu andar seguro, sentindo que a partir de agora estaria protegida pelo marido em sua

nova morada. Coutinho era seu homem. Foi examinar melhor os trens de cozinha e se deu conta de que nela não havia nenhuma caneca. Pediria a sua mãe, se é que ela já não ia trazer quando viesse pela primeira vez à sua casa conforme prometera. Mantimentos também não havia. Encabulou-se com isso, pois não sabia como nem com o que iria preparar o almoço.

Por volta das dez horas dessa manhã chegaram Calimério e Turmalina para a primeira visita à filha. Como esperado, a mãe de Ordália trouxe meio saco de arroz beneficiado, café moído, sal, açúcar, uma cebola, um pacote de banha, um pouco de feijão, dois pratos, garfos, colheres, uma faca e dois panos de cozinha. Ao perceber que no casebre não havia canecas para beber água ou café com leite, lastimou-se com Ordália, prometendo trazer isso de Itaiporã já amanhã.

– Não se incomode, minha mãe, disse Ordália como que desculpando.

Nesse dia foi Turmalina quem cuidou de fazer o almoço, buscando ensinar, uma vez mais, a filha a cozinhar. Ordália foi pegar água na mina usando uma das panelas, enquanto sua mãe catou alguns galhos secos no quintal para acender o fogão. Separou a panela maior e pôs nela um tempero com cebola picada, um pouco de banha e sal, deixando fritar por instantes antes de receber o arroz lavado e a água fervida. Na segunda boca do fogão Turmalina pôs a outra panela para cozinhar o feijão.

– Vocês precisam é de umas galinhas para criar pintos e dar ovos. Também é fácil catar almeirão e achar palmito por aí. Além disso, pode plantar algumas mudas de mandioca e abóboras aqui no terreiro do lado da casa pra servir de mistura para a comida, acentuou Turmalina.

Ordália ouviu o dizer da mãe sem nada aduzir. Decerto Coutinho deve saber fazer isso, pensou. Entrementes Coutinho

proseava com Calimério, caminhando nos arredores do rancho. O primeiro assunto puxado pelo sogro foi como tinha sido a primeira noite dos dois.

– Dormimos bem, apressou-se Coutinho a responder, secamente.

Isso gerou certo pasmo em Calimério, modo de que achou melhor mudar de assunto. Falar sobre lavoura, por exemplo. A respeito disso Coutinho se alongou dizendo ao sogro que iria roçar um pedaço de terra nos arredores da casa e assim que chegasse o arado que o pai lhe prometera arranjar, iria preparar a terra para plantar arroz, feijão e milho. Também tinha ideia de fazer um cercado na frente do casebre para se proteger da entrada de bichos e, quem sabe, criar por aqui alguns porquinhos.

Caminharam até a mina e Coutinho mostrou ao sogro de onde é que iam pegar água para beber e cozinhar. Contou que pretendia entancar um pouco para ali fazer surgir um pequeno lago e pôr um tronco ao lado dele para Ordália bater roupa. Prosseguiu dizendo que também iria cavar um poço perto de casa para ter água abundante sem precisar ir até a mina. Calimério se aliviou ao perceber que o genro era um moço sacudido e admitiu que ele não tinha preguiça nem medo de enfrentar o trabalho na roça. Passou a acreditar que logo tudo aqui estaria diferente.

– Melhor é voltar pra ver o que é que Turmalina tá fazendo para comer, finalizou.

Depois de todos terem comido o feijão com arroz que Turmalina preparou, os sogros se despediram, montando a cavalo e retornando a Itaiporã. Coutinho retomou a capinagem ao redor da casa e Ordália entrou para fazer não se sabe o quê. Já de tardinha era de se esperar que de novo fossem se banhar no rio. Mas não foram. Sobre o colchão de palha e à

luz de uma lamparina com pavio de chama trêmula o silêncio daquelas paragens foi novamente quebrado pelo prolongado amor do jovem casal. Depois dormiram saciados, ouvindo o canto de passarinhos e imaginando o cascatear do Rio Caimbé.

Em outra manhã era Coutinho quem montaria na mula Crioula e seguiria até o patrimônio de Itaiporã para comprar algumas coisas de que precisavam, com o pouco dinheiro que guardara desde quando era solteiro. Não achou de conveniência nem de necessidade passar pela casa dos sogros, já que com eles estivera em dia anterior. Importante dizer que não era mais o encontro com Natália que o incomodava. Já tinha se dado bem com Ordália nesses primeiros dias. Lembrou-se da tia Perpétua e pensou que assim é que teria de continuar sendo.

Em Itaiporã dirigiu-se a um pequeno empório de secos e molhados de propriedade de Tertuliano, um conhecido comerciante ali estabelecido há anos, vendendo de tudo um pouco aos moradores da região. Aliás, era o único estabelecimento do gênero em Itaiporã. Coutinho comprou uma foice, um machado com cabo, uma enxada nova, um pequeno balde, alguns condimentos como cebolas, alho, farinha de milho e mais um pacote de banha, duas canecas de lata com asas e duas bacias, uma grande para o banho e outra menor para uso na cozinha. Tudo conforme deu para pagar com os poucos mil-réis que tinha.

O patrimônio de Itaiporã era um pequeno vilarejo com algumas casas de tábuas e outras poucas feitas de material que, por não terem sido bem conservadas nem reformadas, tinham partes do reboco caídas, deixando velhos tijolos à vista. Era de pequeno comércio, parecido com Santo Antão. As diferenças estavam no fato de que a Igreja era maior do que a que Izidoro mandara construir em suas terras e no fato de que em

Itaiporã já funcionava uma escola primária, com professora que vinha de Cruz das Almas e ficava a semana toda alojada no casarão de Bertolino, um fazendeiro de muitas posses que morava na cidade e pouco vinha ao patrimônio, deixando tudo a cargo de Alécio, seu capataz. Outras diferenças eram que em Itaiporã havia um barbeiro, o Seu Ataliba, uma casa que fazia e vendia pães sovados quentinhos, o bar do Seu Duílio, e um pequeno açougue onde se podia comprar carne de bovinos e de suínos, matados pelo próprio proprietário, Seu Domingos, vendidos num ambiente de pouca higiene em meio a muitos mosquitos. Havia também um pequeno cemitério cercado de balaústres, situado logo na saída para o Ribeirão das Onças, dentro das terras dos Gouveias, criadores e negociantes de gado, a madeireira de Seu Carlos Maximiniano, pessoa discreta e estimada por todos, e o bar do Seu Tobias, também na saída para o Ribeirão das Onças. Não havia tudo isso em Santo Antônio de modo que, além de ser mais perto de Inhaúma, Itaiporã oferecia mais coisas para fazer e tinha mais coisas para se comprar do que Santo Antônio.

Como em Santo Antônio, as ruas e as casas arroteavam a quadra onde ficava a Igreja, fora uma ou outra que teimava em ficar isolada um pouco à distância, como a de um descendente de alemão, o Seu Alfredo. Esse era uma pessoa muito estranha e reservada que morava sozinho numa casinha de tábuas à beira da estradinha que levava para a fazenda de Bertolino. Quando saía, parecia estar usando sempre a mesma roupa. Uma rústica calça de brim, uma camisa escura, um chapéu preto de abas amarrotadas e botinas velhas. Não respondia aos cumprimentos e nem cumprimentava quem por ventura cruzasse seu caminho. Ninguém do lugar sabia de sua origem, como é que tinha vindo parar em Itaiporã, nem era capaz de dizer como é que ele vivia. Só se sabia que Seu Alfredo, sempre

recluso, nunca participava de qualquer festa ou reunião com a gente do lugar. Nas poucas vezes em que saía de casa para comprar alguma coisa na venda de Tertuliano não escapava das brincadeiras das crianças que o viam na rua. Faziam coro para insultá-lo.

– Alemão batata come queijo com barata!

Ele não se arredava, não reagia, nem reclamava. Fazia de conta que não era com ele, prosseguindo seu andar silencioso com a cabeça baixa sem olhar para as crianças.

Outro era Seu Zé Vicente, homem de pequena estatura, sempre usando um velho chapéu de palha e roupa suja de terra, vivendo numa pequena chácara fronteira à do alemão e que nunca andava sem uma foice de cabo curto nas costas a meter medo nas crianças que frequentavam a escola mista de Itaiporã. Era chamado por elas de Zé da Foice. Com esse, as crianças não se atreviam. No quintal mantinha um cultivo de mandioca e criava galinhas, vendendo os ovos a Seu Dúlio. Também vivia sozinho, viúvo e sem filhos que era. Tudo o que caísse dentro de sua propriedade nunca era devolvido e ninguém ousava reclamar disso. Mesmo que fosse a bola de capotão de meninos descuidados. Tornava-se uma coisa perdida!

Do outro lado, quase margeando com o Rio Caimbé, ficava a chácara do Seu Tônico Antunes, um homem cheio de soberba, nariz empinado, sem humildade nenhuma e de poucos amigos. Era dado a criar coisas e a fazer quase de tudo. Punha asas em canecas, fundia chapas para fogões à lenha, dispunha de um monjolo que rodava com águas canalizadas de um pequeno córrego perto do vilarejo e entendia até de mecânica. Tinha uma quase oficina em casa: uma prensa, um esmeril, um pequeno torno e uma mesa com uma grande polia e uma serra. Possuía um motor movido a óleo cru e com

ele ativava seus instrumentos. De maneira que era ele quem consertava arados, amolava enxadas, machados e foices, além de se aventurar em fazer carrinhos com rodinhas de pau que davam alegria às crianças nas ruas de Itaiporã. Ganhava sempre mais clientes, porém sem aumentar o número dos que a ele eram chegados.

Uma presença constante nas reuniões dos sitiante em torno da igreja ou à frente do bar do Duílio era a de João Tibúrcio, um sitiante dono de poucas terras nas bandas do Alambari, pequeno criador de cabras e de gado bovino que acabou se tornando numa figura folclórica para as crianças de Itaiporã. Sempre que chegava ao patrimônio, vinha montado numa égua baia e gostava de fazer exhibições não requeridas, mas estimuladas, com o que procurava demonstrar tanto o adestramento da montaria quanto a habilidade do cavaleiro. Empinava a égua ou fazia com que ela repetisse voltas rápidas sem sair do lugar. Às vezes ganhava alguns aplausos e até gritos entusiasmados dos assistentes. Um dia empinou demais o animal e esse acabou caindo de costas lançando ao chão o exibido cavaleiro. Desse dia em diante João Tibúrcio mudou de nome para o povo de Itaiporã, passando a ser chamado só de João Cai-da-Égua. Era motivo de risos e de brincadeiras para as crianças. João Tibúrcio deixou de fazer exhibições, mas nunca mais perdeu o apelido.

Todo santo dia, pelas ruas do patrimônio, a gente do lugarejo via uma figura de mulher meio demente ou aloucada, vagando sem destino para baixo e para cima, pedindo o de beber ou de comer em cada porta que batia. Todos os moradores de Itaiporã a conheciam de há muito por vê-la andando por ali, ou por já tê-la atendido na porta de casa. Ninguém sabia exatamente onde ela morava ou de onde é que ela vinha. Mas todas as manhãs ela aparecia e era vista perambulando

pelas ruas do patrimônio, vindo sabe-se lá de onde e indo para lugar nenhum. Um ou outro dos moradores às vezes arriscava dizer, sem nenhuma certeza, que a doidinha vivia com a mãe, uma velha rabugenta, num buraco improvisado como moradia no meio do mato das redondezas do Ribeirão das Onças. Consta que viviam da caridade alheia. Usava um trapo imundo jogado sobre o corpo e essa era a única peça de roupa que vestia. O mais estranho é que ela falava só uma palavra, embora fosse capaz de pronunciá-la com boa e surpreendente dicção, inclusive acentuando o dígrafo: *Diabo!* Era dizendo diabo que ela pedia comida ou água, por vezes gesticulando com a mão levada à boca para melhor ser compreendida. Depois de atendida mirava com um olhar esmaecido aquele que a alimentou ou saciou sua sede e agradecia simplesmente repetindo sempre a mesma e única palavra que sabia dizer: *Diabo!* Sem nem saber qual seria seu primeiro nome, todos dali a chamavam de Maria Diabo. Contava-se que fora abusada por cavaleiro solitário que à noite cruzou com ela na estrada de Ribeirão das Onças. Engravida, veio a parir sozinha um filho que nasceu morto no meio do mato. *Diabo!*

Os meninos que à tardezinha brincavam de disputa de cantos no coreto da igreja, quando viam Maria Diabo se aproximar corriam a sinalizar para que ela levantasse a barra da roupa e se mostrasse como mulher para atender à curiosidade de adolescentes. Ela dava uma risada fantasmática e mostrava os cacos de dentes que ainda tinha na frente da boca. Dizia *Diabo*, levantava a roupa e deixava que os meninos olhassem curiosos para seus espessos pelos pubianos, tão ou mais desasseados do que seus desarrumados cabelos sujos. Era inofensiva e ninguém a temia, apesar de que poucos eram os moradores que a acolhiam dentro de suas casas. Maria Diabo pertencia a Itaiporã, andando pelas ruas como um cachorro

sem dono. Transitava para cima e para baixo o dia inteiro falando *Diabo*, para desaparecer quando a noite caía.

Bem mais tarde, quando Coutinho vendeu o sítio de Inhaúma e veio morar por uns tempos em Itaiporã, antes de se mudar para Cruz das Almas, Ordália passou a ser a pessoa do patrimônio que mais se condoía com a pobre vida que Maria Diabo levava. Por diversas vezes ela a acolheu em sua casa, serviu-lhe bons pratos de comida, aprontou-lhe banhos e deu-lhe roupas limpas para usar. Ordália a via sorrir de contentamento e em troca só obtinha dela o incessante repetir da única palavra que ela sabia dizer: *Diabo!* Numa das vezes em que Maria Diabo entrou na casa de Ordália e foi conduzida ao quarto onde era preparado seu banho, assustou-se ao passar em frente a um espelho dependurado na parede e ver-se nele refletida. Pareceu que não sabia o que era espelho e que nunca tinha se visto antes. A imagem refletida era a de uma velha encarquilhada e horrenda da qual Maria Diabo fugiu como se dela não fosse. Após o banho e de ter os cabelos penteados, Ordália a conduziu novamente para frente do espelho mostrando primeiro sua própria imagem e depois fazendo com que nele Maria Diabo se deixasse refletir. Ainda arredia e confusa, por segundos ela sustentou olhar para sua imagem. Seriou, fez cara brava, tocou o espelho de leve com os dedos, movimentou a cabeça e depois se riu com esquesitice ao se ver nele. Falou *Diabo*, deu um tapa no espelho e arredou-se dele como se aquilo fosse um Coisa-ruim. Ordália teve mais dó dela.

Contudo, a pessoa mais importante para o povo do lugar era Seu Carlinhos, um português que chegara a Itaiporã migrado da Ilha da Madeira, tendo desembarcado de um vapor no porto de Santos, acompanhado de um irmão mais novo, e vindo de trem até Cruz das Almas, para depois bater com os

costados nessas bandas. Consta que o irmão teria optado por seguir para a capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, e lá teria se fixado, nunca mais dele se tendo notícia e nunca mais tendo eles se reencontrado. Carlinhos chegou a morar num pequeno sítio na região dos Amélios, depois de Inhaúma, onde viveu sozinho por um bom tempo criando cabras. Mais tarde mudou-se para Itaiporã e ali veio a constituir família casando-se com Ademildes, uma mulher esquálida muito mais nova e bem mais alta do que ele, a ponto de causar estranheza para a gente do lugar. Dona Ademildes, muito terna e bondosa como só ela sabia ser, veio a ser a zelosa e fiel companheira de Carlinhos Português pelo resto de sua vida.

Ele era um homem baixo sem ser atarracado nem gordo. Mantinha os cabelos aparados bem curtos que, por ficarem espetados, pareciam uma escova de fios brancos. Trajava-se com certo esmero a aparentar ser um homem de posses, embora não o fosse. Tornou-se numa espécie de chefe político da região, a quem os candidatos a prefeito ou a vereador de Cruz das Almas davam especial atenção, passando a lhe dever favores. Era querido e respeitado por todos, além de ser quem sabia ler e escrever bem como ninguém mais em Itaiporã. Era o único que lia os jornais que de quando em vez chegavam da cidade e quem transmitia as notícias do mundo nas longas prosas que mantinha com seus amigos, preguiçosamente sentado na varanda da frente de sua casa. Falava com certa apreensão sobre problemas da bolsa no estrangeiro e dizia-se preocupado que esse fato iria prejudicar a economia do Brasil e de todo o resto do mundo. Animava-se quando se referia à marcha do sal promovida por um líder hindu chamado Gandhi. Contava de uma sangrenta guerra civil na Rússia sob o poder ditatorial de Stalin. Ficava raivoso e cuspiam no chão quando se referia a Hitler e a incorporação da Áustria pela

Alemanha. Assuntava sobre política nacional narrando pormenores de entreveros e de fofocas que grassavam dentro do Catete como se tivesse sido ele uma testemunha ocular dos fatos.

Carlinhos Português parecia conhecer o mundo todo e saber de tudo o que nele se passava, embora vivesse recolhido no pequeno vilarejo de Itaiporã. Chegou a preannunciar que o Presidente Washington Luís iria enfrentar grave crise no governo, com a possibilidade até de haver uma revolução no país. Seus interlocutores ouviam atentos suas narrativas, ora abismados, ora assustados com as coisas que Carlinhos Português lhes contava. No mais das vezes nem entendiam direito, pois sequer sabiam onde ficava a Rússia, Alemanha, Áustria ou Índia. Para eles era tudo estrangeiro. Nem imaginavam o que poderia estar ocorrendo nos bastidores do Palácio do Catete. Mas todos acreditavam no que ouviam. Se o Carlinhos Português diz é porque é verdade.

Sabiam também que o português entendia de tudo sobre ervas para o fabrico de medicamentos caseiros. Distribuía e recomendava seus chás com a garantia de cura para muitas doenças, desde uma simples constipação até dolorosos males da coluna. Usava óleo de mamona nas sessões de massagens que aplicava em seus pacientes para aliviar dores nas costas ou para reativar movimentos de membros atrofiados. Por anos e anos, com chás de ervas, aplicação de óleos, massagens diárias e muita paciência tratou de Tamiro, um jovem seleiro que tinha grave aleijão e que se arrastava desde criança sentado sobre uma rústica prancha com rodinhas, impulsionada pelas mãos postas no chão, parcamente protegidas por improvisados pedaços de couro de boi. Chegou a ver Tamiro andando normalmente de pé apoiado apenas numa única muleta. Muita gente de Itaiporã passou a achar que Carlinhos Português

era também um milagreiro. Tornara-se um grande comprador de leite e de queijos trazidos pelos sitiantes em derredor. Era quem se pronunciava sobre a compra ou a venda de qualquer propriedade, quem negociava com estranhos do lugar e quem passou a ser o representante maior para o trato de qualquer assunto que fosse de interesse do povo de Itaiporã. Tudo tinha que passar pelo crivo do Carlinhos Português. Opinava até sobre a conveniência ou não de um casamento entre filhos de famílias da região.

Quando um ou outro morador desnordeado buscava Carlinhos, para a obtenção de um conselho ou de uma orientação sobre desavença qualquer ou por estar à frente de um desarranjo pessoal, a conversa sempre principiava com uma acomodação das coisas, com o sensato português acalmando e confortando quem o procurava.

– Ora, pois! Você não tem nenhum problema sério. Pra tudo se dá um jeito nessa vida. Só caso de morte é que não tem mais remédio. Ainda assim, tem que dar conforto e consolo a quem perde membro da família. Primeiro fique calmo, vamos tomar um café ou um copo d’água e só depois é que vamos falar de seu problema.

Ninguém saía de um encontro com Carlinhos Português da mesma maneira que chegava. No final havia sempre uma solução recomendada ou um apaziguamento da questão, de modo que ele acabou se tornando também uma espécie de conselheiro, amigo e de confiança, para tratar de casos simples ou de tormentosas questões pessoais ou familiares. Até Natália e Ordália, as filhas de Calimério, iriam procurá-lo um dia.

Carlinhos Português impunha a si próprio um sem número de obrigações, que por ele passavam a ser tomadas como se fosse seu dever cumpri-las. Não delegava a ninguém o cumprimento desse dever. Ele próprio é quem dele se desincumbia.

Quando assumia, perseguia o caso até solucioná-lo de vez. Cuidava de saber de tudo o que se passava no âmbito de Itaíporã. Achava que tudo era de sua conta, embora mantivesse rigorosa reserva do que viesse a saber sobre a vida dos outros, ou do que a ele pelos outros fosse confidenciado. Não podia deixar de saber de todo e qualquer acontecimento que envolvesse ou dissesse respeito à gente de seu patrimônio. Ele mesmo admitia ser o líder do lugar e julgava ser só dele a obrigação de buscar soluções para as mais diversas ou intrincadas questões que envolvessem seu povo. Quando, por mero acaso, descobriu o lugar onde Maria Diabo vivia com sua velha mãe, a renitente Ana, providenciou para que ambas fossem levadas até Cruz das Almas e lá internadas no Asilo São Vicente de Paula, para que ali pudessem viver com um mínimo de conforto e higiene. Todavia, essa providência não prosperou porque menos de um mês depois mãe e filha fugiram daquele asilo, embarcaram na jardineira de Seu Valentim, sem pagar passagem, e retornaram para o buraco no mato da região do Ribeirão das Onças, com Maria Diabo voltando a perambular diariamente pelas ruas de Itaíporã, batendo às portas das casas, falando *Diabo* e se mostrando aos moleques no coreto da igreja.

Coutinho acomodou num picuí as coisas miúdas que havia comprado na venda de Tertuliano, ajeitou-o na cabeceira do arreio e amarrou as coisas maiores no lombo da mula, de modo que teve que voltar a pé puxando-a pelas rédeas até Inhaúma. A mula Crioula era por demais mansinha, não se estranhando com a desajeitada e incômoda carga que levava. Em Inhaúma, Ordália já havia varrido a casa, limpado o terreiro da frente, separado algumas roupas que iriam ser lavadas na mina e, enquanto esperava pelo marido, deixou-se levar garrando a pensar no que estariam fazendo suas irmãs a essa hora. Pensou principalmente em Natália. Embora fosse a

caçula das filhas fora ela a primeira a se casar e logo com o moço que Natália gostava de ver. Ela sempre soube do interesse de Natália por Coutinho, mas nunca perguntou a seu pai porque é que foi ela a escolhida para ser cedida em casamento e não a Natália que era a mais velha. Também não iria perguntar nunca. Melhor ficar quieta e deixar as coisas como estão! O tempo se encarrega de ajeitar tudo e é certo que um dia Natália vai encontrar um bom homem para se casar, bem ao gosto do pai! Quanto a Berenice e Donária, essas duas não eram motivo para sua pensão. Achava que nem uma nem outra viriam a ser a próxima a se casar. Pode ser até que o próximo casamento venha a ser de um dos irmãos. Quem há de saber?

De longe Ordália avistou Coutinho, puxando a mula Crioula carregada de trens. Correu a seu encontro.

– Nossa Senhora, meu marido! Quanta coisa você comprou?

– Só o que precisava, respondeu Coutinho, demonstrando cansaço de tamanha caminhada.

Dessa vez ele encompridou a conversa, acrescentando que ainda havia mais coisas pra comprar, mas que por hora seu dinheiro era pouco.

– Que é que você ficou fazendo, perguntou em voz baixa.

– Fiz pouca coisa. Varri a casa, limpei o quintal da frente e mais nada. Fiquei só te esperando. Vou ajudar você a recolher o que trouxe.

– Não carece, não, disse Coutinho, dispensando a ajuda e fazendo ele próprio o descarrego da mula, sob o olhar curioso de Ordália.

O tempo foi passando e vagarosamente Inhaúma foi ganhando nova feição. Coutinho roçou capoeiras e arou a terra de uma área roçada, usando um velho arado que seu pai lhe trouxe comprado de Cirilo, um sitiante próximo, para facilitar

o transporte até em casa. A mula Crioula era a força motriz da família. Na roça foram plantados arroz e milho. Conforme havia dito a seu sogro, fez um cercado em torno do casebre, separou um trecho do quintal para servir de chiqueiro ou para a engorda de porcos e chamou Sabino, um mulato que sempre estava desocupado e vivia a campear trabalho por todas as bandas do Rio Caimbé, dando a esse as missões de cavar um poço perto de casa e de levantar a borda necessária para receber o balde. O serviço foi executado com capricho e Sabino passaria a ser chamado outras vezes, nas ocasiões em que Coutinho precisava de mão de obra. Também cuidou de obter, com sua mãe Constância, duas galinhas poedeiras e um galo índio para iniciar criação e ter ovos para comer. Ordália plantou margaridas à frente da casa e mantinha o quintal sempre bem varrido, mostrando o zelo dos que moravam ali.

No mês de setembro começou a sentir enjoos e tonturas, um cansaço no corpo, muito sono e urinando com muita frequência, mas não disse nada a Coutinho. Desconfiou do que se tratava, mas tinha vergonha de tocar no assunto com o marido. Procurou falar a respeito apenas com sua mãe, numa das visitas desta a sua casa. Com o relato da filha e a experiência de uma mulher que já tivera oito filhos, na hora Turmalina diagnosticou o problema. Não era doença. Ordália estava grávida. Só o que preocupou Turmalina foi o fato da filha ser uma criança mal passada dos quatorze anos. Era preciso chamar Donana, dedicada parteira que morava em Itaiporã para que ela examinasse a menina. Foi o que fez, sem dizer nada a Coutinho.

Na semana seguinte Turmalina chegou ao casebre acompanhada de Donana, como se fosse uma visita sem compromisso. Coutinho não conhecia a parteira, de modo que nada especulou quanto ao fato das três mulheres ficarem cochichando

no quartinho. Prosseguiu com seus afazeres, indo picar lenha e depois alimentar os porcos com abóboras que amadureciam aos montes nos arredores do quintal da casa. Donana recomendou que Ordália passasse a tomar bastante leite, comer bananas e chupar laranjas nesse primeiro período de gravidez. Orientou que sua alimentação se desse pelo menos três vezes ao dia, ainda que um pouquinho só de cada vez. Turmalina ouviu com estranheza, mas sem acrescentar nada. Tivera oito filhos sadios sem mudar seus hábitos. Na roça mudar como? De qualquer maneira agradeceu a Donana pelos conselhos e ficou tranquila quando a experiente parteira disse que tudo estava bem.

A criança, uma menina, nasceu na segunda quinzena de março de 1927 e recebeu o nome de Benvinda. Pouco tempo antes do parto Ordália havia chamado Coutinho e avisado que estava tendo dores intensas, achando que estava na hora da criança nascer. Mandou que ele fosse buscar Donana em Itaiporã. Coutinho saiu, pegou o cabresto e foi buscar a mula no pasto. Arreou o animal com o mesmo cuidado e lentidão de sempre e tomou a estradinha que levava até Itaiporã. Não seguiu a passo lento, mas também não galopou. Foi ao trote.

Decidiu que deveria passar primeiro na casa dos sogros porque nem sabia onde morava a parteira Donana. Foi o que fez. Turmalina veio junto com Donana, apreensiva que é uma coisa. Estava para nascer seu primeiro neto. Enquanto isso Ordália estava sozinha no casebre, com suas contrações se tornando cada vez mais frequentes. Quando não mais suportou as dores, estendeu o lençol da cama no chão do quarto e ficou de cócoras para parir seu filho, numa atitude instintiva.

– Ai, mãe! Me ajuda meu Deus!

A criança nasceu rápida e perfeita. A jovem mãe atou o umbigo da criança com um pedaço de barbante e cortou o

cordão umbilical com a faca de cozinha. Aguardou um pouco a expulsão da placenta e se pôs de pé, já disposta a iniciar a limpeza do lugar. Quando Coutinho, sua mãe e a parteira Donana chegaram a menina Ordália já estava na mina lavando o lençol enquanto a pequenina criança havia sido deixada na cama, embrulhada num pano limpo, dormindo que nem um anjinho sem se aperceber de que recebia as primeiras visitas de sua vida. Donana se apressou em repreender Ordália.

– Onde já se viu uma coisa dessas? Vá já para o quarto se deitar que eu cuido disso aqui.

Ordália entrou no casebre e se deitou ao lado da filha recém nascida que, por gosto de Coutinho, uma semana depois veio a ser registrada em Cruz das Almas com o nome de Benvinda Couto dos Anjos. O nome já dizia que ela era muito benvinda ao pobre lar de Coutinho e Ordália.

A notícia do nascimento de Benvinda correu rápida pela redondeza. Nesse mesmo dia chegaram à casa de Ordália as filhas de donos de sítios vizinhos, as irmãs e cunhadas de Coutinho e outras pessoas que nem parentes eram. Para as adolescentes que conheciam Ordália, era um acontecimento e tanto. Postaram-se à frente da porta do casebre e se riram muito quando viram Donana mexendo na mina com um lençol todo sujo de sangue.

– Nossa! Que sangueira, exclamou Cinira, uma mocinha de dezesseis anos, filha dos Juvêncios, vizinhos sitiantes da outra margem do Rio Caimbé, região chamada de Três Ilhas.

Ordália soube disso e se magoou profundamente. O fato não era motivo para riso, nem caçoada.

– Destá! Ela também vai parir um dia, praguejou em seu íntimo.

Coutinho ficou ao lado da mulher a maior parte do dia, orgulhoso da mãe e maravilhado com a beleza de sua filha

rechonchuda. Quando Izidoro chegou ele abraçou o pai como nunca havia feito antes. Essas intimidades eram raras entre os membros das famílias de então. Mas agora também ele era pai. Sem dizer, imaginou o quanto a vida muda o jeito de ser das pessoas. Pela segunda vez as duas famílias estavam reunidas. A primeira foi na Igreja, por ocasião do casamento, quando nem bem se falaram. Agora, no rústico quintal que circundava o casebre de Ordália e Coutinho, todos de pé proseavam descontraídos sobre o nascimento de Benvinda, sobre a vida futura do jovem casal, ou sobre coisas banais do dia-a-dia da roça. Constância e Turmalina ficaram de um lado, Calimério e Izidoro de outro e por todos os lados estavam os tios de Benvinda. Miro, Prudêncio, Aldo, Berenice, Dorival, Donária, Benjamim, Tina, Genésio e adolescentes da região, todos se divertindo com prosas moles. Parecia até uma festa. Só faltava rojão.

Quem não veio com as irmãs foi Natália, mas nem Coutinho se deu conta dessa ausência, tamanho era seu contentamento com a chegada da filha e por ver as duas famílias reunidas em sua casa. Quem dera isso se repita por muitas vezes! A falta de Natália não teve nenhuma outra razão senão o fato dela ter pegado uma forte gripe e por recomendação de sua mãe não devia fazer visita em casa onde tivesse um recém-nascido. Com o tempo já passado, Coutinho não tinha mais nenhum receio ou desconforto de se encontrar com Natália, nem essa com ele. Afinal ele era seu cunhado e agora era o pai de sua sobrinha.

Foi Donana quem vestiu Benvinda com uma roupinha cor de rosa trazida por Turmalina. Ela havia previsto que seria uma menina desde que examinou a barriga de Ordália, quando estava de oito meses. Quis até apostar com Turmalina, que não aceitou a aposta, mas acreditou na previsão. Tanto que acertou ao fazer uma roupinha cor de rosa. Já Constância

pensou que viesse um menino, de modo que trouxe uma roupinha azul e não se esqueceu de trazer também um bico de chupeta adaptável em pequena garrafa, para servir de mamadeira, além de alguns panos tecidos por ela mesma para servir de fraldas.

– Não tem importância nenhuma. Aqui ninguém repara nessas coisas. Roupa é roupa, arrematou Donana.

Só no final do dia é que as visitas começaram a tomar o rumo de suas casas. Os avós se despediram de Coutinho e Ordália ainda no quarto sem que esses desgrudassem de Benvinda. Nessa noite dormiriam os três na única cama do casebre. Algum tempo depois Coutinho encomendaria a feitura de um berço de madeira ao carapina Ermelindo.

De manhazinha, Coutinho pegou o balde e foi buscar Aliança no pasto, para ordenhá-la e trazer leite. Ordália acordou tarde, com o sol já salpicando de luz o humilde quarto do casal. Não teve disposição para levantar-se. Ficou deitada olhando fixamente a filha que era sua.

– Nossa Senhora da Aparecida, como essa menina é bonita, falou sozinha. Agora nós somos uma família, com papai, mamãe e filhinha, acrescentou baixinho como se falasse com Benvinda.

A chegada da filha mudou a vida do casal do sítio Inhaúma. A lida no roçado fazia com que Coutinho permanecesse mais tempo fora de casa e a ausência do marido agora era muito mais sentida por Ordália, que ficava sozinha, embora ocupada o tempo todo em cuidar de Benvinda e da casa. De sua parte, Coutinho se preocupava com isso, apesar de saber que era de sua obrigação obter meios de sustento para a família aumentada. Logo iria fazer a primeira colheita de arroz e de milho, o que dava para arranjar um bom dinheiro para melhorar as coisas. Se tudo desse certo, ele iria construir, ali mesmo

em Inhaúma, uma casa grande de material com vários quartos para acomodar Benvinda e outros filhos que por certo deveriam chegar. Se Deus quiser! De modo que sua entrega à labuta redobrou, passando a trabalhar de sol a sol, todo santo dia. Do suor do rosto ele tinha que tirar o que precisasse para dar melhor condição de vida à mulher e a sua filha. Esse dia há de chegar, jurou a si mesmo.

Ordália veio a ter quatro filhas mulheres e dois filhos homens. Quando do nascimento da segunda filha, em abril de 1930, batizada com o nome de Juvelina, o sítio de Inhaúma já contava com uma casa grande feita com tijolos trazidos de Cruz das Almas. Avarandada tanto na frente como nos fundos, era do jeito que Coutinho sempre quis. Sabino e outros empreitados foram os que se encarregaram de preparar o alicerce e levantar as paredes enquanto o carapina Ermelindo foi o responsável pelo madeirame do telhado, pela confecção das portas e janelas e pela construção de alguns móveis da casa, como a cama do casal, as dos outros quartos, três mesas, doze cadeiras e um banquinho.

O casarão tinha uma área de frente, terraço que dava vista para a porteira à beira da estradinha que levava a Itaiporã, um salão de entrada onde Coutinho acomodou uma mesa com quatro cadeiras, dependurou um relógio de parede que trocara por uma mulinha e a foto do casal na qual mandara colocar moldura circular, numa montagem feita pelo único fotógrafo que havia em Cruz das Almas. Para que os dois parecessem ter sido fotografados juntos, Ordália forneceu um seu retrato no qual ela era três anos mais velha do que a fornecida por Coutinho. Mas na montagem isso não parecia. O fotógrafo de Cruz das Almas coloriu as fotos que originariamente eram em preto e branco e compôs o retrato como se os dois houvessem sido fotografados juntos.

Uma segunda e contígua sala passou a ser a sala de costura para Ordália, com sua máquina Singer de pedal, doada por sua mãe. A mulher de Coutinho aprendeu a costurar camisas para homens e a coser roupas de crianças, além de se tornar uma hábil bordadeira com uso de bastidor. Fazia vestidinhos para Benvinda e roupinhas para a recém-chegada Juvelina.

Os três quartos eram do mesmo tamanho. A ampla cozinha, também com uma área avarandada, completava os cômodos da casa. Pela sua localização e pela sua dimensão passou a ser a única casa a ser avistada no lado oeste, desde a encruzilhada da estrada de Inhaúma com a que levava a Santo Antônio ou a Cruz das Almas. Também era a única na região que era feita de material, de modo que Coutinho passou a ser conhecido como um sitiante bem sucedido e por isso respeitado na região de Itaiporã.

Com o término da construção da casa, o mulato Sabino acabou por se ajeitar num puxadinho construído junto ao paiol e ficou morando por ali mesmo, com a permissão de Coutinho. Passou a ser um bom ajudante em tudo o que fosse preciso, tanto no que dizia respeito à casa quanto no zelar das criações. Acordava cedo, alimentava com milho e abóbora os porcos de engorda, recolhia as vacas que pela manhã arrodeavam a mangueira para se juntarem a seus bezerros apartados e preparava, uma a uma, amarrando suas pernas traseiras para que Ordália procedesse à ordenha. Encarregava-se de esvaziar o balde de leite numa espécie de tambor que depois de cheio era transportado até o lado de fora da porteira da estrada, onde um carroceiro passaria para recolhê-lo e levá-lo para compradores em Itaiporã. Depois Sabino varria o quintal da cozinha todo santo dia com uma grossa vassoura de alecrim, recolhia alguns ovos dos jacás dependurados nos troncos

de árvores e os levava para a cozinha. Tomava seu café preto e depois ia preparar seu cachimbo para fumegar, encostado no paiol. Se havia mais alguma coisa a ser feita, como o conserto de uma cerca, buscar a mula Crioula no pasto, escovar e arrear um cavalo ou colher buchas que davam na cerca, lá ia Sabino, sem que para isso tivesse que ser mandado. Sabia de todas as obrigações diárias, de modo que Coutinho o mantinha em casa dando a ele o de comer e presenteando-o com algumas roupas usadas que não mais lhe serviam.

Feitas as colheitas de arroz, milho e amendoim, e com o produto da venda de alguns capados, Coutinho amealhou mais algum bom dinheiro, suficiente para adquirir garrotes e soltá-los no pasto para engorda. Comprou dois burros para ajudar Crioula na lida da roça, um cavalo baio e um arreamento novo com argolas douradas no peitoral. Mandou fazer roupas num conhecido alfaiate de Cruz das Almas, comprou dois novos culotes, também feitos sob medida, um novo par de botas e uma guaiaca que tinha, inclusive, um coldre no qual poderia portar um revólver. Coutinho nunca gostou nem um pouco de armas de fogo e jamais pensou em possuir uma, embora algum tempo depois viesse a ter um revolver Colt Cavalinho, calibre 38, com seis cartuchos no tambor e com um caprichado cabo de madrepérola. Essa aquisição, como outras tantas, fora feita à base de troca. O revólver por um capado. Com o tempo, Coutinho foi forçado a reconhecer que Ordália tinha muito mais habilidade do que ele no manejo da arma e sempre ganhava quando disputavam tiro ao alvo em meio às matas de Inhaúma. Quem diria?

A família foi aumentando com o andar dos anos. Em intervalos que pouco passavam de dois anos, nasceram Ordalina e Esmáide, completando quatro filhas mulheres, sem que até então viesse um filho homem que pudesse preservar o

nome dos Coutos ou se tornar um braço a mais para ajudá-lo no eito. Daí houve uma pausa de quase cinco anos, ainda que sem nenhuma prevenção, até que o quinto parto de Ordália trouxe à luz o primeiro filho varão, que recebeu o nome de Antônio, logo chamado de Tônico.

Isso tanto animou Coutinho que passados mais dois anos viu chegar outro filho homem, o caçula, a quem a velha Constância queria que se desse o nome de Getúlio, em homenagem ao então Presidente da República, o caudilho Getúlio Vargas. Coutinho, que não era nada chegado às coisas da política, não concordou com a sugestão de sua mãe e, mesmo sabendo que iria contrariá-la, batizou o caçula com o nome de Tuliano dos Anjos Couto, desde pequenino apelidado de Tuta, porque antes de aprender a falar *pá-pá* ele começou por falar *tu-tá*. Completou-se a prole.

A partir daí a família de Coutinho só viria a ser reduzida quando dos futuros casamentos de filhos. Era o que se esperava por ser coisa natural.

Quando ainda grávida de Ordalina, sua terceira filha, Ordália recebeu em casa a inusitada visita de Dona Cida, mulher de Juvêncio, moradores vizinhos de um sítio que ficava exatamente na outra margem do Rio Caimbé, divisando-se com Inhaúma. A inesperada visitante chegou por demais preocupada, desde logo pedindo a Ordália que fosse até sua casa para ajudar a filha Cinira, que estava passando por sérias dificuldades no trabalho de parto de seu primeiro filho. Sempre solícita e pronta para auxiliar os outros, mais do que depressa Ordália atendeu ao pedido, seguindo para as Três Ilhas na garupa do cavalo da própria visitante.

Quando Ordália chegou à casa de Dona Cida deparou-se com um quadro que à primeira vista lhe pareceu preocupante. Cinira, uma mulher que tinha pouco mais de vinte anos,

estava na segunda fase de seu trabalho de parto. As contrações sucessivas do útero já haviam provocado a ruptura das águas e agora se viam esforços expulsivos voluntários da mãe, porém com o colo uterino fechado, sem suficiente dilatação que permitisse o nascimento normal da criança. Esse sofrimento já vinha de tempo, ultrapassando nove horas de trabalho de parto sem que a criança nascesse. Percebia-se grande apreensão entre os que estavam ali. À volta da casa aglomerou-se um punhado de gente da vizinhança, uns com sérios propósitos de oferecer modesta ajuda, outros apenas como curiosos que aguardavam o resultado das coisas. A parturiente sofria muito e gritava alto pela mãe que voltara e então tornava a permanecer angustiada a seu lado, segurando suas mãos. Várias mulheres estavam dentro do quarto, cada qual querendo fazer ou fazendo alguma coisa para ajudar. A cama estava inteiramente empapada de um sangue que não parava de escorrer. Quem assistia Cinira já tinha tentado de tudo para provocar dilatação da cérvix. Até socos já lhe tinham dado nos ossos da bacia. Alguém chegou a dizer que a criança ia nascer nem que fosse a muque.

Ao entrar no quarto, Ordália viu a grande quantidade de sangue que descia da cama, escorria pelo assoalho do quarto, seguia em direção à porta da sala e alcançava o terreiro, impressionando a todos que estavam por ali. Mais e mais gente agrupava-se à frente da casa, assustada com tanta sangueira. Ordália era a mais jovem das mulheres presentes. As mais velhas tiritavam ao redor da cama. Como havia sido chamada para ajudar, atreveu-se a tomar uma primeira medida que calculou ser de precisão. Sem nenhuma cerimônia, pediu a Dona Cida que mandasse todas as mulheres deixarem o quarto e que fizessem silêncio nos arredores, devendo só ela e a mãe ficarem ali para cuidar sozinhas de Cinira. Mesmo sem entender

a razão desse pedido, Dona Cida aquiesceu e assim foi feito. Cessou o vozerio dentro do quarto. Até lá fora o pessoal silenciou. Ordália aproximou-se da cama e calmamente pousou sua mão esquerda sobre o pano úmido que havia sido posto na testa da parturiente. Rezou em pensamento um Padre Nosso, depois falou com ela em tom bem tranquilo, pedindo que ficasse calma e afirmando que tudo iria terminar bem. Por um momento Cinira parou de gritar, serenou um pouco, olhou suplicante para o rosto da mulher que estava à sua frente e a quem mal reconhecia, reiniciando os esforços de expulsão. Ordália auxiliou com sucessivas e delicadas pressões na parede abdominal de Cinira, comprimindo levemente seu útero de cima para baixo e da frente para trás. Sem grande demora o bebê foi expelido. Uma menina nasceu perfeita e saudável. Seus pais lhe dariam o nome de Petita. Todos comemoraram. Na casa e no terreiro houve uma grande sensação de alívio e uma explosão de alegria. Dona Cida chorou emocionada, agradeceu muito a vinda e a ajuda de Ordália, parecendo-lhe que com sua simples presença ela tivesse conseguido salvar a vida de sua filha e de sua neta.

– Graças a Deus, Ordália! Que Deus lhe pague pelo favor que você fez a todos nós. Olha que menina linda que ela é!

Ordália olhou para a recém-nascida, sorriu e sentiu-se feliz por ter podido ajudar. Gostava por demais de ser útil a quem quer que dela precisasse, fosse quem fosse. Abraçou Dona Cida, foi cumprimentada e cumprimentou as mulheres que retornaram ao quarto fazendo ruidosa festa. Aprontou-se para deixar a casa. Quando na volta, trazida por quem a levou, veio pensando na agonia que Cinira deve ter passado e na apreensão sem tamanho que deve ter dominado Dona Cida. De repente veio-lhe à mente a vaga lembrança de que por ocasião do nascimento de Benvinda, há cerca de uns três anos,

tinha sido exatamente a então adolescente Cinira quem fez caçoadas quando viu o sangue dela no lençol manchado. Não teve jeito de deixar de fazer rápida comparação. Imaginou os maus bocados que Cinira passou e o sofrimento que teve no parto, julgando que esses foram muito maiores do que o que ela teve quando nasceu sua primeira filha. Aferiu também que o sangue de Cinira foi visto de forma bem diferente porque esteve exposto a uma enorme quantidade de gente. O sangue não foi avistado apenas no lençol, como de sua vez, mas durante todo o trajeto que percorreu desde quando desceu da cama, escorreu-se pela sala e se encaminhou pelo quintal da frente exibindo-se para toda a vizinhança que se acercava daquela casa. Dessa vez, contudo, ninguém fez caçoadas. Bem ao contrário, todos foram respeitosos e celebraram o final feliz. Ordália comparou assim por alto sem se recordar nem um pouquinho que na ocasião de seu primeiro parto, em face da caçoadas de Cinira, ela havia praguejado em seu íntimo: Destá, ela também vai parir um dia.

Voltou rezando baixinho. Agradeceu a Deus pelo que pôde fazer e pelo resultado alcançado, pedindo que Ele mantivesse com saúde a mãe e a criança. Depois desse fato tornou-se numa grande amiga de Dona Cida, acabando por ser sua comadre, já que foi convidada e aceitou ser a madrinha de batismo da pequena Petita, a quem ajudara a nascer.

O relacionamento de Coutinho com Ordália passara a ser que nem o de Izidoro e Constância. A benquerença veio com o tempo, como dissera seu pai, mas o entusiasmo da união foi se quedando com o passar dos anos. Viver juntos era cada vez mais uma mera questão de costume, de respeito natural à família e de estima à mulher. Tornara-se um amor não falado, à distância, com um poder de mando do marido cada vez maior. Que Ordália cuidasse da casa e dos filhos, porque isso era de

sua obrigação como dona de casa, enquanto Coutinho cumpria com seus afazeres de amo e patrão, no cultivo da roça e nos negócios entabulados, da forma que melhor lhe apossesvesse. Mantinha com os filhos o mesmo distanciamento que Izidoro manteve com ele durante toda sua vida de solteiro. Não tinha muita prosa com os filhos, nem permitia intimidades. Quando queria repreendê-los por uma arte qualquer, limitava-se a olhar fixamente para o autor com tamanha severidade nos olhos que os filhos percebiam na hora que o pai reprovava e que deviam se aquietar. Nunca chegou a bater em nenhum deles. Aliás, esse era seu feitio, bem ao contrário de Ordália, que por qualquer coisinha dava grandes surras com vara de marmelo nas crianças ou, no mínimo, as colocava de castigo no quarto. Aos poucos Coutinho se apercebeu de que Ordália parecia ter gosto em bater nas crianças ou em judiar de criação. A distância entre os dois começou a aumentar.

Com os filhos criados, tendo o caçula já completado três anos, Coutinho passou a aventurar-se cada vez mais em sua assumida liberdade. De quando em vez, sem dizer para onde ia ou o que ia fazer, arreava sua mula, toda apetrechada com o peitoral de argolas polidas, vestia seu culote e a camisa bem passada, calçando botas limpadas no capricho, punha seus esporões de estrelas pontudas, ajeitava seu chapéu na cabeça e deixava Inhaúma rumo a Itaiporã ou sabe-se lá para onde. Não parecia que saía a trabalho. Mais parecia que ia passear.

Ordália não gostava disso nem um pouco, mas se fazia silenciosa ou astuciosamente tolerante. As filhas mais velhas cuidavam das irmãs e irmãos mais novos, tiravam água do poço quando iam lavar roupa ou limpavam a casa, enquanto a mãe demorava-se junto à máquina de costura, fazendo roupinhas para as crianças, ou pondo remendos em roupas de Coutinho. Seu silêncio não significava estar em paz consigo mesma, nem

com o mundo. Seu semblante seriava e seu olhar ficava ameaçador. Por vezes se roía por dentro, numa mistura de ciúme e raiva pelas furtivas saídas de Coutinho. Quando estava assim, melhor era não falar com ela nem chegar perto dela. Uma pequena arte cometida por qualquer um dos filhos era motivo mais do que suficiente para que ela descarregasse todo seu furor dando neles surras raivosas. Até pelo que eles ainda não tivessem feito. Apanhavam para aprender a não fazer. A doce menina Ordália que se casara aos quatorze tinha agora 34 anos e se tornara uma outra mulher, bem diferente. Continuava a ser sempre educada e receptiva com as visitas e com os parentes. Continuava a ser aquela mulher prestativa e pronta para ajudar a quem dela precisasse. Mantinha-se disposta no cumprimento das obrigações domésticas. Era alegre, animada e comunicativa quando ia às festas promovidas por sitiantes amigos da região, como a dos Santos Reis, a do Divino Espírito Santo, as de São João e de bailes pagãos que gostava de frequentar. Muitas vezes ela e Coutinho faziam longas caminhadas pela estrada de terra até chegarem à casa dos Venerandos, um casarão de muitas janelas, onde se davam festas regadas a ponche e a cerveja e onde podiam dançar até tarde da noite ao som de uma sanfona e de um violão. Quando as horas avançavam, punham as crianças pequenas para dormir no chão de um dos quartos que se transformava numa espécie de alojamento e varavam a noite dançando. Só retornavam de madrugada, cada um deles levando no colo um dos filhos menores, se é que esses estivessem dormindo.

Mas em casa Ordália era outra mulher, bem diferente. Tornara-se severa, irritada e brava como quê. De perto era uma pessoa normal, embora perdesse a paciência e mudasse de humor de uma hora para outra por qualquer coisinha. Descontava sua ira até mesmo judiando desnecessariamente de

animaizinhos domésticos como cães e gatos. Isso quando não se revoltava contra seus próprios filhos, puxando-lhes as orelhas ou lhes dando doloridos beliscões à toa.

Nenhuma de suas filhas sabia exatamente porque ela passou a ser assim. Contudo, Benvinda contaria muitos anos depois que se recordava vagamente de quando criança ver a mãe se vingando do pai, queimando roupas e destruindo objetos que eram de sua estimação, supostamente por estar sendo traída pelo marido. Todas obedeciam às suas ordens mais por medo do que por educado acatamento. Tônico e Tuta, ainda crianças, nada faziam sem permissão concedida, nem se atreviam a descumprir ordens recebidas. Essas eram muitas. Não ir às margens dos rios, não brincar longe de casa, não sujar as roupas, não subir em árvores, não pedir nada que já não fosse de costume, não falar com estranhos, não aceitar oferendas nas casas dos outros, não brigar entre si e não se afastar da mãe quando em visita a conhecidos ou a parentes. Qualquer desobediência, ainda que sem nenhuma consequência danosa, resultava em surras imediatas com varas de marmelo ou com rabo-de-tatu. Ordália batia sem dó. Quando não podia bater na hora da arte a surra ficava prometida para depois e não havia esquecimento. A surra vinha. Batia pelo hoje, pelo ontem, pelo anteontem, pela semana passada e até pelo amanhã. Enquanto apanhava ninguém podia gritar ou chorar alto, do contrário a surra não parava. Melhor não chorar e sofrer calado as dores das varadas que deixavam vergões ou cicatrizes duradouras nas pernas e nas costas.

Coutinho no máximo dava pitos ou ralhos verbais nos filhos, prontamente compreendidos e acatados por esses. Porém não intervinha em sua defesa, apesar de saber dos excessos muitas vezes cometidos por Ordália. Sua posição era de cômoda indiferença, julgando que competia à mãe educar os

filhos do modo que achasse melhor. Contrariar Ordália ou censurar seus atos era criar encrencas que durariam semanas. Melhor não intervir.

Quando em idade escolar, as filhas passaram a frequentar a escola primária, andando meia légua a pé até chegar a Itaiporã. Benvinda, a filha mais velha, teve de esperar que a irmã mais nova completasse sete anos e também pudesse ser matriculada para que fossem juntas. Sozinha nunca. Isso fez com que ela só viesse a ser alfabetizada aos nove anos, quando Juvelina alcançou idade para se matricular e acompanhá-la.

Dois anos depois eram três as irmãs que faziam juntas a caminhada até a escola, Benvinda, Juvelina e Ordalina, em anos escolares diferentes. Depois era Esmáide quem iria acompanhada de Juvelina e Ordalina. Benvinda não mais iria porque completara seu terceiro ano na escolinha de Itaiporã, na qual não havia o quarto ano escolar, nem o fornecimento de diploma do curso primário. Quem quisesse prosseguir os estudos teria que se mudar para Cruz das Almas, onde havia Grupo Escolar e até um Ginásio. E depois, na zona rural as filhas mulheres não precisavam de nenhum estudo a mais do que aprendiam até o terceiro ano primário. Saber ler e escrever era o bastante. Do que mais precisavam era aprender a cozinhar, costurar, bordar e arranjar casamento com um bom moço da região. Coutinho pensou que talvez um dia pelo menos um de seus filhos homens saísse dali para a cidade para continuar os estudos, pois sabia que a roça não dava futuro pra ninguém! Aliás, ele mesmo quis muito ter abandonado aquela vida da roça e saído daquele fim de mundo. Embora se empenhasse na lavoura não era disso que gostava. Quando moço lastimava-se por não ter sido sorteado para servir o governo e ter virado um soldado destacado lá pelo interior do Mato Grosso ou, quem dera, na capital da República, a cidade do Rio de

Janeiro. Chateado, esperava pelo próximo sorteio do ano seguinte, sem nunca ter sabido que poderia alistar-se voluntariamente, independente de chamada oficial.

Foi Carlinhos Português que lhe contou sobre isso, mas a essa altura Coutinho tinha passado da idade e já era pai de um punhado de filhos. Lá se fora seu primeiro sonho!

~ 3 ~

NATÁLIA e TINA

Natália casou-se em 1930 na Igreja de Itaiporã, numa cerimônia simples celebrada por Padre Agostinho e que contou com a presença de todos os amigos, parentes e conhecidos moradores da região. O noivo era João Eliodoro, um homem honesto e de bom trato, cujos pais não tinham grandes posses, mas que se sabia ser um trabalhador de mão cheia, nascido e criado na região e dedicado à lavoura como todos dali. Na partilha feita ao casar sua filha mais velha, Calimério doou aos noivos uma pequena gleba de terra nas proximidades de Itaiporã, de maneira que a nova morada de Natália ficou bem na vizinhança da casa de seus pais.

Desde logo Eliodoro e Natália passaram a frequentar amiúde a região de Inhaúma, sempre passando na casa de Coutinho e Ordália. Os concunhados davam-se muito bem. Durante as visitas, as duas irmãs se recolhiam na cozinha e enquanto preparavam alguma coisa para comer, conversavam alto sobre vários assuntos de mulher, sempre se rindo do que recordavam do tempo de mocinhas. Coutinho pouco proseava com Natália, mas era próprio do seu jeito. Nada mais havia que o inibisse ou o constrangesse de ver ou de falar com ela. O tempo havia se encarregado de apagar tudo o que se passara há anos. Além disso, cada um deles tinha agora sua própria família. Ordália já tinha duas filhas e viria a ter mais duas, além de outros dois filhos. Natália viria a ter uma prole de onze filhos, dos quais sete homens. Um dos filhos homens era

doente, com problemas de epilepsia e uma das filhas era retardada, com doença mental, o que levaria os pais a interná-la num sanatório de pequena cidade do norte do Paraná quando ela completou dezoito anos. Ali Braulina morreria sozinha, tendo recebido raras visitas de Zulmira, sua irmã mais nova. Seus pais não tiveram condição de visitá-la, nem puderam ir a seu enterro.

Compadre Eliodoro era um homem também de pouca prosa. Olhava para as pessoas sempre com a cabeça um pouco abaixada ou meio de banda como se não devesse encará-las de frente. Sua fala era lenta, porém segura. Seus olhos miúdos pareciam escondidos atrás das grossas sobrancelhas que tinha. Daí a impressão de que não fitava de frente as pessoas com quem falava. Desde os quatorze anos suas mãos e braços foram atingidos pelo vitiligo, uma doença que retira da pele a cor normal deixando-a com enormes e variadas manchas branco-amareladas. Até os pelos das partes atingidas ficaram brancos. No caso de Eliodoro essas manchas nunca se viram aumentadas nem diminuídas com o tempo, de modo que elas nem mais o incomodavam. Só as crianças é que por curiosidade olhavam diretamente para as mãos ou para o braço do tio sem saberem do que se tratava. No mais, ninguém se importava com isso, até porque sabiam que não se tratava de nenhuma doença contagiosa. Eliodoro era um homem pacato, mas só mantinha boa prosa quando o assunto interessava ou a companhia fosse de seu agrado. Se a prosa derivasse para assuntos que não eram de seu gosto, ou quando alguém com quem não se dava metia o bedelho na conversa, ele sempre achava uma desculpa para não mais ficar presente. Saía de forma educada, sem constranger ninguém nem demonstrar seu próprio constrangimento. Já os que bem o conheciam sabiam exatamente porque é que ele se retirava.

Eliodoro só tinha um grave defeito: gostava de tomar umas pingas a mais na venda de Seu Duílio e quando passava da conta transformava-se num homem valente e encenqueiro, desafiando a quem quer que lhe arroteasse. Puxava de uma faca que trazia na bainha ajustada na cinta, atrás da cintura, e com ela riscava o chão como se demarcando uma área na qual ninguém devia se atrever a pisar, sob pena de uma briga terminar em tragédia.

– Quem for homem pisa aqui! Quero ver o lazarento que tem coragem de me enfrentar, esbravejava.

Os que o conheciam não levavam a sério seus desafios e ninguém pretendia enfrentá-lo em seus delírios de bêbado. Comumente avisada por algum conhecido, era Natália e um de seus filhos mais velhos que iam até a venda do Duílio para acalmá-lo e levá-lo para casa. Posto na cama, dormia profunda e demoradamente. Quando acordava, nem mesmo ele sabia direito o que tinha acontecido. Voltava a ser o homem calmo, bom e pacato que não puxava encrenca com ninguém. Seguia para o trabalho na roça enquanto Natália rezava baixinho pedindo a Deus que isso não voltasse a acontecer.

Coutinho sabia dessa fraqueza de Eliodoro de maneira que nunca o convidava para beber, nem lhe oferecia bebida alcoólica, onde quer que estivessem. Até mesmo porque Coutinho não era nada chegado à bebida. Não raro os dois casais, Natália e Eliodoro, Ordália e Coutinho, cavalgavam juntos em direção à casa de algum festeiro para rezarem um terço, levantarem um mastro de santo, ouvirem modas de viola cantadas por duplas da região, ou se divertirem a noite toda dançando à vontade no terreiro da casa sob a luz de um lampião. Coutinho cuidava para que Eliodoro só bebesse água ou leite e a muito custo deixava que ele provasse só um pouquinho de ponche ou só um golinho de quentão preparado

pela dona da casa. Bebesse demais, Eliodoro acabava com a festa.

Na volta de uma dessas noitadas, Eliodoro cavalgava à frente da mula de Coutinho e em cada uma das montarias, sentadas de banda na garupa, iam as esposas Natália e Ordália. Vinham da região dos Amélios, moradores antigos da região, donos de terras com engorda de boa boiada e que eram os festeiros do ano. Haviam dançado até mais não poder. Coutinho até se atrevera a tirar Natália para uma dança e se riram bastante enquanto rodopiavam pelo terreiro. A noite era escura com lua nova e os animais andavam lentos sob rédeas soltas.

De repente, assim sem mais nem menos, Natália sentiu que levou uma forte guasqueada que fez doer sua perna esquerda. Virou-se imediatamente para Coutinho que vinha montado na mula, logo atrás, mas não notou neste nenhum sinal de que teria sido ele o autor da agressão. Nem o cavalo de Eliodoro esboçara qualquer reação. Era uma coisa muito estranha essa que aconteceu. Por mais duas ou três vezes Natália voltou a sofrer as dores provocadas por fortes guasqueadas dadas não se sabe por quem, nem vindo sabe-se lá de onde. Era uma dor ardida que percorria a perna a cada lambada, refletindo até nas costas. Observado o semblante de Coutinho, embora mal avistado no caminho da noite, esse continuava sereno sem de nada se aperceber. Nem chicote ele levava nas mãos. Mas Natália apanhava e sentia dores cada vez mais intensas, quietamente sentada na garupa do cavalo do marido. Era como se alguém a estivesse chicoteando. Mesmo assustada e com dores ela não dizia nem um ai. Não seria capaz de explicar uma reclamação. O açoite cessou quando a cavalgada de ambos chegou junto à porteira do sítio de Inhaúma. Dali para frente, até chegar a Itaiporã, Natália não sofreu nenhuma outra agressão. Porém, seguiu com suas dores. Não ousou

contar nada ao marido. Como explicar uma coisa dessas se nem ela mesma podia entender o que se passou?

Junto à porteira de seu sítio, Ordália se despediu da irmã com um inté e sorriu um sorriso amarelo, parecendo deixar transparecer que sabia de alguma coisa, mas não o quê, nem se é certo isso. Natália respondeu um inté e se encabulou com o ocorrido. Achou que era uma coisa por demais estranha, mas não teve coragem para tocar nesse assunto com Eliodoro, nem com ninguém.

Na manhã seguinte examinou a perna esquerda e ainda pode ver os vergões das guasqueadas que levou na noite anterior. Doía ao contato dos dedos. Isso precisava ter explicação! Não era uma coisa normal. Repensou em tudo, do começo ao fim, detalhe por detalhe, mas não conseguiu entender nem um pouco como é que aquilo pode ter acontecido. Só se for coisa do outro mundo, concluiu.

Com a preocupação e o medo aumentando a cada dia, porém sem ter contado a ninguém sobre o fato ocorrido, na semana seguinte Natália resolveu procurar por Carlinhos Português e narrar a ele uma história que fosse parecida com a que lhe aconteceu, sem dizer que era com ela que tinha acontecido. Buscava qualquer informação ou uma interpretação do que houve. Carlinhos Português, sempre contemporizador, ouviu a estranha história sem interromper Natália. Primeiro imaginou que podia ter sido apenas um sonho da pessoa a quem Natália se referia. Depois começou a matutar sobre alguns detalhes do fato narrado, passando a tomá-lo como se fosse uma verdade contada. Não demorou a se manifestar sobre o caso.

– Escuta só, Dona Natália! Às vezes as pessoas pensam que outra pessoa está lhe fazendo mal ou lhe provocando dores, mas esse mal e essas dores não vêm de nenhuma ação

dessa outra pessoa. É a própria cabeça da gente que acaba criando esses tormentos. Não é só imaginação, não! É um pensamento tão forte que acaba virando verdade. E por acreditar ser verdade essa é uma verdade que dói e às vezes machuca o corpo, deixando até mesmo feridas à mostra ou causando estragos. Mas, no fundo, no fundo, é a própria pessoa que se encarrega de criar os fatos e passa a sofrer as consequências. O pensamento tem uma força que a senhora nem imagina! Nossa cabeça é capaz de produzir coisas que até Deus duvida! Quando uma pessoa pensa muito forte sobre uma certa coisa, essa coisa acaba acontecendo mesmo. Isso não é normal, mas também não é tão extraordinário assim. Acontece. Nessa sua história eu sou capaz de afirmar à senhora que ninguém deu guasqueadas em ninguém. Foi pura imaginação dessa pessoa de quem a senhora está falando. Pode acreditar!

Natália ouviu atenta e optou por ficar calada sem acrescentar ou perguntar mais nada. Não quis confessar que tudo aquilo acontecera de fato e de verdade e que havia sido com ela que tinha acontecido. Muito menos ousou mostrar a Carlinhos os vergões que ainda eram visíveis em sua perna. Preferiu aparentar que acreditou e que aceitou as explicações dadas pelo português, mentindo que iria confortar a amiga que tinha vivido esse drama. Antes de sair entabulou outro assunto para não dar a impressão de que tinha ido lá só por causa dessa história. Especulou sobre política, assunto preferido do líder local, e escutou o velho falar que as coisas iam indo mal para os lados do Presidente. Getúlio enfrentava diversos movimentos contrários ao governo provisório. Os paulistas se revoltaram e promoveram a Revolução Constitucionalista de 1932, embora já tivessem sido marcadas as eleições para 3 de maio de 1933. Carlinhos fazia questão de afirmar que confiava no governo de Getúlio e que reconhecia na pessoa do Presidente

um defensor dos direitos dos trabalhadores e dos mais pobres, mas que havia muito conluio nos bastidores do Catete e alianças políticas destinadas a manter todos os poderes de mando ditatorial nas mãos únicas do Presidente. Falava que em várias regiões do país pipocavam movimentos de subversão e de antigetulismo, concluindo por dizer que as coisas iam desandar para pior.

Depois de tomar um bom café preparado por Dona Ademildes, com quem proseou um pouco, Natália agradeceu a gentileza da esposa e se despediu de Carlinhos Português junto à porta da rua, voltando para casa ainda um pouco confusa e quase nada conformada. Caminhou cabisbaixa questionando em silêncio a si mesma, sem encontrar a resposta devida. Como é que pode ser só um pensamento meu ou de alguém, sei lá, se eu apanhei de guasca e isso foi de verdade? Se ainda tenho marcas na perna? Se eu não pensei nada disso, nem posso imaginar que exista alguém que tenha tido vontade ou motivo para pensar tão mal e tão forte assim, a ponto de fazer comigo o que foi feito? Que mal foi que eu fiz para os outros para merecer isso?

Nem o tempo ajudou Natália a encontrar resposta, embora semanas depois já não mais se incomodasse com o ocorrido. Decidiu se aquietar e conformou-se pensando que qualquer dia desses ela acharia a explicação que esperava num repente qualquer da vida. Mas também se não achasse não ia morrer por causa disso. Deixa pra lá! Eliodoro não soube dessa história porque Carlinhos Português jamais comentou o assunto com ninguém. O que ele ouvia em conversas reservadas com quem o procurava era um segredo tão bem guardado como o ato de confissão de um fiel ao padre na igreja. O assunto morria ali. A não ser que fosse sobre política. Aí sim, Carlinhos fazia questão de espalhar notícias, verdadeiras ou

falsas, de fazer campanhas nem sempre honestas para candidatos que não diziam a verdade, e até mesmo de criar e espalhar boatos denegrindo a imagem de adversários do partido.

O relacionamento das duas irmãs jamais chegou a ser afetado por esse ocorrido. Aliás, nem Ordália soube disso na ocasião, nem depois. Continuaram a se visitar e a frequentarem juntas, com seus respectivos maridos, todas as festas religiosas em Itaiporã, os bailes na casa grande dos Venerandos e as cerimônias de casamento de parentes ou de conhecidos, sem que nenhum outro incidente semelhante voltasse a incomodar Natália. De sua vez, Coutinho alargava sua amizade e estima por Eliodoro, de modo que todos estavam sempre juntos quando qualquer acontecimento festivo reunia no povoado os moradores da região. Seus filhos estudavam na mesma escola do patrimônio.

Calimério e Turmalina se aliviavam por saber que o marido de Natália estava sempre acompanhado de Coutinho, pois esse era como se fosse o guardião da sobriedade do genro Eliodoro. Natália também pensava assim e era agradecida ao cunhado por isso. Daí, outro motivo para os dois casais saírem sempre juntos.

No final dos anos 1930, Calimério festejou o terceiro casamento na família. Dessa feita não foi o de nenhuma das filhas mais novas, Donária e Berenice, mas o de Genésio, seu filho mais velho, fato que veio a unir ainda mais as famílias dos Coutos e dos Anjos, se é que assim se pode dizer. Genésio, irmão de Ordália, casou-se com Tina, irmã de Coutinho, e a esses Izidoro deu uma gleba de terras, também em Inhaúma, separada das de Coutinho e Ordália unicamente pela estrada que levava a Itaiporã.

Nos dois primeiros anos, as duas famílias moradoras de Inhaúma conviveram bem e de perto. Tina se dando bem com

Ordália e Genésio em boa vizinhança com Coutinho. Pouco mais de um ano depois, Tina viveria um momento trágico em sua vida. Assistida por Custódia, uma bondosa senhora que professava a doutrina espírita e era uma conhecida e experiente parteira de Santo Antônio, Tina teve um parto complicado e viu nascer morta sua primeira filha. Abalou-se por demais da conta. Custódia havia feito de tudo para salvar a criança, mas não conseguiu. As dificuldades foram muitas. A criança nasceu sufocada pelo cordão umbilical enrolado em seu pescoço. Ordália assistiu a tudo e também ficou desconsolada. As famílias dos Coutos e dos Anjos se reuniram ao lado de Tina na casa de Genésio e à tarde do mesmo dia acompanharam o enterro do anjinho até o cemitério de Itaiporã.

Antes de seguir de volta a Santo Antônio, a parteira Custódia fez um enigmático comentário com Ordália.

– Ordália, é preciso falar pro Genésio zelar muito bem da mulher dele porque ela tem um acompanhamento de espírito muito ruim!

Ordália ficou encafifada com essa fala da parteira, mas não admitiu que a perda da criança pudesse ter alguma ligação com o insinuado encosto de alma penada. Soubera de caso assim já ocorrido na região e, embora fosse uma tragédia para a mãe da criança, julgava ser um fato normal de acontecer. De modo que ela só transmitiu a Genésio a primeira parte desse comentário, tratando-a como coisa da maior importância e de muita seriedade. Mas no fundo Ordália achou que Custódia não teria falado isso apenas por falar. Ela deve ter sentido alguma coisa de errado em Tina, senão não teria falado. Mas sobre esse dito acompanhamento de espírito ruim Ordália não contou a seu irmão. Guardou para si. A vida prosseguiu em Inhaúma e Tina veio a ter outros dois filhos sadios. Josué e André. Contudo, já antes do nascimento do primeiro filho,

Genésio testemunharia por várias vezes um comportamento meio que estranho da parte de Tina. Assim sem mais nem menos ela se largava inerte na cama, com os braços estendidos ao longo do corpo durante horas e horas. Ficava falando coisas sem nexos e recusava-se a beber ou comer. Quando lhe era oferecida uma comida, não aceitava e pronunciava com sua boca mole.

– Quero batata mesmo, Nésio!

Repetia isso seguidamente e o dia inteiro até que Genésio resolvesse ir a Itaíporã e conseguisse encontrar algumas batatas que seriam cozidas e oferecidas a Tina. Ela olhava as batatas, parava de pedir e não as comia.

Nunca se soube ao certo quais teriam sido as verdadeiras razões que muito cedo motivaram uma desavença entre Coutinho e Ordália com seus respectivos irmãos Tina e Genésio. O pouco que se pôde saber é que teria sido por questões relacionadas com a dimensão do dote dado a Genésio por Calimério, ou por um suposto favorecimento indevido dado a Tina por Izidoro, tudo com imaginado prejuízo para Ordália e Coutinho. O resultado foi que apesar de Coutinho ser irmão de Tina e Ordália irmã de Genésio, além do fato de serem vizinhos de cabeceira em Inhaúma, eles não mais se falaram, nem conviveram entre si sob nenhuma circunstância. Nem os dois filhos de Tina, que tinham idades que regulavam com as de Tônico e Tuta, jamais brincariam juntos ou se falariam sequer através da cerca de arame que margeava a estrada e separava as duas propriedades rurais. E eram primos-irmãos! Mas se os pais não mais se falavam também os filhos eram proibidos de se falarem. Cresceram perto e à vista, mas sem saber nada uns dos outros.

Tina, a adolescente que antes se mostrava alegre, gentil e comunicativa, surpreendeu a todos pelo comportamento

adotado depois de casada e após o nascimento de seu primeiro filho vivo. Isolou-se do mundo exterior. Tornou-se uma mulher reclusa em sua própria casa. Não por imposição ou vontade de seu marido, mas por opção dela própria. Passou a viver sem querer ver ou conversar com quem quer que fosse. Não saía de casa a nenhum pretexto, nem só nem acompanhada do marido ou de filho. Sua vida resumiu-se à rotina de apenas cuidar da casa, coisa que fazia sozinha com extremado zelo, mantendo o assoalho de tábuas sempre tão bem lavado que chegava a deixá-lo quase branco. Areava com capricho os trens de cozinha, deixando reluzentes os talheres e limpinhas as tampas e panelas. Tinha mania de limpeza. Varria diariamente o enorme quintal onde havia um pomar de dar inveja, não deixando um só fruto podre no chão ou uma só folha caída no terreiro. Não ia de jeito nenhum a Itaiporã, por maior que fosse a necessidade. Genésio que cuidasse de ir se fosse preciso. Não visitava ninguém, em nenhum lugar. Não compareceu ao velório da Tia Perpétua, que morreu em Santo Antônio, nem ia a enterro de ninguém, por mais próxima que fosse a pessoa falecida. Não abria as janelas da casa, mantendo-a soturna e silenciosa como se nela não morasse ninguém ou ninguém estivesse ali. Recusava-se a receber visitas. Até de seus próprios pais.

Quando acontecia de alguém pretender visitá-la, batendo palmas junto à porta da sala, mais do que depressa Tina se encerrava no quarto, aquietando-se ali até que o pretendente desistisse da intenção de vê-la. Aliás, ninguém a via de perto a não ser quando por um descuido seu ela se deixava avistar à distância por algum passante que a surpreendia varrendo a área da frente da casa. Mas era por segundos. Tão logo se dava conta disso recolhia-se fechando a porta da sala e escondendo-se em um aposento mal ventilado de uma casa onde nunca

se via janela aberta. Nas vezes em que Genésio estava em casa e quando por ventura chegasse um visitante, só ele era quem fazia as vezes de anfitrião, sempre se desculpando com a mesma mentira esfarrapada. Dizia que Tina não estava passando bem e que havia se recolhido em seu quarto para descansar. Recomendava que era melhor não incomodá-la. Porém, todos desconfiavam que isso não era verdade. De modo que as visitas de amigos ou de parentes foram se tornando cada vez mais escassas, até mesmo com intervalos de anos, embora seus parentes e conhecidos morassem próximo, nas redondezas de Inhaúma, de Santo Antônio ou de Itaiporã. Todos entendiam que visitar o casal passava a ser não apenas um incômodo para Genésio, como também um agravamento à estranha condição de Tina.

Os irmãos Coutinho e Ordália, que eram os moradores mais próximos, não veriam Tina nem visitariam ou falaria com o casal por cerca de quarenta anos, até o dia em que Tuta, o filho caçula que já estava casado e com três filhos, convencesse seus velhos pais e esses concordassem meio a contragosto em dar uma chegada à casa dos tios, quebrando tão prolongado afastamento.

De sua parte Genésio era costumeiramente visto em Itaiporã à frente da venda do Duílio, proseando com sitiantes conhecidos, falando sobre negócios com bois, ou no estabelecimento de Tertuliano, fazendo compras do necessário para casa. Gostava de frequentar bailes e de cantar. Mas sempre fazia isso sozinho. Se o avistasse ao largo e desse tempo, Coutinho desviava seu caminho para não cruzar com o cunhado e ter que cumprimentá-lo por educação. Esses fatos logo chegaram ao conhecimento da velha Constância. Primeiro por ter ouvido falar, depois porque constatou pessoalmente o recolhimento da filha quando pretendeu visitá-la juntamente com

Izidoro e não foram recebidos por ela. Assim que Tina percebeu a chegada dos pais trancou-se em seu quarto e se negou a abrir a porta apesar dos repetidos apelos da mãe. Constância e Izidoro foram embora sem ver a filha e sem receberem qualquer explicação convincente da parte de Genésio, que só buscou repetir que se tratava de coisa passageira e que logo a mulher estaria bem.

Ninguém sabia exatamente o que havia com Tina para que ela tivesse passado a viver recolhida em tão completo isolamento. Só havia uma pessoa capaz de buscar ou talvez encontrar uma explicação para o caso e essa pessoa tinha de ser Carlinhos Português. De maneira que, a pedido de Constância e de outros que se preocupavam com Tina, Turmalina ficou encarregada de procurar o hábil conciliador e lhe pedir que fizesse uma visita ao casal, em dia e hora na qual antes se assegurasse de que Genésio estaria em casa. Carlinhos Português ouviu a história de Tina contada por Turmalina e de pronto concordou em programar essa visita. Ele a fez de bom grado.

Quando chegou à casa de Genésio, numa manhã calorosa, Carlinhos foi por ele recebido na frente da casa de forma cortês e sempre respeitosa como era devida e merecida pelo velho Português.

– Bom dia, Seu Carlinhos, seja bem-vindo à minha casa. A que devo a honra dessa visita?

– Bom dia, Seu Genésio. Como já faz algum tempo que não nos encontramos para uma boa prosa, achei que estava na hora de fazer uma visita. Afinal, comungamos dos mesmos ideais políticos e carecemos de conversar de vez em quando.

Genésio não se surpreendeu. Era comum Carlinhos Português fazer visitas a seus conterrâneos para assuntar sobre política e falar de candidaturas a Prefeito de Cruz das Almas,

ou de quem deveria ser o vereador que devia representar o povo do distrito de Itaiporã na Câmara Municipal. Arrodearam a casa pois a porta da sala estava trancada e foram se acomodar em cadeiras de palhinha postas na área da cozinha com bela vista para o bem cuidado pomar que Tina mantinha sempre limpinho.

– O Senhor toma uma água, Seu Carlinhos?

– Não se incomode não, Seu Genésio. Não estou com sede, apesar de que o sol desta manhã já mostra a que veio. Tá anunciando uma tarde bem quente.

– E como vão as coisas nesse ano de eleição, emendou Genésio, para não perder o fio da conversa. Parece que o Presidente Getúlio está com a corda toda, o Senhor não acha?

– Infelizmente acho que não Seu Genésio. Mesmo com a popularidade que o Getúlio tem, esse governo continua com bandalheiras sendo feitas por trás dele e o povo está começando a perceber que não é nada bom manter no poder essa mesma canalhada de sempre. É preciso fazer mudanças e agora é que é a hora. Não sei nem se o Getúlio elege seu sucessor. Confio no governo, mas o Presidente continua a ser um ditador, não condizendo com os objetivos dos aliados que venceram a guerra. Os militares estão descontentes e eles podem até derrubar o Presidente antes das eleições. Vamos ver no que é que isso vai dar.

O cordato português fez uma pequena pausa na sua fala, esticou as pernas, espiou o quintal, com o pomar muito bem cuidado, reacomodou seu chapéu no colo e retomou a conversa.

– Mas, falando em mudança, Seu Genésio, deixa eu mudar um pouco de assunto. Dona Tina não tá em casa?

Genésio viveu segundos de torpor, pois imediatamente se apercebeu de que a explicação que sempre dava a um visitante, de que Tina não estava muito boa e havia se recolhido no quarto não devendo ser incomodada, não ia ser de nenhuma

valia. Como dizer isso a Carlinhos Português, dado que muita gente o procurava até mesmo para que ele diagnosticasse pequenas doenças, recomendando remédios feitos à base de ervas e garantindo bons resultados de cura? Decerto ele vai querer ver a mulher para examiná-la! E como é que Tina vai reagir se Carlinhos Português entrar no quarto? Genésio pensou na hora que devia ganhar um tempo para encontrar resposta mais adequada e saber direitinho o que devia dizer. Pediu licença ao visitante para ir até o quarto de Tina alegando que devia avisá-la de sua presença. Foi o que apenas disse que faria. Levantou-se e seguiu cozinha adentro enquanto matutava sobre o que fazer e o que dizer. De propósito demorou-se uns minutos e sem ter ido até o quarto de Tina retornou para a área da cozinha armado de um sorriso amarelo, balançando a cabeça de um lado para o outro como quem estivesse inconformado, sem concordar nem um pouco com o que iria falar. Informou com ensaiada segurança.

– Olha só que coisa, Seu Carlinhos! Tina disse que agradece muito a visita e pede desculpas por não se levantar para vir receber o senhor com um bom cafezinho. Disse estar muito indisposta e pede para o senhor voltar outro dia. Deve ser coisa de mulher, arrematou.

– É bem possível, Seu Genésio. Mas tenho um bom remédio para melhorar essa indisposição. O senhor me dá licença para eu ir até o quarto e ter uma palavrinha com ela? Quem sabe eu encontro uma solução.

Genésio enrubescceu ao ver que Carlinhos levantava seu corpo da cadeira como se a pedida licença já houvesse sido concedida. Não tinha mais jeito de contemporizar.

– Não tem de quê, Seu Carlinhos! Acompanho o senhor até o quarto dela. Quem sabe se só de ver o senhor ela já melhora um pouco!

Conduzido pelo dono da casa, Carlinhos Português atravessou a cozinha notando que essa estava muito bem arrumada, com um toco de lenha ainda queimando no fogão e um bule de café sobre a taipa. Entrou por um corredor que conduzia à sala do meio da casa e à direita lhe foi apontada a porta do quarto onde estava Tina. Não foi Genésio quem a abriu. Com um gesto de braço ele indicou que Carlinhos devia abri-la e entrar. A porta rangeu um pouco ao ser aberta enquanto Genésio, desconfortado, preferiu recuar para a sala do meio, onde aguardou o desfecho do encontro por ele não desejado.

O sereno e calmo português deparou-se com uma mulher estirada de costas sobre a cama, deitada com roupa e tudo, sem travesseiro e sem nenhuma cobertura, calçando seus chinelos. Estava estática com os braços estendidos ao longo do corpo e com os olhos arregalados como que mirando o nada em direção ao forro do quarto. A primeira impressão de Carlinhos foi de que Tina estava pasmada ou fora de si. O velho líder de Itaiporã entrou no quarto pisando com cuidado como se não devesse acordá-la, embora fosse exatamente isso o que ele queria. Dirigiu-se a ela falando baixo e vagarosamente

– Bom dia, Dona Tina, como é que vai a senhora?

Não houve resposta, nem gesto de reação. Tina se mantinha imóvel com o olhar perdido em direção ao teto do quarto. Carlinhos permaneceu de pé ao lado da cama, desde logo se apercebendo que iria ser inútil qualquer nova tentativa de conversação. Deu-se conta de que Tina não estava ali. Pelo menos no sentido de quem fosse capaz de entabular uma conversa com quem quer que fosse. Contudo, insistiu com respeitoso cuidado.

– Vim lhe fazer uma visitinha, Dona Tina. A senhora tá bem?

Novamente nenhuma resposta ou reação. Só um pesado silêncio dominava o quarto. Tina não mexeu um único dedo, não disse uma só palavra, nem virou a cabeça para ver quem estava ali tentando falar com ela. Carlinhos por final se convenceu de que Tina não via nem ouvia nada. Continuava absolutamente imóvel com os olhos arregalados fitando o vazio. Observou que nem piscar ela piscava. Pelo visto seria mesmo uma bobagem continuar com tentativas de iniciar uma conversa. Desistiu. Arredou-se do quarto fechando a porta atrás de si e indo estar com Genésio que o esperava na sala do meio. A expressão do dono da casa era de ansiedade, principalmente sobre o que é que Carlinhos Português iria dizer.

– Seu Genésio, sua mulher não tá boa, não! Ela precisa é de tratamento, pois que eu acho que o que ela tem é coisa séria. Parece até que ela tá em transe. Não me viu não me ouviu nem se mexeu. Isso não parece ser uma coisa normal. Se o senhor quiser eu posso preparar lá em casa uns chás de ervas e depois eu volto aqui para cuidar dela.

– Não carece não, Seu Carlinhos. Já-já ela se levanta e vai cuidar das coisas sem nenhum problema. Pode até ser que ela nem se lembre de sua visita, mas ela não tá doente, não! Tem disposição para o trabalho da casa e não reclama de nada.

– Mas o senhor não disse que ela tinha até se desculpado por não me receber?

– Pois é, Seu Carlinhos, comigo ela falou. Não sei por que é que depois ela ficou assim como o senhor tá dizendo.

– É, Seu Genésio. Acho que tem alguma coisa de estranho nisso tudo! Mas seja como o senhor quiser. Então vou indo. Tenho que ir até a casa do Caetano ter um dedo de prosa com ele. Só o que peço ao senhor é que quando for a Itaiporã dê uma passadinha lá em casa que eu quero continuar a falar sobre o que é que tá incomodando sua mulher. Inté!

Carlinhos Português pôs o surrado chapéu na cabeça e com certa dificuldade montou em seu cavalo, seguindo estrada adiante sem olhar para trás. Achou tudo aquilo muito esquisito. Pelo que viu e ouviu, imaginou que Genésio não iria à sua casa tornar a tratar desse assunto. De sua parte Genésio se aliviou com o fim da visita e retornou para a cozinha novamente contornando a casa. Ali encontrou Tina, que já estava de pé ajeitando o toco de lenha que ainda queimava no fogão, juntando as cinzas e examinando o café do bule como se nada tivesse se passado. Não perguntou nem falou com Genésio. Nem ele falou com ela. Melhor assim, vamos tocar a vida!

Logo no dia seguinte Turmalina foi à casa de Carlinhos Português saber se houve ou não o tão esperado encontro com Tina e quais eram as novidades que ele trazia. Também ela não via a nora há um bom tempo, tendo dela apenas evasivas notícias dadas pelo filho, contando que ela não gostava de sair nem de receber visitas, mas que estava bem de saúde. No encontro com Turmalina, Carlinhos foi breve e preciso no seu relato.

– Escute, Dona Turmalina! Eu estive lá na casa de Tina e cheguei a ver ela no quarto, deitada na cama. Mas não consegui falar com ela. O caso de sua nora é meio estranho, para não dizer que é um caso complicado. Não tá me parecendo que seja uma doença do corpo que possa ser tratada com ervas ou com medicamentos da cidade. Segundo o que me falou o marido, ela trabalha, cuida bem da casa e dos filhos e faz tudo direitinho. Só não quer falar com os outros e quando é abordada fica em estado de transe.

– O que é que é isso, Seu Carlinhos? É coisa grave? Questionou Turmalina, ainda mais apreensiva.

– Não! Não é uma doença grave, não! É uma espécie de perda da consciência por alguns instantes. A pessoa fica meio

que fora de si, não sabendo de nada que está acontecendo em volta dela. Católica que a senhora é, a senhora sabe que fomos criados por Deus com um corpo que é a parte material e com outra parte que é aquela que não se vê: a espiritual. Pois então, eu acho que a doença de sua nora não é na parte material, não é uma doença do corpo. Tá me parecendo mais que é um problema na parte espiritual. Por isso eu acho que é melhor chamar um padre para tentar falar com ela. Se a senhora e a Dona Constância permitirem eu posso procurar e contar o caso ao Padre Agostinho, para saber o que é que ele acha que deve ser feito nesse caso. Quem sabe ele mesmo não é capaz de visitar Dona Tina e fazer uma oração na casa dela?

– Se o Senhor acha que é bom assim, tem nossa permissão. Não é bom ir junto, Seu Carlinhos?

– Não, Dona Turmalina. Padre Agostinho tem feito visitas a muita gente aqui da região, no caso de uma doença ou no caso da pessoa não poder vir até sua igreja. Ele leva sua bênção e faz oração com ela em casa. De modo que eu acho que se ele puder ir até lá, ele deve ir sozinho. Assim que der eu falo com ele. E a senhora e Dona Constância ficam sossegadas porque Tina não tem nenhuma doença no corpo. Isso eu posso garantir para a senhora. Ela só não quer ver nem falar com ninguém.

Turmalina agradeceu, despediu-se e retornou a sua casa, ainda apreensiva com tudo o que soube. Achou que devia ir até Santo Antônio conversar com Constância sobre o assunto e foi isso que ela fez logo na semana seguinte, acompanhada de Calimério. O caso de Tina preocupava as duas famílias. Sempre que perguntava ao filho Genésio como é que Tina estava, a única informação que recebia dele era de que ela estava bem, trabalhando em casa sem nenhuma reclamação, só que ela não gostava de sair nem de receber ninguém em casa.

Dias depois, Turmalina e Calimério seguiram para Santo Antão e quando chegaram lá, Izidoro não estava em casa. Tinha ido até o povoado fazer umas coisas. De maneira que só Constância os recebeu, estampando no rosto uma mistura de satisfação pela visita com ansiedade e até com medo das notícias que eles podiam estar trazendo sobre Tina. Sentaram-se junto à mesa da cozinha e enquanto Constância punha água a ferver para coar um café, puxou na hora o assunto que já imaginava ser o motivo da visita.

– Dona Turmalina, me conta logo como é que foi a visita que o Carlinhos Português fez na casa de Tina e o que é que ele viu lá. Pelo amor de Deus, eu tenho muita pensão de minha filha e não sei nada do que está acontecendo com ela.

– Eu digo para a senhora, Dona Constância, que pelo menos eu trago uma notícia mais ou menos boa. Tina não tem nenhuma doença no corpo. Ela tá bem. Foi o que Carlinhos Português garantiu. Ele disse pra mim que o caso dela é espiritual. Eu não entendi direito, mas acho que ele quis dizer que só um padre é que pode cuidar do caso de Tina. Com orações na casa dela.

– Ai, meu Deus! Mas ele conseguiu falar com minha filha?

– Falar mesmo ele não falou, mas viu ela no quarto deitada de costas na cama, sem se mexer. Falou que ela tava em transe. Nem sei bem o que é isso, a senhora sabe?

– Não sei não! Será que não é algum mal da cabeça? Acho estranho porque Tina sempre foi uma menina alegre, conversava com todo mundo, ria o tempo todo e agora acontece isso...

– Pois é, Dona Constância, não dá pra entender! Olha que o Carlinhos Português conhece bem um punhado de doenças que maltratam as pessoas e ele mesmo disse que ficou

admirado com o que viu no quarto. Tina não falou e parece que nem viu ele entrar no quarto. Disse que ela tava pasmada com os olhos arregalados até sem piscar.

– E o que é que ele mandou fazer?

– Ele pediu permissão para contar o caso ao Padre Agostinho e ver se ele pode dar uma chegada na casa de Tina para fazer uma oração lá. Eu dei essa permissão. Só que nem eu nem a senhora podemos ir junto. O padre vai ter que ir sozinho lá. Foi o que ele falou.

Calimério, que até então só ouvia, pediu licença para intrometer-se na conversa e de forma muito calma fez uma pergunta que estremeceu a mãe e a sogra de Tina.

– Eu não entendo bem dessas coisas, mas será que Tina não tá tomada por algum espírito mal, um coisa-ruim ou alma do outro mundo, de modo que só um padre é que pode tratar dela?

– Credo! Creio em Deus Padre, lamuriou Constância, fazendo o sinal da cruz. Nem pensar numa coisa dessas! Tina sempre foi católica de frequentar igreja e nunca fez mal a ninguém. Deus me livre e guarde!

– Também acho que não, comadre Constância, completou Turmalina. Mas parece que foi isso que o Carlinhos Português quis dizer quando falou que medicamento nenhum ia dar jeito no caso e que só um padre é que pode tratar dela.

– Eu ainda digo que não entendo nada disso, prosseguiu Calimério, mas se já me contaram que até na Bíblia tem relato de coisa parecida, com Jesus expulsando espírito mau do corpo de devoto, porque é que hoje não haverá de ter? De modo que eu não descarto isso. Pode ser sim!

As mulheres se entreolharam e não disseram mais palavra. Depois do café os visitantes aprontavam-se para deixar a casa dos Coutos quando chegou Izidoro, fato que prorrogou

a estada de Calimério e Turmalina por força do recomeço do assunto. Izidoro, sempre querendo dar a última palavra, foi enfático ao dizer que também não acreditava nem um pouco que fosse um caso de intromissão de alma danada no corpo de Tina. O velho fundador de Santo Antão, católico e temente a Deus, foi direto na questão.

– Óia aqui! A única pessoa que até agora viu Tina nesses anos todos foi o Carlinhos Português e ele nem conseguiu falar com ela. Só deu opinião e disse que viu ela dizendo que ela tava em transe, coisa que ninguém aqui sabe direito o que é que é. De modos que o que eu acho mesmo é que é preciso esperar mais um pouquinho. Quem sabe depois da ida do Padre Agostinho à casa do Genésio a estória não muda? Não adianta nada agora começar a assuntar e tagarelar sobre coisa que não se sabe direito. Espera passar mais um pouco, comadre Turmalina. Óia, compadre Calimério, eu acho que Tina pode até tá sofrendo de alguma doença que hoje ninguém sabe bem qual é, mas que amanhã ou depois pode vir a ser sabida. Vamos parar com essa estória de coisa-ruim, de demônio, espírito do mal, alma danada ou sei lá mais o que! Isso não leva a nada, só traz pensão.

Todos se calaram depois da fala de Izidoro, num silêncio respeitoso que significava concordância com o que ele disse. De maneira que a prosa sobre esse assunto acabou ali. Os pais de Genésio se despediram e deixaram a casa dos Coutos. Quando voltava para a cozinha, Constância ensaiou um pequeno choro. Izidoro replicou na hora, antes de ir para o quarto.

– Ara! Nada de choramingos. Ninguém morreu nem tá morrendo. Deus sabe o que faz e pra tudo Ele dá um jeito. Espera um pouco mais! Depois eu vou outra vez até Inhaúma ver de perto o que é que tá acontecendo. Então a conversa vai ser diferente.

Turmalina e Calimério retornaram a Itaiporã só um pouco conformados. Concordavam com Izidoro, mas continuavam preocupados com a situação de Tina vivendo trancada em casa daquele jeito, sem sair e nem querer ver ninguém. E estavam com medo do que poderia acontecer.

Em Itaiporã, a igreja começava a ser preparada para a festa de São João que vinha aí. O frio obrigava os cavaleiros a usarem suas capas de feltro para irem até o patrimônio. Mulheres confeccionavam bandeirinhas coloridas com papel crepon para serem dependuradas no pátio da igreja. Outras faziam toalhas brancas com barras de crochê para enfeitar o altar ou recolhiam prendas para o leilão. Um poste de madeira foi fincado no pátio da igreja e tanto ia servir de pau-de-sebo para a alegria das crianças, quanto para receber depois o mastro de São João. Os moradores da região doavam prendas especiais para o leilão: um quarto de leitão assado, um frango bem preparado, uma costela de boi temperada, um pernil. Tudo acompanhado de garrafas de cerveja que faziam a alegria dos que as arrematavam. Doutra parte tinha bolos e doces acompanhados de guaraná para as crianças. A renda do leilão ia toda para a Igreja. O festeiro do ano havia encomendado rojões de vara e de canudos, bombas morteiros de estouro forte e buscapés. Todos aguardavam a grande festa, inclusive com a presença de Padre Agostinho para a celebração da santa missa.

Turmalina, Donária, Berenice e Natália engajaram-se no trabalho coletivo de preparação da festa. Essa atividade desviou um pouco as contínuas preocupações que Turmalina tinha quanto à saúde da nora. No dia da festa, Itaiporã recebeu no pátio da igreja todos os moradores da região. Veio gente de todas as bandas, de Santo Antão, do Ribeirão das Onças, da região dos Amélios, dos Venerandos, de Inhaúma, das Três Ilhas, do Alambari e demais redondezas. Todos amarravam

seus animais ou paravam suas carroças ao redor da quadra da igreja, de modo que pela presença de tanta gente já se previa que a festa ia ser boa. Havia alegria no ar. Muitas crianças andando e brincando pelas ruas. Mocinhas bem arrumadas vestidas a caráter, com chapeuzinhos de palha e trancinhas, caras salpicadas de pintinhas a imitar sardas, vestidinhos de chita estampada, rodados e bem acinturados. Os moços com bigodinhos feitos a carvão, também com chapéus de palha, lenços no pescoço e camisa axadrezada. Todos iriam dançar a quadrilha ou participar da festa cada um de seu jeito. Mesmo antes de começar a festa, Maria Diabo já dançava sozinha no meio da praça embrulhada em seus trapos e com seu sorriso cariado.

Só duas pessoas conhecidas não estavam ali. Seu Alfredo, o alemão, que ficaria isolado a pouco mais de duas quadras da igreja, fazendo lá não se sabe o que, e Tina, que por certo estava trancada em sua casa sombria com as portas e janelas fechadas.

Quanto a Seu Alfredo, sua ausência já era prevista e nem era cobrada. Todos sabiam que ele nunca participava de nenhuma reunião ou do menor festejo com a gente de Itaiporã. Era como se não pertencesse àquele lugar. Sabia-se que de quando em vez ele recebia cartas remetidas não se sabe de onde nem de quem. O que não se sabia era se essas cartas eram ou não respondidas pelo alemão. Pouquíssimas vezes ele se acercou de alguém que fosse viajar até Cruz das Almas para pedir que postasse lá uma carta resposta. Parecia que queria viver no anonimato, como se estivesse receoso de que seu paradeiro fosse descoberto. O que o povo de Itaiporã e das redondezas sabia ou pensava saber é que ele seria um foragido da justiça ou da guerra e que teria escolhido o patrimônio para se acoitar. Contado por Carlinhos Português, todos em Itai-

porã ficaram sabendo que por causa da guerra o Presidente Getúlio havia decretado, em 1942, o confisco de todos os bens de imigrantes alemães e italianos no Brasil o que agravou ainda mais a situação de Seu Alfredo e aumentou o mistério desse seu isolamento em Itaiporã. Ele era o proprietário da pequena chácara que ocupava. Porém, para nenhum pacato morador do patrimônio esse decreto mudou em nada a vida de Seu Alfredo. Para todo mundo em Itaiporã ele era um homem inofensivo que não incomodava ninguém e não criava encrenca. Só era um sujeito estranho que vivia envolto em mistério. Agora, sobre esse tal de confisco que o povo nem sabia direito o que era, isso devia ser coisa a ser feita pelo governo ou pela polícia, não pela população local.

Contava-se ainda que as poucas pessoas que adentraram a casa de Seu Alfredo viram que as paredes da sala eram decoradas com muitos retratos pobremente emoldurados, mas sem que nenhum desses indicasse alguma coisa sobre a origem do alemão. Eram retratos de pessoas comuns, possivelmente de familiares, nenhum deles mostrando uniforme ou farda que pudesse sugerir que Seu Alfredo fosse um militante de guerra fugitivo, um espião ou qualquer outra coisa criminosa. Na sala ele acomodava um grande baú no qual punha cachos de banana colhidos do quintal para amadurecer e depois ser vendida por tostões aos meninos da escolinha que o procuravam na hora do recreio. Também vendia abacaxi em fatias e isso devia ser sua única fonte de renda para a sobrevivência. Mas era pouco demais, ainda que vivesse só. De algum lugar não sabido estaria vindo o dinheiro que usava para comprar coisas na venda de Tertuliano. Quem sabe por carta! Ninguém sabia.

Carlinhos Português também contava que houve uma vez que ele viu chegarem a Itaiporã três homens estranhos

trajados com terno escuro, engravatados e com chapéus de boa marca, seguindo todos diretamente para a casa de Seu Alfredo e sendo por ele recebidos numa visita de horas. Da mesma misteriosa forma com que esses homens chegaram eles deixaram Itaiporã sem falar com mais ninguém e nunca mais foram vistos de novo por essas bandas. Ficava apenas a especulação em torno da pessoa do alemão. Mas, como mal ele não fazia a ninguém, todos deixavam que vivesse em paz, exceto as crianças que repetiam o coro quando o viam pelas ruas.

– Alemão batata come queijo com barata!

A festa junina estava animada. A dança de quadrilha teve o acompanhamento de uma pequena sanfona de dezoito baixos tocada por Zé Naniás, um alegre animador de bailes que tinha seis dedos em cada mão, com o menor deles sem nenhuma articulação ou movimento. O leilão seguia solto com os arrematadores se deliciando com as prendas e com cerveja. Coutinho acompanhava Eliodoro de perto, vigiando para que este não ingerisse bebida alcóolica. Natália e Ordália reuniram-se com seus pais e irmãs apreciando ao largo toda a movimentação. Genésio também estava ali, mas, como de costume, sem a companhia de Tina, que ficara trancada em casa. A cada rojão que subia, as crianças corriam para resgatar a vara como se fosse um troféu que devesse ser guardado. Tudo era festa.

Padre Agostinho chegou algumas horas antes e ficou na casa de Carlinhos Português, ouvindo entre outras coisas a história de Tina sem demonstrar nenhum espanto. Prontificou-se a ir até a casa dela fazer uma oração, embora não concordasse nem de longe com a hipótese de que ela estaria tomada por algum espírito mau. Não aceitou que se falasse em exorcismo até mesmo porque ele não estava autorizado

pelo bispo para praticar esse ritual. Iria apenas visitá-la e fazer orações com ela, se é que isso viesse a ser possível, sem adotar qualquer outro procedimento. Marcaram para o dia seguinte à festa de São João. Depois de boa prosa com Carlinhos Português, Padre Agostinho seguiu para a Igreja, onde celebrou a missa, e depois retornou para pousar ali.

Antes de se recolher ao quarto, Padre Agostinho ainda teve mais um dedo de prosa com Carlinhos Português.

– Escuta, meu amigo! Preciso confirmar uma coisa. Dona Tina estava com convulsões?

– Não, não estava! Pelo menos no pouco tempo em que eu vi ela estirada na cama.

– Catatônica?

– Como é que é, Seu Padre?

– Catatônica. A catatonia na sua forma mais conhecida é aquela na qual a pessoa fica com o corpo numa posição rígida e imóvel, parecendo até que está morta. Não se mexe, não ouve, nem vê nada. Pode durar horas, dias e até semanas. Mas não tem convulsões, nem espasmos.

– Tá me parecendo isso, Seu Padre. Era assim que ela estava. Isso tem cura?

– Primeiro vamos tentar saber se é isso mesmo ou é apenas uma reação de medo de falar com os outros, medo de ser observada, medo de ser criticada pelos outros. Vamos lá ver!

Padre Agostinho recolheu-se e Carlinhos Português ficou na sala matutando sobre o que ouviu dele. Em todo o tempo em que vivera em Itaiporã, nunca tinha visto coisa parecida com o que estava acontecendo com Tina. Uma hora ele pensava que era caso de alma danada que se apossara do corpo de Tina e a estava isolando do mundo exterior. Outra hora supunha ser apenas uma vontade de não ver gente, como

Padre Agostinho dissera. De tudo, porém, nenhuma conclusão, a não ser a de que o caso não era de ser tratado com simples chás de ervas. Quanto mais se demorava a pensar sobre isso, Carlinhos encontrava mais perguntas e menos respostas. Conformou-se e achou melhor esperar para ver no que ia dar a visita do Padre à casa de Genésio. Foi dormir.

Na manhã seguinte, após um bom café preparado por Ademildes, Padre Agostinho botou na cabeça seu chapéu de abas retas e seguiu em direção a Inhaúma, numa pequena carroça puxada por um burro só, pretendendo encontrar-se com Genésio e se possível conversar com Tina. Era uma manhã clara com sol ameno. A distância era pouca e de lá mesmo o Padre deveria retornar até a encruzilhada para pegar a estrada que o levaria de volta a Cruz das Almas. Seguia com os pensamentos um pouco confusos a respeito do caso, embora acreditasse mais que fosse de natureza psicológica e não espiritual. Desse tipo ele vira casos similares antes. Pessoas que tinham medo de sair à rua evitando encontro com estranhos, gente que não gostava de multidão temendo por sua segurança, que não se dava com ninguém preferindo ficar ensimesmada e passando a ser arredia a toda e qualquer visita. De modo que para ele o caso de Tina não era assim tão misterioso. Confiava que iria conseguir falar com ela.

Ao se aproximar da casa de Genésio o Padre logo se apercebeu de que esta estava com todas suas janelas fechadas. Confirmou que se tratava de uma casa silenciosa como se nela não morasse ninguém. À frente, próximas do mangueirão, umas poucas cabeças de gado pastavam calmamente sem nem um mugido. Nem cachorro havia na casa para denunciar com latidos a aproximação de um estranho ou a chegada de qualquer visitante. Não viu cavalo solto no pasto ou arreado junto à porta. Tudo indicava que o dono da casa ainda deveria estar ali

nessa manhã. Uma carroça estava com seus varais imbicados no chão, junto à mangueira. A porta da sala fechada. Avistado o quintal, Padre Agostinho notou que uma estranha quietude arroteava toda a morada e isso não lhe parecia comum naquelas bandas. Com gente em casa o normal é ouvir vozes, algum barulho de trabalho interno ou alarido qualquer de animais domésticos. Mas ao redor da casa de Tina reinava apenas o silêncio, que só veio a ser quebrado pelas palmas batidas à porta da sala pelo então visitante. Nem por força disso houve imediata reação notada. O silêncio perdurou por minutos até que Genésio, contornando a casa como se estivesse vindo do quintal, apareceu tirando o velho chapéu de palha da cabeça para saudar Padre Agostinho.

– Mas que surpresa, Seu Padre! Pensei que o Senhor já tava no caminho de Cruz das Almas. Vamos entrar pra dentro!

– Na verdade eu já estava indo, Seu Genésio, mas como aqui é perto, na encruzilhada resolvi dar uma chegada até aqui para fazer uma oração com a família.

Enquanto descia da carrocinha, ainda com a desenvoltura que lhe era típica, Padre Agostinho desde logo acrescentou:

– Eu sempre tenho visto o senhor na igreja assistindo a celebração da missa, mas faz tempo que eu não vejo Dona Tina, de maneira que eu vim aqui para saber dela e trazer minha bênção.

– Ela tá bem, Padre. Só que não gosta de sair de casa de jeito nenhum. Fica sempre amuada só cuidando da casa e dos filhos. Vamos entrando! Sua bênção, Padre!

– Deus te abençoe, meu filho!

Padre Agostinho recordou de tudo o que lhe informara Carlinhos Português. Genésio sempre vinha com as desculpas de que Tina estava meio enjoada, recolhida em seu quarto sem disposição para receber visita, procurando evitar que tivesse

contato com quer que fosse. Esse comportamento teve sua imediata desaprovação, pois ele achava que isso só servia para aumentar o isolamento da esposa e tornar o marido uma espécie de cúmplice do que estava acontecendo com Tina. Mas deixaria Genésio falar o que quisesse.

Ambos deram a volta pela esquerda da casa indo se acomodar nas cadeiras de palhinha na área da cozinha. Não se via a dona da casa, o que indicava que ela já tinha se recolhido no quarto. Era preciso ir com paciência na condução da conversa, para obter o consentimento de Genésio e encontrar-se com Tina.

– Bela festa a de ontem, hein Seu Genésio? A igreja estava lotada. Veio gente de todos os lugares, principiou o Padre.

– Pois é, Seu Padre! Aqui em Itaiporã o povo é muito devoto. A festa de São João é um acontecimento que ninguém gosta de perder. Vem gente de todas as bandas. Olha que eu acompanho essa festa há muito tempo e acho que a de ontem foi a maior dos últimos anos. Tava uma beleza!

– E como estava sim, Seu Genésio! Pena que Dona Tina não pôde ir, provocou o Padre.

– Minha mulher anda meio encabulada com as coisas. Prefere ficar sozinha. Não gosta de sair de casa.

Genésio começou a se preocupar com o provável pedido do Padre para ver Tina recolhida em seu quarto, de modo que tentou mudar a conversa, enveredando para assunto relacionado com a Igreja.

– O Padre sabe dizer como é que anda a reforma da matriz de Cruz das Almas?

– Vai indo, Seu Genésio, com as poucas doações que os fiéis fazem. Ainda esse mês vamos promover uma quermesse para arrecadar mais recursos e prosseguir na reforma. O senhor sabe como é. Isso custa muito dinheiro e o trabalho segue devagar. Parece que nunca termina.

– É! A vida hoje não tá fácil, não. Tudo é muito caro e o povo da roça às vezes não tem dinheiro nem pra comprar o de comer. Vender o que tem pra alimentar a família não é o melhor negócio. Dependemos muito da lavoura. Quando a colheita é boa até que dá pra levar. Mas quando vem uma geada, ela acaba com a plantação e só traz prejuízo. Não é fácil não!

– Deus é pai, Seu Genésio. Dá sempre um jeito de aliviar as dificuldades de quem acredita Nele. É preciso ter fé e fazer orações. Sem a ajuda de Deus o homem não consegue nada. Com Ele tudo se resolve. Por isso é que eu vim para fazer uma oração com Dona Tina se o senhor me permitir.

Genésio se encabulou, mas sabia que nenhuma desculpa poderia evitar que o Padre entrasse na casa e fosse estar com sua mulher. Nem seria de bom grado dizer que não ou tentar impedir. Afinal, era um Padre que só queria rezar junto com Tina e isso é coisa que nenhum católico pode enjeitar.

– Vamos entrar por aqui, Padre Agostinho. Tina deve tá no quarto.

Da mesma forma que fez quando da visita de Carlinhos Português, Genésio conduziu o Padre através da cozinha e do corredor, indicando a porta do quarto onde Tina estava e depois ficando do lado de fora, aguardando o desenrolar do encontro. Foi o próprio Padre quem abriu vagarosamente a porta do quarto, cuidando de fechá-la às suas costas. Tina estava deitada de costas, toda vestida, sem cobertas e com seus chinelos. Não esboçou nenhuma reação à entrada do Padre. Como da vez em que Carlinhos Português a visitara, ela estava imóvel olhando fixamente para o teto do quarto. Padre Agostinho principiou uma fala em tom cordial quase que sussurrando.

– Dona Tina, que Deus esteja com a senhora! Eu vim até aqui só para fazer uma oração e gostaria que a senhora rezasse um Padre Nosso comigo. A senhora está me ouvindo?

Por alguns segundos tudo ficou mergulhado no silêncio profundo do quarto. Tina não respondeu nem reagiu. Padre Agostinho pôs sua mão esquerda sobre a testa de Tina e iniciou ele mesmo a reza de um Padre Nosso seguido de três Aves Marias. Tina estava gelada e permaneceu inerte. O estimado Padre não se deu por vencido, seguindo com a oração do Credo e de uma Salve Rainha sempre com voz baixa, porém audível. Retomou o Padre Nosso e Aves Marias olhando de perto o rosto de Tina. Manteve a mão pousada em sua testa. Tornou à oração do Credo e surpreendeu-se com a súbita retomada de consciência da mulher. Alegrou-se e fez o sinal da cruz na testa de Tina.

– Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Que Deus esteja convosco!

Tina virou lentamente a cabeça e olhou para o Padre que ela nem conhecia. Fitou a batina branca de Padre Agostinho como se a estivesse examinando de cima a baixo. Seu olhar se mostrou calmo e terno. Curioso até. No mais, todo seu corpo permanecia imóvel. Umedeceu os lábios, tornou a fitar o rosto do Padre e balbuciou.

– A bênção, Padre!

– Deus te abençoe, minha filha. Estamos todos muito preocupados e foi por isso que eu vim aqui fazer uma oração com a senhora. Deus cura todos os males que nos afligem quando se tem fé. A senhora reza um Padre Nosso comigo?

Tina ouviu e respondeu com um leve movimento da cabeça indicando que sim, agora mantendo o olhar fixado não mais para o nada do teto, mas para o Padre que estava a seu lado. Ambos rezaram o Padre Nosso e três Aves Marias, ela com voz rouca e fraca, ele com voz branda para não superar a dela. Quando terminaram a oração Padre Agostinho perguntou.

– A senhora está melhor, Dona Tina?

Não custou para Tina responder que sim, novamente com um leve movimento de cabeça, embora imediatamente voltasse a mirar o teto como se já houvesse encerrada uma obrigação de rezar. Padre Agostinho deu-se conta disso e ouviu provocar uma vez mais.

– A senhora não vai me oferecer um cafezinho, Dona Tina?

O silêncio tornou ao quarto. Tina não mais reagiu com o menor movimento. Retomou seu olhar estranho fixado no nada do forro do quarto sem dar mais nenhuma resposta. O Padre aguardou um minuto para só então deixar o quarto. Ao sair encontrou-se com o apreensivo Genésio parado no corredor.

– E então, Padre, conseguiu falar com ela?

– Falar mesmo eu não consegui, mas ela rezou comigo um Padre Nosso, o que eu achei muito bom. Dona Tina está doente, Seu Genésio, mas não tem nada grave no corpo nem sofre de nenhum mal de natureza espiritual. Acho que é uma questão psicológica que pode ser tratada com medicamentos que reduzam esse medo de enfrentar as pessoas. Ela precisa é de um médico. Vou ver em Cruz das Almas se encontro um para vir examiná-la. Mas vai ser difícil porque ela nem quer conversar.

– Mas Padre, quando não tem nenhum estranho em casa ela é uma pessoa normal, conversa comigo, com os filhos, trabalha como qualquer outra. Só não quer sair e ver gente.

– Aí é que está o problema, Seu Genésio! Isso de viver isolada dentro de casa não é uma coisa normal. Ela está com medo de alguma coisa que eu não sei bem o que é. Por isso é que ela se tranca quando chega alguém. É esse medo que deve ser tratado por um médico. Como, eu não sei!

Genésio se encabulou com o diagnóstico do Padre e retornou cabisbaixo e pensativo para a área da cozinha. Imaginou que seria impossível levar Tina até um médico em Cruz das Almas e que também seria muito difícil ela receber um em casa e manter uma conversa com ele.

– Não sei não, Seu Padre. O Senhor acha mesmo que é uma doença que carece ser tratada por um médico?

– Não é que eu acho. Eu tenho certeza disso, Seu Genésio. Ficar assim como ela está é que não pode. Conheço caso igual que depois de um bom tratamento a pessoa voltou a sair, conversar e a passear como todo mundo faz. Dona Tina está doente. Precisa de remédios e só um médico é que pode indicar.

– Eu não discordo do senhor não, Seu Padre, mas eu continuo achando que ela não tá doente não. Minha mulher é trabalhadeira e anda sempre disposta, faz todos os serviços da casa. Só não gosta de receber visitas ou de sair. Isso é uma doença?

– É, Seu Genésio! Que tipo de doença é eu não sei, só sei que ela precisa tomar remédio para viver melhor.

– Tá bom. Vou ver o que é que eu posso fazer. Deus lhe pague, Seu Padre!

~ 4 ~

ORDÁLIA

No casarão de Coutinho, Ordália passava a maior parte do dia pedalando sua velha máquina de costura Singer. Era indiferente a tudo o que se passava com Tina, sua cunhada e vizinha, embora soubesse, por ouvir dizer, da condição de clausura em que ela vivia. Como não mantinha amizade nem com seu irmão Genésio, nunca procurou saber nada mais do que lhe contavam seus pais ou os amigos chegados da família. Apenas ouvia, sem especular. Era como se não existissem. Não lhes desejava mal, mas também não procurava fazer nenhum bem. Que vissem suas vidas como Deus quer. Não tinha nada com isso.

Num sábado, tarde de primavera, Ordália resolveu dar um pulo até a casa de uma antiga conhecida sua que morava nas bandas dos Amélios. Caminhada curta e sem nenhum propósito especial. Queria apenas prosear um pouco e sair de casa já que Coutinho tinha saído pela manhã sem dizer para onde ia e certamente não voltaria tão cedo. Tuta acompanhou a mãe a mando desta e seguiu pela estrada brincando que nem um serelepe. Tinha liberdade para isso, pelo menos até que chegasse à casa de Dona Izabel, destino da caminhada.

Izabel era uma senhora de boa prosa que se ria à toa e gostava de receber em sua casa as conhecidas e seus parentes. Falante como ela só, morava num pequeno sítio, casa muito bem cuidada e com bom aspecto de limpeza, também tendo

no quintal um pomar de frutas variadas como laranjas, mexericas, amoras, pitangas, mangas e maçãs. Ao redor da casa viam-se cabras criadas para dar leite para as crianças. Recebeu Ordália no portão, com seu sorriso largo e ruidosa alegria, como se não se vissem há muito tempo. Era sempre assim, embora fosse frequente uma ir à casa da outra de quando em vez.

– Ai que bom, Ordália! Eu tava mesmo pensando em você nessa horinha. Você não morre mais! Como é que vai? E sua família?

– Vamos indo, Izabel. Pelo menos com saúde, graças a Deus.

– Então vamos entrar. O dia hoje tá muito bonito e você chegou numa boa hora pra nós pôr as fofocas em dia. Gosto muito de receber visita e bater um bom papo!

Ordália entrou puxando Tuta pelas mãos, fazendo com que ele se sentasse a seu lado na ampla sala da casa de Izabel. Antes que entabulassem qualquer assunto chegaram à sala dois dos filhos de Izabel, um deles regulando de idade com Tuta. Alegrou-se em ver a presença de um amiguinho e logo o convidaram para brincar no quintal. Tuta olhou de forma interrogativa para a mãe como se pedindo permissão para sair de seu lado. Quando permitido, saiu contente a correr pelo quintal, no que sempre era como se fosse uma aventura, por conhecer lugares novos e brincar com outras crianças. Ordália ficou descansada com a saída de Tuta porque sabia que os filhos de Izabel eram crianças bem comportadas e por certo não iam fazer nenhuma travessura. De modo que podia prosseguir sossegada.

– E então, Izabel, que é que você me conta de novo?

– Aqui tá tudo velho, Ordália. Vivo meio que isolada, longe das coisas e fico sabendo pouco do que se passa por aí. A última notícia que eu tive e que nem me lembro mais quem

foi que me contou, foi de que sua cunhada vive encerrada em casa sem sair nem receber ninguém. Ela tá doente?

Esse assunto não agradou Ordália porque ela não gostava de falar sobre o que acontecia ou deixava de acontecer com Tina. Mas, fazer o quê? Também não podia ser malcriada ou indiferente ao que Izabel lhe perguntava. Limitou-se a responder de forma a encerrar esse assunto.

– Não sei não, Izabel. Acho que só sei o que você já sabe. E suas crianças, como tão?

– Ah! Tá tudo bem. Tem dois que já vão todos os dias para a escola aqui perto, no lado dos Venerandos, e os menores brincam o dia todo, sem criar problemas. Até ajudam um pouco no trabalho da casa ou no trato com as cabras. Mas criança é sempre criança. Não param nunca, têm energia que é uma coisa! De maneira que a mãe tem que ficar sempre de olho senão acontece alguma arte perigosa. Você sabe como é!

– É, e como sei Izabel! Já criei quatro meninas e agora tenho os dois meninos. Eles não dão trabalho, mas toda mãe fica sempre com pensão quando eles não tão por perto. Quando menos se espera lá vem uma notícia ruim! Você sabe que um sobrinho meu, de pouco mais de oito anos, foi mordido por uma cobra cascavel no mato da beira do rio e escondeu esse fato da mãe com medo de ser repreendido por ter ido até lá sem permissão? Se tivesse contado na hora teria dado tempo de levar ele a um médico em Cruz das Almas e ele não teria morrido de veneno de cobra.

– Ai meu Deus do céu, Ordália! Conta pra mim. Quando é que foi isso?

– Ah, Já faz uns dois meses. Minha cunhada mora em Santo Antão e tá desconsolada. Perder um filho é coisa que não tem remédio. Ela vai sofrer o resto da vida.

– Também acho, Ordália. Eu sempre falo pros meus filhos não entrar no mato e ter muito cuidado com cobras. Não deixo eles andarem na beira do Rio Caimbé de jeito nenhum. Ainda bem que eles são bonzinhos e só ficam aqui por perto, brincando no quintal sem nenhum perigo. Um dia eles ajudam a varrer o chão, catam as frutas podres que caem das árvores, noutro dia eles apartam as cabras, vão buscar lenha para o fogão e no mais eles brincam de esconde-esconde, de pega-pega, de cavalo-de-pau e sei lá mais do quê. Os mais velhos passam boa parte do dia fazendo lição da escola e depois ficam por aí brincando. Mas todo o tempo a mãe tem que saber onde é que eles tão e o que é que tão fazendo, senão pode acontecer uma desgraça. Você soube do caso do filho da Raimunda, que mora aqui perto, que morreu afogado no rio? E olha que tinha mais três amiguinhos junto dele e ninguém pode fazer nada!

– É, eu soube sim!

– Você vê como são as coisas? Acho que não é vontade de Deus, não! Dizer que era hora dele e foi Deus que quis assim é besteira. Eu não digo nem acredito nisso! Deus não ia querer uma coisa dessa! Acho mesmo que é descuido dos pais ou é abuso da criança. Temos que estar vigiando os filhos o dia inteiro e educando eles para obedecer os pais. Nós é que sabemos bem onde é que tá o perigo!

Ordália ouviu sua amiga e começou a pensar no que será que Tuta estaria fazendo no quintal com os outros meninos. Depois de terem ido até a cozinha e de Izabel ter coado e servido um bom cafezinho, aprontou-se para voltar para casa, pedindo que ela chamasse as crianças e fizesse com que Tuta retornasse para debaixo de suas asas. Quando voltou para perto da mãe Tuta resmungou alguma coisa, quase que segredando. Ordália questionou em tom preocupado.

– Que é que foi, filho? Fale direito!

Tuta chegou mais perto do ouvido da mãe e com muito receio conseguiu confessar.

– Mãe, eu queria uma maçã que eu vi lá no quintal.

Ordália desencabulou. Afinal isso não era nada. Na hora ela se deu conta de que Tuta nunca tinha visto um pé de maçã, nem sabia que gosto tinha essa fruta. Só tinha ouvido falar. Era normal que tivesse vontade de provar uma. Não tinha nada demais. Por isso não se envergonhou em perguntar a Izabel se ela podia arranjar uma maçã para que Tuta provasse, senão ele ia acabar ficando com lombrigas. Izabel foi delicada ao responder, embora com um argumento que deixou Ordália amargosa.

– Olha Ordália as maçãs ainda estão verdes e é uma judiação colher elas antes de madurar.

Ordália concordou, porém ficou ressentida com a resposta. Não custava nada dar uma maçã para a criança ainda que estivesse verde ou mesmo que fosse ruim. Era só para que Tuta experimentasse e não passasse vontade. Mas se é assim, fazer o quê? Só lhe restou aprontar-se para ir embora, de modo que se despediu de Izabel e puxou o filho pelas mãos de volta para casa. Tuta caminhou choramingando e Ordália sentiu-se profundamente magoada com a negativa de Izabel. Onde já se viu uma coisa dessas? Negar uma frutinha a uma criança! Isso me corta o coração. Ela fez mal a meu filho!

Durante toda a caminhada de volta Ordália não conseguiu se esquecer desse fato, de maneira que caminhou ofegante, sentindo uma dor aguda no peito. Não perdoava Izabel. Destá, um dia desse ela vai precisar de mim, praguejou consigo mesma.

Coutinho não estava em casa quando Ordália retornou. Tuta foi brincar com carrinho feito de um pequeno pedaço de

tábua assentado sobre dois carretéis de linha vazios e o dia foi terminando sem que Ordália se esquecesse da negativa de Izabel. Aquilo a machucou. Confortou-se pensando que nessa vida nada passa em branco e mais dia menos dia vem o troco. Ah, se vem!

Como o dia ainda estava claro, Ordália aproveitou para costurar umas roupinhas para os filhos de Natália. Quando Coutinho chegou já era noite caída. Desarreou a mula Crioula e, depois de guardar os apetrechos no paiol, foi direto para a cozinha ver o que tinha para comer. Mal cumprimentou Ordália ao entrar em casa e ela também não lhe dirigiu palavra. Não perguntou onde ele tinha ido, de onde vinha, nem o que é que foi fazer. O passar dos anos só fazia esfriar cada vez mais a relação do casal. Tônico e Tuta foram chamados para tomar banho e se aprontarem para dormir. Na manhã do dia seguinte estava programado irem todos até Itaiporã para assistir à missa de domingo, que ia ser celebrada por Padre Agostinho.

Ordália não contou nada a Coutinho sobre a visita que fizera a Izabel. Respondeu aos pedidos de bênção de seus filhos, assoprou para apagar a lamparina posta junto à cabeceira da cama e ficou um bom tempo acordada matutando sobre o ocorrido até que o sono a dominasse. Na manhã seguinte estava ela com todas as filhas e os meninos prontos para irem à missa. Tuta, o menorzinho, ainda se lembrava da maçã que não pode experimentar. Em Itaiporã o povo se arroteava da igreja à espera do início da missa. Padre Agostinho chegou alegre e sorridente como sempre, cumprimentando a todos com um aceno de mão e chamando o pessoal para entrar na igreja. Como de costume, havia passado antes na casa de Carlinhos Português, ocasião em que noticiou sobre o que houve quando de sua visita à casa de Genésio e como é que tinha sido o encontro que teve com Tina. Na porta da igreja viu

passar a família de Coutinho e fez questão de cumprimentar um a um, pousando a mão sobre as cabeças dos meninos e dirigindo-se especialmente para Ordália.

– Bom dia, Dona Ordália. Como é que vai a senhora?

– Tô bem, Seu Padre, graças a Deus!

Todos entraram e em poucos minutos a missa começou. Na homilia Padre Agostinho abordou o perdão que Cristo invocou ao Pai no momento em que era pregado na Cruz. Esclareceu de forma bem simples e familiar a seus fiéis que, assim como Cristo, todos nós devemos aprender a perdoar a quem nos tenha ofendido. Essa é a grande lição que Ele nos ensinou e Ele está presente em cada momento de nossas vidas. Vendo tudo o que estamos praticando, e esperando que cada um de nós seja capaz de suportar amargores e ofensas sem revidar, perdoadando nossos inimigos.

Ordália lembrou na hora do que Isabel lhe tinha feito e pensou em perdoá-la. Quis pensar que ela não sabia o mal que fez. Mas seu pretendido perdão não teve a mesma força do pensamento que ela teve quando a raiva a dominou, ao sair da casa de sua conhecida. Ainda restava uma mágoa em seu peito, difícil de esquecer e de perdoar. Seguiu a missa.

Terminada a celebração, Coutinho e Ordália encontraram-se com Calimério e Turmalina e seguiram todos para a casa desses. Ali chegaram depois Eliodoro e Natália com Ger-vásio, o filho caçula, e por um bom tempo houve uma agradável reunião de família. Ordália parecia estar feliz, muito sorridente e brincalhona. Natália também, comentando que Eliodoro não bebia nem um golinho de pinga há mais de meses e todos estavam muito contentes com isso. Calimério conversava no terraço com Coutinho e Eliodoro e o assunto era sobre as eleições de dezembro de 1945, vencidas pelo General Dutra, do PSD. Coutinho aquietou-se apenas como ouvinte, já que a

política não era assunto de seu agrado. Calimério fez questão de acentuar que no novo governo os jogos de azar haviam sido proibidos e que ele achava muito boa essa medida do novo presidente. Também havia gostado do lema adotado pelo novo governo que dizia que criar escolas é fechar presídio. Ninguém falou de Tina em sua reclusão domiciliar, até porque Turmalina ainda não havia conversado com Carlinhos Português sobre a visita de Padre Agostinho à casa de Genésio. Eliodoro preferiu falar dos filhos e lamentou que Braulina, sua filha retardada, precisasse ser internada num hospício porque estava muito difícil tratar dela em casa, afora a epilepsia de Zé Carlos, que já lhes dava muito trabalho. Calimério, na sua prudência e conformismo com tudo na vida, falou em tom baixo e conciliador.

– Óia aqui, Eliodoro. Deus dá o frio de acordo com a cobertura que você tem. Nós não escolhemos os filhos que nascem de modo que é de nossa obrigação zelar por eles da forma como eles são. Uns são sadios, outros doentes. Isso faz parte da vida e, se nós temos que carregar uma cruz, devemos nos conformar e dar graças a Deus pelo que Ele tem dado de bom. Você tem outros filhos bons e sadios que ajudam muito no trabalho da roça. Tem outras filhas que só dão alegria. É disso que você carece se alembiar e agradecer a Deus!

O café foi servido por Turmalina ali mesmo no terraço, sem interromper a prosa. Eliodoro completou.

– O Senhor tem razão, meu sogro. Não é que eu teja reclamando, não! É que isso me dá muita preocupação.

Coutinho entrou na conversa, porque esse assunto podia também lhe dizer respeito. De forma curta, mas incisivo, acrescentou de forma antes bem pensada.

– Sabe o que é que eu acho? Eu acho que toda família tem um ou outro problema em casa. Eu por exemplo tenho

filhas e filhos sadios e bem comportados pelo menos até hoje. Mas isso não quer dizer que eu tô livre de ter problemas no dia de amanhã. Só Deus é que sabe. Tudo pode acontecer.

– Tá certo, Coutinho, arrematou Calimério. Eu não conheço nenhuma família que não tem problema com filho. Todo mundo tem um probleminha aqui e ali. A vida é desse jeito mesmo. O que é que se há de fazer?

As mulheres vieram se juntar aos homens no terraço da casa e se imiscuíram na conversa. Ordália foi logo perguntando.

– Tão falando do quê?

– Tamos falando de filhos. Dizendo que ninguém está livre de ter problema com eles. O que é que você acha?

– Concordo com o senhor, meu pai. É uma doença aqui, um desarranjo ali. Sempre tem que ter alguma coisa que incomoda e faz a família sofrer. Ainda bem que meus filhos ainda não me deram nenhum desgosto.

– Foi o que eu acabei de falar, apartou Coutinho.

– Mas tudo é como Deus quer e o que nós temos que fazer é seguir a vida do jeito que ela é. Um probleminha hoje, outro probleminha amanhã. E assim a gente vai vivendo. Conserta daqui, dá um jeito dali. A mãe diz que cada um de nós tem uma cruz pra carregar e quando acha que sua cruz é muito pesada é porque não sabe o peso maior da cruz que os outros têm. Todo mundo tem um desacerto, completou Ordália.

– Pois é, mediu Coutinho, intervalando a fala e completando. Mas já é hora de ir pra casa!

– Ué? Por que isso? Hoje é domingo e vocês podem muito bem ficar para o almoço. Estou preparando um lombo de porco muito gostoso, dá para todo mundo comer à vontade, intercedeu Turmalina.

Coutinho se calou e olhou para Ordália, achando melhor que a decisão de ficar devesse ser dela, embora ele quisesse

mesmo era voltar logo para casa. Ordália resolveu ficar para o almoço e foi para a cozinha com Natália para ajudar a mãe. Pouco depois chegaram Berenice e Donária e o assunto na cozinha continuou sendo sobre família. Donária se casara com um primo chamado Fernando, filho do Seu Braz, o irmão mais velho de Calimério, e tivera quatro filhos. Dois deles morreram antes de completar um ano de vida. Berenice se casara com um homem chamado Abílio e já tinha três filhos. Morava num pequeno sítio do outro lado do Rio Caimbé, nas bandas dos Galdinos. No terraço, a conversa entre os homens prosseguiu por mais um bocado de tempo até serem chamados para sentarem-se à mesa para comer. Eliodoro ficou feliz por ficar. Natália também. Só o menor de seus filhos é que tinha vindo, mas a família estava reunida outra vez e isso era muito bom. As crianças foram comer na cozinha e depois correram para o quintal brincando à solta. As filhas de Coutinho e Ordália se juntaram ao redor da mesa dos avós. Benvinda, que já estava chegando aos seus vinte anos, Juvelina, passada dos dezessete, Ordalina com quinze e Esmáide, a caçula das mulheres, com dez. Ficaram caladas durante todo o tempo da refeição, apenas prestando atenção ao que diziam seus avós, seus pais e suas tias.

Logo depois do almoço todos se despediram de Turmalina e Calimério, agradecendo pela boa comida e seguiram para suas casas. Coutinho e Ordália voltaram sem falar um com o outro. Isso já vinha sendo comum nos últimos tempos. Os filhos tagarelaram entre si durante toda a caminhada de meia légua até Inhaúma. Só Tuta é que de vez em quando era levado um pouco no colo da mãe e um pouco no do pai.

No dia seguinte, logo cedo, Turmalina foi até a casa de Carlinhos saber de notícias de Tina. O pacato português a recebeu na varanda com a serenidade costumeira no olhar.

– Bom dia, Dona Turmalina. Olha que as notícias de sua nora que eu tenho para dar à senhora são as melhores até agora. Padre Agostinho me contou que ela o atendeu e que rezaram juntos por um bom tempo. Ela só não quis sair da cama, nem olhou mais pra ele depois de rezar um Padre Nosso e três Aves Marias. Mas de qualquer maneira isso já foi a melhor coisa que aconteceu nesses últimos dias. O Padre acha que o problema dela é da cabeça e que ela precisa de um médico. Recomendou isso ao Genésio.

– Quer dizer que não tem nada de espírito mau nela?

– Padre Agostinho não acredita que seja isso. Ela rezou de maneira normal, só não quis prostrar mais nem se levantar depois disso. Achou que o problema é de ordem psicológica.

– E o que que é isso de psicológica, Seu Carlinhos? Tem cura?

– Ah! Tem cura sim, mas só um médico é que pode dizer o que é e qual é o remédio que deve ser dado. O Padre também disse ter tido a impressão de que Tina tem medo de sair e de encontrar pessoas estranhas. Conheceu outros casos assim lá em Cruz das Almas. Por isso é que recomendou levar ela ao médico.

– E ela vai, Seu Carlinhos?

– Isso é coisa que eu não sei. Vai depender dela e do marido. Mas que é preciso, lá isso é.

– Obrigado, seu Carlinhos, então eu já vou indo.

Turmalina retornou à sua casa um pouco mais aliviada, achando que se é uma doença e tem cura então o problema não é tão grave assim. Agora já se pode parar com esse assunto de espírito mau ou de coisa-ruim tomando o corpo de Tina. Pensou em contar isso pra Constância assim que pudesse.

Apesar do que o Padre Agostinho lhe contou e do que ele transmitiu para Turmalina, Carlinhos Português não estava

nada satisfeito com o caso. Ia ser muito difícil tirar a mulher daquela casa para levar ao médico em Cruz das Almas. Genésio não vai conseguir isso! Melhor é trazer um médico até a casa de Tina, mas aí vai ser custoso fazer com que ela o receba e converse com ele. Ainda achava que o problema não estava nem um pouco resolvido. Melhor esperar!

Passaram-se meses sem que nenhum importante fato novo acontecesse no patrimônio. No começo do ano seguinte as crianças retornavam à escola com o fim das férias de verão trazendo um pouco mais de animação a Itaiporã. Tônico, o primeiro dos filhos homens de Ordália e Coutinho, ainda teria que esperar mais dois anos para se matricular porque não podia ir sozinho de Inhaúma até Itaiporã. Só no ano de 1950 é que Tuta passaria a acompanhar o irmão mais velho, mesmo sem ser oficialmente matriculado na escola, pois ainda não completara sete anos. Mesmo nessa condição, ele acabou sendo aceito pela professora Umbelina como aluno-ouvinte, participando, com muito brilho, de todas as atividades de classe e fazendo as lições de casa como todos os demais alunos.

Ordália continuava sua vida como sempre. Cuidando da casa e dos filhos e todo santo dia sentando-se junto à máquina de costura para fazer ou consertar alguma roupa. Pedira a Coutinho que comprasse sacos de açúcar vazios para com eles confeccionar calças curtas para os meninos. Ao cortar o tecido fazia malabarismos para que não ficasse à mostra a marca do fabricante estampada no pano. Não ia às festas com a mesma frequência de antes. Andava meio ressabiada com o comportamento do marido, que saía sempre bem arrumado sem dizer para onde ia e voltando tarde sem dar nenhuma explicação ou notícia sobre onde foi ou o que é que foi fazer. Pensou que mais dia menos dia ela ia pôr essas coisas em pratos limpos.

Recebia de vez em quando a visita da amiga Joanita e sua filha solteirona, moradoras de Cruz das Almas, que pou-savam em Inhaúma por vários dias. Com essas visitas Ordália ficava mais alegre e desenvolta, menos acabrunhada. Tinha companhia para longas e animadas prosas e as crianças menores também gostavam quando uma visita se demorava em casa. Era o tempo em que Ordália, mais entretida, não batia nelas por qualquer coisinha, como era de seu costume quase diário. A presença de estranhos em casa era uma espécie de proteção contra surras injustificadas. Não que os meninos se aproveitasssem disso, mas que era bom para eles isso era. Brincavam no quintal sem medo de serem chamados para dar explicações à mãe sobre qualquer coisa que acontecia. Ordália nunca aceitava as explicações, tudo era culpa deles, logo tudo acabava numa surra de vara, ou num castigo exagerado. Não enquanto tinha visita em casa, embora, se houvesse alguma arte, a surra ficava prometida para depois, anunciada pelo olhar penetrante e ameaçador de Ordália. Se fosse esse o caso, as crianças torciam para que a visita se demorasse.

Num outro dia uma dessas visitas à casa de Ordália foi a de Izabel, que se justificou dizendo que estava indo até o sítio dos Caetanos e resolvera dar uma passada para cumprimentar a amiga. Ordália a recebeu muito bem numa manhã sem muito calor. Foram tomar café na cozinha iniciando uma conversa que dessa vez pareceu meio chocha, sem muito entusiasmo da parte de Ordália. Izabel elogiou seu trabalho de costura e disse que qualquer hora iria trazer uns panos para que ela fizesse umas calças curtas para os filhos. Ordália se dispôs e foram ambas até o quintal da cozinha, sob os olhares curiosos de Tonico e Tuta. No quintal, Izabel se encantou com o pomar que Ordália também mantinha bem cuidado e se admirou ao ver porções de abobrinhas verdes que cresciam esparramadas

pelo chão, ainda orvalhadas na manhã. Dava gosto de se ver. Comentou com Ordália que gostava muito de comer abobrinhas, fosse como salada temperada inclusive com limão, fosse refogada bem picadinha. Ordália informou que eram tantas que a maioria delas amadurecia como enormes abóboras que depois eram jogadas aos porcos de engorda. Não custou para que a visitante perguntasse se poderia levar algumas para casa, se é que Ordália permitisse.

– Mas é claro que pode, Izabel. Leve o quanto quiser. Não vai fazer nenhuma falta pra nós.

– Ai que bom! Então eu vou até a casa do Caetano, logo ali, e na volta eu passo aqui para pegar, completou Izabel.

– Como você quiser, encerrou Ordália.

A visitante se despediu e seguiu caminhada enquanto Ordália retomou seu trabalho de costura, não sem antes ter se lembrado, ainda magoada, do fato de Izabel ter negado uma maçã a seu filho Tuta e que isso tinha machucado seu coração. Deixa pra lá. Nada como um dia após o outro, pensou.

As crianças menores continuaram brincando no quintal sem chamar a atenção da mãe e sem dar nenhum trabalho. As filhas cuidavam de arrumar e limpar a casa, varrer o quintal, separar roupas para serem lavadas e tirar água do poço para fazer o almoço. Reinava uma silenciosa calma dentro e nos arredores da casa como se nada estivesse acontecendo. O único barulho que se ouvia era o da máquina de costura intermitentemente acionada pelos pés de Ordália. A manhã prenunciava um dia de sol quente e nada pressupunha que alguma coisa viesse a incomodar a família de Ordália. Bom que o tempo e as coisas continuem assim!

Cerca de uma hora e pouco depois Izabel estava de volta, retornando à casa de Ordália para pegar as prometidas abobrinhas de que tanto gostava. Ordália tornou a recebê-la

com a educação de sempre, interrompendo seu trabalho de costura. Foram diretas para o quintal. Ali um estranho e inusitado fato acontecera.

– Meu Deus do céu, Ordália! As abobrinhas estão todas secas e podres. Como é que agorinha mesmo elas estavam bonitas, verdinhas e orvalhadas? Nossa Senhora d’Aparecida, o que é que tá acontecendo aqui?

Ordália amarelou de susto. Não sabia o que dizer, nem podia imaginar o que é que tinha acontecido. Constatou que não mais havia nenhuma abobrinha que pudesse ser aproveitada para comer. Como explicar isso?

– Izabel, não tenho nem ideia do que é que pode ter acontecido. Assim que você saiu eu fui costurar e nem voltei mais pro quintal até agora. Não é possível uma coisa dessas! Arte das crianças não pode ter sido. Nenhuma delas pode ter feito isso. Elas estavam brincando no quintal e o caso dessas abobrinhas apodrecerem assim de repente não pode ser nenhum estrago feito por gente nem por animal. Não sei dizer o que que é isso. Tô tão assustada quanto você. Me desculpe, Izabel!

Izabel ficou boquiaberta também sem saber mais o que falar à frente do que via. Concordou que não se tratava de nenhuma travessura de criança, mesmo porque ninguém seria capaz de fazer com que aquelas abobrinhas apodrecessem daquele jeito, assim de uma hora para outra. Nem tinha por que Ordália pedir desculpas. Tampouco ela poderia ser responsável pelo estranho fato. Resolveu não prosseguir com a conversa e despediu-se rapidamente de Ordália, caminhando assustada de volta para sua casa.

Ordália também se assustou com tudo aquilo. Voltou para a máquina de costura, mas não conseguiu deixar de pensar no caso. Tinha certeza de que ninguém poderia ser capaz

de fazer aquilo. Em todo caso chamou os filhos e as filhas para perguntar se algum deles havia mexido nas abobrinhas. A resposta de todos foi rápida e negativa e Ordália só tinha que acreditar. Mas, então quem foi? Não havia nenhuma explicação!

Coutinho que estava fora desde cedo só retornou depois do almoço. Como de costume desarreou a mula e guardou os apetrechos no paiol, antes de entrar em casa. Vindo pelo quintal passou pela parte das abóboras sem notar nada de estranho. Na cozinha avisou Ordália que havia comido alguma coisa no patrimônio e que não iria almoçar. Da sala de costura Ordália apenas ouviu sem nada responder. De nada adiantava questionar. Mas não deixou de perguntar:

– Você viu as abobrinhas?

– Ara, Ordália! O que é que tem as abobrinhas? Respondeu Coutinho, cismado com a estranheza da pergunta.

– Vá lá ver, depois você me conta, completou Ordália.

Coutinho desceu as escadas da cozinha meio que encabulado com o pedido, retornando ao quintal e andando em direção ao portão do paiol para passar pela plantação de abóboras. Não viu nada de estranho ou diferente. Que será que Ordália quer que eu veja, questionou para si mesmo. Voltando à cozinha informou.

– Não vi nada de mais lá. O que é que você queria que eu visse?

Ordália virou-se para Coutinho, mas emudeceu. Que coisa! Será que ele não viu o que aconteceu? Levantou-se rapidamente da cadeira e se dirigiu para o quintal a fim de reexaminar o que antes havia constatado. No quintal Ordália levou um novo susto. Tudo estava na mais perfeita ordem. Não havia nenhuma abobrinha podre ou estragada. Só não tinham mais orvalho. Todas estavam no mais perfeito estado, exatamente como antes da visita de Izabel.

– Meu Deus do céu, isso não é possível! Como é que eu vou explicar uma coisa dessas pros outros? Ninguém vai acreditar nisso!

Retornou calada para sua máquina de costura e não falou mais nada a Coutinho, que já tinha ido para seu quarto. Seu coração batia acelerado e sua respiração era ofegante. Chegou a temer por um ataque do coração. Começou a rezar baixinho um Padre Nosso e três Aves Marias, enquanto retomava a costura de uma barra de calça que fazia para Tônico. Só Deus é que pode dar uma explicação a isso! Coutinho saiu do quarto e passou por Ordália apercebendo-se de que a mulher estava amarela e com cara de quem tinha visto assombração. Decerto tinha acontecido alguma coisa que ele não sabia.

– Que é que houve Ordália? Tá assustada por quê? Que é que tem de ver com as abobrinhas?

– Nada não! É que eu pensei uma coisa, mas não foi nada não! Deixa pra lá.

– Acho que você anda botando bosta de galinha na cabeça. Pensando no que não deve. Melhor se acalmar.

Ordália não respondeu e Coutinho foi até a sala da frente, subindo numa cadeira para dar corda em seu relógio de parede. Estava calmo, embora achasse um pouco estranho o comportamento de Ordália nos últimos tempos. Ela tinha sempre alguma coisa para reclamar. Quando punha na cabeça que aconteceu isso ou aquilo era difícil provar que não tinha acontecido nada. Resolveu não encompridar a conversa e seguiu para o roçado para ver o arroz que plantou há duas semanas. Começava a brotar e era preciso dar uma carpida para impedir que o mato envolvesse as mudinhas. Esqueceu-se do caso das abobrinhas. De sua parte, Ordália não se conformava. Pedia ajuda a Deus e a Nossa Senhora da Aparecida para encontrar explicação. Tornou a se lembrar do caso da maçã negada a

Tuta e até admitiu que pudesse ter sido um troco dado a Izabel, mas não foi ela que quis assim, nem tinha pensado em fazer isso. Ao depois, como é que ela ia conseguir fazer uma coisa dessas? Como é que as abobrinhas murcharam e secaram e depois voltaram a ficar verdes e saudáveis em tão pouco tempo? Só podia concluir que algo muito estranho estava acontecendo com ela própria ou com as coisas. Retomou silenciosa sua costura, mas de forma preocupada e amarga. Afinal, não era fácil suportar tanta estranheza. Pensou em procurar por Carlinhos Português e perguntar o que é que ele achava dessa estória toda.

O dia terminou sem nenhum fato novo, afora a enfição e o desconforto duradouro de Ordália. Ao deitar-se fez orações pedindo a Deus que a perdoasse pelos maus pensamentos e a protegesse de todos os males. Coutinho apenas dormiu. Na manhã seguinte foi ver de novo a plantação de abóboras e constatou que todas estavam verdinhas e orvalhadas. Ninguém diria que ontem elas foram vistas secas e apodrecidas.

– Quem sabe não foi apenas imaginação minha, pensou. Mas a Izabel também viu e não pôde levar nenhuma delas pra casa! Eu não tô louca! Que eu vi, eu vi, e tenho certeza disso, afirmou para si mesma.

Como de costume Coutinho arreou a mula e saiu não se sabe por quê, nem para onde. Ordália foi ordenhar as vacas, ajudada pelo Sabino e por Benvinda e Juvelina, enquanto Ordalina e Esmáide cuidavam das coisas da casa. Os meninos punham café em canecas com asas e iam até o manguirão para receberem nelas o apoio do leite tirado pela mãe. Era o café da manhã. Depois podiam brincar. Ninguém tocou no assunto das abobrinhas. Como não tinha costura para fazer, nem entrega aprazada, Ordália resolveu ir até Itaiporã para

encontrar-se com Carlinhos Português. Deixou a casa e as crianças aos cuidados de Benvinda, prometendo voltar logo. Sabia que Sabino também ficava olhando a casa. Foi a cavalo, sozinha. Só o que não gostaria era de se encontrar com Coutinho no patrimônio. Passou antes na casa de seus pais que estranharam um pouco a inusitada visita da filha numa manhã de meio de semana. Turmalina, um tanto preocupada, foi logo perguntando.

– Ué, filha. Que é que você veio fazer em Itaiporã tão cedo assim? Cadê o Coutinho?

– A bênção, mãe. Coutinho saiu antes e deve tá por aí. Eu vim porque tô tendo muita dor de cabeça e vou ver se o Carlinhos Português me recomenda algum chá de erva pra tomar. Mas é coisa à toa. Não se preocupe não, mãe.

Turmalina não se convenceu. O rosto de Ordália denunciava que havia alguma coisa no ar que ela não queria contar. Talvez uma encrenca mais séria com Coutinho, uma incomodação com as crianças ou outra coisa mais grave. Mera dor de cabeça, com certeza não era. Voltou a especular.

– Me diga uma coisa, fia. Sua cara não tá das melhores e eu não tô acreditando que seja só uma dorzinha de cabeça. Você não quer contar a verdade para sua mãe por quê?

– Não, mãe! Eu não tô escondendo nada. É só uma coisa estranha que está acontecendo lá em casa que está me deixando nervosa.

– Que coisa estranha é essa?

– Eu não sei bem, mãe! Uma hora eu vejo uma coisa de um jeito e daqui a pouco essa coisa tá de outro jeito. Eu não entendo como é que pode ser isso. Não quero que a senhora fique preocupada não. Isso vai passar.

– Olha lá, minha fia! Você não pode se descuidar da saúde, ainda tem filhos pra criar. Vai lá então, converse com o

Carlinhos Português, quem sabe ele não resolve isso pra você. Passe aqui na volta!

Ordália deixou a casa dos pais e seguiu a pé até a casa de Carlinhos, distante apenas duas quadras dali. O sensato português a recebeu no terraço, como era de seu costume e ouviu toda a história contada por Ordália, tim-tim por tim-tim. Desde a visita que fez à casa de Izabel, com a negativa de uma maçã pedida para o Tuta, até o apodrecimento e a reavivação das abobrinhas. Não se esqueceu de nenhum detalhe. Contou até que sentiu muita raiva da vizinha e que de certa forma havia jogado uma praga nela. Agora, estava com medo do que poderia pensar ou sentir sobre os outros que a magoassem. Não queria que fosse assim.

O velho imigrante da Ilha da Madeira meditou um pouco antes de confabular com Ordália. Depois, perguntou:

– A senhora tem certeza de que viu as abobrinhas apodrecidas, Dona Ordália?

– Não só eu, Seu Carlinhos. A Izabel também viu, tanto que ela foi embora na horinha, assustada como quê. Juro que não foi imaginação!

– Eu não estou duvidando da senhora, contemporizou Carlinhos. O que eu quero é ter certeza das coisas pra saber do que se trata. Nenhuma planta seca de repente e depois volta a ficar verdinha e sadia de novo. Isso não acontece, Dona Ordália!

– Pois foi isso o que aconteceu! Então o senhor não está acreditando em mim?

– Acreditar na sua estória eu acredito, só estou procurando achar um sentido para o que a senhora diz ter acontecido. Muita vez tudo não passa de imaginação, fazendo com que a pessoa veja o que deseja e não o que existe de verdade. A senhora não falou que jogou uma praga em Izabel, dizendo que um dia ela ia precisar da senhora?

– Foi.

– Então no fundo, no fundo a senhora quis devolver o desaforo que Izabel lhe fez ao negar uma maçã para o menino seu filho. Não foi?

– É. Acho que foi. Mas como é que eu posso murchar uma planta e depois fazer ela voltar a ser como era?

– Dona Ordália. Se isso de fato aconteceu eu posso dizer que foi a força de seu pensamento que provocou uma visão. Tanto na senhora como na Izabel. Ainda não se sabe até que ponto vai a força do pensamento de uma pessoa. Se diz que a fé remove montanhas, eu digo para a senhora que o pensamento também. Ele é capaz até de modificar as coisas. Isso não é doença, não, Dona Ordália. Tem gente com o pensamento tão forte que faz acontecer tudo aquilo que pensa. Principalmente quando foi ferida ou ficou magoada com alguém. Agora, não são todas as pessoas que tem esse poder. Umhas mais, outras menos. Depende.

– Depende do quê, Seu Carlinhos?

– Depende da força de pensamento que a pessoa tem. Não se trata de praga jogada que pegou. Se fosse assim o mundo tava de pernas pro ar. A senhora já imaginou? Todo mundo tem um ou outro desejo de vingança contra alguém que lhe tenha feito um mal. Se esse mal vem a acontecer não é a praga que pegou. É um acontecimento natural. É a vida que nos cobra o erro que cometemos. A senhora já ouviu dizer que tudo de errado que nós fazemos aqui na terra é aqui mesmo que nós pagamos? Pois então, quem faz um mal acaba recebendo um mal igual ou maior mais cedo ou mais tarde. Nem precisa vir da mesma pessoa que ele magoou. Vem de qualquer um. Assim é a vida, Dona Ordália. Não foi a senhora que se vingou de Izabel, foi a Izabel que pagou pela falta cometida contra seu filho. Tudo me parece normal.

– Até aí eu entendi, Seu Carlinhos! Mas o que é que aconteceu com as abobrinhas?

– Pode ter sido apenas uma imaginação muito forte que a senhora teve, tão forte que fez a Izabel ver a mesma coisa que a senhora via e sair assustada. Elas não voltaram a ficar verdinhas e novas outra vez? Pois, então! Decerto é que elas nunca chegaram a apodrecer nem a murchar. Foi só a força de pensamento da senhora que fez com que a Izabel enxergasse o que a senhora queria que ela enxergasse e que fosse embora com as mãos abanando. Só isso.

– Seu Carlinhos, eu sou católica, apostólica, romana e não tenho desejo de vingança contra ninguém. Às vezes eu falo só por falar: *Destá, um dia você me paga por isso*. Mas é só da boca pra fora. Não desejo mal a ninguém. O que me assusta é que quando falo ou penso uma coisa assim, o que eu falei ou pensei acaba acontecendo de verdade.

– Não é só porque a senhora desejou que aconteça uma coisa é que essa coisa vai acontecer. Eu já não disse pra senhora que quem faz o mal pra alguém acaba pagando pelo mal cometido, aqui mesmo na terra? Tenha a senhora desejado vingança, ou não. Repito que a vida é assim, Dona Ordália.

O assunto foi encerrado e Ordália se despediu retornando à casa dos pais, porém muito pouco confortada. Recusava-se a aceitar que o que ela tinha visto tinha sido apenas um produto de sua imaginação, por mais força que tivesse seu pensamento. Izabel tinha visto. Até as crianças também devem ter visto. Não se sabe. De modo que imaginou que a partir de hoje não devia jogar praga em mais ninguém.

– De repente pega e como é que eu fico?

Na casa dos pais, Turmalina foi logo perguntando.

– E então, fia? O que é que Carlinhos lhe falou?

– Ah, mãe! Ele disse que são coisas de minha imaginação e que eu não tenho nenhuma doença.

– Graças a Deus, fia! Então entra um pouco que seu pai tá lá na cozinha. Vem!

Ordália entrou para cumprimentar o pai, mas foi logo dizendo que queria voltar logo para não se encontrar com Coutinho, que nem sabia que ela tinha vindo para cá.

– Digo pra você, fia, que não deve sair sozinha por aí, sem seu marido saber. Pode acontecer alguma coisa e depois ele nem sabe onde você tá, recomendou Calimério.

– Ah, pai! Já sou grandinha e sei me cuidar muito bem sozinha. Não se preocupe não que eu já vou indo.

– Vai com Deus, minha fia, emendou Turmalina.

O cavalo de Ordália seguiu ao trote de volta para Inhaúma. A mulher de Coutinho, pensando no que Carlinhos Português lhe disse, passou a sentir medo do que viesse a dizer ou pensar daqui para a frente. Lembrou-se de Izabel e aceitou que ela tinha recebido uma paga pelo que fez ao Tuta. Mas não admitiu que tenha sido ela quem tinha cobrado essa paga, embora achasse que foi de bom tamanho o que Izabel pagou. Quem mandou negar só uma frutinha para uma criança?

– Ai, meu Deus! Não devo pensar assim!

BENVINDA

Coutinho não parava de sair cedo e só voltar a Inhaúma quando a tarde caía. Não dava a menor explicação sobre onde esteve ou sobre o que foi fazer. O distanciamento com Ordália era cada vez mais acentuado. Dormiam juntos, mas aquele amor de beira de rio era coisa de um longínquo passado que nunca mais veio a acontecer. Quando muito, conversavam sobre as travessuras dos meninos, a possibilidade de haver um casamento de Benvinda com o filho mais velho dos Pinhos, já que lhes parecia que a filha estava trocando olhares interesseiros com o moço Osmar, ou sobre coisas da casa e do dia a dia, nada de maior importância. Sobre negócios, como a preparação do roçado e a escolha do plantio, a compra e venda de garrotes, a contratação de colonos para a colheita do arroz ou do milho, a venda de capados ou a troca de um bem por objeto qualquer, tudo isso não era assunto a ser tratado com Ordália, porque a ela não dizia respeito. Quem mandava era o homem da casa. Seu dono e senhor. Sobre a vida pessoal de cada um, então, nem pensar! Coutinho jamais falou de si mesmo para Ordália, confidenciando o que sentia, o que fez ou o que gostaria de fazer. Também não especulava sobre a vida que a mulher estava levando, se ela estava contente, alegre, magoada ou triste, se faltava alguma coisa para ela ou se ela queria fazer isso ou aquilo. Era como se cada um vivesse sua vida, apartados, embora morassem e dormissem juntos. Da mesma maneira que Izidoro, seu velho pai, tratava Constância, sua mãe, Coutinho tratava Ordália. Não procurava

encrenca, nem a desrespeitava com gestos ou palavras. Mas, como o pai, era distante e indiferente. Não achava ser de sua obrigação ficar bajulando a mulher. Acreditava estar cumprindo com suas obrigações de modo que ela devia cumprir com as dela. Nada mais. Nunca perguntou se ela havia recebido visita ou se saiu para visitar alguém. Não soube mais nada a respeito das abobrinhas, nem voltou a perguntar. Apenas tocava sua vida de forma independente, o que desagradava Ordália, que se sentia sozinha criando os filhos. A máquina de costura era seu derivativo. Passava a maior parte do dia pedalando a velha Singer.

Benvinda, por ser a filha mais velha, era quem cuidava de fazer as refeições. Quase sempre incrementava o almoço com almeirão que Juvelina catava nos arredores ou com algumas folhas de couve que era cultivada desordenadamente no quintal dos fundos. Ovos eram quase diários, pois que abundantes. Carne, no mais das vezes, era de frango matado na hora, ou um lombo de porco, preparado e costurado pela mãe, mantido e conservado numa lata com banha. Ordália também preparava linguiças de porco que ficavam dependuradas acima do fogão a lenha para defumarem. Matado um porco, dele se aproveitava tudo. O que não servia para comer ia para um velho tacho de cobre para virar sabão. As tripas eram cuidadosamente tratadas, viradas ao avesso e muito bem lavadas para depois serem postas ao sol para secarem e ao final receberem o recheio de carne. Quem matava o porco era Coutinho, tarefa da qual se desincumbia com dor no coração. Só matava porque era preciso e porque era de sua obrigação, jamais se conformando em ter de cumpri-la. Não gostava de matar nenhum animal. Tinha dó e várias vezes o porco tardava para morrer embora tivesse recebido uma facada na altura do coração. Dizia-se que quando se tem dó o animal demora mais para morrer. Carne de vaca jamais era posta à mesa porque

Coutinho não comia. Ele sequer concordava em vender seus garrotes se antes soubesse que seriam destinados ao matadouro. Seu gado era de criação, não para o corte.

Benvinda tornara-se uma moça de boa figura, de pele clara e bem feita de corpo, embora um pouco baixa, puxada à mãe. Tinha um olhar sempre interrogativo e desperto. Era disposta para o trabalho da casa, obediente e muito responsável. Buscava aprender de tudo: costurar, bordar com bastidor, fazer crochê, cozinhar com bom tempero, arear os trens de cozinha, limpar e pôr ordem na casa. Sabia como só ela onde estava cada uma das coisas dentro de casa. Dividia seu quarto com Juvelina, mas seus pertences pessoais eram guardados como se fossem segredos, não permitindo que nenhuma das irmãs mexesse no que era seu. Num velho baú, acomodava seus bordados, toalhas com barras de crochê, tampeiros enfeitados com desenhos de aves, porta-escovas com inscrição, guardanapos de pano branco, fronhas e lençóis. Ia preparando seu enxoval. Um dia, quando se casasse, iria levá-lo. E ela já pensava nisso.

Raramente Benvinda expunha as peças guardadas no baú e quando isso acontecia provocava a natural curiosidade das irmãs e a alegria de Tuta, o irmão caçula, sempre ávido de ver novidades, fosse o que fosse. Isso se dava esporadicamente quando a família Coutinho recebia a visita de Honorinho Campanha, um mascate que percorria a região transportando no lombo de um burro uma grande e surrada mala cheia das mais imprevisíveis bugigangas para serem vendidas ou trocadas por outras, a gosto de seus fregueses. Dentro da mala que trazia havia de tudo. Desde pequenos objetos como materiais de costura, agulhas, retroses coloridos, dedais, bastidores e cordonê, até brinquedos para as crianças como bonecas de pano, apitos, matracas, ioiôs e carrinhos feitos de pau. Entre aqueles

e esses muitas peças de panos bordados como colchas, fronhas, lençóis e tampeiros, afora camisas, calças curtas para meninos e roupas íntimas para mulheres.

Honorinho era um homem de média estatura, alegre, falante e comunicativo como convinha a um bom mascate. Nunca deixava uma casa visitada sem vender alguma coisa ou sem efetuar troca de uma ou outra de suas mercadorias por objeto que os visitados julgavam inútil ou sem mais valor. Não enfeitava oferta de troca. De modo que sempre tinha ao dispor de interessados outros objetos que chegavam acomodados em um enorme saco de pano encardido, transportado na garupa do burro. Eram bules, xícaras avulsas, relógios antigos, vasos de louça, camafeus, correntinhas, bolsas, espelinhos, quadros de santos e medalhinhas. Quando dessas visitas Benvinda sempre exibia seus guardados, fosse para compará-los com os que eram trazidos por Honorinho, orgulhosa de suas confecções, fosse para discutir possível troca de algo que possuía em demasia por coisa nova de que ainda necessitava.

As crianças nunca ficavam sem um presente quando da visita do mascate Honorinho. Daí a festa que faziam por ocasião de sua chegada, com os olhinhos curiosos ansiando ver tudo de uma vez quando da abertura da mala. Os caminhõezi-nhos feitos de pau, com rodinhas bem torneadas, eram os brinquedos prediletos. Mas eram os mais caros. Tônico e Tuta ficavam apenas na vontade de tê-los, pois tinham que se contentar com os enjoativos apitos de plástico, as pequenas matracas ou os pouco duráveis ioiôs. Coisas mais baratas, compradas pelo pai.

Era Benvinda quem renovava seu enxoval a cada visita de Honorinho, sempre à base de trocas. Fosse porque possuía no baú algumas peças repetidas carinhosamente confeccionadas por ela, fosse porque Ordália não se recusava a atender seu

pedido de compra de coisa nova, conforme seu manifestado interesse. A mãe, discretamente, estimulava a filha mais velha para a composição de seu enxoval, sabedora de que mais cedo ou mais tarde ela arranjaría um namorado e passaria a pensar em casamento.

Quando chegou à casa de Coutinho, Honorinho nunca enjeitava o convite de Ordália para ficar para o almoço. E ele era um bom garfo. Sentado à mesa, arrodado pelos donos da casa e pelas meninas, não se avexava de ser sempre o primeiro a encher seu prato e a comer gulosamente enquanto contava causos por ele vividos em suas andanças. Falava com a boca cheia. Num desses dias após vê-lo repetir farto prato de arroz, feijão, mandioca e carne de frango, Ordália trouxe à mesa um pudim de leite que havia feito, mas no pouco tempo em que ela se afastou para apanhar pratinhos e colherinhas no guarda-louça da cozinha para servir essa sobremesa a todos, notou que sozinho e usando a colher grande Honorinho já havia devorado quase todo o pudim, direto da travessa e sem a menor cerimônia, deixando nela apenas um minúsculo pedaço. Ordália estancou admirada, com os pratinhos e as colherinhas na mão, só lhe restando estimular o visitante a comer o restinho que deixara.

– Come mais, Seu Honorinho!

O mascate foi rápido na resposta.

– Não! Obrigado! Eu gosto de doce, mas é pouco!

Ordália nunca se cansava de contar e recontar essa passagem toda vez que servia um pudim em casa. Rindo muito quando a repetia, cuidava apenas de omitir o nome do personagem se na casa estivessem presentes pessoas de fora da família.

A família dos Pinhos, cujas terras faziam divisa com o sítio de Inhaúma, era velha conhecida de Coutinho e Ordália. O patriarca Joaquim Pinho, chamado de Quinzinho por todos

que o conheciam, era um homem severo com os filhos, mas de uma bondade aparente no trato com as pessoas. Foi ele quem crismou Tuta passando a ser seu padrinho e, por conseguinte, compadre de Coutinho. Sua esposa, Dona Luzia, era uma criatura doce, pacienciosa e trabalhadeira, mantendo no rosto um sorriso permanente como se sempre estivesse de bem com a vida. Tinham cinco filhos, sendo uma de criação, adotada quando pequenina. Osmar era o filho mais velho, já chegado aos vinte anos, um pouco gago, mas de alegria contagiante, fazendo rápida amizade com todos com quem prolesse. Moço bonito e bem posto era o pretendido de muitas mocinhas de Itaiporã.

Coutinho bem cedo se apercebeu de que o filho de Quinzinho poderia ser um bom partido para uma de suas filhas. Já o tinha visto na lida e aprovava seu desempenho. Era um moço sacudido. De maneira que, sem provocar nem estimular, no íntimo ele torcia para que houvesse um casamento unindo as duas famílias. Pensava em Benvinda que era alguns meses mais velha que Osmar, mas achava que essa diferença não devia importar, nem para ela, nem para ele.

Ordália veio a ser a primeira a saber do interesse de Benvinda pelo filho dos Pinhos. Ainda que temerosa e inibida, numa manhã de fim do outono Benvinda procurou a mãe quando essa estava compenetrada em seu trabalho de costura na sala do meio e a surpreendeu com um pedido de conversa em particular. Ordália franziu o cenho, virando-se rápido como se houvesse sido perturbada pelo pedido. Não era dada a conceder permissão para conversas em particular com nenhuma de suas filhas. Virou a cabeça e fitou seriamente os olhos de Benvinda, já com um semblante de reprimenda, mas, ainda sem dizer se concedera ou não a permissão pedida, postou-se em silêncio disposta a ouvir a filha.

– Mãe, na semana passada eu encontrei o Osmar, filho do Seu Quinzinho, lá no patrimônio e proseei um pouco com ele no pátio da Igreja. Ele é um moço bom e o pai também gosta dele. Eu queria saber se a senhora permite que ele venha aqui em casa para conversar comigo de vez em quando.

Ordália, meio que atarantada, emudeceu por alguns segundos, mas não teve nenhuma reação adversa. Retirou lentamente os braços que ainda estavam estirados sobre os panos que costurava, levantou com a mão esquerda a sapatilha da máquina interrompendo o trabalho e virou-se na cadeira para ficar de frente para o lado em que estava a filha. Continuou a fitá-la com o mesmo olhar de reprimenda anterior. Pousou as mãos sobre os joelhos, moveu duas vezes a cabeça de um lado para o outro, inspirou longamente ao que fez seguir uma expiração forte e rápida, como se necessária para se recompor, e só então se dispôs a perguntar.

– Você tá querendo dizer que quer namorar o moço Osmar? É isso?

– Se a senhora permitir eu quero, balbuciou Benvinda, abaixando humildemente a cabeça.

Novamente Ordália respirou fundo. Tornou a levantar a cabeça como quem busca um pouco mais de ar e ao retomar a fala ela o fez de forma mais calma, agora cordata e respeitosa.

– Sabe de uma coisa, fia? Eu já sabia que mais dia menos dia você ia pedir permissão pra ter um namorado. Isso é natural na sua idade e faz parte da vida. Só que você me pegou desprevenida. Preciso antes falar com seu pai para dar essa permissão. Agora eu só posso dizer que como eu sei que o filho do Quinzinho é um moço de boa família, que nós conhecemos bem, que é educado e trabalhador, eu acho que seu pai não vai ser contra esse namoro, não! Deixa eu falar com ele primeiro e depois eu conto. Tá bom?

– Tá bom, mãe! Aquiesceu Benvinda, afastando-se e retornando para a cozinha.

Benvinda suspirou aliviada, pois antes chegara a temer que sua mãe viesse a se irritar ou se voltasse contra ela como se a confiança passasse a ser um mais um problema criado na vida da mãe. Chegara a pensar até que pudesse ser prometida uma surra ou um castigo pelo atrevimento. Por isso sua surpresa em face da atenção que recebera. Pela primeira vez sentiu-se como uma mulher adulta e respeitada, como há muito tempo esperava ser.

Ordália retomou seu trabalho, agora costurando também um monte de pensamentos em desarranjo que lhe vieram à cabeça. Como seria a conversa que logo à tarde teria que ter com Coutinho sobre o pedido de Benvinda; na falta que Benvinda iria fazer se ela realmente viesse a se casar, já que era quem até hoje se encarregava de cuidar de todos os afazeres domésticos; se não estaria errada em imaginar que o marido aprovaria a vontade da filha; no fato de que Juvelina não tinha a mesma disposição nem as mesmas qualidades da irmã mais velha; de que Ordalina era apenas uma adolescente e que Esmaíde ainda não passava de uma criança; nos dificultosos preparativos de uma festa de casamento, pois sempre achou que namoro bom é aquele que não se prolonga por muito tempo e que só o casamento é para o resto da vida; nas despesas que um casamento acarreta ao pai da noiva; no vestido de Benvinda; no preparativo de um almoço para dezenas de parentes e convidados e em tantas outras coisas.

Não fosse a habilidade que desenvolvera no comando da máquina, tornando a costura quase que um trabalho automático, fazendo o pano deslizar célere sob a sapatilha, Ordália não teria conseguido terminar o que começara a fazer. Por fim, supôs que, se aprovado o namoro, esse casamento poderia

e deveria ser realizado até o final do ano, na igreja de Itaiporã. Tudo isso lhe veio à mente antes mesmo de falar com Coutinho ou de ter o namoro aprovado.

Como de hábito Coutinho chegou ao final da tarde, indo direto para o mangueirão onde desarreou a mula Crioula e guardou os apetrechos no anexo ao paiol. O animal estava ofegante, todo suado, a demonstrar que tinha caminhado distância muito maior do que uma simples ida ao patrimônio de Itaiporã. Passou pela sala do meio em direção ao quarto sem dizer nenhuma palavra à mulher. Quando retornou indo para a cozinha Ordália o interpelou.

– Coutinho, careço de ter uma conversa com você. É sobre a Benvinda.

– Aconteceu alguma coisa com ela?

– Não! Não aconteceu nada. Mas precisamos conversar.

– Pois então desembuche. Qual é o assunto?

Ordália levantou-se da cadeira e seguiu Coutinho até a cozinha. Ali, estando ambos de pé, ela contou sobre o pedido de Benvinda, adiantando que por ela a permissão para o namoro podia ser dada porque já era hora da filha pensar em casamento e que o filho do Quinzinho não deixava de ser um bom partido.

Coutinho assossegou-se ao saber do que se tratava, mas não se pronunciou de pronto, procurando dar a impressão de que o assunto devesse carecer de ser mais bem pensado. Retirou da barrica uma caneca de água e a bebeu sem nenhuma pressa, como se ganhasse tempo para se pronunciar. Aproximou-se um pouco mais de Ordália, olhou bem de perto seu rosto ainda sem nenhuma marca do tempo e como se recordasse das tardes em que a juventude comandava os ímpetus de um casal de jovens às margens do Rio Caimbé, arrematou.

– É! Acho que chegou a vez deles.

– Como é que é, Coutinho? Questionou Ordália, querendo entender melhor.

Coutinho se aprumou como se fosse fazer um longo discurso. E foi exatamente o que ele fez. De uma forma pouco comum para quem não gostava de encompridar conversas.

– Escute aqui, Ordália. O tempo vai passando e a vida acaba fazendo com que as coisas aconteçam de novo do mesmo jeitinho que já aconteceu. Acho que chegou a hora da fia campear a vida dela escolhendo um moço para se casar e constituir família. Nós cumprimos nossa obrigação até hoje. Criamos os filhos do jeito que nós pudemos e achamos que era melhor, mas eles não pertencem a nós. Cada um deles acaba encontrando a hora de deixar a casa dos pais e de viver sua vida. O que nós não podemos é impedir que a vida seja como deve ser e como eles querem.

– Quer dizer que Benvinda tem sua permissão para namorar o filho do Quinzinho?

– Ara! Claro que tem! O moço é de família que eu conheço bem e sei que ele é sacudido no trabalho. Eu até que vinha torcendo para que houvesse uma aproximação com esse moço chamado Osmar. Compadre Quinzinho também vai tá de acordo. Posso até apostar!

De repente Coutinho pareceu se lembrar de alguma coisa importante e perguntou.

– Mas não era a Juvelina quem vinha proseando com esse moço Osmar?

Ordália não se incomodou com a pergunta. Pareceu até que nem quis considerar esse assunto. Simplesmente acrescentou.

– Ah, Coutinho! Nós tamos falando é da Benvinda. Foi ela que veio falar comigo. A Juvelina nunca tocou nesse assunto comigo.

A conversa terminou aí. No depois, com a ciência e o consentimento das duas famílias e nos tempos que se seguiram era comum Osmar visitar Benvinda na casa grande de Coutinho pelo menos uma vez por semana. Chegava um pouco ressabiado, cumprimentava a dona da casa e depois ficava proseando com Benvinda discretamente na varanda da frente da casa, cada um sentado numa cadeira separada, ainda assim sob a discreta e continuada vigilância da mãe Ordália ou de uma de suas irmãs a mando dessa. Havia sempre uma ou outra desculpa para que uma das irmãs fosse até o terraço e com isso fiscalizasse o comportamento do jovem casal. Coisa que nem era preciso, visto o recato de Benvinda e a educação do moço Osmar. Mas já era um namoro que por certo terminaria em casamento, pois nenhuma moça que se preze pode ter mais que um namorado. Casava-se com aquele que conheceu primeiro e que fosse do gosto dos pais. De maneira que Benvinda e Osmar estavam predestinados a se unirem em casamento, com a permissão e as bênçãos das duas famílias.

Por ser a mais velha das filhas de Ordália, era Benvinda quem se encarregava de cumprir um volume maior de obrigações em casa. Não só a preparação das refeições, ajuda na lavagem de roupas e na limpeza da casa, como também a de ser a pajem maior dos irmãos menores. Quanto mais Ordália cobrava seus serviços, mais ela sofria nas mãos da mãe se alguma coisa não fosse feita de acordo com o ordenado. Não sabia o que era uma palavra de carinho, um gesto de reconhecimento pelas boas coisas que fazia ou o menor agradecimento por trabalho realizado. Era tratada em casa muito mais como uma empregada do que uma filha. Isso sem contar com o fato de que levava surras descabidas e sem motivo a toda vez que Ordália se irritava por qualquer coisa, descarregando sua ira nas costas dos filhos com vara de marmelo ou com rabo-de-tatu.

A irritação de Ordália quase sempre advinha do ciúme e desconfiança de Coutinho, que continuava a sair sem dar explicação. Também por ser a mais velha era ela a responsável maior por tudo o que acontecia na casa, de modo que era a primeira a apanhar. Para Benvinda, o casamento poderia vir a ser a maneira de deixar a casa da mãe e poder viver uma vida diferente e melhor, quiçá com algum respeito pelo seu trabalho e com o carinho merecido por um membro de família.

De outro lado, Benvinda era muito bem tratada por Dona Luzia e seu marido Quinzinho toda vez que visitava a casa dos Pinhos, seus futuros sogros. O tratamento era bem diferente daquele que ela recebia de seus pais. Não havia indiferença do futuro sogro, nem agressividade gratuita da futura sogra. Os Pinhos constituíam uma família que vivia em permanente harmonia, respeitando-se uns aos outros, embora todos estivessem sob o severo comando e a rigorosa fiscalização e cobrança do patriarca Quinzinho. Em casa todos falavam baixo, qualquer que fosse o assunto ou a questão discutida. Osmar, Nestor e Josias, os filhos mais velhos, cultivavam cada qual um pedaço de terra repartida de acordo com a determinação do pai. O dinheiro que provinha das colheitas do cultivo era todo entregue nas mãos do patriarca, que zelava pelas economias da família com punhos de ferro. O que retornava às mãos dos filhos eram pequenas quantias, insuficientes até mesmo para as necessidades pessoais de moços que gostavam de frequentar festas ou já pensavam em arranjar namorada. Nenhum deles se atrevia a contrariar ou contestar qualquer ato, vontade ou ordenamento do pai. Quando muito se acercava da mãe com um cuidadoso e segredo pedido para que essa intercedesse junto ao pai para conseguir obter algum dinheirinho a mais para comprar o que fosse de precisão. Nenhum deles era dado ao menor vício. Não bebiam, não

fumavam, não jogavam baralho, nem ficavam à toa com prosas moles nas rodas de desocupados à porta de venda.

Conforme percebido por Coutinho, Benvinda não foi a primeira a ter uma aproximação com ares de interesse em Osmar. Antes disso havia sido Juvelina quem por algumas vezes mantivera discretas prosas com esse moço em encontros casuais nas festas de igreja. Mas nunca havia comentado nada com os pais. Osmar era mais velho que Juvelina e alguns meses mais novo que Benvinda. Juvelina jamais chegou a demonstrar que estivesse alimentando qualquer progresso na iniciada relação de amizade, embora fosse de reconhecer que Osmar estivesse campeando uma moça para se casar. Tanto que nunca disse à mãe nem a ninguém que pretendia namorar o moço. Já o namoro de Benvinda com Osmar não teve nada de accidental. Primeiro foi a própria Juvelina quem comentou com a irmã que era ela quem devia namorar o filho de Seu Quinzinho, pois sabia que se tratava de um bom moço que o pai já conhecia e a quem queria bem. Benvinda escutou e achou que até que podia ser, mas não ficou sem dizer que melhor seria se ele fosse um pouco mais velho que ela. Osmar tinha apenas vinte anos. Benvinda guardou para si a ideia do namoro sem descartá-la de todo. Segundo, porque Benvinda logo viria a se encontrar bem de perto com Osmar.

O primeiro encontro dos dois aconteceu numa tarde de sol quente, mês de abril de 1948, quando Benvinda caminhava pela estradinha que levava a Itaiporã, acompanhada de sua irmã Ordalina e de uma de suas primas, de nome Zoraide. Pararam junto à porteira do sítio de Seu Quinzinho e descansavam à sombra de uma paineira, enquanto esperavam por Mariana, irmã de Osmar, com quem elas haviam combinado de irem juntas até o patrimônio. Osmar arava a terra bem ao lado da cerca que margeava a estradinha. Segurou as rédeas do

burro, debruçou-se sobre os cabos do arado e iniciou uma prosa sem se dirigir em especial a nenhuma das três moças. Informado de que elas iam esperar por Mariana, disse que sua irmã viria logo porque sabia que estava sendo esperada ali pelas amigas. Zoraide, a mais tagarela, foi quem prosseguiu a conversa. Comentou que estavam indo visitar Tia Natália e iam se encontrar com Ana Rosa, filha do Seu Tobias, uma antiga amiga de escola, e depois com Marinalva, outra sapeca colega de classe, filha de Dona Biloca. Era uma visita de reencontro. Benvinda não falou. Ficou apenas observando aquele moço de rosto bonito, bigodinho bem aparado, porte atlético, braços fortes, exibindo a camisa um pouco aberta no peito, molhada de suor pelo trabalho duro. Zoraide falou que o dia estava muito quente para esse começo de outono e que ainda bem que estavam protegidas pela sombra da paineira. Nesse dedo de prosa Osmar informou que estava preparando a terra para o plantio de milho, faça chuva ou faça sol. Benvinda permanecia calada.

Com a chegada de Mariana e ao se despedirem, Benvinda trocou um demorado olhar com Osmar. Esse olhar foi como se falassem com a alma. Houve nele um algo a mais. Era como se Benvinda e Osmar se encontrassem, se atraíssem e se sentissem unidos na profundidade daquele olhar. Como se estivessem bem pertinho um do outro, embora entre eles houvesse uma distância de três ou quatro braços. Benvinda se sentiu penetrada pelo olhar profundo que Osmar manteve fixado nela. Osmar não conseguiu desviar os olhos de Benvinda, nem se desvencilhar do cândido olhar que o hipnotizava. Era como se os olhos dissessem que aquele momento era o indicativo ou o marco inicial de uma vida na qual ambos deveriam se pertencer. Ainda que fosse só para que um ficasse olhando para o outro.

Foi assim que se deu o primeiro encontro dos dois sem que nem Benvinda, nem Osmar sequer pudessem imaginar que naquele instante ímpar de olhares cruzados estava sendo iniciado um namoro que iria perdurar por pouco mais de seis meses, mas que resultaria num casamento que duraria por 45 anos, até que a trágica morte de Osmar os separasse.

Dali até o patrimônio, Benvinda caminhou cabisbaixa, deixando que livres pensamentos íntimos a dominassem, calando fundo no peito que nem a troca de olhares que manteve com Osmar. Ordalina, Zoraide e Mariana seguiam se rindo de tudo o que falavam. Coisas à toa, sem nenhuma importância. Coisas típicas de mocinhas que já se achavam amadurecidas o bastante. Nem se deram conta de que, na curta caminhada até Itaiporã, Benvinda tinha se mantido ensimesmada sem dizer uma só palavra. As risadas soltas e o alarido aumentaram quando a elas vieram se juntar Ana Rosa e Marinalva, na casa de Tia Natália.

Dali seguiram todas para o largo da igreja, onde passaram a desfilar de braços dados sob os olhares de homens desocupados, parados à frente da venda de Seu Duílio. Às vezes zombeteiros, às vezes silenciosos, admirando a beleza de uma ou de outra. As comadres, sempre à busca de assuntos novos para mexerica com as vizinhas, debruçavam-se na meia-folha da porta da rua de suas casas, observando curiosas o passeio das seis mocinhas pelo pátio da igreja, num dia que não era domingo, nem dia de missa, nem de festa.

Benvinda, recomposta de seus devaneios, deixou-se enturmar agora também com as companhias de Ana Rosa e Marinalva, antigas colegas de classe da escola mista de Itaiporã. Relembrou engraçados feitos e fatos passados na escolinha. Riam a mais não poder quando se lembravam dos pitos recebidos de Dona Julieta, uma mirrada professorinha

que durante o recreio fumava cigarros da marca Fulgor, pensando que fazia isso às escondidas das crianças. Falaram dos castigos impostos, como as palmatórias que lhes deixavam doídas as mãos. Da suspensão do recreio quando ocorria uma indisciplina coletiva, ou falta grave sem definição do autor. De ter que ficar de castigo junto à parede da frente da sala, de costas para a classe, com um dos dedos da mão direita dentro de um círculo feito com giz na parede, quase sempre a obrigar os castigados a terem que ficar na ponta dos pés para alcançá-lo. Dos pedidos para ir à privada, uma pequena casinha que ficava do lado de fora, muita vez tendo como mera finalidade a de deixar a sala por algum tempo. Lembraram-se das brincadeiras de roda. Da ciranda, do passa-anel, do lenço-que-corra e da cobra-cega. As cantigas populares que jamais lhe saíram da memória. Zoraide se pavoneou ao lembrar e recontar sobre o cavalete de pau que sustentava gravuras que serviam de tema para que os alunos compusessem descrições. Ordalina aduziu que todo caderno novo tinha um cheiro especial, agradável, manuseado com todo cuidado e delicado zelo pelo menos enquanto estava novo.

Todas se lembraram do uso da primeira caneta cuja pena deveria ser introduzida num potinho de tinta adaptado na parte superior direita da carteira. Havia o indispensável mata-borrão. Amargaram as lembranças das aulas de aritmética, cujos problemas tinham que ter suas elaborações divididas e assinadas em partes distintas. Primeiro a obrigatória indicação das operações que deveriam ser realizadas. Depois a solução com a feitura das contas antes indicadas e, por fim, a resposta, recitando o resultado obtido. Ausente ou incorreta qualquer uma dessas partes, a questão era considerada incompleta e a nota seria rebaixada, ainda que estivessem certas as demais partes, como a indicação e a solução.

Depois de um tempo e de muitos risos, as seis amigas pararam sob a sombra de uma árvore, na frente da igreja, sentando-se num banco de cimento, castigado pelo tempo, no qual quatro delas se acomodaram. No banco havia uma inscrição indicando ter sido doado ao patrimônio pelas Casas Pernambucanas. Mariana e Zoraide ficaram de pé, mas sem se afastarem das demais. Bem juntinhas não cessaram de cochiçar sobre suas lembranças. Ordalina, a mais nova de todas, mais ouvia do que falava. O assunto derivou para os meninos da sala. Quais os que eram mais bonitos, quais os que mais lhes despertavam admiração ou quais os que lhes provocavam aversão. Toninho Pereira, da região do Ribeirão das Onças, que em todos os anos sempre se sentou na primeira carteira do centro da sala, ficando bem à frente do quadro-negro e o mais próximo possível da professora, era o aluno mais aplicado e quem obtinha as melhores notas. Mas nunca chegou a ser o xodó das meninas. Todas concordaram que ele era um menino exibido, querendo ser sempre mais e melhor do que os outros. Faltavam-lhe humildade e simpatia. Já Ademarzinho era o mais brincalhão, cheio de patacoadas, enturmando-se facilmente e preferindo estar com as meninas a brincar de jogo com bola ou construir esconderijo com os demais moleques na mata rala que circundava a escola. Com um sorriso permanente no rosto e tendo respostas rápidas à menor provocação, Ademarzinho parecia estar sempre em paz com o mundo à sua volta. Era inventivo e atraente, o que sempre lhe garantia a companhia de admiradoras. Nunca foi um dos primeiros em termos de notas escolares, lugar até então assegurado por Toninho Pereira. Era mais comum vê-lo posto de castigo, esticando-se todo para manter o dedo no centro da bolinha desenhada com giz na parede. Mas tudo levava a crer que Ademarzinho era um dos poucos de quem se podia prever

que seria um homem de melhor futuro. Zoraide confidenciou que apesar dos poucos aninhos que tinha àquela época já sentia certa queda por Ademarzinho, a ponto de enciumar-se e ficar acabrunhada num canto quando percebia que outras meninas dele se acercavam dominando sua atenção.

Vendo que era contínuo o recatado comportamento das moças, discretamente acomodadas no banco do largo da igreja, as comadres, antes ávidas de colher novidades para fuxicarem com vizinhas, não tiveram outra coisa a fazer a não ser se recolherem, não mais se debruçando na parte inferior da dividida folha de porta da rua.

Osmar ficara no sítio ainda se sentindo fulminado pelo olhar de Benvinda. Isso não saía de sua cabeça, por mais que procurasse pensar em outra coisa. Completou o iniciado carreador revolvendo a terra com o arado e não mais se dispôs a iniciar um novo ou a prosseguir com o serviço. Desatrelou o burro, puxou-o até o mangueirão e o soltou para o pasto. O pai havia de compreender. Faltava pouco para terminar a preparação do terreno da gleba que lhe fora destinada.

Para sua estranheza Dona Luzia observou que Osmar fora banhar-se com inusitada pressa, vestiu uma camisa axadrezada de bom feitio, uma alinhada calça feita sob medida e limpou bem as botinas antes de calçá-las. Ao sair limitou-se a dizer à mãe que estava indo para o patrimônio, sem mais nenhum dizer. No caminho seu pensamento era um só. Tinha que rever Benvinda! Seguiu pensando naquele olhar sobre o qual ainda não tinha conseguido explicação devida. Sentiu que através dele houve uma espécie de encontro, capaz de enredá-lo e de prendê-lo. Era como se fosse um achado de coisa muito importante sobre o que ainda não atinava ser. Não foi dita uma só palavra entre eles, mas Osmar sentiu que naquela troca de olhares foram faladas coisas sobre a vida e até mesmo

sobre seu futuro, tudo assim num de repente que não dava para entender nem explicar. Era só nisso que ele pensava. Caminhou ofegante em direção ao patrimônio com a certeza de que reencontraria Benvinda. Chegou a passar pela cabeça que naquele olhar não havia nada de timidez. Admitiu até um certo atrevimento. Quem sabe? Para Osmar fora um olhar agudo, direto, sem rodeios nem esquivas. Tanto que dele não conseguiu escapar, tendo que sustentá-lo por alongados segundos. Porém, convenceu-se de que ele não continha nenhuma perceptível malícia. O olhar era doce, cândido, quase inocente. Penetrante, tocou no fundo de seu ser, deixando uma sensação que ele ainda não havia experimentado. Não foi apenas o fato de ter sido atraído por aquele olhar. Depois dele, sentiu estar preso a ele. Obcecado. Queria olhar de novo nos olhos de Benvinda. Aproximar-se dela. Era isso que o levava ao patrimônio, latejante de vontade e necessidade de rever Benvinda.

Em Itaiporã Osmar endereçou-se direto para o largo da igreja. Ali era um lugar de encontro e em torno do qual a vida do patrimônio borbulhava. O que dizer a Benvinda quando dela se aproximasse? Temia não conseguir articular nenhuma palavra porque nervoso como estava era bem provável que sua gagueira aumentasse. De longe avistou sua irmã Mariana e Zoraide, ambas de pé à frente de um banco onde estavam sentadas as outras quatro moças. Uma delas deve ser Benvinda. Impulsionado por uma vontade irresistível, Osmar caminhou até lá e passou frente a elas como se isso fosse ocasional e não premeditado. Mariana, notando o alinhamento da roupa que o irmão trajava, interpelou-o na passagem.

– Ué, Osmar! Já terminou o serviço? Onde é que você vai assim tão bem vestido?

Osmar não deu a menor atenção ao que a irmã lhe perguntou. Contudo, gostou de ser interpelado porque esse foi

um bom motivo para que ele parasse à frente do banco e pudesse voltar a estar frente a frente com Benvinda. Respirou fundo, pensou no que ia dizer, como se fizesse um ensaio para não gaguejar, e respondeu.

– Te-terminei. Só-só estou querendo pa-passear um pouco e con-conversar com alguém.

Osmar sentiu-se feliz por ter concluído uma frase sem muito gaguejo. Mas seu nervoso continuava. Olhou para Benvinda e notou que o tempo todo ela o fitava com o mesmo olhar que antes o atingira. Com a cabeça um pouco baixa, sem esconder certa timidez. Osmar sentiu que lhe faltava o ar. Inspirou fundo e ensaiou em pensamento uma nova frase.

– Vo-vocês já es-estão indo embora?

– Já, meu irmão. Zoraide não pode chegar tarde em casa. E olha que pode vir chuva por aí. Você vai ficar aqui?

Dessa vez Osmar nem ensaiou o que dizer. Precisava ser rápido para não perder a ocasião.

– Não, mas eu gos-gostaria de levar uma prosa com a Benvinda se ela pe-permitir.

Todas se voltaram para Benvinda ao mesmo tempo e depois se entreolharam curiosas e interrogativas. Benvinda percebeu que ficara um pouco envergonhada. Abaixou mais a cabeça por alguns segundos e quando voltou a olhar fundo nos olhos de Osmar ela o fez do mesmo jeito que olhou para ele lá na porteira do sítio de Seu Quinzinho. Era um claro sinal de que a permissão fora concedida. Fez-se um silêncio bocejante até que Ordalina se levantou e sem nenhuma cerimônia, com clara intenção de deixar Benvinda e Osmar a sós, chamou Mariana, Zoraide, Ana Rosa e Marinalva para dar mais uma volta em torno do largo da Igreja.

Osmar não se sentou ao lado de Benvinda. Nem se atreveria a essa intimidade. Ficou de pé à frente do banco, olhando

em seus olhos do jeito que passara a gostar de fazer. O tempo não reclamou palavras. Havia o que falar, mas nenhum dos dois sentiu que fosse preciso. O cair da tarde convidava à reflexão. Benvinda e Osmar permaneciam frente a frente naquele pátio. Apenas se entreolhando. O sentimento de ambos era de que aquele era um encontro de almas e que estavam juntos sem carecer de nenhuma fala.

Mesmo temendo constrangê-lo, mas já tendo certeza do que é que acontecia, Benvinda resolveu perguntar.

– O que é que você quer prosear comigo?

De repente o mundo todo parece ter se alterado. A tarde se coloriu com a luz do sol poente e uma leve brisa acariciou os cabelos de Benvinda. Osmar, ainda silencioso, continuou a olhar Benvinda, agora como se ela já fosse sua amada. As comadres mexeriqueiras retornaram às portas das salas de suas casas, passando a olhar sorrateiramente para o banco da praça onde ficara o casal. Os desocupados e cachaceiros começaram a deixar as proximidades da venda de Seu Duílio. Zoraide, Mariana, Ana Rosa e Marinalva caminhavam em torno da praça da igreja, sem desgrudarem os olhos do banco onde Benvinda ficara. O momento era como se fosse o de um novo tempo, de uma nova vida, com a felicidade arrodando as pessoas, ternura nos olhares e cânticos de pássaros anunciando um romântico fim de tarde. Osmar se agigantou e até esqueceu que poderia gaguejar. Discursou sem nenhum ensaio.

– Tô olhando pa-para você e acho que encontrei uma com-companheira. Quero p-prosear outras vezes e se for preciso eu pe-peço licença a seu pai para ir até sua casa para na-namorar. Tenho pouca coisa hoje, mas sou ca-capaz de fazer boa casa para a gente viver. Sei labutar na roça e construir um futuro para nós dois. Isso se vo-você também qui-quiser.

– Você veio atrás de mim para dizer isso?

– E po-por qual outra coisa haverá de ser? Desde a hora em que eu te vi na p-porteira só-só pensei nisso. Achei até que não ia ter co-coragem de falar o que eu falei. Mas tive. Isso é um bom sinal. Po-podemos namorar?

Benvinda suspirou fundo. Pela primeira vez fora pedida em namoro e sabia que se os pais aprovassem ia terminar em casamento. Não tirava os olhos de Osmar. Nem sabia se naquele momento teria força para se levantar dali, ficar de pé e caminhar ao encontro das companheiras. Preferiu continuar sentada.

– Eu aceito seu pedido, mas antes preciso falar com a mãe e o pai. Você conhece eles. Eles te conhecem e gostam de você. Seus pais são vizinhos, conhecidos e amigos de meus pais há muito tempo. Eles crismaram meu irmão caçula. São compadres. Deixa eu falar com eles antes.

Osmar aquiesceu sem dizer mais nenhuma palavra. Apenas acenou com a cabeça indicando que concordava e que iria esperar por isso. Tinha feito o que queria fazer. Tinha dito o que queria dizer. Havia encontrado quem queria encontrar. Agora podia voltar para casa e esperar pelo próximo encontro com Benvinda. Estava leve e feliz.

Foi esse o encontro e foi essa a conversa que uma semana depois Benvinda relatou a sua mãe de uma forma bem resumida. Seu pedido para que Osmar frequentasse sua casa e mantivesse com ela um namoro acabou sendo prontamente aprovado por Coutinho e Ordália e no depois pelos compadres Quinzinho e Dona Luzia, os pais de Osmar.

O casamento de Benvinda foi marcado para o dia 20 de novembro de 1948, um sábado. A cerimônia seria realizada na igreja de Itaiporã e o casamento ia ser celebrado por Padre Miguel, um sacerdote autoritário, bravo e sem meias palavras quando queria chamar a atenção ou admoestar fiéis. Punha o

dedo em riste apontando um pecador e não se acautelava que a reprimenda fosse em público. Era muito diferente do meigo Padre Agostinho a quem ele havia substituído há já um bom tempo nos ofícios religiosos em Itaiporã.

ADELAIDE

Não era de costume Coutinho aprontar-se para sair no meio da tarde. Isso se dava sempre pela manhã, com retorno horas depois do almoço. Mas naquela tarde de julho, tendo ficado em casa durante toda a manhã, estranhamente ele se recolheu ao quarto, cuidou de lustrar a bota, tomar um banho, fazer a barba, vestir seu culote novo, bem ajeitar sua guaiaca e chapéu, indo depois arrear com muito zelo a mula Crioula, fazendo questão de apetrechá-la com os peitorais de argolas douradas e a badana de couro de camurça sobre o pelego vermelho. Alguma coisa dizia para Ordália que a saída do marido a essa hora do dia devia ter destino incomum ou finalidade especial. Passou a espíá-lo disfarçadamente, desde quando ele se barbeava, percebendo que houve demorada escolha da melhor camisa. Teve a certeza de que Coutinho devia estar se preparando para algum encontro que devesse merecer inusitados preparativos. Tudo isso escapava de sua rotina costumeira. Sair de manhã e voltar à tarde eram coisas comuns, mas sair à tarde com possível pouso fora de casa era o que Ordália ainda não tinha visto.

Coutinho não se apercebeu de que Ordália vigiava seus atos e passos desde que ele começou a se aprontar. Da janela de seu quarto ela observou quando ele apanhou a raspadeira, raspou bem o pelo da mula antes de arreá-la, quando colocou o freio mantendo o bridão e quando ajeitou sua capa de feltro acomodando-a na garupa. Tudo lhe parecia indicar

que Coutinho se preparava para uma ausência demorada. Observou que o marido se apressou em tomar a estradinha que leva a Itaiporã, tocando o animal ao trote como se tivesse hora para chegar a algum lugar.

Dirigindo-se para o terraço da sala, Ordália acompanhou com olhar aguçado e atento o distanciar do marido até que não mais pudesse avistá-lo na estrada, depois escondida sob as árvores que a margeavam. Permaneceu ali se remoendo de raiva e encabulação por um bom tempo. Sentiu que alguma coisa estava para acontecer e seu pressentimento era de que essa coisa não era nada boa. Há tempos Ordália vinha se ressentindo das continuadas e furtivas saídas do marido sem nenhuma explicação sobre onde ia ou para fazer o quê. Portanto já não eram mais sem razão as suspeitas de que Coutinho estivesse mantendo um caso do outro lado da cerca. Só faltava comprovar. Imaginou que seria desastroso descobrir a infidelidade do marido logo agora que a família se preparava para o casamento de Benvinda. Lembrando-se disso, chegou a desejar que não fosse verdade nada do que estava cismando. Mas dessa vez ela estava disposta a pôr as coisas em pratos limpos. A saída no meio da tarde, assim a troco de nada, deixava algo de muito estranho no ar. Não a abalava a hipótese da comprovação de que o marido a estava traindo. Disso há muito tempo suspeitava. O que mais a incomodava era como seria sua reação quando essa comprovação se desse. Raivosa, estava convencida de que não deixaria o caso sem dura resposta. Mas que reação seria essa se seu sangue fervesse nas veias e sua vontade fosse a de se vingar severamente de quem lhe fez mal? Lançaria sobre Coutinho uma praga com toda a força de seus pensamentos, a ponto de sujeitá-lo à sua vontade? Deixaria que a própria vida cobrasse dele a paga por seu desvario, como profetizava Carlinhos Português?

Ordália continuou estática, apoiada no gradil do terraço da sala, com o olhar perdido na estradinha agora vazia de passante. Manteve-se assim por mais um tempo enquanto rumina especulações. Concluiu que estava sendo posta à prova e que não iria fugir da raia. Aconteça o que acontecer. Não havia dado nenhum motivo para o comportamento do marido. Não achava justo o alheamento e a indiferença com que Coutinho a tratava, como se fosse ela apenas a mulher encarregada de cuidar da casa e dos filhos, assistindo no dia a dia a liberdade desregrada de quem jurou viver junto dela pelo resto da vida. A família havia de merecer maior atenção. Ela própria merecia maior respeito.

Ordália preparava-se para entrar quando outro inusitado fato chamou sua atenção. Ainda no terraço, viu que da estradinha que levava a Santo Antão, vindo da região dos Caetanos e tendo passado em frente à casa de Genésio e Tina, surgiu um cavaleiro tomando o rumo de Itaiporã, também a passo apressado. Fixando bem os olhos Ordália pode ver e reconhecer que não se tratava de um homem a cavalo. Cavalgando sozinha, era Adelaide, a esposa de um pequeno sitiante que criava cabras a cerca de um quarto de légua depois do sítio dos Caetanos.

Adelaide era uma mulher exuberante e fogosa. Sempre usando vestido de cores berrantes, com generoso decote a mostrar metade de seus seios fartos, o que despertava cobiça nos homens que dela se acercavam. Ordália a conhecia de vista, pois ela era frequentadora assídua dos bailes na casa grande dos Venerandos ou das festas de santos promovidas na região. Comparecia sempre desacompanhada do marido, um homenzinho atarracado que preferia ficar em casa a sair acompanhando a mulher. Formavam um casal ridículo. Ela exibida, espaçosa e chamativa. Ele raquíto, tímido e insignificante.

Nos bailes, Adelaide dançava primeiro com outras mulheres porque não tinha par, mas nunca ficava sem receber convites para uma dança, vindo esses de um ou de outro dos maridos presentes. Provocava justificada ciúmeira nas respectivas esposas. Não se importava de ser alvo de olhares reprovativos das mulheres casadas enquanto rodopiava pelo salão com seu sorriso largo, grudadinha nos maridos das outras. Jamais chegou a provocar escândalo ou a criar encrenca nas festas que ia, mas nunca ganhou a afeição das outras esposas a ponto de com elas ter intimidades. Havia um senão que as distanciava. Enquanto Adelaide dançava era seguida pelos olhos vigilantes das mulheres casadas e delas provocava cochichos reprovativos pouco disfarçados.

Ordália viveu um momento de ódio. Na hora ligou uma coisa à outra e de repente concluiu que a saída de Coutinho e Adelaide no mesmo horário e ambos com um cavalgar apressado não era uma simples coincidência. Tem coisa aí, disse a si mesma.

Era quase quatro horas da tarde. Ordália teve um repente e resolveu ir atrás. Chamou Sabino e mandou que arreasse depressa seu cavalo, que ela ia sair. Recomendou a Benvinda que cuidasse da casa, aprontasse a janta e verificasse se as portas e janelas estavam bem fechadas quando fossem dormir. Avisou que iria demorar para voltar. Benvinda deixou-se aperceber de que a mãe estava transtornada e calou-se obediente. Com os olhos apequenados por indisfarçável ira, Ordália foi até o quarto, trocou de roupa e cuidadosamente acomodou no sutiã a navalha que Coutinho usava para se barbear. Nem mesmo ela supunha o que iria fazer, nem o que estava para acontecer, embora estivesse disposta a tudo. Cavalgou a trote até Itaiporã.

Nas cercanias do patrimônio, Ordália teve um motivo a mais para comprovar sua suspeita. No sítio de Eliodoro, que à

direita margeava a estrada, viu a mula Crioula solta, pastando desarreada junto à cerca. Decerto que Coutinho a deixara ali, quem sabe para tomar outro rumo por outros meios. E só tinha um: a jardineira de Seu Valentim. Seguiu direto para o armazém de Tertuliano onde a jardineira fazia ponto e pegava passageiros com destino a Cruz das Almas. Seu Valentim fazia duas viagens por dia. Pela manhã saindo de Itaiporã às oito horas e à tarde com saída às dezesseis. Como já era passado dessa hora a jardineira já tinha partido e nela com certeza deviam estar Coutinho e Adelaide.

Ordália mais que enfureceu. Puxou o freio do cavalo com agressividade e retornou para o sítio de Eliodoro na entrada do patrimônio. Apeou de forma estabana e de longe chamou por Natália. Da cozinha a irmã se apressou para chegar ao portão, assustada com a intrepidez de Ordália. Havia recebido Coutinho há menos de meia hora, pedindo para deixar a mula no pasto e dizendo que tinha que pegar a jardineira para ir até Cruz das Almas. Agora chega Ordália, com pressa semelhante.

– Meu Deus do céu! O que é que está acontecendo Ordália?

– Eu preciso deixar meu cavalo aqui por um tempo, Natália. Nem me pergunte por quê!

– Mas me conta antes aonde é que você vai assim tão nervosa?

– Vou atrás do Coutinho. Ele está aprontando comigo e eu vou dar um jeito nisso.

Ordália entregou as rédeas do cavalo nas mãos de Natália e saiu sem acrescentar mais nenhuma palavra. A irmã ficou pasmada sem saber o que dizer ou fazer. Pensou que devia falar com Eliodoro ou com os pais. Como Eliodoro estava na roça achou melhor caminhar até a casa dos pais, deixando o

cavalo com o filho Zé Carlos para que esse o desarreasse e o soltasse no pasto.

Em casa, Calimério viu Natália chegar como se ela tivesse visto uma assombração. Alguma coisa séria tinha acontecido, de modo que foi logo perguntando.

– Que é que houve, fia? Por que essa cara assustada?

– Ai, meu pai. É a Ordália que tá nervosa com alguma coisa. Ela largou o cavalo lá em casa e não sei para onde foi nem para onde vai. Só disse que ia atrás do Coutinho.

– Mas atrás do Coutinho por quê? Pra onde ele foi?

– Sei lá, meu pai. O Coutinho também largou a mula lá em casa. Um pouco antes de Ordália. Disse que ia pegar a jardineira do Valentim.

– E como é que a Ordália vai atrás se hoje não tem mais condução?

– Isso eu não sei, pai. E é isso que me preocupa. Ela saiu muito nervosa e disse que ia atrás porque o Coutinho estava aprontando com ela. Acho bom alguém ir atrás dela antes que ela faça alguma besteira.

Calimério andava com dificuldade. O peso da idade já não lhe permitia fazer caminhadas rápidas. De modo que chamou Dorival, seu filho mais moço, e ordenou que ele fosse procurar a irmã pelo patrimônio. Ordália não foi encontrada por Dorival. Antes, ela havia procurado Seu Domingos, o dono do açougue e único morador da região que possuía um Ford “bigode”. Pediu a Domingos que a conduzisse até Cruz das Almas onde devia consultar um médico. Justificou dizendo que como havia perdido a jardineira e como se tratava de uma questão de urgência carecia muito desse favor. Domingos, o cordato açougueiro, amigo antigo dos pais de Ordália, acreditou no que ouviu e prontificou-se a levá-la até a cidade. Saíram em menos de um quarto de hora e tomaram a estrada em

direção a Cruz das Almas. Viajavam em velocidade reduzida, face às limitações mecânicas do velho carro.

No caminho Seu Domingos quis demonstrar preocupação com a saúde de Ordália.

– Mas o que é que a senhora tem para essa urgência de procurar um médico, Dona Ordália?

Ordália sempre dizia que uma mentira puxa outra e que quem mente acaba tendo que inventar novas mentiras para sustentar a primeira e ser acreditada. De modo que não se intimidou com a pergunta.

– Não é nada grave não, Seu Domingos, mas é que eu tô com muita dor nas tripas. Tá coçando muito e doendo tudo aqui dentro. Se eu não tomar um remédio certo não vai dar nem pra continuar trabalhando. Vou procurar o Doutor Veras, completou.

– É um bom médico esse Doutor Veras. Minha mulher já foi curada por ele quando sofreu de dores nos rins. A senhora vai ser bem tratada, isso eu garanto.

Seguiu-se um silêncio, sem que nenhum dos dois puxasse novo assunto até chegarem a Cruz das Almas. Lá Seu Domingos seguiu direto para a casa do Doutor Veras onde Ordália desembarcou, embora não fosse esse o endereço ao qual se destinava. Agradeceu o favor e se despediu de Seu Domingos.

– Ora Dona Ordália, estou sempre às ordens quando a senhora precisar. Estimo melhoras. Não quer que eu espere aqui para a senhora voltar comigo?

Ordália recusou a oferta e agradeceu uma vez mais, contando uma nova mentira. Disse que depois da consulta ia visitar uma amiga na cidade e que só iria voltar amanhã cedo na jardineira do Seu Valentim. Sendo assim nada restou a Domingos a não ser retomar o caminho de volta a Itaiporã, sem

questionar mais nada. Não pensou que fosse coisa diferente do que Ordália lhe contou.

Ordália esperou que o carro de Domingos se afastasse para só depois deixar o endereço do Doutor Veras. A noite começava a cair. Ela saiu à procura de Coutinho e já tinha uma ideia precisa de onde é que ele deveria estar. Nas várias vezes que havia pousado em Cruz das Almas, na companhia do marido, ela se hospedara na Pensão São Paulo, um velho casarão de oito quartos situado na rua do meio, bem conhecida dos viajantes que frequentavam a região. Caminhou com a certeza de que Coutinho estaria lá acompanhado da sirigaita Adelaide.

Na portaria da pensão, um jovem de plantão a recebeu sem reconhecê-la. Melhor assim, pensou Ordália. Poderia perguntar se Coutinho e esposa estavam hospedados ali, sem levantar qualquer suspeita. O jovem porteiro não se acautelou ao prestar informações. Não conhecia Coutinho nem sabia que a verdadeira esposa dele era a mulher que estava à sua frente. Ordália esperou pela resposta.

– Dona, eu não conheço o senhor Coutinho nem a mulher dele. Só sei é que há uma meia hora atrás, mais ou menos, chegou aqui um casal que está no quarto número cinco, no meio do corredor. A mulher é uma...

– Senhora alta, bonita, trajando um vestido estampado de vermelho? Completou Ordália.

– É parecido com isso, Dona!

– Ela é minha amiga. Posso bater na porta do quarto? Preciso ter uma palavrinha com ela, mentiu.

– Claro que sim, Dona. Eu acompanho a senhora.

– Não carece não. Eu vou ter um particular com ela.

Ordália avançou alguns passos pelo corredor da pensão apalmando o seio onde guardava a navalha. Parou por

segundos como se devesse ensaiar o encontro e prosseguiu até o quarto número cinco. Antes de bater auscultou a porta procurando ouvir ruídos. Não ouviu nenhum som vindo de dentro do quarto. Bateu na porta por três vezes com os punhos cerrados. Perdurou um instante de silêncio angustiante para a filha de Calimério. Ordália tornou a bater, agora com mais força. Um ódio mortal fazia com que seu corpo se enrijecesse e seu rosto se contraísse em espasmos. Por fim, a porta foi sendo aberta bem devagarinho, deixando uma pequena fresta pela qual Ordália pode ver só a cara desenxabida de Adelaide que a segurava por dentro.

O susto da fogosa Adelaide foi tanto que ela amarelou e não conteve um grito enquanto tentava fechar a porta empurrando-a com o peso de seu corpo.

– É tua mulher!

Ao ouvir isso Coutinho se aparvalhou. Correu a recolher suas roupas e botas, tudo espalhado pelo chão, e mesmo de cueca saltou pela janela do quarto caindo num terreno baldio que dava para os fundos de uma igreja de protestantes. Bem que já era noitinha, pois isso lhe permitiu vestir-se naquele terreno e recompor-se sem ser visto, antes de alcançar a rua lateral e escapulir-se dali.

Na pensão, Ordália havia empurrado a porta e conseguido entrar no quarto número cinco. Seu ódio e fúria lhe deram forças superiores às de sua rival, que tentara impedir sua entrada. Avistou Adelaide vestida apenas com peças íntimas, mas não teve tempo de ver Coutinho, que já fugira pela janela. Para Ordália era mais do que certo que ele estivera ali. Adelaide quis se explicar dizendo não saber o porquê daquela invasão e de que não queria ter nenhuma encrenca com Ordália. Porém, no chão ao lado da cama foi esquecida a guaiaca de Coutinho, logo avistada e reconhecida por Ordália. Não havia

mais dúvidas. Ordália tirou do sutiã a navalha que portava e avançou sobre Adelaide, que gritou pelo amor de Deus e implorou por clemência. Ordália estava transtornada e furiosa. Deu um forte empurrão em Adelaide, que caiu de costas sobre a cama, e encavalou-se sobre ela empunhando na mão direita a navalha aberta. Encostou o lado do corte na garganta da sirigaita, sem impor pressão suficiente para degolá-la, mas não sem lhe causar um pequeno risco de ferimento donde brotou um fino fio de sangue. Adelaide clamava em pranto.

– Dona Ordália, pelo amor de Deus não faça essa loucura. Coutinho não está mais aqui e eu peço perdão à senhora.

– Sua vagabunda, lazarenta. Agora você virou coitadinha e tá boazinha como um anjo, né? Mas antes quis mentir pra mim. Se eu te pegar de novo se arrodeando de meu marido fica sabendo que aí eu corto mesmo esse seu pescoço e vou ficar espiando essa safada se estrebuchar até morrer. Você não merece piedade nenhuma. Você não presta, vaca sem vergonha!

– Foi Coutinho que chamou e me trouxe aqui. Não tenho culpa. Pelo amor de Deus, Dona Ordália. Tenho filhos pra criar.

– Ah, é? Agora a culpa é do Coutinho, hein? Pode deixar que com ele eu me entendo depois. Agora o que eu quero mesmo é ver se você consegue ser exibida e fogosa tendo uma navalha no pescoço!

Adelaide não retinha o pranto, nem parava de implorar. Impassível aos clamores, Ordália se mantinha em cima dela segurando a ameaçadora navalha encostada em seu pescoço. O sangue já manchava as mãos de Ordália, que tinha acomodado os joelhos sobre cada um dos braços de Adelaide e continuava a ameaçar. Ao depois ordenou:

– Agora você vai sair daqui e voltar para seu rancho imundo, sua cadela. E não vai sair nunca mais de lá para se

esfregar nos maridos das outras. Da próxima você não me escapa. Tá ouvindo?

Ordália recuou e se pôs de pé à frente da cama. Adelaide suspirou fundo e mesmo aliviada não conseguiu balbuciar nenhuma palavra. Olhou para Ordália como quem acabara de ganhar uma nova vida e como se sua benfeitora fosse exatamente quem quase a matou. Suava frio e estava ofegante. Seu coração entrara em disparada como se quisesse sair pela boca. Assim que julgou permitido, levantou-se e apanhou uma pequena toalha para limpar o fio de sangue que escorria em seu pescoço.

Ordália fechou e guardou a navalha no sutiã. Aprontando-se para deixar o quarto deu um último aviso.

– Preste bem atenção, sua vagabunda. Não dê nenhum pio sobre nada do que aconteceu aqui, senão eu volto e acabo com tua raça. Entendeu bem?

Adelaide apenas conseguiu sinalizar com a cabeça que havia entendido. Continuava aterrorizada e totalmente submissa, sem nenhuma condição de contrariar Ordália em nada. A única coisa que queria era sair viva daquele quarto. A mulher de Coutinho deixou a pensão passando pela portaria sem olhar nem se despedir do jovem porteiro. Ele olhou ressabiado para Ordália, estranhando a pressa com que ela saía. Em toda a pensão pairava silêncio. Mesmo assim o jovem porteiro foi se certificar de que tudo estava bem no quarto número cinco. Bateu na porta com leveza e perguntou.

– Tá tudo bem aí?

De dentro do quarto ouviu-se uma voz de mulher.

– Tá tudo bem! Já vou sair.

O jovem porteiro retornou à portaria acomodando-se numa envelhecida cadeira atrás de um balcão. Nem dois minutos se passaram e apareceu Adelaide com seu vestido

estampado de vermelho, seu decote extravagante e um lenço azul enrolado no pescoço. Não se esquivou de parar na portaria, embora não conseguisse disfarçar que estava visivelmente assustada. Manteve o corpo um pouco de lado à frente do porteiro, buscando evitar que ele pudesse ver o ferimento em seu pescoço protegido pelo lenço azul.

– Meu marido está dormindo e eu vou sair um pouco. Se ele deixar a pensão antes de eu voltar ele paga a conta. Boa noite.

O jovem porteiro de nada desconfiou. Não era raro suceder coisa semelhante, embora tivesse achado um pouco estranho uma esposa hospedar-se com o marido e depois deixar a pensão sozinha em tão pouco tempo, e logo após ter recebido a visita de outra mulher. Pela cara assustada da hóspede podia até imaginar ter havido uma briga entre elas. Vá lá se saber! Mas concordou com o fato.

– Pode deixar, Dona! Boa noite.

A essa hora, Ordália já estava longe dali. Resolvera ir até a casa da amiga Joanita e sua filha solteirona, com as quais mantinha confidencial amizade. Elas moravam nos arrabaldes de Cruz das Almas e como era comum frequentarem a casa de Ordália, pousando lá por vários dias, não seria demasiado pedir um pouso na casa delas até amanhã de manhã. Foi o que fez, mentindo uma vez mais que tinha ido ter uma consulta com o Doutor Veras. No dia seguinte, Ordália acordou cedo e saiu em direção ao Bar do Antoninho, na rua do meio, ponto de partida da jardineira de Valentim que faria a primeira viagem do dia, com destino a Itaiporã. Teve o cuidado de ficar espiando à distância para ver se por acaso Coutinho não resolvera também tomar a condução nesse mesmo horário. Não queria, de jeito nenhum, viajar junto com o marido. Aguardou sorrateiramente até que todos os passageiros estivessem

embarcados para só então aparecer. Foi a última a entrar na jardineira. Coutinho não estava ali.

Na noite anterior, depois de escapulir da pensão, Coutinho procurou pousada em outro lugar. Hospedou-se no chamado Grande Hotel de Cruz das Almas, um dos mais antigos e já degradados logradouros da cidade, situado a poucas quadras da Pensão São Paulo. Nem podia lhe passar pela cabeça qualquer tentativa de retornar à pensão ou de procurar por Adelaide. Só lhe restava dormir após a escapulida. Isso não foi fácil. Não conseguia nem imaginar o que podia ter acontecido no quarto da pensão. Se Ordália havia ou não agredido Adelaide. Se essa ia continuar pernoitando lá, ou se já tinha saído. Se Ordália ia passar a noite em algum outro lugar, na casa de alguém que ele não conhecia, ou se teria voltado a Itaiporã da mesma maneira que veio.

Antes de dormir, Coutinho matutou sobre o ocorrido e ficou pensando como seria o retorno à sua casa em Inhaúma depois disso tudo. Enervou-se quando se deu conta de que tinha esquecido a guaiaca no quarto da pensão. Se Ordália a viu ela tinha uma prova de sua traição. Sendo assim ele imaginou que a reação de Ordália só podia ser violenta porque conhecia muito bem o gênio raivoso da mulher que tinha. Imaginou uma agressão sem limites quando chegasse em casa. Supôs que se Ordália pernoitasse na cidade por certo iria tomar a jardineira de Valentim que saía às sete horas da manhã com destino a Itaiporã. De modo que desde logo descartou fazer o mesmo. Iria na partida da tarde. E agora, fazer o quê? Melhor dormir e deixar para pensar amanhã.

Como planejado, no dia seguinte Coutinho permaneceu em Cruz das Almas até bem mais tarde. Só retornou às quinze horas, quando Valentim fez a segunda viagem do dia até Itaiporã. Ordália já devia estar em casa, pensou. Durante

a viagem de volta, com duração de cerca de quarenta minutos, Coutinho repassou na memória todos os fatos que antecederam o lastimável ocorrido. Lembrou que fazia já um bom tempo que Adelaide vinha se engraçando para seu lado e ele não tinha mais como enjeitar. Chegou a pensar em ter um encontro com ela pela manhã, mas isso ficava difícil. Em Itaiporã não tinha aonde ir e pela manhã não havia horário adequado para tomar condução até Cruz das Almas. Só dava para viajar à tarde.

Foi o que fez. Nunca imaginou que Ordália pudesse chegar a tempo e os pegasse no pulo. Não havia mais condução para que ela fosse até a cidade naquele mesmo dia. Sequer pôde imaginar como é que ela veio. Agora não tinha mais conserto. É só esperar para ver no que vai dar!

Ordália retornou à casa de Natália quando já era por volta das oito horas da manhã. Foi buscar seu cavalo. A irmã mais velha a recebeu no portão, nervosa e ansiosa por saber o que é que tinha acontecido.

– Ai, Ordália. Tá todo mundo preocupado com você. Conta pra mim onde é que teve e o que foi que aconteceu!

Ordália economizou palavras. Disse apenas que não tinha acontecido nada, mas que Coutinho nunca mais ia ter coragem de cometer traição com nenhuma outra vagabunda. Natália assustou-se ainda mais.

– Meu Deus do céu, minha irmã! Conta essa estória direito. O que é que você fez?

– Eu ainda fiz pouco, mas vou fazer mais. O Coutinho tava lá em Cruz das Almas, na cama com aquela sirigaita da Adelaide. Você conhece. Eu peguei os dois no ato e nela eu já dei um jeito.

– Nossa Senhora d’Aparecida, Ordália. O que é que você fez com ela?

– Nada, não. Só dei um susto nela. Aquela vagabunda nunca mais vai arrastar as asas pro lado de meu marido.

– O pai quer falar com você. Todo mundo te procurou ontem e não te acharam. Vamos lá pra casa do pai?

Ordália se recusou. Preocupava-se com os filhos deixados aos cuidados de Benvinda e não estava habituada a ficar fora de casa por tanto tempo.

– Não vou não, Natália. Fala pro pai que está tudo bem e que eu já tô indo pra casa. Manda o Zé Carlos pegar meu cavalo.

Natália sabia que não adiantava insistir. Ordália estava decidida a ir embora já. Pensou que mais tarde ela podia ir até a casa do pai e contar tudo o que veio a saber. Agora deixa como está. Recebeu das mãos do sobrinho o cavalo arreado e sem principiar nem espichar mais nenhuma conversa trotou rumo a Inhaúma.

Lá pelas quatro horas da tarde desse mesmo dia foi a vez de Coutinho chegar ao sítio de Eliodoro. Natália ainda nem tinha ido até a casa do pai. Foi melhor assim, ela pensou. Agora vai saber das coisas pelo lado de Coutinho. Recebeu o cunhado no portão e foi logo especulando.

– Ué, Coutinho. Você demorou pra voltar. Onde é que você teve?

Antes de receber resposta virou-se para o filho Zé Carlos e ordenou que fosse pegar a mula Crioula e aprontá-la para o tio. Depois fitou o cunhado e percebeu que ele parecia agitado e mal dormido. Seu semblante denotava mais preocupação do que cansaço. Natália sabia que havia motivo bastante para isso.

– Ah! Fui fazer umas coisas lá em Cruz das Almas. Você viu se a Ordália passou por aqui?

– Passou. Logo cedinho. Ela pegou o cavalo e voltou pra casa. Que é que houve com vocês dois, que cada um vai

para um lado e depois chega em hora diferente? É alguma coisa que eu não posso saber?

Houve certa malícia na segunda pergunta de Natália. A Coutinho ela deu a impressão de que perguntava sobre o que já sabia. O filho de Izidoro se encabulou. Estava à frente da mulher que um dia pretendeu que fosse sua esposa. Que lastimara não ter sido com ela que houvesse se casado. Que continuava bonita como sempre, com seus cabelos longos e lisos. Era a cunhada com quem hoje se dava muito bem e que estava bem casada com Eliodoro. Passados mais de vinte anos, agora, bem de repente, ele vivia o constrangimento de ter que se explicar perante Natália, sobre coisa que decerto ela já sabia. Ordália deve ter contado tudo, modo de que chegou antes! O que é que eu vou dizer? Que tudo o dito por Ordália não passa de imaginação? Que nada do que ela disse é verdade? Que ela não me viu naquele quarto de pensão e que é mentira que eu estive lá? Mas, e a guaiaca que eu esqueci? Ela viu ou não viu? Como é que eu vou explicar isso? Não tem jeito. Eu preciso escapar dessa!

– Escuta Natália! Você me desculpe, mas agora não é hora de explicar nada. Preciso ir pra casa que eu tenho umas coisas pra fazer lá. Obrigado por dar pasto para a Crioula. Inté.

Enquanto Coutinho se afastava, Natália permaneceu parada junto ao portão. O que ela veio a saber foi só o que Ordália lhe havia contado e, de tudo o que podia ter acontecido, o que a irmã lhe contou ainda era muito pouco. Quem sabe o pai não conversa com ela para que ela explique o caso tim-tim por tim-tim?

Coutinho tomou o rumo de casa sem apressar a montaria. Queria ter o maior tempo possível para pensar como devia ser sua chegada em casa e qual poderia ser a reação de Ordália.

Esse tempo, contudo, era cada vez menor. E não havia caminho de volta. Tinha que enfrentar Ordália. Reconheceu que fazia tempo que ele vinha tratando a mulher com frieza e indiferença. Saía demais. Deixava Ordália sozinha em casa e quando voltava não lhe dava nenhuma explicação. Nem ela pedia. Agora terá que se explicar e convencê-la de que essa tinha sido a primeira e única vez em que ele fazia coisa errada. E realmente era. Mas como é que ela vai acreditar nisso? Hoje ela tem motivo e razão de sobra para não acreditar.

Não mais havia entre eles aquele amor acalorado de antes. Seu convívio era uma rotina insossa. Quando praticavam sexo era produto do acaso, impulso natural, noturno, pela necessidade da carne. Sem paixão nem entrega. Nem dele, nem dela. Coisa apenas animal, com intervalos cada vez mais prolongados. Ordália não o procurava na cama. Ele também não tinha vontade consciente de aconchegar-se. Tudo acontecia meio sem querer, naturalmente, e só de vez em quando no meio da noite. Não se falavam antes e não tinham nenhuma prosa no depois. Era um ato acidental, com meio e fim. Sem começo, nem preparativos ou preliminares, às vezes provocado por um sonho erótico que o estimulava. E agora, como é que vai ser?

Pensou em Adelaide, com seu sangue quente, com brilho nos olhos e ansiosa por sexo, atropelando o macho. Onde será que está? Ela não teria que se explicar a ninguém. Seu maridinho encardido e fraco não lhe cobraria nada. Mesmo que soubesse. E tudo diz que ele sempre soube que ela vem lhe pondo cornos na testa. Uma vez mais, uma vez menos, para ele não deve fazer diferença. Mas com Ordália é outra coisa. Era honesta e de bons costumes. Suportava as ausências não justificadas sem perguntar onde fui ou o que é que fiz! Amargou calada todo esse tempo! Como é que ela vai

acreditar que essa foi a primeira vez em mais de vinte anos de casados?

Ao chegar em casa, Ordália encontrou tudo em ordem. Pela manhã Sabino havia recolhido as vacas na mangueira para a ordenha diária, levado os tambores de leite que já se viam junto à porteira e os meninos já tinham ido para a escola como sempre faziam pela manhã. Benvinda tinha varrido a casa, arrumado bem arrumadinhas as camas e começava o preparo do almoço. Sabino estava alimentando os porcos depois de ter varrido o quintal e pegado alguns ovos dos jacás. Juvelina e Ordalina cuidavam de ajuntar as roupas sujas e de levá-las até junto ao poço para serem lavadas. Esmáide, menina ainda nos seus doze anos, estava no quarto brincando com sua boneca de pano.

A chegada de Ordália alvoroçou a casa. Todos se assustaram com o jeito agitado e agressivo com que ela chegou. Passou pela cozinha sem nem falar com Benvinda. Armou-se com sua tesoura de costura e foi direto para o quarto. Abriu o guarda-roupa, jogou no chão tudo o que era de Coutinho e começou a picar todas as peças de roupas que ele mantinha guardadas. Um culote novo, duas calças de casimira, três de brim, várias camisas de mangas compridas, um colete, alguns pares de cuecas brancas, meias, lenços e um paletó de linho bege. Cortou duas cintas, um chapéu de palha, arrebentou um suspensório, picou a bota ainda nova e fez em pedaços uma das botinas que eram de uso diário de Coutinho. Descarregava todo seu ódio no ato de destruir. Arremessou contra o assoalho um relógio de bolso prateado que o marido estimava, pisoteando sobre ele até que virasse cacos. Ainda não satisfeita juntou tudo e levou o monte para o quintal da cozinha embebendo-o com querosene e nele ateando fogo. As filhas e Sabino assistiam a tudo, assustados e impotentes. Só Esmáide chorava.

– Tão olhando o que? Vão já cuidar de suas coisas. Não quero ninguém em roda de mim, muito menos chorando, esbravejou Ordália.

As filhas se arredaram. Cada uma para seu canto. Esmáide foi chorar sozinha no quarto. Sabino deu no pé.

Depois Ordália foi para a máquina de costura e se aquietou. Seu rosto estava circunspecto, com contrações involuntárias nos músculos da face. Seus olhos se amiadaram e seu semblante indicava furor íntimo ainda pronto para explodir. Separou uns retalhos, porém o fez sem nenhum critério, pois nem sabia o que costurar. Refugiava-se sentada à frente da máquina como se ali pudesse sentir-se sossegada. Lembrou-se da saracoteira Adelaide, o que lhe aumentou o ódio. Essa vaca nunca mais fica perto de mim, gabou-se. Agora é esperar por Coutinho que deve chegar com cara lambida, feito cachorrinho, dando uma de inocente! Ah, mas ele vai ver só com quantos paus se faz uma canoa! Destá!

Uma chuvinha fina veio junto com o cair da tarde. Apanhou Coutinho no meio da estrada, obrigando-o a retirar a capa da garupa da mula para se abrigar. Voltou a pensar em como estaria Ordália àquela hora. Estava receoso e confuso. Ainda não decidira o que dizer quando do encontro com a mulher. Sabe-se lá o que ela vai fazer! Tudo depende! Quem sabe um pedido de perdão, seguido de boa conversa? Afinal, não era o primeiro marido a cometer traição, nem será o último. O pior é que nem deu tempo de meter na Adelaide!

Encharcado pela chuva, Coutinho abriu lentamente a porteira do sítio de Inhaúma e quando ele a soltou o barulho da batida no mourão denunciou sua chegada. Lá de dentro da casa Ordália passou a observá-lo. Saiu e ficou de pé, estática junto à porta da sala. Coutinho a viu, e mesmo de longe sentiu seu olhar sedento de vingança, pronto para o ataque, como se fosse o

de uma cobra armando o bote. Havia ódio no ar. Presentiu que a guerra ia começar agora e não tinha mais como demudar. Iria travar a primeira e principal batalha. Seja lá o que Deus quiser!

Como de costume, entrou pelo mangueirão para desarrear a mula. Apeou, soltou a barrigueira do arreio e cuidou de guardar os apetrechos da montaria no quartinho junto ao paiol, tudo sem demonstrar nenhuma pressa. Vontade mesmo era a de não chegar. Deu um tapa na garupa da mula, que saiu andando pelo mangueirão, e discretamente espiou a casa para ver se nela ou nas redondezas tinha alguma coisa de estranho. Não viu as meninas no quintal, nem avistou Ordália dali. Estranhou ao se deparar com um monte de cinzas perto da escada da área da cozinha e mais se enervou quando se deu conta de que naquele monte ainda fumegavam alguns pedaços da botina e da bota que eram suas. Caminhou lentamente e subiu a escada pisando leve e com cara de desenxabido. O silêncio era como se não houvesse ninguém em casa. Atravessou a cozinha e se dirigiu ao quarto. Ali topou com Ordália sentada na beira da cama como se o estivesse esperando há tempo. Dirigia-lhe um olhar fulminante. Parecia estar armada até os dentes, com cutelo, foice e bacamarte nas mãos. Foi o segundo susto que a mulher lhe dava nas últimas vinte e quatro horas. Coutinho estancou à frente da esposa. Titubeou, mas achou ser melhor ele próprio dar início a uma conversa, antes que Ordália o fizesse.

– Ordália, nós dois carecemos conversar.

Ordália não moveu um músculo nem desviou seu olhar. Continuou a fitar o marido com o cenho carregado e os olhos apequenados que nem uma onça a preparar o ataque a uma presa. Não respondeu. Parecia dar tempo para que Coutinho prosseguisse com sua fala.

– Escuta Ordália. Eu sei que fiz uma besteira das grossas e estou disposto a me penitenciar. Sei que você não merece isso, mas nós ainda temos filhos para criar. De modo que acho bom ter uma conversa sem ódio nem agressão. Eu careço de explicar as coisas. Senão tudo só pode piorar. Se for preciso e se você quiser eu falo até com seu pai e me entendo com ele.

Ordália continuou impassível, sem deixar de mirar o homem à sua frente, com raiva no olhar. De repente disparou.

– Cadê a guaiaca, seu lazarento?

Coutinho amarelou. Era isso o que ele mais temia. Sabia que tinha esquecido no quarto da pensão. Só não sabia se Ordália a tinha visto lá. Precisava contornar a questão.

– Perdi e nem sei aonde. Por que é que você pergunta?

– Você está pensando que eu sou besta, Coutinho? Então eu não sei que você tava naquele quarto de pensão com a vagabunda da Adelaide? Que você pulou a janela e fugiu que nem uma raposa velha quando eu cheguei lá? Que você esqueceu a guaiaca no chão do quarto? E agora você vem com essa cara lambida de sem vergonha e ainda tem coragem de chegar com essa prosa mole de que tem filhos pra criar? Fazendo pose de coitadinho e de inocente bem na minha cara? Você não tem coisa melhor pra dizer, não? Vamos lá! Desembuche, como você mesmo costuma falar.

Coutinho se estatelou. Não conseguiu dizer mais nada. Nem adiantaria. Ficou abestalhado na frente de Ordália, esperando o próximo ataque.

– Aqui nesse quarto você não dorme mais. Até porque eu não tolero homem que anda com roupa suja. E nessa casa você não tem mais roupa pra trocar. Vai lá na imundice do rancho de Adelaide e pergunta pra ela se ela deixa você dormir lá. Quem sabe ela não arranja uma troca de roupa pra você? Roubada daquele sujeitinho nanico que é marido dela. Vai lá! Aqui

você não dorme mais. Pega sua trouxa e cai fora! Eu cuido sozinha das crianças. Não preciso mais de você pra nada!

Com rápida espiadela Coutinho pode ver que no guarda-roupa, ainda com uma de suas portas abertas, não havia nada do que era seu. Decerto Ordália havia queimado tudo. Não tinha nenhuma trouxa para levar. Sentiu que não adiantava teimar por uma reconciliação. Evitando olhar nos olhos de Ordália, que faiscavam como se fossem de uma fera, saiu da mesma forma como entrou. Ordália permaneceu sentada na beira da cama sem acompanhar com os olhos a saída do marido. Coutinho retornou ao mangueirão, tornou a arrear a mula Crioula e saiu com destino a Santo Antônio, ainda sob uma chuva fina e fria. Chegou à casa do velho pai quando já era de noite.

No casarão dos Coutos ninguém esperava por visita a essa hora. O velho Izidoro já tinha ido para o quarto e se preparava para dormir. Constância estava na cozinha pondo um pouco de água para ferver numa pequenina panela. Ia fazer um chá de ervas. Esse tempo que alternava dia de sol quente com queda de chuva fria havia lhe trazido um resfriado. Quando os cachorros latiram acusando a presença de visitante, foi ela que saiu à porta e a primeira a ver Coutinho chegar. Estranhou o inusitado da visita.

– Ué, meu filho! Que coisa estranha! O que é que aconteceu pra você chegar aqui a essa hora? Sai dessa chuva e entra logo pra dentro!

A voz de Constância soava meio que embargada. Fosse pelo resfriado, fosse pela surpresa da chegada do filho. Seu coração disparou e sentiu forte pressão no peito. Temeu estar por receber má notícia, pela hora e pelo jeito que Coutinho chegou. Não devia ser coisa boa. Recebeu cumprimento do filho, ainda na escadinha do terraço da sala.

– Bença, mãe.

– Deus te abençoe, meu filho. Me diga o que foi que aconteceu! Houve alguma coisa de ruim para você estar aqui a essa hora? Ordália tá bem?

– Tá, mãe! Tá todo mundo bem. Eu vim porque tive uma briguinha com Ordália e preciso ficar fora de casa por alguns dias. Posso dormir aqui?

– Santa Maria, meu filho. Mas nessa idade? Que é que houve pra vocês brigarem a ponto de você ter de sair de casa?

Coutinho não se apressou em responder. Caminharam até a cozinha e ele percebeu que a mãe estava com dificuldade para andar. Estava arqueada e seus passos eram inseguros. Segurou seu braço esquerdo e a ajudou a se sentar numa das cadeiras da cozinha. Pensou como o tempo é implacável e como a vida destrói as pessoas. A mãe sempre fora uma mulher sacudida, disposta até para apartar e ordenhar as vacas sob qualquer condição, de sol ou de chuva. Galopava pela invernojada, dominava vaca arisca que ameaçava lhe dar coices quando recolhida no mangueirão. Era ela mesma quem mataba capado e fazia todo o resto sozinha. Só de inchaço nas pernas é que reclamava de vez em quando. Agora ele estava vendo a mãe precisando de ajuda até para andar. Era triste vê-la assim, tão acabada, entrada nos seus 63 anos.

– Cadê o pai, mãe?

– Tá no quarto. Vai lá chamar ele.

Coutinho foi até o quarto e encontrou Izidoro deitado, com a violinha acomodada em seu peito. Estava dormindo. O filho mais velho deu um leve cutucão em seu corpo e Izidoro reagiu na horinha. Arregalou os olhos meio que esbranquiçados pela catarata que neles se espriava e sentou-se depressa na cama, deixando cair de lado a violinha de estimação.

– Ara! Que é que tá havendo aqui?

– Sou eu, pai! O Aristeu.

Izidoro olhou detidamente na direção do homem que estava a sua frente e, por segundos, pareceu que nem mais o reconhecia. Deu uma ou duas piscadelas, olhou para a violinha caída ao lado da cama, cuidou de encostá-la de pé na parede e, reconhecendo Coutinho, perguntou.

– Que é que você está fazendo aqui, Aristeu?

– Vim prosear um pouco com o pai!

– Sobre que assunto? Interpelou o velho patriarca dos Coutos, demonstrando que ainda não perdera a austeridade de seu comando.

– Coisas lá de casa, pai. Tive uma briguinha com Ordália e preciso dormir aqui em casa por uns dias, até que tudo se ajeite por lá. Se é que o pai permite, né?

– Ara! Então vamos pra cozinha. Constância deve tá lá e nós proseia junto.

Izidoro calçou suas velhas botinas e se dirigiu para a cozinha, andando à frente de Coutinho. Caminhava bem, apesar do enorme peso de setenta anos nas costas. Depois de se acomodar ao lado dos pais, Coutinho principiou por relatar o motivo de sua inesperada visita.

– Pai, eu não quero trazer nenhuma pensão maior pra vocês, não! Nem quero causar incômodo aqui em casa. Mas é que eu fiz uma besteira e a Ordália brigou feio comigo. Picou e queimou todas as minhas coisas e me deixou só com a roupa do corpo. Depois disse que era para mim sair de casa que lá eu não podia mais dormir.

– Ara! Mas que besteira foi essa que você fez? Interrogou Izidoro.

– Uma coisinha de nada, pai. Foi uma mulher lá das bandas dos Caetanos que se engraçou comigo. Aí eu acabei indo com ela e a Ordália ficou sabendo. Só isso.

– E você acha que isso é só isso? Bota um par de cornos na testa da mulher e depois diz que foi uma coisinha de nada?

Izidoro se amargou desde o começo da conversa. Era casado há quase cinquenta anos com Constância e, a despeito de algumas brigas que tiveram ao longo de todo esse tempo, nenhuma delas teve como motivo uma traição descoberta por qualquer das partes. Sempre achou que quando um ou outro se dispõe a fazer uma coisa errada, essa coisa tem que ser bem feita, de modo que a outra parte nunca possa vir a saber. Em sua opinião Aristeu tinha errado duas vezes. Primeiro por ter traído a mulher. Segundo por tê-la deixado saber.

– Prossiga, Aristeu!

– Pois é, pai, ela não me quer em casa. Queimou toda minha roupa e disse para mim sair. Eu sei que ela tem razão e até já pedi desculpa, mas ela tá muito brava. Acho que eu preciso de um tempo.

Constância que até então só olhava para Coutinho, ouvindo aquietada na cadeira, resolveu entrar na conversa, ainda que um pouco temerosa de emitir opinião. Estava fanhosa por causa do resfriado e falava com a boca mole de sempre, deixando que a língua ultrapassasse os dentes da frente. Calmamente argumentou.

– Sabe o que eu acho? Acho que isso não é coisa do outro mundo pra dizer que é o fim do casamento. Errar um dia todo mundo erra. Atire a primeira pedra quem nunca errou na vida. Agora, o que é preciso mesmo é saber perdoar, desde que quem errou prometa não repetir o erro.

– Não tô dizendo que é o fim, Constância, contra-argumentou Izidoro. Eu tô dizendo que é preciso ter calma para tratar do assunto. Aristeu disse que precisa de um tempo e nisso eu acho que ele tá certo. O tempo é o melhor remédio

pra muita coisa. Deixa a Ordália ficar sozinha por uns dias lá em Inhaúma. Devagar ela esfria a cabeça. Depois ele volta e daí dá para conversar. O que eu acho mesmo é que é melhor que cada fique separado no seu canto. Aristeu pode ficar aqui em casa por uns dias e depois as coisas vão se ajustando do modo que der. Nenhum assunto pode ser resolvido quando o sangue tá quente e é mais pior ainda quando existe raiva numa das partes. Tá combinado assim!

Essa era sempre a frase final de Izidoro. Era a forma costumeira com que ele encerrava qualquer questão. Depois de ouvir o que lhe bastava em qualquer assunto que tratava, a última palavra era sempre a sua. Era ele quem batia o martelo e ordenava o fim do assunto, com decisão imposta. Foi assim quando do casamento de Coutinho. E é assim a toda vez que trata de questões que envolvem Tina e Genésio.

Coutinho tinha que acatar a decisão do pai. Era a única coisa que podia fazer. Sentiu que ganhara o apoio da mãe, o que já era um ganho e tanto. Por outro lado, nem imaginava como iriam ser os próximos dias dormindo no velho casarão onde nasceu. Pensou que logo na manhã do dia seguinte deveria ir até Cruz das Almas comprar umas trocas de roupa, mandar confeccionar um culote, ver umas botas e arranjar um chapéu. A vida precisava continuar. Com ou sem Ordália.

Lá em Inhaúma, Ordália permaneceu sentada à beira da cama por mais de um quarto de hora desde que Coutinho deixou a casa. Com a cabeça abaixada e as mãos no colo entrelaçando os dedos, mantinha o olhar fixado no assoalho do quarto, feito de tábuas alinhadas umas com as outras, como se procurasse nas linhas uma indicação do rumo a tomar. Sentiu-se como se estivesse sendo puxada pelas corredeiras do Rio Caimbé, sem chance de sobrevivência. Faltava-lhe chão para tomar pé. Sempre teve verdadeiro pavor só de pensar

em morrer afogada. E agora buscava ar como se estivesse se afogando. Doía-lhe o peito pela traição do marido, ao mesmo tempo em que passava a se preocupar com seu possível abandono. Há tempos vivia desconfiada de que Coutinho pudesse estar tendo um caso com outra mulher, pois só isso é que podia explicar suas furtivas saídas diárias. Mas descobrir ela própria essa traição foi um fato que a abalou por demais da conta.

Mergulhou numa longínqua viagem através de lembranças antigas. Relembrou sua infância livre, solta e feliz, desassossegada de obrigações no mundo de seus quintais de criança, brincando com as irmãs; do segredo interesse que desde mocinha sempre nutriu pelo belo Coutinho, rivalizando-se às escondidas com Natália; da felicidade sem conta que teve ao entrar na igreja de Cruz das Almas, vestida de noiva e vendo Coutinho esperar por ela junto ao altar; do primeiro dia em Inhaúma e do inesquecível banho no rio Caimbé, naquela tarde que veio a ser sua primeira vez; do dia do nascimento de Benvinda, fato que motivou a festiva reunião da família no humilde quintal de sua primeira morada; da chegada da segunda filha; da alegria da mudança para a bonita casa grande construída por Coutinho; das alegres noitadas vivenciadas nos bailes da casa dos Venerandos; do nascimento das outras filhas e dos meninos e, agora, da proximidade do casamento de Benvinda. Antevia a chegada de netos que viriam encher a casa de sorrisos e forrar de alegria seus corredores.

Com essas recordações o rosto de Ordália, antes sulcado de profunda severidade que a maltratava, contraído e raivoso, pareceu receber bálsamos e acalantos que amenizaram seus rancores. Perdeu até mesmo a certeza de que a adotada decisão de expulsar Coutinho tinha sido a atitude mais correta. De que adianta agora uma vingança sem trégua? A partida

de Coutinho sabe-se lá para onde começou a se transformar num incômodo para Ordália. Estava à frente de um problema novo. E se ele não voltar, como é que eu fico? Com esse tempo pra onde é que ele deve ter ido? Imaginou que teria ido para Santo Antão onde moram seus pais e parentes. É só pra lá que ele pode ter ido! Supôs que Izidoro, seu sogro, não iria aprovar o que o filho fez. Bravo como ele é, deve ter escorraçado Coutinho de lá! Nem Constância podia aceitar uma coisa dessas, apesar de toda sua candura! E de lá pra onde é que Coutinho foi? Vai sumir no mundo? Dormir no mato? Ele está só com a roupa do corpo!

Ordália voltou a pensar em Adelaide e seu ódio reavivou. Ainda olhando para as linhas do assoalho de tábuas, conformou-se ao imaginar que o susto que deu nela deve fazer com que nunca mais se arrodeie de Coutinho. A dose tinha sido na medida certa. Falou baixinho para si mesma.

– Quase que corto a goela daquela vagabunda! Essa não incomoda mais! Quero só ver se ela vai ser capaz de dançar de novo na minha frente, saracoteando como uma puta!

Voltou a pensar em Coutinho e quase se riu quando imaginou que por um bocado de tempo ele não vai mais usar guaiaca. Concluiu que havia dado uma boa lição nos dois.

Adelaide não retornou à pensão naquela noite, nem no dia seguinte. Permaneceu em Cruz das Almas por dois dias, pousando na casa de uma sua cunhada, como se fosse uma visita normal. Antes havia passado numa farmácia e pedido ao atendente do balcão que fizesse um curativo em seu pescoço. Mentiu que o pequeno corte havia sido causado pela linha de um papagaio que os meninos empinavam no quintal. Mesmo sem ficar sabendo se a mentira colou ou não, ela recebeu um improvisado tratamento. Uma limpeza com água oxigenada e uma desinfecção com aplicação de mertiolate. Contaria a

mesma mentira à cunhada quando foi perguntada sobre o que tinha provocado aquele pequeno curativo em seu pescoço. Arte das crianças, resumiu.

Ninguém voltou à pensão para pagar a conta, nem para reaver a guaiaca esquecida.

~ 7 ~

ELIODORO

Na casa de Eliodoro e Natália as coisas não andavam melhores. Braulina dava muito trabalho com suas crises de girice, cometendo maluqueiras dentro de casa. Quando endoidecia quebrava tudo o que visse ou encontrasse pela frente. Falava sozinha e, no mais das vezes, xingava alto pessoas imaginárias que supunha estarem à sua volta. Tinha que ser vigiada o tempo todo como se fosse uma criança e carecesse da atenção da mãe ou de um irmão o dia inteiro. Os ataques de epilepsia de José Carlos se tornavam cada vez mais frequentes, chegando a ocorrer três ou quatro vezes no mesmo dia. Nas convulsões havia enrijecimento do corpo, grunhidos estranhos e incompreensíveis, movimentos desordenados dos braços e perda de consciência, afora um contínuo revirar dos olhos e da cabeça, além de salivação espumosa em que todos temiam tocar com medo de contágio. Ademais, havia os filhos menores, ainda em idade escolar, que tinham que receber os preparativos e cuidados diários da mãe. Só os filhos mais velhos já não lhe davam mais trabalho.

Natália se multiplicava para dar conta de tudo. Eliodoro pelejava na roça de sol a sol e quando retornava à casa não requeria nenhum tratamento especial. Calmo e falando só o necessário, ia direto para o quarto, descalçava as botinas barrentas, tirava as roupas sujas de terra e aguardava Natália esquentar um pouco de água para preparar sua bacia de banho. Cuidava ele mesmo de fazer seu prato de comida. Após a janta, descansava um pouco sentado no terraço, onde ficava

matutando sozinho um bocadinho de tempo sem incomodar ninguém. Depois ia dormir.

Porém, isso só era assim quando ele chegava sóbrio, sem ter ingerido nem um gole de pinga. Caso contrário, por menor que fosse a quantidade de álcool que tivesse tomado, Natália teria que enfrentar e suportar grave problema. Eliodoro chegava furioso e agressivo, ameaçando matar a família inteira com uma faca na mão, obrigando todos a se trancarem num dos quartos e rezarem para que a tramela da porta fosse forte o bastante para impedir que ele a arreventasse. Eram momentos de terror. As crianças choravam e gritavam muito. Quando dava tempo, elas corriam para a casa dos avós. Enfurecido, o genro de Calimério riscava a porta do quarto com a faca amolada e ameaçava inclusive se matar. Uma das vezes chegou a fazer vários cortes no próprio peito, sangrando a ponto de ensopar a camisa. Trancafiado no quarto, José Carlos era tomado por uma tremedeira que prenunciava possível convulsão epiléptica. Braulina praguejava contra tudo e contra todos sem nenhum sentido, xingando alto com todos os nomes feios que conhecia e querendo sair do quarto. Era contida pela mãe e pelo irmão. Todos pediam a Deus que àquela hora chegassem os filhos mais velhos, Acácio e Aníbal, para controlarem o pai e socorrê-los. Se não chegassem, Natália e os filhos só contavam com a proteção divina até que Eliodoro cansasse de suas blasfêmias e cessasse a gratuita violência.

Com o passar de algum tempo e o silêncio retornando à casa, Natália se dispunha a abrir cuidadosamente uma fresta da porta para espiar o ambiente. Assegurando-se de que Eliodoro se acalmara e que depois da fúria tinha ido para a cama, ela saía devagarinho do quarto com os filhos. Mandava que também esses corresse para se abrigar na casa dos avós, mas que não contassem nada do que acontecia ali. Conforme o

previsto nesses casos, Eliodoro se deitava com roupa e tudo sem sequer tirar as botinas nem lavar a cara. Dormia com facilidade. Para Natália, estava vencido mais um dia de anunciada tragédia. A casa voltava ao normal. Ou quase.

Acácio e Aníbal, os filhos mais velhos de Natália, nunca chegavam cedo em casa. Deixavam a lida no roçado, no começo da tardinha, banhavam-se, e logo saíam juntos com destino a alguma festa ou reunião com conhecidos. Formavam uma boa dupla de violeiros bem afinados, tocando e cantando modas de viola. Conhecidos na região, sempre eram chamados a estarem presentes em todos os lugares onde se agrupasse um pessoal disposto a ouvir moda caipira, varando a noite ao redor de uma fogueira, comendo churrasco ou linguiça preparada pela dona da casa.

Ao contrário do pai, nem Acácio nem Aníbal eram chegados à bebida. Gostavam mesmo era de pontear uma viola e de cantar. Enquanto faziam isso esqueciam-se do mundo e da vida difícil que levavam. Só voltavam para casa tarde da noite, com o violão e a viola nas costas, quando todos em casa já estavam dormindo. Na manhã seguinte, se viessem a saber das coisas que o pai aprontara na noite anterior, procuravam falar com ele em tom sempre baixo, usando palavras de conciliação, no que sempre eram ouvidos com muito respeito e acatamento pelo pai, pois que pela manhã ele estava sóbrio, cordato e disposto a ir para o trabalho. Abaixava a cabeça e ouvia calado as recomendações dos filhos. Embora não dissesse, percebia-se dele um pedido de desculpas e notado arrependimento. Natália se acalmava e preparava-se para a batalha de mais um dia de sua vida atribulada e perigosa. Como sempre, rezava baixinho pedindo proteção a Nossa Senhora da Aparecida. Tinha muita fé em Deus. Nunca se lamuriava perante os outros, não reclamava do peso da cruz que carregava,

nem maldizia a vida que levava. Conformava-se, tristemente. Se é assim que Deus quer, que seja assim!

Calimério nunca soube das ameaças ou das agressões de Eliodoro a sua filha e netos. Só sabia que de vez em quando ele promovia arruaças fora de casa sem maiores consequências. Natália sempre achou melhor segredar essas coisas do pai, pois tudo poderia piorar se ele interviesse no caso. Nem Ordália sabia das agressões domésticas do cunhado. Natália só pedia a Coutinho que, quando saíssem juntos, ele cuidasse de Eliodoro para que não bebesse. E Coutinho tratava disso com muita austeridade até entregar Eliodoro em casa. Sóbrio. Se viesse a saber que dentro da casa estavam ocorrendo agressões e ameaças, certamente a amizade dos dois ficaria abalada.

Natália suportava tudo sozinha, pedindo aos filhos que não contassem a ninguém nada do que acontecia dentro de casa. Era coisa doméstica. Segredo de família. Talvez um dia ela fosse estar com Carlinhos Português e narrasse tudo o que se passava pedindo conselhos sobre o que devia fazer. Mas por enquanto ela tinha vergonha. Deixava o tempo passar, na esperança de que o dia de amanhã viesse a ser melhor que o de hoje.

Pensou em Ordália e Coutinho. Achava que o casamento da irmã havia sido melhor do que o seu. Bateu uma vontade de lhes fazer uma visita. Quem sabe uma conversa com Ordália lhe acalme um pouco os nervos? Pediu a Zé Carlos que arreasse seu cavalo e seguiu para Inhaúma.

Em casa Ordália estava de pé junto à mesa de sua sala de costura, separando alguns retalhos para confeccionar uma colcha que há tempo queria fazer. Reparou pela janela que era Natália quem estava vindo pela estradinha de Inhaúma. Reconheceu de longe o cavalo da irmã e seu jeito de cavalgar. Ela segurava as rédeas com as duas mãos e mantinha a cabeça do

animal sob um rígido controle de rédeas curtas. Alegrou-se muito com a vinda de Natália, tanto que foi rápida para o terraço da frente, para esperar e receber a irmã com um caloroso abraço, como se fosse o de amigas íntimas que há muito tempo não se viam e que tinham muito que confidenciar. O abraço de Natália foi tão forte e tão demorado na irmã mais nova, acomodada a cabeça nos ombros dessa, que Ordália pressentiu na hora que havia certo nervoso nessa atitude. Era como se ela houvesse escutado um pedido de socorro sussurrado em seus ouvidos.

Ordália não guardou seu sorriso nem reduziu seu contentamento por estar recebendo a irmã, embora desde sua chegada tivesse se preocupado com o que é que tinha motivado a visita. As duas caminharam abraçadas até a sala de costura.

– Não repara a bagunça, Natália! Eu só tava juntando uns retalhos para fazer uma colcha. Deixa eu dar uma ordem nisso.

– Ah, para com isso Ordália! Deixa aí como tá, depois você volta a trabalhar. Agora vamos papear um pouco.

Embora a desenvoltura e a exibida alegria de Natália fossem perceptíveis, motivadas pelo encontro, não eram de todo verdadeiras. Natália tentava ocultar um desalento e desespero íntimos. Ordália observava cada movimento da irmã, na face, nas mãos, nos braços, na cabeça, sem deixar de ouvir dela uma só palavra. Por ora, só tinham sido palavras soltas sem conter assunto. Analisava o brilho dos olhos de Natália, a forma com que ela olhava ou desviava seu olhar, o sorriso que às vezes só se deixava perceber pela metade retraindo-se rápido, e a força que ela impunha ao segurar suas mãos. De sorte que cada vez mais Ordália se convencida de que era certa a primeira impressão que teve ao pressentir que a visita não era apenas para rever a irmã ou para entabular conversa fiada.

Ordália sentiu que havia algo a mais em torno do rosto da irmã. Era como se visse em Natália algo que a estava incomodando e que a deixava assim como se estivesse sofrendo calada uma angústia contida. Nem uma risada solta ou um sorriso discreto da irmã conseguiam disfarçar ou esconder isso de Ordália. Tanto que a conversa só começou mesmo, depois de uma séria observação feita pela mulher de Coutinho.

– Senta aqui, Natália! Primeiro você me conta o que é que tá acontecendo que tá deixando você assim tão encabulada! Sem me esconder nada, hein? Porque sou sua irmã!

Natália se surpreendeu com a percepção da irmã. Na verdade ela não viera até ali para fazer reclamos nem para noticiar nenhum drama familiar. Pensara apenas em ter com Ordália uma conversa que pudesse ser revestida de alegria e acompanhada de risadas lembrando velhos tempos. Pretendia reanimar-se um pouco esquecendo o sofrimento e as dores que tentara deixar em casa. Mas de repente ela se deu conta de que enfrentava Ordália como se a irmã já soubesse de tudo o que com ela estava passando. Sentiu-se acuada sem saber como ou por onde começar a falar. À sua frente e segurando suas mãos, Ordália a fitava de pertinho com um olhar muito doce, mas penetrante. A irmã mais nova soltou suas mãos das de Natália e as pousou sobre cada um de seus joelhos, curvou-se um pouco em direção ao colo da irmã, sempre com os olhos fixados nos olhos dela, esperando um relato sobre o que realmente estava acontecendo. Para Natália, era como se da parte ruim Ordália já soubesse tudo. Isso doeu e mais a encabulou. Natália abaixou a cabeça e começou a chorar. Brotaram lágrimas silenciosas que desciam lentas pelo seu rosto, seguindo o caminho de rugas que lhe marcavam a face. Não houve soluços nem era um choro audível. Ela ficou assim um bom tempo chorando em silêncio. Ordália respeitou esse silêncio tornando

a segurar firme as mãos da irmã. Aguardou Natália se recompor, calada e pacienciosa à espera da primeira palavra que fosse dita na hora que ela achasse devida e certa. As duas irmãs, sentadas frente a frente na sala de costura do casarão, lembravam um quadro renascentista, porém pintado em preto e branco com um raio de sol entrando pela janela, definindo os perfis das personagens e permitindo a noção de volume e profundidade dentro da realidade. Ordália jamais havia visto a irmã assim. Teve vontade de chorar junto, mas se conteve numa quieta espera de que aquele quadro ganhasse vida por si mesmo.

Apesar da diferença de idade, durante toda a vida as duas irmãs sempre foram amigas chegadas sem nada que afetasse o relacionamento entre elas. Briguinhas de crianças eram ocasionais, porém consideradas como normais. Cresceram sem o hábito de confidenciarem entre si suas intimidades, seus desejos ocultos, suas amarguras internas, suas vontades ou suas frustrações. Provinha da educação dada por Turmalina. Cada uma devia resolver seus problemas próprios sem compartilhar, para não perturbar a outra. Tanto que Natália jamais confessou a tristeza que teve no dia do casamento de Ordália com Coutinho. Nem Ordália jamais tocou no assunto desse casamento, porque sabia, por instinto e por observação, que Natália nutria interesse pelo homem que veio a ser seu marido. Confortava-se lembrando que a escolha foi de seu pai, não dela.

Depois de casadas, passaram a se falar mais livres e soltas sobre filhos, coisas da casa, plantios e colheitas, fofocas inofensivas sobre essa ou aquela pessoa, comentários sobre as festas e bailes aos quais compareciam juntas e opiniões sobre roupas. Coisas de mulheres. Mas ainda assim nunca sobre a vida íntima do casal, fosse coisa boa, fosse coisa ruim. Falavam, sim, da preocupação que sentiam quando o marido estava fora

em missão demorada, do risco de Eliodoro beber demais em festas, das arruaças que ele aprontava, porque isso eram coisas sabidas por todos os moradores do patrimônio. Falavam, sim, da doença de Braulina e da epilepsia de Zé Carlos, também sabidas por todos da família. Mas tudo havia de brotar dentro de uma conversa normal, com o assunto surgindo meio sem querer, e nunca tratado como se fosse uma lastimação da vida que levavam. De Tina e Genésio, então, não comentavam nas prosas familiares. Era assunto cujo tratamento cabia a seus pais e aos pais de Tina. Não competia às irmãs ou aos irmãos meter o bedelho na vida da cunhada.

De sua parte, Ordália nunca comentou com Natália nem com ninguém sobre as saídas furtivas de Coutinho, a indiferença e a frieza com que ele a tratava, os ciúmes e raiva que ela sentia, e muito menos os recentes acontecimentos que envolveram a fogosa Adelaide. Fora o que Natália já sabia porque testemunhara alguns dos fatos no dia do caso, nada mais lhe fora acrescentado. Ninguém soube que Coutinho estava fora de casa há já dois dias, a não ser os pais dele, que deviam estar acolhendo-o no casarão de Santo Antônio. Ninguém da família disse uma só palavra sobre o fato da roupa do pai ter sido picada e queimada pela mãe. Nada. Nem sua irmã que agora estava à sua frente, aprontando-se para falar de suas amarguras íntimas, tinha a menor ideia das também íntimas amarguras de Ordália.

Natália passou as mãos espalmadas pelos olhos e pela face e fez secarem lágrimas que insistiam em permanecer em seu rosto. Fitou Ordália com um olhar de lamúria, sentindo-se encabulada por não saber como nem por onde começar a falar. Não sabia ainda se devia ou não devia falar de sua vida. Havia nela um desconforto e uma natural timidez, embora estivesse à frente apenas de uma sua irmã. É que jamais fora

dada a falar de si mesma, nem a desabafar-se com ninguém. Falaria de fatos que Ordália já conhecia pelo menos por alto? Notificaria a irmã do pavor que Eliodoro lhe infringia quando chegava bêbado em casa? Ou resumiria tudo com a simples desculpa de que veio até aqui apenas para compartilhar com a irmã algumas de suas angústias e tristezas íntimas? Mas nem a isso ela era dada. Ademais, esse não fora o propósito da visita. Pretendera só conversar sobre amenidades para esquecer-se do que com ela se passava. Mas Ordália se apercebeu de tudo antes que qualquer conversa viesse a ser iniciada. Ambas ficaram caladas mais um bom tempo, entreolhando-se e aguardando uma primeira fala. E foi Natália quem principiou a falar.

– Ordália, não se incomode comigo, não! Eu não vim aqui pra trazer nenhuma preocupação. Só vim para conversar um pouco sobre coisas à toa sem compromisso. Só pra passar um tempinho com você. Tava com saudades! Não ligue pro meu choro, não! Foi de alegria.

Para Ordália, nem o tom de voz de sua irmã nem uma só palavra do que disse chegaram a convencê-la de que Natália estava bem. Insistiu.

– Minha irmã, todo mundo tem coisas que não gosta de contar pra ninguém. Eu também tenho um montão de coisas que você nem imagina. Nunca lhe contei. Sabe por quê? Porque o único jeito é viver e sofrer calada a vida que Deus nos dá, carregando uma cruz que só quem carrega é que sabe o peso que tem. Cada pessoa tem sua cruz. Você tem a sua. Eu tenho a minha. Quem é que não tem? Falar sobre sofrimento na vida não é pecado nem reclamação. Pode contar. O que é que tá fazendo você sofrer mais? Bota pra fora, minha irmã. Vai te fazer bem!

– Você acha isso mesmo?

– Claro que acho! Até xingar de vez em quando é bom. Descarrega!

Natália fez uma pausa como se voltasse a pensar no que poderia ou deveria falar. Sua vida vinha sendo de muito sofrimento. A si mesma ela perguntou. Adianta comentar isso? Em resposta elevou um pouco a cabeça, lançou um olhar distanciado pela janela que dava vistas para a estradinha que levava até Itaiporã, suspirou fundo como se necessário a um longo discurso, e sem nenhuma outra preparação disparou a falar.

– Sabe Ordália? A morte não dói! O que dói é a vida tendo que carregar nas costas um monte de problemas que não param de vir um atrás do outro todo dia. A morte não! Ela apaga tudo e depois não há mais dores. Às vezes penso que a morte é bem melhor do que a vida. Não tô dizendo que eu quero morrer amanhã. Só tô fazendo uma comparação porque a morte é a única coisa certa que todo mundo sabe que vai vir um dia. Esperar por ela carregando o lenho e vendo o sofrimento dos filhos machuca muito. Dói por demais da conta. Por isso é que eu digo que morrer não dói, o que dói é a vida. Deus põe um fardo nas costas da gente e ele fica cada dia mais pesado. Tô ficando velha e às vezes eu pergunto até quando vou aguentar carregar isso?

Correu um arrepio pelo corpo todo de Ordália. Assustou-se com assunto tão tétrico trazido pela irmã. Falar em morte quando se está sadia e tendo ainda muitos anos pela frente para viver era coisa muito triste. De cortar o coração. Logo a Natália que era a irmã mais velha, sempre animada e disposta a sorrir e em quem Ordália procurava se inspirar. Meio que abobada, sem saber o que dizer nem se devia continuar nesse assunto, Ordália ficou calada por longos segundos supondo que Natália viesse a prosseguir. Mas a irmã se calou, abaixou a cabeça, deixou de fitar Ordália, olhou para as próprias mãos

pousadas em seu colo e deu a entender que sua fala havia terminado ali. Por ela já tinha dito tudo o que queria dizer sem falar do marido que lhe impunha pavor quando chegava bêbado, sem reclamar das doenças dos filhos, sem falar da tristeza de viver isolada morando numa pobreza de dar dó, sem lastimar nem um tiquinho a vida que levava e sem deixar de falar com Ordália. Convenceu-se de que sua fala aludira a tudo isso de uma forma indireta, sem entrar em detalhes. Achou que já tinha falado o bastante. Não iria falar mais nada.

Ordália logo se deu conta disso e com delicado carinho passou levemente as mãos nos cabelos embranquecidos da irmã. Puxou sua cadeira para ficar mais perto da dela e buscou encontro com seu olhar, como se só assim melhor pudesse se comunicar. Natália não mais esboçava nenhum choro. Lentamente ergueu um pouco sua cabeça e encontrou-se com os olhos de Ordália que a fitavam ainda assustados. Ao contrário, o olhar de Natália era terno, estava seguro, sem desvios e cheio de certeza. Sua face serenou como se aliviada de um fardo para uma pausa de descanso. Quase esboçando um sorriso, retribuiu o carinho passando levemente uma das mãos no rosto de Ordália num gesto de agradecimento. Ordália tranquilizou-se a ponto de começar a pensar numa outra coisa a dizer. Não pretendia contrariar a irmã, mas também não podia concordar com tudo o que ela havia dito. Tinha que encontrar um meio termo.

– Tá tudo bem, Natália! Você fez um desabafo e isso foi bom. Viu como você já tá melhor? É aquilo que eu falei, é preciso botar pra fora o que tá incomodando senão o peso da cruz fica maior ainda. Quer xingar um pouco? Brincou.

– Não, minha irmã. Eu não costumo xingar.

– Então vamos pra cozinha fazer um cafezinho enquanto proseamos sobre outras coisas. Tá bom?

Natália concordou e ambas se levantaram das cadeiras e foram para a cozinha preparar um café. Até aquela hora nenhum dos filhos de Ordália havia aparecido nos aposentos onde estavam a mãe e a tia. Os dois meninos estavam na escola. Benvinda, Juvelina, Ordalina e Esmáide estavam cada qual cuidando de seus afazeres e nem deviam se atrever a passar onde a mãe estivesse conversando reservadamente com a tia. Sabino não transitava pelo interior do casarão quando nele tinha visita. Pelo silêncio reinante na casa, até parecia não ter mais ninguém por ali. As duas irmãs estavam bem à vontade para fazer o que mais gostavam. Prosear. Para Natália era como se ela tivesse acabado de chegar na casa da irmã. O dia começava agora. Bem provável era que também só agora é que uma boa conversa começasse.

Contudo, o tempo mudou de repente. A manhã que tinha começado calorenta indicando que ia ser um belo dia de sol forte, tornou-se fria. O céu, antes de um azul bem claro, encobriu-se rapidamente de nuvens cinzentas e pesadas e a manhã escureceu. Das bandas do Rio Caimbé chegou um vento soprando tão forte que balançou as copas das árvores do quintal, ameaçando derrubá-las. Invadiu a cozinha e trouxe com ele um frio arrepiante para dentro de casa. Não era comum uma virada assim tão forte logo agora no final do inverno. Mas o tempo ficou ameaçador. Raios riscaram o céu de Inhaúma parecendo que o mundo ia desabar em cima da casa. Mais do que depressa Ordália correu a fechar as janelas da cozinha e da sala de costura chamando pelas filhas e ordenando que elas fechassem as demais janelas. Aproveitou-se desse momento para assuntar com Natália.

– Minha mãe do céu! Que coisa estranha é essa, Natália! Agorinha mesmo tava calor e com um sol tão bonito. Quem diria que o tempo ia dar uma virada assim tão de repente?

Ainda bem que esse vento forte já-já leva essas nuvens para longe daqui e aqui não chove.

– Acho que tenho que ir embora antes que chova. Nem sombrinha eu trouxe, completou Natália.

– De jeito nenhum, minha irmã. Nem pensar numa coisa dessas! Agora não é hora de sair. Melhor é esperar um pouco que isso logo passa. Olha aqui pra você ver como as nuvens estão sendo tocadas bem depressa para os lados de Itaiporã. Se vier chuva forte deve cair por lá, não aqui! Vem, vou coar o café!

Natália confortou-se um pouco admitindo que Ordália tinha razão. Lembrou que em casa José Carlos e Braulina estavam sozinhos e isso lhe trouxe certa pensão. Torceu para que a ventania e os raios cessassem. Pensou em tomar o café com Ordália e em seguida voltar para Itaiporã.

Com a casa fechada só se ouvia o barulho dos trovões e do vento açoitando as árvores lá fora. Quase anoiteceu naquela manhã. Até as galinhas no quintal buscaram se empoleirar. Ordália se mantinha calma e sorridente. As irmãs se revezavam espiando o tempo pelas frestas da janela. O que se previa era que ia cair um toró daqueles. Mas não houve medo. No interior da casa havia uma paz confortante. Só Natália era quem demonstrava certa preocupação com o tempo, lembrando-se de Braulina e José Carlos. Quando passou a tomar seu café perguntou.

– E Coutinho, onde é que ele tá?

A pergunta não incomodou Ordália. Ao contrário, ela ficou até feliz por Natália ter puxado assunto novo sem que ela tivesse provocado. Agora sim é que uma boa conversa poderia ser mantida.

Trovoadas mais fortes continuavam a anunciar tempestade feia e uma chuva fina começou a molhar o campo. Ordália

não se deixou distrair. Respondeu à pergunta da irmã como se tratasse de coisa sem a menor importância.

– Eu não sei bem, Natália! Mas acho que ele está em Santo Antônio na casa dos pais. Deve ficar lá por alguns dias.

– Vocês brigaram muito naquele dia?

– Imagine! Brigar pra que, minha irmã? Um dia a mais um dia a menos tudo volta como era antes. Nada como um dia atrás do outro. A vida não pode ser só de alegrias. Tem que ter um lado ruim que é preciso aguentar. Se não tiver um lado ruim como é que você vai saber qual é o lado bom?

Ordália pretendia estender-se nesse sentido para com cuidado rebater um pouco a fala inicial de Natália. De forma que calmamente prosseguiu, baixando um pouco a voz como quem fosse confidenciar um segredo.

– Sabe de uma coisa, Natália? Deixa eu te contar! Você acha que o Coutinho nunca mais vai me trair só porque eu peguei ele na cama com aquela vagabunda da Adelaide? Que esperança! Se ele é assim, sem vergonha como é, ele vai continuar sendo assim. Fazer o quê? A pessoa não muda de uma hora para outra. Por isso é que temos que ter paciência pra suportar certas coisas ruins que acontecem. Faz parte da vida. Deus está vendo tudo, minha irmã. E lá de cima Ele sabe direitinho o que é que deve mandar para cada uma de nós. Ele é que comanda nossa vida. Ele é que sabe se somos ou não somos capazes de carregar o fardo que Ele manda. Se somos católicos e tementes a Deus é em Suas mãos que devemos entregar a vida. Quem acredita Nele, acredita na vida. Só Ele é que dá e só Ele é que tira. Respeitar a vida é respeitar Deus. Só Ele é que pode te chamar quando chegar a hora que Ele marcou. E só Ele é que sabe quando é que essa hora chega. A morte não é solução pra nada, não, minha irmã! É só o fim. Pois então eu pergunto: E nossos filhos crescendo sem a mãe?

Você já pensou nisso? E os netos que nem vão poder conhecer a vó? Veja quanto coisa boa nós temos pela frente! Hoje tá sendo um dia de trovoada feia e ameaça de temporal, amanhã pode ser um dia de sol com crianças correndo pela casa e indo pra escola aprender o que nós não aprendemos. Contando estórias pra nós. Enchendo a casa de alegria.

Ordália parou um pouco para tomar um fôlego e deixar de falar sozinha. Provocou resposta da irmã.

– Você não acha que eu tenho razão, Natália?

– Acho que sim, minha irmã. Mas eu continuo dizendo que a vida é muito dura. Dói demais.

– E por acaso Jesus Cristo desistiu da cruz que carregava só porque tinha dor nas costas? Ele não foi até o fim, mesmo tendo todos os poderes do mundo, só para salvar a humanidade? Você acha que o sofrimento de Maria, mãe de Deus, foi menor do que o sofrimento que eu ou você achamos que temos tendo hoje? A vida é uma bênção, minha irmã! Olha a chuva e o vento! Até isso é bonito por demais da conta. Deus tá aguando as plantas e o vento tá levando sementinhas para outros lugares. Quando o dia amanhece, Natália, o que nós temos que fazer é abençoar tudo por tá vendo essas coisas. Tá sentindo o cheiro do mato. Tá viva! É nisso que você tem que pensar. Não nas bobageiras que você falou.

Ordália se arrependeu na hora pela reprimenda contida na palavra desnecessária que pronunciou por último. Procurou amenizá-la com outras palavras.

– Seu desabafo hoje aqui, Natália, foi uma coisa boa demais que você fez. É preciso por pra fora o que sentimos. Eu já falei isso. Não foi bobageira não! Desculpe! Só o que não pode fazer é esquecer que temos uma missão a cumprir aqui na terra e só com a ajuda de Deus é que vamos poder cumprir essa missão. Você entendeu?

Natália se manteve aquietada na cadeira durante toda a fala da irmã como se estivesse ouvindo um sermão proferido por um padre. Poucas vezes desviou os olhos para desvencilhar-se do olhar fixo de Ordália. Várias vezes movimentou a cabeça num claro gesto de concordância. Percebeu que Ordália, embora sendo bem mais nova do que ela estava lhe dando uma verdadeira lição de vida. Espiou pela janela e se deu conta de que a chuva forte não veio e que o vento se acalmara. Um sol ainda tímido começou a anunciar a volta de um bom tempo.

Após o café Natália levantou-se da cadeira e preparou-se para ir embora. Sentia-se melhor e o tempo agora estava de novo bonito a garantir que ela podia cavalgar de volta sem nenhum problema no caminho. Parou na sala de costura e examinou os retalhos com que Ordália estava trabalhando. Fez tranquilos comentários.

– Quanta coisa você tem aqui, Ordália! Isso vai dar uma colcha de retalhos bem bonita.

– Sabe Natália? Eu vou guardando os restos de panos que sobram das costuras que faço. Junto tudo pra aproveitar depois. Às vezes dá até para fazer uma camisa ou uma calça curta para os meninos. Não se pode jogar nada fora. Temos que aproveitar tudo.

– Que bom, não? Lá em casa eu também faço assim. Até as frutas ainda boas que caem do pé eu aproveito. Casca de abacaxi dá para fazer um bom chá. Banana não se perde. Se tá madurando demais ela vira um doce ou um bolo. Vou levando! Disso eu não reclamo. Nunca me faltou nada.

Ordália percebeu que a irmã estava prestes a voltar ao ponto inicial de seus reclamos. Melhor estimular.

– É assim que tem que ser, minha irmã. Aqui na roça a vida não é fácil não. Só que tem uma coisa boa que em nenhuma cidade tem. Aqui você tem terra pra plantar e pra colher

tudo o que você precisa. Tem fruta em abundância. Tem leite à vontade para as crianças. Tem frangos e porcos. Aqui tem de tudo e tudo é de graça, Natália! É Deus que nos dá. Vem da natureza. Isso não é bom?

Ordália prosseguiu falando enquanto caminhavam em direção à porta da sala. Não queria que a conversa parasse.

– Por que é que você não fica mais e almoça comigo?

– Não posso não, Ordália! As crianças vão chegar da escola e eu tenho que tá lá em casa. Depois tem a Braulina e o Zé Carlos que não podem ficar sozinhos.

Ordália concordou e emendou assunto.

– E os meninos, como estão indo na escola?

– Tão bem! Devem passar de ano porque são muito aplicados. Tomara que eles se formem e abandonem a roça para arrumar um trabalho na cidade e aí sim viver uma vida melhor. Na roça não tem futuro pra eles!

– Ara! Deixe isso pra lá, Natália! O que nós temos que fazer é educar eles bem educadinhos. Ensinar a ser honesto, a respeitar os pais, a falar a verdade e ter garra no trabalho. Depois, é a vida de cada um deles que vai ensinar o resto de que precisam. Nossa obrigação é criar eles bem criados.

Natália concordou e sorriu como que agradecida. Caminharam até o portão onde o cavalo estava amarrado ao cercado e ali se despediram com um novo abraço. Ordália pôde sentir que a irmã desta vez estava bem mais leve. Ficou feliz. Ia se despedindo quando se lembrou de uma coisa importante.

– Espera aí, Natália. Eu ia me esquecendo de dar a você uma notícia boa. Tô ficando com a cabeça ruim! Você já sabe da novidade da Benvinda?

– Se você diz que a notícia é boa, então conta logo!

– Ela tá de namoro com o filho mais velho do Quinzinho, nosso vizinho aqui. O nome dele é Osmar. Os pais já

aprovaram e até a data do casamento já está marcada. Vai ser no dia 20 de novembro, que cai num sábado.

– Nossa! Que notícia boa é essa, Ordália? E eu nem vi a Benvinda hoje.

– Ela tava arrumando os quartos e não quis atrapalhar a conversa.

– Eu conheço bem a família dos Pinhos e acho que esse casamento com o filho do Seu Quinzinho vai ser bom demais. O moço é de boa família, bem educado e trabalhador. Além de tudo ele é bonitão, você não acha?

– Ah, Natália! Eu nem pensei em reparar nessas coisas. Já passei dessa idade. Mas que ele é bonito isso ele é, concluiu dando uma gostosa risada enquanto tapava a boca com uma das mãos como se tivesse dito o que não devia.

A despedida de Natália foi assim bem descontraída. Quando ela já estava montada em seu cavalo, tendo sido ajudada por Sabino, sempre prestimoso na hora certa, Ordália ainda sorriu para Natália e desejou:

– Vai com Deus, minha irmã!

– Amém, Ordália! Obrigada pela conversa e pelo cafezinho que tava muito bom.

Em pouco tempo o cavalo com Natália não mais era avistado por Ordália, que se debruçara na janela da sala de costura para acompanhar a retorno da irmã a Itaiporã. O sol tinha voltado a se mostrar por inteiro no céu de Inhaúma depois daquela ventania maluca, dos raios e da chuva fina e esquisita que caiu. O céu voltou a ficar azul claro. Mesmo brilhante não era um sol forte de incomodar nenhum andante. Era um sol bonito e gostoso.

Ordália suspirou fundo e imaginou consigo mesma que era só naquele momento que o dia estava nascendo, embora já fosse final da manhã. Tudo passou a ficar mais alegre e bonito.

O sol, o céu azul, as árvores aquietadas, a casa e seus retalhos, os bichos que habitavam os quintais, os animais no pasto, as galinhas e seus pintinhos amarelos, os passarinhos, as filhas e os filhos que tinha. Até Sabino lhe pareceu mais importante. Sentiu que tudo havia mudado para melhor no casarão de Inhaúma. Os sentimentos de alegria e de felicidade de Ordália se espalharam por todos os cantos, causando até estranheza em Benvinda, que foi para a cozinha preparar o almoço. Nenhuma filha se atreveu a perguntar o que é que tinha causado aquela visível e rara alegria na mãe. Mas todas se aperceberam disso. Fazia um bom tempo que Ordália não se sentia nem se mostrava assim tão feliz.

Sentou-se junto à velha máquina Singer depois de separar alguns retalhos e de repente lembrou que na casa faltava alguém para completar a alegria. Coutinho. Postou-se pensativa olhando pela janela e pedindo a Deus que sua falta não estragasse aquele dia. Que a lembrança dele não a abalasse a ponto de entristecê-la. Rogou a Deus que ele estivesse bem e imaginou que, se o retorno dele acontecesse numa hora dessa e num dia assim como o de hoje, tudo ia ser muito mais fácil. Mas Deus sabe o que faz, deixou nas mãos Dele, falou baixinho ao terminar de rezar um Padre Nosso e três Aves Maria em pensamento, agradecendo pelo que ela pôde fazer pela irmã.

Natália cavalgou de volta aliviada. Não era comum, mas dessa vez ela deixou que o cavalo andasse de rédeas soltas. Ele sabia de cor o caminho de casa. Natália não só retornava como teve a impressão de que também voltava a si. Convenceu-se de que a partir de agora devia passar a ver as coisas de um modo diferente. Sentia-se outra mulher, leve como há tempo não se via.

Chegando a Itaiporã preferiu dar uma passada rápida na casa dos pais antes de ir para a sua. Eram vizinhos de

pertinho. Pediu a bênção do velho pai Calimério, que descansava estirado numa cadeira de balanço no terraço da sala e seguiu para a cozinha para ver a mãe. Turmalina estava junto do fogão terminando de preparar o almoço. Alegrou-se com a chegada da filha.

– Deus te abençoe, minha filha. Como é que você tá?

– Tô bem, mãe. Cheguei agorinha da casa da Ordália.

Tive uma prosa boa com ela.

– Ué? Você foi lá hoje? Prosearam sobre o que, fia?

– Sobre a vida, mãe. A prosa foi boa por demais da conta. Me fez bem. Eu precisava disso, mãe. Andava muito atarantada com as coisas. Só achava que tudo estava errado e não devia ser como é. Ordália mostrou pra mim que não é bem assim desse jeito que as coisas devem ser olhadas. Tem muita coisa boa que não é percebida nem quando tá na frente do nariz da gente. Foi uma boa conversa. A bênção, mãe.

– Não quer ficar pro almoço, fia?

– Não, mãe. Eu preciso ir pra casa ver como estão as coisas por lá. Saí de lá bem cedinho e a Braulina tá sozinha com o Zé Carlos.

– Então vai com Deus, fia. Deus te abençoe.

Ao passar pelo terraço da sala, despedindo-se do pai, Natália casualmente perguntou.

– Armou chuva forte por aqui nessa manhã, pai?

– Não, fia. O tempo tá assim firme desde cedinho.

– Nem ventania, nem trovão, nem nada?

– Não. Por que é que você pergunta?

– Por nada não. Deixa pra lá! A bênção, pai.

– Deus te abençoe, fia.

Da porteira, quase à frente da casa dos pais e do outro lado da rua, já se via a casa de Natália a pouco mais de umas trezentas braças. Ela chegou com a sensação de que havia

ficado fora uma porção de dias. Sentiu até saudades daquele cantinho que era seu. Ansiou por rever suas coisas. A cozinha com a frigideira e as velhas panelas dependuradas em pregos fincados na parede. O tampeiro que ela própria havia bordado. O bule de café esmaltado com desenho de folhagens verdes sempre deixado sobre a taipa do fogão mantido aceso com pequenos tocos de lenha, a exemplo do que fazia sua mãe. Seu quarto simples, mas com uma cama confortável com o sol sempre entrando pela janela, aquecendo os lençóis. As roupas dependuradas numa espécie de varal de madeira que Eliodoro mandara fazer e instalar num canto livre do quarto. Estava contente por estar de volta. Queria ver e saber de tudo como estava.

Encontrou-se com Braulina sentada no chão da sala do meio, balançando o corpo para frente e para trás com a cabeça abaixada olhando para o assoalho. Abaixou-se e abraçou-a com carinho perguntando pelo Zé Carlos.

– Sei lá! Respondeu Braulina com cara amarrada.

Seguiu para os quartos dos filhos observando cada detalhe como se fosse a primeira vez que os via. Eliodoro e os filhos mais velhos estavam na lida. Adilson e Aderbal, os menores, ainda não tinham retornado da escola. José Carlos estava deitado em sua cama no quarto que dividia com Acácio e Aníbal, seus irmãos mais velhos. Quando viu a mãe entrar, apressou-se em ficar de pé dando mostras de que estava bem. Natália perguntou se tinha havido algum problema em casa enquanto ela esteve fora. A resposta foi de que não. Tudo estava bem. Natália pediu que o filho desarreasse e soltasse seu cavalo, dirigindo-se à cozinha para preparar alguma coisa para comerem. Novamente passou por Braulina, que continuava com a mesma cara emburrada balançando o corpo pra lá e pra cá num ritmo compassado olhando para o chão.

Na passagem ouviu resmungar alguma coisa e voltou-se para saber bem o que era.

– Tô com fome! Repetiu Braulina sem levantar a cabeça nem olhar para a mãe.

Não custou nem meia hora para que o almoço ficasse pronto e todos pudessem se servir, cada qual comendo com o prato na mão, de pé ou sentado onde e como melhor lhes convinha. Braulina sentou-se na soleira da porta da cozinha e comia usando uma colher. Natália observava tudo e achou que era assim mesmo que havia de ser. Todos almoçaram calados e o silêncio só foi quebrado quando da atropelada chegada dos meninos Adilson e Aderbal, que entraram jogando suas bolsas escolares sobre a mesa da sala e correndo para a cozinha. Pediram a bênção da mãe, disseram um oi pra Zé Carlos e falaram que estavam morrendo de fome. Natália se encheu de satisfação e orgulho ao ver seus filhos trajando uniformes da escola, esbanjando a alegria de crianças inocentes e espalhando vida pela casa. Não se esqueceu de que foi Ordália quem lhe ensinou a olhar melhor para essas coisas. Fez os pratos dos meninos e foi para o quintal caminhar um pouco naquele belo dia de sol, agora sem ventania, sem raios, nem ameaça de tempestade. Era um dia para o qual todas as portas e janelas deveriam ser abertas e sair ao sol, para olhar o céu com pequenas nuvens brancas flutuantes como espumas.

Sem querer, lastimou-se ao se lembrar de Tina, a cunhada que mantinha sua casa com as portas e janelas fechadas sem sair nem deixar que nada disso de bom e de bonito entrasse na casa. Sem permitir que a luz do sol a invadissem e anunciasse a vida. Sem deixar que a vida a visitasse. Achou uma pena que Ordália e Tina não se dessem.

Morando tão perto uma da outra, Ordália poderia ajudar Tina a viver melhor se essa deixasse!

Ao caminhar pelo quintal nesse dia assim tão bonito, Natália pôde ouvir e apreciar o canto dos passarinhos pousados nas copas das árvores; olhou as galinhas ciscando no quintal à cata de comida; riu-se ao ver que os frangos corriam dela quando de sua aproximação e olhou bem de perto os vários pés de bananeiras com fartos cachos de bananas verdes quase no ponto de serem cortados. Demorou-se fitando as laranjeiras salpicadas de seus frutos amarelos, os vários pés de mamão que ela mesma havia plantado ali, e a enorme mangueira que encerrava o quintal, esta sem frutos por não ser época de mangas. Foi mais além, andou até a beira do pequeno córrego que passava nos fundos do sítio, o mesmo que logo adiante ia movimentar o monjolo de Tónico Antunes. Ficou admirada com a beleza das águas limpas que serpenteavam entre pedrinhas claras. Achou que tudo era bonito e bom. Deu-se conta de que ali ela tinha um monte de coisas boas de se ver e que até parecia que nunca tinham sido vistas antes.

Eliodoro e os filhos mais velhos, que estavam na roça, haviam levado marmitas com a comida que Natália aprontara bem cedinho antes de sair. De modo que só voltariam para casa no final da tarde. Bateu até saudades no peito de Natália. Ao voltar para a cozinha, aparentava estar descansada e feliz. Sentiu-se disposta a começar a dar uma arrumada geral na casa. Ela mesma sentiu-se arrumada e pronta como há muito tempo não sentia estar.

Apenas uma pergunta sem resposta preocupava Natália. Como é que toda aquela ventania e trovoadas anunciando tempestade, que ela viu de perto em Inhaúma, não chegou a ser vista por aqui e não foi nem percebida por seu pai, ele que era costumeiro em ficar olhando para o tempo e até fazer antecipada previsão de chuva? Ademais, a distância entre Inhaúma e Itaiporã era só um tiquinho de estrada, menos de meia légua!

Achou um pouco estranho. Deu de ombros para si mesma e foi varrer a casa, enquanto Zé Carlos ajudou-a a juntar os pratos na cozinha para depois serem lavados pela mãe. Braulina voltou a se sentar na sala do meio reiniciando o incessante balançar de seu corpo, para frente e para trás, cabeça abaixada e olhando para o chão. De quando em vez murmurava algumas palavras truncadas que quase ninguém em casa compreendia bem, a não ser Natália. Esse era um comportamento habitual da filha aloucada. Isso nem mais encabulava Natália. Quando via a filha emburrada e resmungona, achegava-se a ela e entendia tudo o que ela queria falar.

Quando a família decidiu internar Braulina num hospício, onde ela morreria algum tempo depois, nos primeiros dias a casa de Natália pareceu ter ficado cheia de lugares vazios. Tudo o que nela havia lembrava Braulina. O lugar onde ela se sentava na sala do meio por horas a fio, balançando incessantemente o corpo, sempre de mau humor e falando coisas sem nexo. O canto de seu quarto onde ela também se sentava no chão toda encolhida como se estivesse tremendo de frio, resmungando baixinho ou xingando alto alguém imaginário que só ela via à sua frente. O lugar junto ao portão da frente da casa onde ela ficava esperando o pai chegar da roça e se, na chegada, ele falasse qualquer coisa que ela não gostasse, xingava-o de cachorro.

Com a internação de Braulina, o coração de Natália ficou dolorido, sentindo uma enorme falta da filha aloucada, mesmo tendo sido convencida pelo marido e pelos pais de que não se tratava de abandono, mas de uma providência que acabou por se tornar necessária, por causa do agravamento do estado da filha. Natália ficou chorosa por um bom tempo, até que se conformou. Quanto a isso, a conversa que tivera com Ordália veio a ser uma ajuda e tanto. Todos sentiam que em

casa faltava alguém. Braulina fora a presença no dia a dia da família por quase dezoito anos. O trabalho que dava ou os cuidados que requeria dos pais ou dos irmãos era o cotidiano da vida de cada um dentro de casa. Principalmente para Natália que, com extremada proteção materna, vivia quase que só em função dela, não fossem as atenções também devidas a José Carlos com seus diários ataques de epilepsia. Mas com a internação de Braulina não houve nenhum alívio naquela casa. Só veio o dó que sentiram depois e um quase arrependimento por terem deixado Braulina sozinha sob a vigilância e cuidados de estranhos. Quem é que vai entender o que diz quando ela quiser ou precisar de alguma coisa? Só Natália era capaz disso. Como é que vão tratar dela? Por certo ela vai passar a ser só mais uma paciente entre muitos naquela casa de doidos!

Viver dói muito, lembrou Natália, porém sem pensar na morte.

IZIDORO

No último encontro que teve com Turmalina e Calimério no casarão dos Coutos em Santo Antão, ocasião em que discutiram a questão do isolamento ou da doença de Tina, Izidoro havia garantido a Constância que iria fazer uma nova visita à casa da filha depois da ida de Padre Agostinho até lá. Naquele dia afirmara que então a conversa iria ser diferente. E agora ele tinha um motivo a mais para ir até Inhaúma. Precisava também ter uma conversa com Ordália sobre o caso de Coutinho. Aprontou-se para essa ida com a fixada intenção de resolver os dois problemas de uma vez só.

O velho patriarca nunca se dava por vencido. Era um osso duro de roer. Teimoso em suas convicções e severo na cobrança de comportamento de membros de sua família, iria exigir do genro a tomada de alguma atitude com relação a Tina. Genésio teria que se explicar por que é que aceitava aquele estado de coisas, com a mulher vivendo trancada dentro de casa como se fosse um bicho arisco, sem tomar nenhuma providência e ainda sendo capaz de dizer que tudo aquilo era normal. Izidoro voltou a matutar que não acreditava de jeito nenhum que o isolamento de Tina fosse um caso de encosto de espírito mau, de demônio ou de coisa-ruim em seu corpo. Mesmo sendo iletrado e quase analfabeto por nunca ter tido escola, Izidoro apoiava-se na experiência e no aprendizado que a vida lhe dera ao longo de seus setenta anos. Continuava a achar que a filha devia estar sofrendo de alguma doença que

nem ele nem ninguém ainda sabia qual era, mas que amanhã ou depois poderia vir a ser sabida e ter meios de cura. O que ele não aceitava era a frouxidão de Genésio. Para o velho patriarca é o marido quem manda em casa e na família. A mulher deve fazer o que ele ordena e o que for preciso, queira ou não queira, goste ou não goste. Se for preciso ir a um médico ou a um curandeiro qualquer, cabe ao marido decidir sem perguntar se a mulher quer ou não quer ir. Continuava a achar que Genésio era um sujeitinho frouxo e sem autoridade. Um bunda mole.

Quanto ao caso de Coutinho, o velho pai achava que era um problema menor, mais simples e mais fácil de ser resolvido. Coisa que sempre aconteceu no mundo e que vai continuar acontecendo. Não era novidade e o remédio é o tempo. Depois, uma boa conversa entre as partes traz o apaziguamento do casal. Ademais, lembrou que ainda esse ano vai haver o casamento de Benvinda, e como é que vai ficar se o pai não estiver lá?

Coutinho passava os dias desassossegado no casarão de Santo Antão. Tinha ido até Cruz das Almas, mandado fazer algumas roupas de que precisava e comprado outras prontas. Nos primeiros dias ele tomou emprestadas algumas peças do irmão Aldo, que regulava com seu tamanho. Queria voltar para casa e cuidar de seus muitos afazeres, só não sabendo como nem quando. Pensava em Ordália e nos filhos e se mostrava disposto a conversar para reconstituir sua família. A estada na casa do pai já o incomodava por demais da conta. Não tinha o que fazer e sentia-se um estorvo para a mãe, sempre por perto a aconselhá-lo a reatar com Ordália, com o compromisso de não voltar a cometer a besteira que tinha cometido. Sabia, contudo, que a volta não dependia só dele.

Izidoro preocupou-se menos com esse caso e prosseguiu pela estradinha que levava a Inhaúma com a atenção maior

voltada para o caso de Tina. Para este, ele tinha lá suas dúvidas, apesar de que estava disposto a enfrentar qualquer reação da parte do genro. Ele não estava indo para temporizar nem para apaziguar. Ia para exigir. Para impor, seguro que estava de que o caso de Tina era uma doença que carecia de providências. Se essas não viessem a ser tomadas pelo marido ele iria tomá-las para si, com a autoridade de pai. E dessa autoridade Izidoro nunca abdicou. Faltava decidir por qual dos casos começar. Isso porque um desacerto no primeiro pode prejudicar os ânimos para o trato do segundo. Optou por aportar na casa de Genésio, até porque era por ela que a estradinha Inhaúma-Santo Antão passava primeiro.

Não era nem dez horas da manhã quando Izidoro bateu palmas à frente da casa de Genésio. Como sempre, a casa estava com suas portas e janelas totalmente fechadas, como se ali não habitasse gente. Também como de hábito, Genésio surgiu vindo do quintal, contornando a casa pelo seu lado direito e dirigindo-se ao portão para receber o visitante. Era uma manhã com chuva fina e fria de final do inverno e tanto Genésio como Izidoro trajavam agasalhos. O visitante chegou com uma capa de feltro grosso que o protegia e o anfitrião vestia um casaco de couro marrom sobreposto a um colete e a uma camisa de mangas. A cordialidade e o respeito formais dominaram o encontro desde os cumprimentos.

– Bom dia, meu sogro.

– Bom dia, Seu Genésio. Vim aqui para tratar de assunto de família.

Na hora Genésio se deu conta de que o assunto seria sobre Tina, que por ter se apercebido da chegada de um visitante já havia se recolhido em seu quarto. A ensaiada amabilidade com que Genésio recebia o sogro procurando manter no rosto um sorriso postiço contrastava com a sisudez

de Izidoro que não se preocupava nem um pouco em se mostrar contente ou feliz com o encontro. A conversa que deveria entabular com o genro era mais séria e complicada do que a que rola num frio encontro de negócios. E essa não era uma visita informal. Izidoro se mantinha sisudo, sem se preocupar em ser amável ou gentil com Genésio. Iria direto ao motivo da visita sem nenhum rodeio, dispondo-se a não aceitar desculpas esfarrapadas do genro, nem encompridar conversa mole, própria de quem não quer enfrentar o assunto de frente. Sua maior formalidade foi a de tirar o chapéu ao dar a mão ao genro quando dos cumprimentos em sua chegada.

Contornaram a casa e se acomodaram nas cadeiras dispostas na área da cozinha. Um vento gelado açoitava aquele canto sem que Genésio se dispusesse a convidar o sogro a entrar pela cozinha ou ir se acomodar em lugar ou cômodo menos frio dentro daquela casa. Izidoro, meio que encabulado, foi incisivo no início da conversa.

– Escuta aqui, Seu Genésio. Eu vim aqui para saber o que é que tá sucedendo com minha filha. que vive enclausurada sem sair de casa. Não quero mais prosear sobre coisa à toa. Acho que é preciso botar um ponto final nessa estória. Como é que você me explica o fato desse isolamento de minha filha Tina?

Genésio se alarmou com a rispidez com que Izidoro iniciou a conversa. Havia nas palavras do sogro um forte sentido de mando e uma não disfarçada cobrança de explicações, como se fosse ele o culpado pela condição em que Tina vivia. Presentiu que a prosa não ia pender de forma tão amigável. Por isso resolveu contra-atacar

– Olha aqui, meu sogro. De primeiro eu careço dizer ao senhor que eu não sou vidente, nem sacerdote, nem médico. De modo que eu não posso, nem sou capaz de explicar nada

do que é que tá sucedendo com Tina. Já tiveram aqui antes o Carlinhos Português, que disse que Tina tava em transe e que precisava de tratamento. Mas ele não é nenhum curandeiro, nem médico para dizer que tipo de tratamento é esse. Ao depois veio aqui o Padre Agostinho que teve com Tina, fez orações junto com ela e disse que o problema dela é psicológico e que Tina devia receber tratamento de um médico especializado que ele ia procurar trazer de Cruz das Almas. O senhor mesmo, junto com Dona Constância, tiveram aqui uma vez e viram de perto que Tina se trancou no quarto e não quis receber nem mesmo os pais.

Genésio tomou um pouco de fôlego e concluiu.

– Agora, tem uma coisa importante, Seu Izidoro. Quando não há nenhuma visita nem estranho aqui em casa Tina é uma mulher normal, ativa e saudável. Cuida da casa, faz comida, lava a roupa, limpa o quintal, cuida das crianças e proscia comigo e com elas. Não tem dores, não reclama da vida, não fala em doença, nem de coisa nenhuma que esteja incomodando. Me diz então o senhor uma coisa! Se ela não quer sair de casa e nem receber visita o que é que eu posso fazer? E o que mais o senhor quer que eu explique?

Izidoro tinha ouvido atentamente a fala do genro sem interromper. Começou a ficar enraivecido. Achou na hora que havia muita coisa que ainda devia ser explicada e que a fala de Genésio ainda não tinha explicado nada. Adotando uma postura típica de um juiz que interroga o réu e com formalidade cada vez mais autoritária, acrescentou.

– Escuta aqui uma coisa, Seu Genésio! Não tô satisfeito com nada dessa sua explicação rasteira. O senhor mesmo acaba de dizer que duas pessoas estiveram aqui em sua casa e que as duas disseram a mesma coisa. Que Tina precisa de tratamento. Foi o senhor mesmo que disse pra essas duas pessoas

que Tina tava bem, que ela não tá doente, que é uma pessoa sadia, de modo que não precisa ser levada a médico nenhum, nem receber nenhum tratamento. E nesse momento o senhor tem o topete de repetir tudo isso na minha cara. Disse que o senhor não tem mais nada o que fazer. Agora eu pergunto pro senhor. Por um acaso o senhor já chegou a fazer alguma coisa em proveito da minha filha? O que é que o senhor já fez? Por um acaso o senhor procurou saber com gente que entende sobre o que é que minha filha tem? Se todo mundo sabe e conforme o senhor mesmo já disse duas pessoas vieram até aqui, viram minha filha e afirmaram que ela tá doente, que seu comportamento não é de pessoa sadia e que ela precisa de tratamento, por um acaso o senhor chamou um médico para examinar ela aqui na sua casa? Por um acaso o senhor procurou um curandeiro, uma benzedeira ou sei lá o que, pra vir até aqui e ver minha filha? O senhor levou ela a algum lugar pra ser examinada por gente competente e que entende do assunto? Se o senhor mesmo diz que não é vidente, nem sacerdote, nem médico, nem nada, então como é que o senhor se atreve a dizer que Tina não tem doença nenhuma?

Genésio novamente se surpreendeu com o agressivo e raivoso questionamento do sogro de modo que por alguns segundos não conseguiu balbuciar uma só palavra em resposta. Deu tempo para Izidoro completar.

– E tem mais uma coisa, Seu Genésio. Eu não quero mais saber de prosa. Chega de lengalenga e de patacoada. Já tô cheio dessa conversa mole. Quero ver minha filha agora e o senhor vai junto comigo. Tá combinado assim!

O marido de Tina apequenou-se diante da força do ordenado e da clareza da decisão do sogro. Conhecia-o muito bem para saber que quando ele dizia que “tá combinado assim”, esse era o fim de uma conversa. Sabia que Izidoro não

era homem de recuar nem de encompridar a prosa depois do decidido. Ademais, era a casa de sua filha e ele tinha o direito de querer ver Tina tantas vezes quantas quisesse.

Levantaram e seguiram pelo mesmo roteiro das vezes anteriores. Genésio à frente conduziu o sogro através da cozinha e depois pelo corredor que dava acesso aos quartos da casa e à sala do meio. Parou à frente da porta do quarto de Tina, apontou-a para Izidoro e disse que ele podia abrir e entrar enquanto ele aguardaria o fim da visita do lado de fora. O patriarca de Santo Antão retrucou na hora.

– Não senhor, Seu Genésio! Você vai na frente abre a porta e fala pra minha filha que quem tá aqui e vai entrar no quarto é o pai dela.

Da forma como Izidoro predissera, dessa vez tudo caminhava de um modo bem diferente. Tinha de ser o marido quem falaria primeiro com Tina para anunciar a presença do visitante. E Genésio desde logo se apercebeu de que ia ter que ficar junto, dentro do quarto, durante todo o tempo da visita. Nada lhe restou senão obedecer. Abriu a porta do quarto, sem bater, viu a mulher imóvel deitada de costas na cama, vestida como estava e com seus inseparáveis chinelos. Deixou a porta semiaberta, entrou no quarto e de lá de fora, a um passo da porta, Izidoro ouviu Genésio perguntar.

– Como é que cê tá, Tina?

– Tô bem, Nésio. Quem veio aí já foi embora?

Antes que Genésio respondesse Tina sentou-se na cama, passou os dedos das mãos pelos cabelos dispersos e deu uma rápida arrumadela na saia do vestido que usava. Izidoro afrontou-se à porta, abriu-a de todo e se agigantou à vista do cunhado e da filha.

– É seu pai que tá aqui, Tina. Completou Genésio com uma fala mansa de subordinado.

Izidoro se deparou com a filha sentada na cama, estando Genésio de pé a seu lado. Mesmo antes de entrar sentiu um forte cheiro de incenso, que parecia tomar conta do ambiente do quarto, que tinha a única janela totalmente fechada. De primeiro ordenou a Genésio que se sentasse à beira da cama ao lado de Tina, para só então cumprimentar a filha. O genro obedeceu de pronto e calado.

– Óia, fia! Teu pai tá aqui para te ver e prorear um pouco. Tamos com saudade de você.

Tina permaneceu sentada na cama e fitou o pai com um olhar que pareceu conter uma mistura de susto e de contentamento. Falou com voz trêmula.

– A bênção, meu pai.

– Deus te abençoe, fia. Como é que você tá?

– Vô vivendo como Deus quer, né pai?

– É, mas Deus não quer que ninguém viva preso em casa sem falar com os outros, sem sair para ver os parentes e sem querer receber visita de nenhum deles em casa. Não é assim que Deus quer que se viva. Tá de acordo?

– Tô sim, pai. Mas é que não tenho vontade de prorear com ninguém e nem sair de casa. Minha vida é essa aqui e é assim que tem que ser.

Tina deixou de olhar para o pai, abaixou a cabeça e de mãos postas como quem vai rezar, murmurou.

– Não tô cometendo nenhum pecado. Tô, meu pai?

– Não tô dizendo que é pecado. Nem sou padre para dizer se é ou não é. Tô dizendo que viver assim trancada em casa e não querer prosa com ninguém não é uma coisa certa. Você falou com Padre Agostinho, não falou? O que é que ele lhe disse?

As últimas perguntas de Izidoro ficaram sem resposta. Tina aparentou cansaço, baixou mais a cabeça e olhou para

seus chinelos. Genésio continuava sentado na cama ao lado dela, sem dizer essa boca é minha. Izidoro se apercebeu de que não adiantava nada insistir em ficar ali e que já era chegada a hora de encerrar a conversa. Mas, antes acrescentou.

– Seu marido e seu pai vão levar você no médico para que ele recomende alguns remédios pra você sarar e voltar a ser a menina alegre e falante que você sempre foi. Tá bom?

– Não sei não, meu pai. Eu não tô doente!

– Como é que você diz que não tá doente? Por um acaso você acha que viver dessa maneira que você tá vivendo é jeito de gente sadia? Isso não é vida, não! Você precisa se tratar. Não custa nada se avistar com um médico, tomar uns remedinhos e passar a viver mais alegre!

Tina mantinha a cabeça abaixada. O pai a intimidava e ela não mais quis dizer palavra. Entrelaçou os dedos das mãos pousadas em seu colo e se calou de vez. Izidoro ainda ficou um minuto a mais olhando fixo para a filha. Voltou-se para Genésio e alinhou um olhar severo para a cara de assustado do passivo genro, calculando que não tinha mais jeito de continuar a prosa. Tentou só mais uma vez provocar Tina.

– Escuta uma coisa que seu pai tá dizendo. Se eu voltar aqui trazendo comigo um médico e ele disser que você precisa se tratar e que deve ir com ele até Cruz das Almas você vai ou não vai?

Tina demorou um pouco para responder. Com a cabeça ainda abaixada, fechou os olhos como se devesse pensar no que ia falar, apertou ainda mais as mãos entrelaçadas em seu colo e por final se pronunciou com uma voz fraca e fugidia.

– Eu não vô não, meu pai! Não tô doente, nem preciso de médico. Quero ficar aqui mesmo do jeito que eu tô!

Izidoro aproximou-se um pouco mais de Tina, passou as mãos em seus cabelos e se aprontou para deixar o quarto.

– Tá bom, fia! Então eu vou embora, mas vou voltar aqui e venho com o Doutor Veras pra te examinar.

– A bênção, pai! Novamente pediu Tina sem se levantar da cama, nem olhar para o pai.

Izidoro saiu na frente, seguido pelo genro, sem que nenhum deles trocasse qualquer palavra até retornarem à área da cozinha. O velho patriarca de Santo Antão não quis tornar a se sentar ali. Dispôs-se a ir embora. Olhou para um Genésio apequenado e mudo e disparou sua última advertência.

– Presta bem atenção numa coisa, Seu Genésio! Eu sei muito bem o que eu vou falar. Minha filha tá carecendo de um médico. Ela é uma pessoa doente que precisa tomar remédio. Ou você dá seu consentimento e vamos juntos ou eu volto aqui e sozinho eu levo ela ao Doutor Veras lá em Cruz das Almas. Com ou sem o seu consentimento. Tá combinado assim!

Sem mais dizer, Izidoro deu as costas ao genro e saiu com passos firmes e pisadas fortes contornando a casa para retomar a viagem sem dizer nem um inté. Genésio ficou plantado na área da cozinha, vazio de palavras e mudo de atitude. Agora a questão era a de Coutinho e Ordália.

Para atender alguém que batia palmas no quintal da frente da casa Ordália foi até o terraço e se surpreendeu ao ver quem era. Ficou feliz ao ver seu sogro Izidoro. Na hora ela concluiu que o assunto da visita devia ser sobre Coutinho e, ao contrário do que antes sentia, esse assunto não era mais de seu desagrado. Quem dera ele esteja trazendo notícias boas! Desceu correndo as escadinhas do terraço para encontrar-se com o sogro junto ao portão, estampando no rosto um sorriso de quem estava feliz por recebê-lo em casa. Izidoro imaginou na hora que com Ordália a conversa ia ser mais fácil. Como as coisas podem ser tão diferentes, pensou consigo mesmo.

– Bom dia Ordália. Passei agorinha mesmo na casa de Tina e falei com ela. Tô chegando de lá.

– Ela tá bem, meu sogro?

– Tá e não tá. Ela precisa mesmo é de remédio e isso só um médico é que vai dizer qual é. Qualquer dia desses eu levo ela ao Doutor Veras ou trago o Doutor aqui.

– Então vamos entrar pra dentro! Eu tava começando a passar um cafezinho novo. Vem! Tô muito contente de ver o senhor.

Izidoro foi se aliviando aos poucos desde a boa recepção dada pela nora Ordália. Havia saído da casa de Genésio sentindo-se aborrecido e carregado, como se algo de muito peso o estivesse incomodando e ele bem sabia o que era. Não viu no genro nenhuma atitude que demonstrasse ser ele capaz de fazer alguma coisa por Tina. Era acomodado demais para seu gosto. Para ele, Genésio não era homem de pegar no peso nem de enfrentar o perigo com a cara limpa. Um molenga. Sujeitinho que não sabe mandar nem no próprio nariz. Se por um lado ele tinha saído da casa de Tina satisfeito por ter visto e falado com a filha, por outro lado saiu aborrecido e sentiu raiva, ao ver a passividade do genro. E sempre que Izidoro ficava assim demorava um bocado de tempo para voltar a seu normal.

Acompanhou Ordália até a cozinha, viu ali a neta Benvenida mexendo com as panelas para fazer o almoço. Achou-a bonita como quê, deu-lhe a bênção pedida e se esparramou numa das cadeiras para esperar o café. Bem de seu jeito de dono do pedaço. Ordália coava o café quando Izidoro perguntou.

– Cadê as outras meninas e os meninos pequenos?

– Ah! A Juvelina e Ordalina estão lá no poço cuidando de lavar as roupas. Esmaíde deve estar no quarto e os dois meninos ainda não chegaram da escola.

– Ué? O menorzinho já tá na escola?

– Ele vai só pra fazer companhia pro irmão mais velho, mas ele também fica dentro da escola. A professora falou que ele não tá matriculado porque ainda não tem sete anos, mas é como os outros. Ela disse até que o Tuta é um bom aluno e que aprende depressa todas as lições.

– Que bom, né? Eu não tive escola nenhuma, mas tenho bons filhos e boas filhas que me dão muita satisfação. Às vezes um deles tem um problema aqui, outro acolá, mas pra tudo sempre se dá um jeito. Não há coisa melhor do que tá com a família reunida vivendo em paz.

Ordália serviu o cafezinho tendo se apercebido de que o sogro já estava direcionando a conversa para o caso dela e de Coutinho. Preferiu se antecipar e começar ela mesma a tocar no assunto.

– O senhor tem toda razão, meu sogro. Tá certo que devemos viver em paz dentro da família, mas às vezes há uma briguinha por uma coisa ou outra. Todo casal briga de vez em quando. Isso é normal. Por exemplo, eu acho que o senhor tá sabendo que o Coutinho me machucou muito ao sair com outra mulher. Pra mim isso foi um desrespeito muito grande. Difícil de perdoar na hora. Ser traída pelo marido é uma coisa muito grave e dolorida, Seu Izidoro. Mande ele sair daqui, ele saiu com a roupa do corpo e agora nem sei onde é que ele tá. Só sei que um dia ele vai ter que voltar. Aí então, quem sabe, tudo pode ser de novo como antes. O senhor sabe onde tá seu filho que é o meu marido?

– Ara! E você acha que eu não sei? Ele tá lá em casa em Santo Antônio. Tive uma conversa séria com ele quando ele chegou e contou das coisas. Reprovei sua atitude. Homem que não dá o devido respeito à mulher que tem, também não merece respeito. O que ele fez foi uma sem-vergonhice que não tem tamanho. Foi mais ou menos isso que eu falei pra ele.

Agora ele tá arrependido e disposto a não repetir o erro. Qualquer dia desses ele aparece por aqui. E você vai perdoar ou vão continuar brigados?

Ordália quis pensar um pouco antes de responder. Procurou ganhar tempo perguntando ao sogro se ele queria mais café e com a negativa recolheu a xícara e a colocou sobre a taipa do fogão. Depois se sentou à frente do sogro, olhou-o bem de perto e respondeu calmamente.

– Sabe de uma coisa, Seu Izidoro? Nós tamos casados já faz mais de vinte anos. Temos filhas criadas e filhos ainda pequenos. Acho que nossa missão ainda não terminou, de modo que devemos primeiro acabar com a obrigação de criar eles e dar boa educação a todos. Pra fazer isso, meu sogro, só continuando juntos porque apartados o exemplo é muito ruim. O que Coutinho fez também é muito feio. Ele tem filhas em casa e a Benvinda vai se casar esse ano. O senhor já sabe?

– Já tô sabendo. Quem me contou foi o Carlinhos Português lá em Itaiporã. Vai ser com o filho mais velho do Quinzinho, não é? Gente boa e de muito respeito. Gosto deles. Minha neta vai se casar bem. Fico contente. O pior é que já tô velho demais porque daqui a pouco eu viro bisavô.

Ao dizer isso o velho Izidoro deu uma boa gargalhada, o que demonstrou que já tinha se recuperado da irritação que veio com ele desde a casa do Genésio. O fato era raro, porque Izidoro não era homem dado a gargalhar por qualquer motivo. Seu normal era estar sério e no mais das vezes carrancudo. Advertia e dava ordens severas a seus contratados, fiscalizava com mão de ferro os serviços prestados, sem deixar de acusar o menor defeito naquilo que achava que não tivesse sido executado de acordo com o combinado. Nem mesmo na casa grande de Santo Antônio alguém via ou ouvia Izidoro dar uma boa risada. De pouca prosa, era um homem sisudo e

amuado. Agora tinha gargalhado meio sem se aperceber na casa da nora.

Ordália, que bem o conhecia, também se admirou e gostou muito de ver o sogro contente a ponto de gargalhar desse jeito. Na verdade ele estava rindo de si mesmo e isso era só ele que podia fazer. Bom demais, pensou Ordália.

– Que velho que nada meu sogro! O senhor é homem sadio e forte que vai viver muito tempo ainda. Com certeza passa dos noventa. É capaz até do senhor conhecer um neto de seu neto e virar tataravô, concluiu Ordália, rindo junto com seu sogro.

– Sei não, minha fia! A vida passa depressa e prega muito susto. De modo que o que eu acho mesmo é que temos que cuidar de viver bem dentro de casa, com a família sempre unida em volta da mesa. Se na casa tiver tudo bem, todo mundo vive melhor e mais tempo. Agora, se tiver desarranjo dentro de casa aí a coisa desanda, o corpo padece e vai tudo pro bebeléu.

Ordália sentiu que era a hora certa para ela retomar o assunto sobre a volta de Coutinho, de modo que emendou sem perda de tempo.

– Eu quero que o Coutinho volte pra casa, meu sogro! Tenho tido muita pensão dele sem saber como é que ele tá e como é que ele tá vivendo. Aqui tá todo mundo querendo que ele chegue logo. Tô disposta a passar um pano em cima disso tudo o que aconteceu e voltar a viver junto. Carecemos dele aqui. O Senhor fala isso pra ele?

– Pode ficar sossegada que eu falo e ele vai voltar. Isso eu te garanto! Agora eu já vou indo embora.

– Ah, meu sogro, não vai já não! Fica mais um pouquinho, almoça e depois o senhor vai! Pra que essa pressa?

– Preciso ir. Constância deve estar com preocupação esperando notícias da minha visita à casa de Tina. Ao depois

eu tenho coisas pra fazer ainda hoje lá em Santo Antão. Fiquei contente em te ver, Ordália. Brigado pelo café e até outro dia.

Izidoro deixou a casa de Inhaúma e retomou a estradinha que levava a Santo Antão. Nessa volta teve que passar outra vez pela frente da casa de Genésio e Tina. Enquanto o cavalo Ponteio seguia ao passo, Izidoro olhou à esquerda para aquela casa toda fechada, silenciosa e sombria, sempre parecendo que ali não morava gente. Matutou consigo mesmo. Quanta diferença da casa de Ordália! Casa de família tem que ter vida a ser percebida e sentida de longe. Tem que ser como se já tivesse chegado nela assim que ela é vista, antes mesmo de chegar. Logo que uma boa casa é avistada eu sinto isso! Se vou ser bem recebido ou não! Como é que pode uma coisa dessas? A casa da Tina é uma casa fria. Não senti vida nem por fora nem por dentro. Genésio não tem nem cachorro latindo para anunciar a chegada de gente. Não senti que cheguei nela nem mesmo depois de estar dentro dela. Não percebi alegria arrodando a casa, não vi nenhuma vontade de prostrar nem contentamento nenhum pela minha chegada. É uma judiação uma coisa dessas! Logo com Tina, que era a mais falante, a mais alegre e mais levada da breca de todas as filhas que eu tive!

– Ara! Deixa pra lá! Acho que fiz o que devia ser feito e disse tudo o que devia de ter falado! Concluiu pensando alto e esporeando o animal.

Izidoro seguia pelo isolado trecho entre Inhaúma e Santo Antão, pelo mesmo caminho que percorrera por tantas vezes que já tinha até perdido a conta. Conhecia de cor cada palmo daquele chão. Todo aquele mundão tinha sido só seu. Com os casamentos de filhos é que a fazenda veio a ser repartida, a começar pelos lados de Inhaúma. Fora uma ou outra gleba que acabou sendo vendida, como é o caso do sítio que hoje é

dos Caetanos, um próspero criador de gado bovino que toma dinheiro emprestado de Banco para comprar mais cabeças, coisa que Izidoro sempre achou uma besteira das grandes. Ou então a pequena chácara de Chico Dantas, um sujeitinho encardido e minúsculo que cria cabras e que é o marido de um mulherão de almoço e janta, aquela que deve ser a que se arrodou de Coutinho. Mais nada. Dali, tendo como divisas o Córrego Inhaúma, à esquerda, e a estrada principal de Cruz das Almas, à direita, todo aquele mundão tinha sido seu até acercar-se com as terras dos Morretes, já depois de Santo Antão.

Pensou em Ordália. Havia gostado muito do jeito como a nora o recebera. Merecia consideração. Ao contrário da casa de Tina, a casa dela ele sentiu que tinha vida. Percebeu que cada uma das netas estava cuidando de alguma coisa. Soube que o neto menorzinho já estava na escola. E o que mais tinha agradado foi ver a cara sempre alegre de Ordália, puxando assunto para não deixar a conversa morrer. A prosa tinha sido boa por demais da conta. Admirou-se de ter deixado escapar uma gargalhada, coisa que não fazia há muito tempo. Achou que isso só tinha acontecido por causa da boa companhia e do ambiente descontraído e feliz em que estava. Na casa de Ordália ele havia se sentido como se estivesse em sua própria casa. Lembrou-se do pedido que ela fez e pensou que assim que chegasse ao patrimônio ia chamar Coutinho e contar isso para ele. Questão que vai ser fácil de resolver! Tendo tido uma primeira prosa com o filho na noite chuvosa em que ele chegou, e depois dessa conversa com Ordália, o velho patriarca teve certeza de que era até capaz de Coutinho voltar ainda hoje. Matutou ainda que a vida tem que ser tocada para frente e não pode ser emperrada por qualquer bobagem, embora achasse que a besteira feita por Coutinho tivesse sido um escorregão muito grave.

Logo depois avistou seu casarão, pouco antes do patrimônio de Santo Antão. Chegando lá, ele mesmo desarriou o cavalo e guardou os arreiares sob os insistentes agradecimentos e lambidas de seus três cachorros, que fizeram uma verdadeira festa pela sua chegada, como se o dono tivesse ficado fora por muitos dias. Subiu pela escada da cozinha onde estava Constância, que tinha acabado de fazer o almoço. As costeletas de porco com mandioca cozida preparadas no capricho pela velha senhora foram um convite e tanto para um prato farto feito por alguém que chegava com fome. Enquanto comia, Izidoro passou a contar aos pedaços a história da visita que fez à filha Tina e à nora Ordália. Antes, Constância informou que Coutinho não estava em casa porque tinha ido com Miro comprar mantimentos na venda de Seu Vando, mas que deveriam chegar daqui a pouquinho. Ela comia olhando mais para Izidoro do que para seu prato. Não queria perder nenhum detalhe da história. Principalmente sobre Tina. Izidoro por final resumiu.

– Pois foi assim, Constância. Amanhã eu vou a Cruz das Almas falar com o Doutor Veras. Se eu não fizer isso, não vai ser aquele pamonha do Genésio que vai fazer.

– Também não precisa falar assim desse jeito do filho do Compadre Calimério, contestou a matriarca Constância.

– Tá bom! Mas que ele é uma galinha morta isso ele é, completou Izidoro.

Nem bem terminavam o almoço, Coutinho e Miro chegaram carregando sacolas de compras que fizeram. Coutinho, ansioso por saber das notícias que o pai deve ter trazido, apressou-se em perguntar.

– Como foi de viagem, pai? Teve na minha casa?

– Tive sim e também tive uma boa conversa com Ordália. Deixa eu terminar aqui que depois eu falo com você.

Constância logo interveio.

– Vocês dois senta aqui pra comer. A conversa com o pai vai ser depois.

O velho patriarca de Santo Antônio lambeu os beiços depois de limpar o prato. Foi sentar-se numa cadeira da área da cozinha e começou a picar um toco de fumo de corda para enrolar seu cigarro de palha. Olhou para os fundos do quintal e uma vez mais se deu conta de que sua vista estava ficando meio fraca. Calculou que logo teria que usar óculos. Coutinho teve pressa de acabar de comer. Engoliu a comida como se estivesse esfomeado, mas a pressa era outra. Levantou-se e foi ter com o pai no terraço.

– Então, pai. Como é que foi a conversa com Ordália?

Izidoro bafou seu cigarro mais umas duas vezes antes de responder. Concluiu que a pressa que Coutinho mostrava ter em saber das coisas devia ser a mesma pressa e vontade que ele tinha de voltar para casa. E isso era bom. Imaginou que depois dessa conversa era bem capaz dele sair correndo para Inhaúma até mesmo sem pensar direito nas coisas. Melhor começar devagar com a história.

– Aristeu, sua casa é muito boa e sua família é bonita de se ver. Todo mundo lá cuida de uma coisa e até o menorzinho já tá indo pra escola. Ordália me recebeu muito bem e eu quase fiquei pro almoço que sua filha mais velha tava fazendo. De tanto gosto que eu senti de estar lá! É a Benvinda, né? Sua mulher é alegre, cheia de vida, de boa educação e de boa prosa. Não merece ser desrespeitada.

– E ela falou de mim, pai?

– Falou! Ela perguntou se eu sabia onde é que você tava e eu contei. Conte também que desaprovei sua atitude e disse pra ela que quem tem uma família como aquela deve se dar ao maior respeito. Acho que ela tem razão em tudo. Quem tá

errado é você e é você que deve pedir perdão a ela e não voltar nunca mais a fazer besteira. Ordália merece a maior consideração. É uma mulher séria, trabalhadeira e honesta. Não pode ser desrespeitada pelo marido.

– Pai, mas se eu quiser ela vai me receber de volta?

– Decerto que vai! Ela até me falou que passou um pano nisso tudo e quer que você volte porque ela precisa de você em casa junto dela e dos filhos. Pediu para eu falar isso pra você.

– Verdade, pai?

– Ara! Por um acaso eu sou homem de inventar as coisas?

– Desculpa, meu pai. Mas é que isso me deixa muito contente e eu tô com vontade de ir agorinha mesmo pra casa.

– Pois então tá combinado assim, arrematou o velho patriarca de Santo Antão. Pode ir que Ordália tá te esperando.

Não deu outra. Coutinho levantou-se mais apressado ainda e pediu à mãe que emprestasse um picuá para ele acomodar as roupas que havia comprado, porque já estava saindo de volta para casa. Constância se alegrou a ponto de deixar escaparem duas lágrimas que escorreram pelo seu rosto envelhecido.

– Graças a Deus, meu filho! Ajunte tuas coisas que já vou pegar um picuá.

Trocou um olhar com Izidoro que voltava do terraço e viu no rosto do marido um espichado sorriso de satisfação. Izidoro caçoou dando uma piscadela para Constância e mostrando a ponta da língua. Coisa boa que há tempo não se via!

Coutinho correu para o pasto com o cabresto na mão para pegar a Crioula. Arreou a mula com o zelo e cuidado de sempre, sem apertar muito a barrigueira, e voltou para despedir-se dos pais. Dividiu as roupas de forma igual nos dois lados do picuá que a mãe lhe dera, acomodou-o nos ombros e deu um

forte abraço no pai Izidoro que até se emocionou com o inusitado. Despediu-se da mãe pedindo sua benção, deu um *inté* para Miro e montou na Crioula depois de ajeitar o picuá na cabeceira do arreio. Nessa volta para casa, diante do esperado reencontro com Ordália, parecia mais feliz do que no dia em que viajou de carro de boi para o casamento em Cruz das Almas.

A tarde começou ainda fria com um sol fraco mal mostrando a cara. Naquela região o inverno judiava muito das pessoas e das criações. Se vem uma geada então, perde-se quase tudo o que se plantou ou do que se tinha para colher. O gado sofre com o prejuízo da pastagem. Emagrece. É um tempo em que a família fica mais dentro de casa, à beira do fogão, o sem nenhuma vontade de sair. A cozinha com o fogão aceso passa a ser o lugar mais quente da casa. Melhor ainda se tiver uma sopa bem quentinha para tomar.

Nesse começo de primavera o frio não tinha ido embora ainda. Coutinho sentia o vento fino castigando seu rosto, embora devesse estar com todo o corpo aquecido por um calor interno que provinha da vontade de chegar logo em Inhaúma e de rever sua mulher e filhos. Nem pensou em pegar a capa enrolada e bem acomodada na garupa da mula. Apertou o passo como se tivesse hora certa para chegar. Lembrou-se de que foi exatamente isso que ele fez quando teve a preocupação de não perder a hora da partida da jardineira de Seu Valentim para ir com Adelaide até Cruz das Almas. Menos de meia hora de estrada e estava ele na altura das terras dos Caetanos. Antes havia passado bem em frente do rancho de Chico Dantas, o marido de Adelaide. Não quis nem olhar para esse lado. Que besteira foi que eu fiz, disse a si mesmo.

Com um chapéu Ramenzoni novinho na cabeça e uma alegria estampada nos olhos e no rosto, apesar de meio encolhido pelo frio, Coutinho parecia até mais moço. Tinha

completado seus 45 anos e estava casado com Ordália há mais de 23. Agora voltava para casa e tudo parecia ter acontecido ontem. Como o tempo passa depressa! Recordou-se do instante em que se estremeceu todo ao se dar conta de que não era Natália quem entrava vestida de noiva na igreja de São Sebastião em Cruz das Almas. Da desenvoltura e do atrevimento da menina Ordália quando ela chegou à sua primeira morada, um ranchinho pobre que ela achou bom demais, sem reclamar de nada. Do banho no Rio Caimbé. Do nascimento da primeira filha que agora já estava com casamento marcado com o filho do Quinzinho. Relembrou-se da difícil e custosa construção e da mudança para a casa nova. Uma casa grande e de material, vista e apreciada de longe. Do progressivo aumento da família com o nascimento de mais três filhas mulheres e dos dois filhos homens que ele tanto queria ter. Dos bailes e das festas que frequentava junto com Ordália, por vezes acompanhados de Natália e Eliodoro. Da boa invernoada que possuía para engordar seus garrotes e da boa terra que tinha para o plantio. Do cultivo do arroz e do roçado de milho e de tudo o mais que havia em Inhaúma. Era disso tudo que ele se afastara por seis dias, tempo que lhe pareceu uma eternidade. Nunca havia se ausentado de casa por tanto tempo. E voltar é melhor do que ir, pensou. Queria de volta sentir o aconchego da família, ainda que até hoje não tivesse sido um pai de dar muita liga a seus filhos nem um marido de ter muita prosa com a mulher. Mas estar com eles e com ela ao seu redor era bom demais. Disso ele só se apercebeu por causa dos solitários dias em que ficou distante. Não podia nem pensar em ficar nem mais um dia sem ter nada disso. Lembrou que Ordália por vezes era ranzinza, brava e nervosa. Que batia demais nos filhos e que judiava até de criação. Mas quem há nesse mundo que não tem defeitos? Por acaso eu não tenho? Quem sou eu para

julgar Ordália? Eu quero é chegar logo em casa, concluiu para si mesmo.

Ao passar em frente à casa de Genésio tornou a vê-la toda fechada e silenciosa. Pelas suas contas já faz uns vinte anos que ele não vê a irmã, nem fala com seu cunhado. Uma vez alguém lhe disse que Tina se parece muito com sua mãe, a velha Constância, tanto na cara como no jeito de falar. Coutinho nunca conferiu. Já era de costume não se importar com isso. Não se encabulou. Dali mesmo ele pôde avistar a casa grande de Inhaúma. Estava de volta e agora seu pensamento era um só. Como é que Ordália vai me receber?

Em casa, Ordália costurava seus panos, pedalando intermitentemente a velha máquina Singer. Benvinda e Juvelina estavam no quarto, a primeira com um bastidor na mão fazendo um bordado e a segunda chuleando a barra de um vestido seu. Esmáide varria a área da cozinha depois de ter lavado os pratos e talheres usados no almoço e limpadado todo o assoalho da casa. Ordalina ajudava a mãe no trabalho de costura. Os meninos chegados da escola haviam tirado os uniformes e depois de se alimentarem brincavam sem nenhuma algazarra no quintal, embaixo das laranjeiras, fazendo imaginários porquinhos com pepinos bravos nos quais punham quatro palitos em cada um como se fossem as pernas. Sabino se acomodara em seu pequeno recanto e decerto fumegava seu cachimbo em hora de descanso. As janelas da casa estavam todas abertas apesar do frio que ainda fazia. Só a porta da sala é que estava fechada. Entre a porteira da estradinha e o portão do quintal da frente algumas vacas pastavam sossegadas sem nenhum mugido, já que estavam com seus bezerros soltos depois de ordenhadas.

À medida que se aproximava, Coutinho procurou imaginar como era e como devia estar cada uma das coisas que

havia dentro de casa. Seu relógio de parede na sala deve estar parado há dias porque só ele é quem se incumbe de lhe dar corda. Sua parte no guarda-roupa do quarto deve estar vazia porque tudo o que tinha nele havia sido queimado por Ordália. As poucas roupas que trazia no picuá são em número bem menor do que o das que tinha antes. Vai sobrar espaço. Se Ordália também não queimou, guaiaca só deve ter a velha que seu pai lhe deu. E isso foi há muito tempo, logo quando se casou. Mas é melhor nem se lembrar de guaiaca numa hora dessas!

Crioula seguiu pela porteira do mangueirão e parou junto ao paiol, tudo sem comando porque era de seu costume. Coutinho apeou, retirou o picuá com suas roupas, desarreou a mula e guardou os apetrechos no lugar devido. Sabino foi o primeiro a perceber a chegada, saindo de seu quartinho e cumprimentando o patrão com cara de contentamento pela sua volta. Coutinho retribuiu estendendo-lhe a mão e depois dando tapinhas em suas costas. A estima entre os dois era recíproca. Bom é perguntar, pensou Coutinho.

– Como é que tão as coisas aqui em casa, Sabino?

– Tá tudo bem meu patrão. Do jeitinho que o senhor deixou.

– É bom ver você de novo, Sabino. Tô com saudades de todo mundo aqui de casa. E Ordália, como é que ela tá?

– Dona Ordália tá bem, sim senhor. Hoje pela manhã ela recebeu a visita do senhor seu pai. Tava muito alegre.

– Então vô lá. Obrigado, Sabino.

Apesar de o pai ter lhe dito que Ordália queria que ele voltasse e que o esperava em casa, Coutinho entrou subindo pelas escadas da área da cozinha ainda com certo receio. Não pensara nem no que devia ou no que não devia falar quando encontrasse Ordália. Era sua a casa, mas sentiu-se como se

fosse um estranho. Tinha sido expulso dela. Esmáide é quem lhe viu primeiro.

– Óia que bom! A bênção, pai.

– Deus te abençoe fia, respondeu Coutinho dando um pequeno abraço na filha mais nova. Coisa que não era de seu feitio anterior. Cadê sua mãe?

– Tá na sala de costura.

Esmáide se adiantou e chamou pela mãe.

– Mãie, o pai t'aqui. Vem ver!

Ordália e Ordalina se apressaram em chegar à cozinha e se postaram na frente de Coutinho. Ordalina pediu e recebeu a bênção do pai enquanto Ordália o fixava emudecida, mas com o semblante ameno a indicar que a recepção ia ser amistosa. Coutinho se encorajou.

– Oi, Ordália! Tô de volta.

Ordália sorriu a demonstrar satisfação por ver o marido de volta, mas não perdeu a oportunidade para fazer uma pergunta carregada de ironia.

– Você veio pra ficar ou veio pra buscar alguma coisa que esqueceu?

Coutinho se encabulou com a pergunta, mas não se deu por vencido. A resposta tinha de ser à altura. De forma que ele arrematou.

– Não, Ordália! Eu voltei para ficar, se é que você ainda me quer. Voltei porque não esqueci nem um pouquinho que tenho mulher e filhos e porque quero ficar perto da família. Peço perdão a você pelo erro que eu fiz. Se você me perdoar eu fico e até assumo o compromisso de não mais cometer esse desatino. Se não perdoar tenho que ir embora e não voltar mais.

– Se você quiser pode ficar. As crianças precisam de você.

– E você não precisa? Rebateu Coutinho.

Ordália olhou fundo nos olhos de Coutinho reconhecendo nele o homem de quem gostava e achou melhor abrir seu coração e dizer o que sentia.

– Eu também preciso. Quero que você fique. Mas não da maneira que vinha sendo. Quero você vivendo perto da família. Quando for sair quero saber pra onde vai, pra fazer o que e quando é que volta. Essa é a condição!

Ordália falou com segurança e certeza, mas sem rispidez. Sempre foi uma mulher de mandar junto e não de ser mandada. Coutinho sabia disso. Ela tinha razão de impor essa condição, pois reconheceu na hora que quase não ficava em casa. Nisso a menina Ordália não havia mudado em nada. Continuava mandona sem dar o braço a torcer. Reconheceu que essa era a sua mulher. Uma mulher de valor. Corajosa e valente. Precisava ficar.

– Tá certo, Ordália! Você tá com a razão. Se é assim que você quer que seja, eu assumo esse compromisso pra poder ficar.

Ordália sorriu docemente e deu um passo à frente para se chegar ao marido que lhe estendia a mão. Coutinho tomou de sua mão e a puxou para si dando-lhe um forte abraço e apertando-a firme contra seu peito por tempo demorado. Essa volta pareceu mais sentida do que a primeira chegada ao rústico e pobre ranchinho de sapé.

Estava selada a paz.

MINORO

Poucos dias depois de sua volta, Coutinho recebeu a inesperada visita de um japonês seu conhecido, morador lá nas bandas do Ribeirão das Onças, onde possuía uma chácara em que cultivava legumes e hortaliças. Houvesse sido em dias anteriores, o visitante não teria encontrado Coutinho em casa. Nesse dia o filho de Izidoro nem sequer havia saído de Inhaúma. Estava mudando seu comportamento em obediência à condição imposta por Ordália, passando a dedicar-se a pequenos afazeres em casa e a cuidar mais de perto da lavoura. Já não mais saía toda manhã como antes fazia.

O visitante era pessoa conhecida e estimada por todos na redondeza de Itaiporã. De uma simpatia irradiante, mantinha no rosto um sorriso permanente e se ria gostosamente toda vez que terminava uma fala. Ainda preservava a prática de alguns costumes típicos de seus ancestrais, como curvar o corpo um pouco à frente ao cumprimentar ou ao se despedir das pessoas com quem falava. Até hoje fazem assim os japoneses que migraram para o Brasil desde o começo do século. Seus pais aportaram nessas terras nos anos 1920, logo depois da grande guerra. Migraram para o interior do Estado e passaram a se dedicar à agricultura. Minoro era um nissei, primeira geração de japoneses nascidos no Brasil. Seu nome era Minoro Nakashima, mas seu sobrenome era pouco sabido e quase nunca pronunciado pelos que o conheciam. Ele era Minoro e só.

Minoro apeou de seu burro e foi recebido por Coutinho na porta da sala. Não era uma visita costumeira, embora não fosse essa a primeira vez que ele batia na porta da casa grande de Inhaúma. Toda a família de Coutinho já o conhecia. Até os meninos pequenos. Minoro pegou na mão do dono da casa com a reverência que lhe era típica e de pronto foi perguntando por todos da família. De um a um, começando por Dona Ordália.

– Tão tudo bem, Minoro! Vamos entrar pra dentro e prosear um pouco.

– Sim, sim! Respondeu o japonês, agradecendo a cortesia do anfitrião e fazendo nova reverência, sempre se rindo.

Sentou-se numa das cadeiras da sala, ao lado de Coutinho. Tão logo se apercebeu de sua chegada, Ordália veio se juntar a eles, não sem antes ter mandado Ordalina passar um cafezinho novo para servir ao visitante.

– Boa tarde, Minoro! Que bom te ver de novo. Faz um tempão que você não dá as caras por aqui.

Minoro levantou-se para responder ao cumprimento da dona da casa, repetindo a reverência típica dos japoneses.

– Boa tarde, Dona Ordália. Minoro tem prazer rever senhora. Muito trabalho em casa, né? Tenho saído pouco pra visitar amigos, né?

– Então senta aí Minoro e conta pra nós como é que vão indo as coisas, emendou Ordália.

– O frio do inverno castigou bastante plantas. Minoro perdeu parte grande do plantio. Mas planta de novo, né?

Sabido era que uma das várias habilidades do japonês Minoro era a de saber ler as mãos das pessoas e fazer previsões sobre o futuro com um enorme percentual de acerto. Uma das muitas razões pelas quais ele era muito respeitado e estimado por todos da região de Itaiporã. Quando Ordália o

viu na sala pensou logo em não deixá-lo ir embora sem antes ler o que estariam indicando as linhas de sua mão. Minoro voltou a se acomodar junto a mesa iniciando uma fala com elogios aos donos da casa.

– Casa bonita essa! Grande e acolhedora, né? Muita felicidade para quem mora aqui, concluiu com risadinha rápida.

– É, mas não foi fácil chegar até aqui, não! Repicou Coutinho. Hoje já tamos com os filhos criados e eles vivem bem. A filha mais velha vai se casar no final do ano. Vê como a vida passa depressa?

– No Japão se fala que quanto mais vive, mais sabedoria. Vida ensina, pessoa aprende. Sem pressa. Um passo hoje, outro amanhã, com trabalho e vontade de vencer, né. Esse ensinamento muito bom. Não olhar pra trás. Só pra frente, né? Pensar coisa boa. Ruim deixa passar, esquece.

Novamente se rindo ao final da fala, Minoro perguntou.

– Onde tá menina que tem casamento esse ano?

Ordalina chegou à sala, cumprimentou o visitante a quem já conhecia e serviu o café. Ordália mandou chamar Benvinda, que a essa hora devia estar bordando em seu quarto. Quando Benvinda chegou, Minoro novamente se levantou, fez nova reverência e antes mesmo de dizer qualquer outra coisa, acentuou perguntando.

– Moça bonita, né! Quem é noivo de boa sorte?

Ordália respondeu que Benvinda ia se casar com o filho mais velho do Quinzinho Pinho, chamado Osmar.

– Família boa. Minoro conhece. Casamento bom, né?

Ordália não perdeu a oportunidade para pedir a Minoro que lesse a mão de Benvinda para saber de alguma coisa sobre seu casamento e seu futuro. O japonês não se fez de rogado. Sinalizou para que Benvinda se aproximasse um pouco mais, tomou de sua mão direita e deteve-se em examinar as linhas

de sua palma. Depois de um minuto ou mais, Minoro se pronunciou.

– Menina tem casamento bom, muito feliz. Isso é garantido, né. Noivo bom. Educado e respeitoso. Trabalhador. Vai mudar bastante de casa, né? Morar longe. Sempre feliz, mas sem neném. Minoro não vê filho. Nenhum neném nascendo. Criança vem de fora, adotada pra fazer casal feliz. Nada ruim por muitos anos. É o que Minoro tá vendo na mão de moça bonita.

– Quer dizer que Benvinda não vai ter filhos, Minoro? É isso que você tá dizendo?

– Dona Ordália desculpa. Minoro só diz o que linhas da mão da menina mostram. Não vê neném.

Ordália se entristeceu um pouco com a previsão de que Benvinda não lhe daria um neto e de ouvir que ela e o marido iriam se mudar para longe dali. Consolou-se ao saber que ela seria feliz no casamento e que um dia iria pegar uma criança para criar. Ficou mais curiosa ainda de ouvir outras leituras do japonês. Mandou chamar Juvelina, que também chegou oferecendo a mão direita para a leitura do japonês. A segunda filha se mostrou meio desconfortada porque era totalmente descrente dessas coisas. Por ela mesma, não queria ouvir nenhuma previsão. Só deu a mão por que a mãe mandou. Minoro examinou com atenção as linhas da mão de Juvelina e depois explicaria à Ordália qual era a linha da vida, da cabeça, do coração, da saúde e do trabalho. O que disse ter visto nessa leitura encabulou ainda mais a já apoquentada Ordália.

– Saúde não muito boa, mas Minoro vê vida longa da menina. Muito esforço. Trabalho fraco. Dificuldades caminho da vida. Não tem casamento. Fica tempo na casa dos pais. Sem casamento.

Ordália não quis prosseguir. Deixou de chamar as outras filhas e não mais se animou a oferecer sua mão para a leitura de Minoro. Temia receber outras más previsões. Estimulou Coutinho, dizendo que agora era sua vez. Mesmo um pouco a contragosto e meio ressabiado porque também era descrente dessas coisas, Coutinho aquiesceu estendendo sobre a mesa sua enorme mão direita com seus grossos dedos. Minoro se ateu a examiná-la demorando-se mais do que das vezes anteriores. Por fim se pronunciou.

– Saúde muito boa, né? Homem forte como touro. Tem vida longa. Não sabe o que é doença, né! Homem decidido e teimoso. Mas, amigo às vezes é muito descuidado. Precisa desconfiar pouco mais das coisas. Não pode acreditar em tudo que outros falam. Isso prejudica vida, né? Tem personalidade marcante. Espírito valente e forte.

Minoro parou, deu uma risada fina em compasso rápido e prosseguiu falando, agora como se dissesse coisas fora da leitura que fazia porque nem mais olhava para a mão de Coutinho.

– Amigo tem corpo fechado, né? Espírito mau não pega nele. Protetor espanta alma penada e coisa-ruim. Se for para inferno capetas abrem caminho pro amigo passar. Muito, muito forte. Só falta pensar pouquinho antes de fazer coisa ou negócio. Tudo indica bom e feliz. Homem vaidoso e orgulhoso da família, né?

Ordália se admirou ao ouvir que Coutinho tinha espírito forte em sua proteção. Decerto é por isso que nenhuma praga pegou nele até hoje. Olha só que coisa! O desgraçado é bem protegido, concluiu para si mesma, se rindo por dentro.

Como Ordália não ofereceu sua mão, nem pediu que Minoro a lesse para dizer de seu futuro, em seguida Minoro voltou a falar do tempo e do cultivo de sua chácara. Coutinho

acompanhava calado, olhando sério para o japonês e concordando com o que ele falava, mesmo sem estar nem um pouco interessado nesse assunto, porque nunca fora homem de cultivar hortaliças ou verduras. Achava que isso era coisa de japonês, no que ele tinha boa dose de razão. A conversa prosseguiu por mais tempo até Ordália oferecer outro café ao visitante. Minoro agradeceu, mas não aceitou, dizendo que já era hora de voltar para casa. Levantou-se, recolocou a cadeira no lugar devido em que ela estava e aprontou-se para sair. Já no portão, sempre se rindo, tornou a falar a Coutinho e Ordália.

– Casa bonita, família bonita, né? Precisa cuidar. Minoro deseja felicidade. Até mais ver! Despediu-se com nova reverência antes de montar em seu burro.

Ordália e Coutinho voltaram para dentro. Ela com ares de encabulação, embora preferindo achar que não podia nem devia dar ouvidos ao que Minoro dissera sobre Benvinda, nem reforçar isso com a filha. Ele achando que tudo aquilo não passava de lorota e que o futuro é coisa que ninguém pode saber como vai ser. Que Ordália não garre a pensar no que ouviu e nem se encabule com essas bobagens! Mas Ordália não deixou de ficar chateada, fixando-se em cada detalhe do que ouvira sobre Benvinda e Juvelina. Coutinho não deu trela para nada do que ouviu. Descrente dessas coisas, acreditava que o destino de cada um está fixado desde o nascimento e que ninguém sabe como é que vai ser o dia de amanhã. Só Deus é que pode saber o futuro das pessoas. Nem se pode pensar em mudar o que tem de ser. Quem é que podia saber que eu ia me casar com Ordália e não com Natália? Que ia ter seis filhos e construir esse casarão que eu tenho hoje? Acho tudo isso uma bobagem que só serve para encabular as pessoas! A vida é como ela é e como tem de ser, pensou ele consigo mesmo.

Já Ordália não. O que tinha ouvido lhe causara uma certa chateação. Nada lhe saía da cabeça. Fosse ou não fosse verdade. Como não se importar com a previsão de que Benvinda vai morar longe daqui, sem filho? Que ela vai pegar uma criança que não é dela pra criar? Como é que vai ser? Pensou em Juvelina que estava de namorico com um moço de Cruz das Almas, cuja família morava em Santo Antão e falava até em se casar. Quer dizer que esse casamento não vai sair? Vai virar solteirona morando em casa com os pais? Isso não é bom! Consigo mesma ela concluiu que se Coutinho abusa de vez em quando é porque ele é protegido por um espírito forte. Ainda bem que eu não pedi para o Minoro ler minha mão!

No quarto, Benvinda retomou seu bordado e não demonstrou estar nem um pouco abalada com o que ouviu de Minoro. Gostava muito de Osmar e queria viver com ele do jeito que Deus quisesse. Aqui ou em qualquer outro lugar, com filho seu ou adotado. Deus é que manda! Se Ele não quiser me dar um filho é porque Ele quer que eu pegue uma criança para criar como se fosse minha! Não tem muita diferença! Vou querer bem do mesmo jeito!

De sua parte, Juvelina não se incomodou nem um pouco com o que Minoro disse. Era porque não acreditava em nada daquilo. Como é que um homem pode saber do futuro, só olhando para a mão da pessoa? Isso é uma besteira das grossas! Pra mim não muda nada!

Tudo apesar, nada interferiu no relacionamento de Coutinho com Ordália por causa das previsões ditas por Minoro. Porém, à noite, quando se deitaram, iluminados apenas por uma lamparina com chama inquieta, Ordália não conseguiu deixar de pensar em cada uma das previsões feitas pelo japonês. Lembrou-se de que não há muito tempo Minoro havia

lido as mãos de Dona Raimunda, uma gorda e sossegada mulata que morava nas bandas dos Amélios e que para ela Minoro havia feito previsões horríveis, dizendo que haveria morte próxima de seus filhos. Raimunda não quis acreditar e nem se incomodou com isso. Poucos meses depois ela viu seu filho menor, de apenas três anos e meio, passar a ter dificuldades para respirar, com um chiado no peito durante a noite e febre alta ao amanhecer. A criança não conseguia engolir direito a comida e não queria mais comer. Morreu dormindo, asfíxiado, em menos de uma semana. Um médico de Cruz das Almas diagnosticou ter sido um caso de crupe com lesão fatal nas vias respiratórias. Menos de um ano depois outro dos filhos de Raimunda, com sete anos, morreu afogado quando brincava nas águas do rio Caimbé. Seu corpo só foi encontrado dois dias depois a léguas de onde estava. No ano seguinte Raimunda perdeu mais um filho, esse já adulto, com dezenove anos. Sofreu uma queda do cavalo quando vaquejava no capoeiral e quebrou o pescoço. Hoje, dentro do cemitério de Itaiporã, existe um cercadinho onde estão enterrados os três filhos de Raimunda. Como deixar de acreditar ao menos um pouco no que o japonês diz?

Assim preocupada, Ordália voltou a tocar nesse assunto com Coutinho. Falando baixo para não chamar a atenção dos dois meninos que dormiam no quarto ao lado, ela especulou.

– Quer dizer que você tem o corpo fechado, hein Coutinho?

– Ara, Ordália! Para de pensar nessas coisas que o japonês falou. Ninguém garante que isso é verdade. Não acredito nisso e nem quero mais pensar nesse assunto. O que tem de ser na vida vai ser, querendo ou não. Não é porque alguém falou que vai ser assim ou assado é que as coisas deixam de ser como são. Para com isso, concluiu Coutinho. Melhor dormir.

– É bom ter uma proteção forte do corpo. Você não acha? Insistiu Ordália.

– Proteção vem de Deus, Ordália. De Nossa Senhora d'Aparecida e dos Santos Apóstolos. Nisso eu acredito. O resto é prosa mole. Esquece!

– Mas que é bom é, repetiu Ordália cutucando com uma das mãos as costas de Coutinho.

A conversa cessou. A lamparina foi apagada. Por um bocado de tempo Ordália se aquietou mantendo os olhos abertos no escuro do quarto. O que lhe confortava era o fato de que pelo menos aqui o japonês não falou nada sobre tragédia na família, nem em morte próxima. Só que Benvinda não ia ter filhos e que Juvelina não ia se casar. E isso não chega a ser uma desgraça!

Coutinho procurava deixar-se dominar pelo sono. Ordália não queria isso. Estava desperta demais. Impediu que Coutinho dormisse dando-lhe sucessivos cutucões nas costas. Era uma clara provocação. Dos cutucões ela passou a fazer cócegas no marido a tal ponto que bem logo ambos estavam dando risinhos maliciosos. Ordália e Coutinho prosseguiram na troca de cutucões e de cócegas até passarem a brincar sob o cobertor e a se procurarem um ao outro. Há muito isso não ocorria. Ela sentindo que Coutinho tinha voltado para casa e achando que isso era muito bom. Estava de novo ao lado do marido de sempre. Ele redescobria a mulher que desde menina ora o assustava ora o estimulava. Coutinho o homem forte, protegido por um bom espírito de defesa. Ordália a mulher poderosa, protegida por uma inexplicável força de pensamento que nem mesmo ela sabia a extensão que tinha e até que ponto ia. Nada poderia atingi-los enquanto se mantivessem juntos.

Esqueceram-se do japonês e sem alarido amaram-se como se estivessem às margens do Rio Caimbé. Rejuvenescidos.

Afoitos. Sedentos. Depois, dormiram profundamente como se essa fosse a primeira vez.

Na manhã seguinte o casarão de Inhaúma estava banhado de um sol vívido e uma paz silenciosa reinava no seio da família. Logo cedo Coutinho aparelhou a mula Crioula e a conduziu até o arrozal, onde cuidou de passar carpideira nos carreadores do plantio de arroz. Sentia-se mais leve com a superação do caso com Adelaide e o reencontro com Ordália. Achou que o erro cometido acabou servindo como uma lição de vida. Aprendeu com as consequências do erro e lembrou que Ordália sempre dizia que às vezes até é bom ter um dia bem ruim, para poder saber o que é e poder dar valor a um dia bom como o de hoje. Só retornou por volta das onze horas para o almoço.

Em casa almoçaram todos juntos e se deliciaram com um lombo de porco preparado por Ordália. Porque era sábado, os meninos não tinham ido à escola e só eles pediram complemento que não estava na mesa. Gostavam de ovos fritos, bem molinhos. Benvinda foi quem atendeu ao pedido dos irmãos. Coutinho olhou para sua mulher e notou que ela estava com um ar de alegria estampado no rosto, imaginando que esse contentamento devia ser porque toda a família estava reunida em torno da mesa. Durante o almoço falaram pouco. Ordália zelando para que os meninos se alimentassem direito, mastigassem bem os alimentos, não derrubassem comida fora do prato, nem deixassem restos do que puseram nele. Dizia que no mundo tem muita gente passando fome e que é pecado jogar comida fora. Botou no prato, era obrigado a comer tudo. Olhou várias vezes para Coutinho e admirou-se ao ver como o marido devorava o lombo de forma voraz. Esse homem deve ser protegido mesmo, pensou. Parece um touro, como Minoro disse. Dorme bem e nunca perde o apetite!

Se lhe oferecer uma coisa de comer a qualquer hora do dia a resposta é sempre a mesma: Se você quer que eu coma eu como!

Coutinho nada assuntou enquanto comia. Só quando deixava a mesa é que perguntou a Ordália se ela já havia conversado com Dona Luzia, a esposa de Quinzinho, a respeito dos preparativos do casamento. Ordália recolhia os pratos ajudada por Benvinda. Foi discreta ao responder, com voz baixa, olhando de soslaio para o marido.

– Depois eu falo disso. Deixa eu terminar aqui!

Coutinho saiu da cozinha e foi para o terraço da sala picar o toco de fumo de corda e preparar um cigarro de palha, da mesma maneira que seu velho pai Izidoro fazia. Passou a dar baforadas enormes levantando a cabeça para expirar tufos de fumaça. Olhava distraidamente para a porteira da estradinha que levava a Itaíporã. Juvelina preparou um prato cheio e levou o almoço para Sabino, que já esperava encolhido num canto de seu quartinho junto ao paiol. Notou que Sabino parecia entristecido, abatido demais, como se estivesse doente. Precisava contar isso ao pai. Benvinda lavava os pratos e limpava a cozinha. Os meninos tinham ido brincar no quintal. Ordalina e Esmáide recolheram-se no quarto.

Em poucos minutos Ordália veio se juntar ao marido, arrastando outra cadeira para o terraço da sala. Ficar sentado ali era de costume e de gosto do casal. Dali podiam observar o mundão à frente. Dali eles viam de quando em vez a passagem de algum conhecido de outras bandas que levantava um braço para cumprimentá-los à distância; vaqueiros tocando pequenas boiadas; carroceiros transportando parte da colheita; cavaleiro solitário passando sem pressa e, às vezes, até um funeral com o defunto envolto num lençol branco, atadas as pontas a um pedaço de pau forte suportado nos ombros de

dois homens. O enterro de quem morria na região era sempre no cemitério de Itaiporã. Quando da passagem de um cortejo fúnebre, Coutinho tirava seu chapéu e todos que estivessem no terraço tinham que ficar de pé. Faziam o sinal da cruz e aguardavam em silêncio até que sumisse de vista para só então voltarem a se sentar e continuarem proseando. Nesse sábado ninguém transitou por ali. O dia estava quente e não havia vento fustigando as árvores. Uma quietude se espalhava por toda a redondeza possível de ser avistada. Ordália sentou-se ao lado de Coutinho sem nada dizer até ser interpelada pelo marido.

– Como é que é? Você falou ou não falou com Dona Luzia sobre os preparativos do casamento?

– Não! Ainda não falei. Preciso ir lá pra falar com ela.

Coutinho desgostou da resposta. Achou que já estava passando da hora de acertar os detalhes do casamento e da recepção aos convidados. Faltavam poucos meses para o dia da cerimônia. Sabia apenas que o vestido de noiva de Benvinda já tinha sido encomendado a D. Amélia, uma prestigiada costureira de Cruz das Almas, e que o padrinho de Benvinda ia ser o Seu Carlos Maximiniano, comerciante de madeira há algum tempo estabelecido em Itaiporã e que se tornara um amigo chegado às duas famílias. Quanto ao padrinho de Osmar, ele ainda nem sabia quem é que ia ser. Achou que muita coisa carecia de ser acertada, como a confecção de um terno novo para ele, que era o pai e que devia entrar na igreja conduzindo a noiva; a compra de tecidos para fazer os vestidos de Ordália e das meninas; a escolha do melhor lugar para serem recebidos os convidados, aos quais se pretendia dar uma churrascada; a separação dos garrotes, um dado por Coutinho e outro por Quinzinho e que deveriam ser abatidos para esse churrasco; a combinação com algumas cozinheiras amigas das famílias que deveriam ser as encarregadas ou ajudarem na feitura do

almoço e na confecção de doces a serem servidos no dia do casamento; os convites e o contato com Padre Miguel, para agendar desde logo a data e ficar garantida sua presença.

– Ara, Ordália! Tem um monte de coisas ainda por fazer. Não pode deixar tudo pra última hora. Quero que tudo saia direitinho nesse casamento.

Ordália se orgulhou e deu um discreto sorriso de satisfação pessoal ao ouvir isso. Seu marido não só estava de volta, como parecia ter voltado melhor. Lembrou que era ele mesmo quem tinha o costume de deixar todas as coisas para serem resolvidas em cima da hora. Que ele sempre foi um homem desleixado com as obrigações de casa ou da roça, largando o arado, a carpideira e outras ferramentas no próprio roçado, ao relento, castigadas pelo sol e pela chuva. Que era ele mesmo quem passava a maior parte do tempo zoando por aí sem dizer onde esteve; quem já não mais falava direito com ela nem com as crianças e quem nunca perguntava nada sobre as coisas da família. Lembrou-se do ditado que diz que tem males que vêm para bem. Ele deve ter aprendido a lição que dei nele! Veja só, agora ele está de volta e começa a cobrar providência antecipada e se mostra preocupado com assunto da família e principalmente com a festa de casamento de Benvinda! Isso não era coisa comum da parte de Coutinho! É bom saber disso, concluiu Ordália em pensamento.

– Pode ficar sossegado, Coutinho. Vai dar tempo pra ajeitar tudo o que é preciso. Amanhã mesmo eu vou na casa da comadre Luzia, conversar com ela. O que é da minha obrigação você pode deixar que eu cuido. Agora, eu quero falar que achei muito bom você tá preocupado com as coisas aqui de casa. Demais da conta! Assim você vai ver como tudo vai dar certo. Vai ser uma festança e tanto a que vamos dar pra Benvinda e Osmar. Se Deus quiser!

Coutinho se apaziguou. Pensou em ir até Cruz das Almas depois de amanhã, na segunda-feira, para encomendar a confecção de um terno de casimira na alfaiataria de Umberto Giovanni. Também teria que comprar uma boa camisa de colarinho, uma cinta, sapatos, meias, cuecas e se possível uma gravata, além de tecidos para mandar fazer as roupas dos meninos. No guarda-roupa de Coutinho havia nada do que tinha antes. Quanto aos panos para os vestidos da mulher e das outras filhas isso ele deixaria a cargo de Ordália, pois não sabia comprar. Deu mais umas duas baforadas no toco de seu cigarro de palha antes de jogá-lo fora e espreguiçou-se na cadeira como se já tivesse feito tudo do que precisava. Pouco depois se levantou e foi para o quarto dizendo à Ordália que queria cochilar um pouquinho. Ordália não o acompanhou, preferindo ficar sozinha no terraço por um pouco mais de tempo pensando em tudo o que acontecera nos últimos dias. Deu graças a Deus por estar de novo com a família em paz.

No dia do casamento, o largo da igreja de Itaiporã estava tomado por um montão de gente. Parecia que todos os moradores do patrimônio e das redondezas tinham se reunido ali para assistirem à cerimônia. Até gente que de há muito não se via. Convidados e não convidados, que souberam que nesse casamento ia ser dada uma boa churrascada e haveria de ser servida comida de primeira. Só não estavam presentes Seu Alfredo, o misterioso alemão, e Tina, tia da noiva, que se mantinha trancafiada, sozinha, no sombrio casarão de Inhaúma.

A família de Coutinho deixou Inhaúma logo cedo e seguiu para o patrimônio de Itaiporã, numa carroça puxada pela Crioula. Ordália era quem tocava. Na boleia iam com ela Juvelina, Ordalina, Esmaíde e os dois meninos. Coutinho seguia a cavalo bem ao lado, sem puxar conversa. Lembrou-se da demorada viagem que fizera havia 23 anos, de Santo Antônio até

Cruz das Almas, sentado no estrado de um carro de boi, com o velho pai Izidoro no comando. Daquela vez estava indo para se casar com Natália e acabou se casando com Ordália. Aque-la foi a primeira vez que ele usou gravata. Hoje era ele quem estava no comando da família, numa também vagarosa mas curta viagem, para o casamento de uma de suas filhas. Pela segunda vez estava incomodadamente impecável, trajando um terno novo de casimira com uma larga gravata de listas vermelhas e pretas que novamente lhe apertava o colarinho. Supôs que hoje suas pernas não iriam bambejar, nem o suor escorreria pelo seu pescoço como da outra vez. Hoje ele estava calmo e feliz, sem nenhuma ansiedade.

Benvinda tinha vindo um dia antes para Itaiporã e pou-sara na casa dos avós Calimério e Turmalina, de onde sairia toda arrumada vestida de noiva, direto para o altar. Tudo ti-nha sido preparado conforme o combinado. O churrasco ia ser no quintal da casa de Carlos Maximiniano, padrinho da noiva. Para isso escavaram um longo rego no solo do quintal onde acenderiam o carvão e seriam colocados os espetos com carne. Ali mesmo na casa de Maximiniano também seriam servidos o almoço, as bebidas e os doces para os convidados. Distava cerca de cem braças da igreja. Parte do povo se arro-deou a essa casa e fícou pé em seus arredores desde muito antes, sem nem ir assistir à cerimônia de casamento. Desses, o interesse maior era comer um bom churrasco e fartar-se a mais não poder.

A família de Coutinho aportou na casa de Calimério por volta das dez horas da manhã. Todos se apressaram para ver Benvinda que se aprontava, rindo de felicidade, bonita como sempre – e mais ainda quando se mostrou vestida de noiva. A cerimônia do casamento estava marcada para inici-ar às onze horas. A noiva não iria chegar atrasada. Quando

faltavam quinze minutos para o horário marcado, saíram todos caminhando lentamente pelas três quadras que separavam a casa de Calimério da igreja de Itaiporã. Com as duas mãos Benvinda levantava um pouco a barra da saia de seu vestido de noiva para que não se sujasse tocando o chão. A seu lado, caminhavam os avós maternos Calimério e Turmalina, seus pais Coutinho e Ordália, seus tios Genésio, Eliodoro, Prudêncio, Benjamim, Dorival, Aldo e Ordálcio, o marido de Donária. Suas tias Natália, Donária e Berenice, seus primos Acácio, Aníbal e Zé Carlos, filhos mais velhos de Natália, as irmãs Juvelina, Ordalina e Esmáide e os pequenos irmãos Tônico e Tuta. Os avós paternos não puderam comparecer. Constância já não mais caminhava bem, sofrendo intensas dores nas pernas e na coluna e Izidoro não quis deixá-la sozinha em Santo Antônio.

Enquanto o grande e festivo cortejo seguia pela rua do patrimônio em direção à igreja, ia recebendo saudações e aplausos de moradores que saíam à porta da sala para ver a bela Benvinda. Ela se emocionava a cada vez que recebia um viva a noiva durante esse pequeno percurso. Quando chegaram ao pátio da igreja os gritos de viva ganharam maior entusiasmo dos presentes e foi muito mais caloroso porque então coletivo. Benvinda conseguiu manter seu sorriso feliz, embora não tenha contido algumas lágrimas que escorreram pelo seu rosto. Chorava de alegria. Esse era seu dia de encantamento.

Todos pararam à frente da igreja sob os aplausos dos que ainda estavam do lado de fora. Os acompanhantes da noiva seguiram direto para o interior da igreja tomando seus devidos lugares, previamente reservados. Do lado de fora, à frente da porta principal da igreja, permaneceram apenas Coutinho e sua filha, a noiva Benvinda, uma vez que esses só deveriam entrar quando chamados pelo sacristão. A igreja de Itaiporã

estava inteiramente lotada, com parte dos convidados se contentando em ficar de pé ao fundo ou por seus corredores laterais, enquanto outra boa parte teve que ficar do lado de fora sem nenhuma expectativa de poder assistir à cerimônia. Coutinho se orgulhou de ver tanta gente a seu redor. Tudo estava sendo muito diferente e melhor do que foi o dia de seu casamento com Ordália na igreja de Cruz das Almas. Sentiu que aqui havia uma alegria contagiante nos olhos de cada uma das pessoas que dele se acercavam. Deu-se conta de que a festa começava mesmo ali, ainda do lado de fora da igreja. A manhã era de um sol ameno, com uma agradável brisa. Todos sorriam felizes. Êta dia bom!

Benvinda se emocionava cada vez mais, sem aparentar ansiedade. Tudo era muito bonito à sua volta. Pensou em Osmar, que a essa hora devia estar no altar à sua espera. Lembrou-se com muito carinho da primeira troca de olhares que manteve com o filho de Quinzinho e do dia em que Osmar lhe pediu em namoro, aqui mesmo nesse pátio da igreja. Tudo era como se um sonho estivesse se transformando em realidade. Sabia que a partir de hoje passaria a integrar uma nova família, com a certeza de que ganharia desta todo o afeto e respeito que sempre desejou ter. Voltou os olhos para o pai, que lhe dava o braço direito, e fitou demoradamente seu rosto, percebendo nele um ar de compartilhada felicidade. Observou que o sempre vaidoso Coutinho estava bem apurcado em seu terno novo, garboso como sempre, com uma bela e bem ajustada gravata, mantendo um semblante de serena paz. Pela primeira vez na vida Benvinda sentiu-se profundamente orgulhosa de ser sua filha.

A porta principal da igreja foi lentamente sendo aberta por dentro e o sacristão sinalizou para que a noiva conduzida pelo pai entrasse na igreja. Benvinda e seu pai subiram os três

degraus que os levaram até à porta e passaram a caminhar bem devagar pelo corredor central da nave. Um pequeno coral de quatro vozes, duas femininas e duas masculinas, entoou um cântico nupcial acompanhado pela sanfona de Zé Naniás. Aumentou a emoção de Benvinda ao, de longe, ver Osmar à sua espera no altar. Ele estava com um terno escuro e uma gravata clara, portando um broche muito bonito na lapela. Da entrada avistou a mãe Ordália, seus padrinhos Carlos Maximiniano e a esposa Terezinha, seus sogros Joaquim Pinho e Dona Luzia e os padrinhos de Osmar, Carlinhos Português e Dona Ademildes. Todos a esperar por ela no altar. Os convidados presentes se puseram de pé e acompanharam a noiva com olhares de admiração e com um sorriso permanente nos rostos. Até Coutinho não desligou seu sorriso. Era de satisfação e de orgulho. Enquanto dava seus lentos passos, o filho do patriarca de Santo Antão olhava ora para a esquerda, ora para a direita, reconhecendo aqui e ali muitos de seus velhos conhecidos. A cada um ele fazia um pequeno gesto com a cabeça como que cumprimentando e agradecendo pela presença. Benvinda fazia o mesmo, mantendo estampado em seu rosto de menina um sorriso tão bonito quanto bela ela era.

A cerimônia transcorreu sem delongas. Padre Miguel foi curto em sua fala. Após a celebração, todos seguiram a pé para o casarão de Carlos Maximiniano, onde à entrada os noivos receberam os cumprimentos dos convidados. Ordália estava mais do que feliz. Ela e Coutinho ficaram o tempo todo ao lado da filha e do genro.

Pouco depois Benvinda, ainda vestida de noiva, e Osmar foram fotografados por Ordália junto ao casarão de Maximiniano. Ordália era a única pessoa na região que possuía uma máquina fotográfica de caixão e com filme de cartucho, marca Brownie Junior. Até o começo da noite ninguém tinha

arredado pé dali. Mesmo com grande espaço livre no quintal, muitos se acotovelavam pelos corredores internos do casarão e se entretinham naquela que por muito tempo viria a ser tida como a maior festa de casamento já promovida em Itaiporã. Os familiares e convidados serviram-se, durante toda a tarde, do farto almoço, da variedade de bebidas e do atrativo churrasco. De noite, alguns rojões estouraram no ar como que avisando que era chegada a hora e Zé Nianas, com seus seis dedos em cada mão, puxou o fole de sua sanfona de dezoito baixos, dando início ao baile no quintal iluminado por vários lampiões dependurados em árvores. Até as crianças formavam parzinhos para dançar. As meninas com seus vestidos rodados e rosas na cabeça, os meninos vestindo a melhor roupa que tinham. Todos entraram num gostoso arrasta-pé, que só seria interrompido pelo grave incidente que mais tarde ocorreria.

Coutinho não desgrudou os olhos de Eliodoro. Não podia deixar que ele bebesse. Ordália ficou o tempo todo com Berenice, Donária, Natália e suas filhas. Passava das dez horas da noite. Alguns dos convidados e até outros não convidados que estavam ali demonstravam que já haviam passado da conta de tanto beberem. No quintal, enquanto dançavam, não era raro ver um deles se desequilibrar ao ponto de quase cair sobre seu par. O incansável Zé Nianas alongava o fole de sua sanfona tocando músicas sertanejas, exibindo sua destreza no teclado. Não demorou muito para que os irmãos Acácio e Aníbal, filhos de Eliodoro, subissem num tablado e comesçassem a tocar e a cantar, já que formavam boa dupla de violeiros. O baile estava animado.

Dentro do casarão ficavam as poucas mulheres que não queriam dançar ou que preferiam as conversas chegadas mais ao pé do ouvido com suas conhecidas. Ainda assim eram

muitos os que transitavam pelo interior da casa. Entre eles um mulato magrelo que ninguém sabia dizer quem era, bêbado que dava dó, começou a bulir com as mulheres na cozinha. Alguém foi contar e chamar Carlos Maximiniano. Ao chegar à cozinha o padrinho de Benvinda se deparou com o sujeito embriagado, segurando uma garrafa de cerveja na mão e gargalhando como louco. Chegou-se a ele, pôs a mão sobre seus ombros e o convidou para sair até o quintal porque ali ele estava incomodando as mulheres. O sujeitinho seriou e fez cara de mau. Outros dois convidados amigos se acercaram dele auxiliando Maximiniano a conduzi-lo para fora. Descidos três degraus da escada da cozinha, todos foram para o quintal onde um grupo maior dançava.

O que ninguém podia imaginar que viesse a acontecer aconteceu. O mulato puxou de uma faca que trazia na cinta, às costas, virou-se e avançou sobre Carlos Maximiniano. Não houve tempo de se esquivar. O dono da casa foi atingido no lado esquerdo da cintura. O sangue jorrou e Carlos Maximiniano caiu. Houve gritos e correria. A sanfona se calou. Muitos se apressaram a socorrer o ferido enquanto o agressor fugia pelas ruas escuras do patrimônio. O baile acabou.

Benvinda e Osmar tinham saído um pouco antes disso.

GENÉSIO

Tina acabara de aprontar e servir o almoço a seus dois filhos recém-chegados da escola. Eles se alimentaram sem falar um com o outro ou com a silenciosa mãe. Genésio estava fora, no patrimônio. Depois de arrumar a cozinha, Tina passou a limpar o assoalho com um pano úmido após tê-lo varrido com esmerado zelo. Era parte da rotina de seu trabalho doméstico, o que fazia com que tudo fosse executado de forma quase mecânica. Seguia um ritual diário no cumprimento de seus afazeres sem pensar no que fazia, enquanto fazia, e sem pensar no que ainda havia por fazer. O daqui a pouco não era seu agora. Sem se aperceber repetia sistematicamente tudo o que fizera ontem, antecipando-se ao que virá a fazer amanhã. Até seus verbos passaram a ser repetitivos: acordar, vestir-se, calçar seus chinelos, coar o café da manhã, ordenhar as vacas, limpar a casa, varrer o quintal, arrumar os quartos, preparar as refeições, banhar-se, dormir, acordar, vestir-se, calçar seus chinelos, fazer o café, ordenhar as vacas, limpar a casa, varrer o quintal, arrumar os quartos, preparar as refeições, banhar-se, dormir e acordar. A cada dia seguinte a repetição de tudo o que fizera no dia anterior, embora para Tina fosse como se ela estivesse fazendo cada uma das coisas pela primeira vez. Acordava, vestia-se, calçava seus chinelos, fazia o café, ordenhava as vacas, limpava a casa, varria o quintal, arrumava os quartos, preparava as refeições, banhava-se, dormia e acordava. Como o amanhecer e o anoitecer. Dia após dia. Na ordem natural

das coisas e numa inalterada ordem que ela impunha a si mesma. Não se recordava do que fizera ontem. Não se predispunha a recordar. Importava-lhe tão só o que fazia no momento. Não imaginava o que iria fazer no amanhã, apesar da repetição continuada de seus atos. Nada a motivava a pensar sobre o dia seguinte. Nem nela própria ela pensava. Para Tina só há o hoje, o presente, o agora e o aqui.

Há muitos anos deixou de existir a Tina alegre e ansiosa por ver e por saber das coisas, sorridente, tagarela e feliz. Esse tempo não mais lhe pertence. Ela não tem passado. Cuida apenas de ser e de estar no presente. Sem o antes nem o depois. Só o agora. Não lhe ocorrem lembranças, não há saudades da infância, dos tempos de criança em Santo Antão, de seus pais ou de seus irmãos. Nada existe que possa levá-la a pensar. Ela não pensa, mas o amanhã será exatamente como o agora, o hoje, o presente, o aqui. O amanhã não vai existir de forma diferente. Não há futuro a imaginar ou a ser esperado. Não existe passado a recordar. Sua vida se resume a acordar, vestir-se, calçar seus chinelos, ordenhar as vacas, cuidar da casa, limpar o quintal, preparar refeições, banhar-se, dormir e acordar no dia seguinte. Zela do marido e de seus dois filhos como uma mulher prestimosa, porém ensimesmada. Fala o mínimo que por ela própria é julgado ser o necessário, como por exemplo, chamar as crianças para ir cedo à escola, para o almoço e para o jantar. Sem repreendê-las jamais. Sente que não lhe compete julgar o comportamento dos filhos ou de seu marido. Não supõe estar sendo julgada pelo seu comportamento. Acredita que cumpre as obrigações de esposa e de mãe da forma como ela sabe e do jeito que para ela tem de ser. Para Tina não existe nada, nem ninguém além das cerradas janelas de sua casa. Seu mundo e sua vida estão sitiados e envoltos pelo silêncio de uma casa fria e soturna ou, quando

muito, pela cautelosa liberdade que se dá quando dedica pequena parte de seu tempo à varredura do delimitado quintal, sob as sombras das árvores. Não se dá bem com o sol, preferindo as sombras ou o escuro da noite. Daí não permitir ser vista por ninguém ou tampouco ver quem quer que seja porque todos são estranhos a seu privado mundo. Pensar não é preciso. Enclausura-se nesse seu mundo com rotina doentia, sem se dar conta de que o tempo sulcou fundo sua face e tornou flácido todo seu corpo. Dia a dia Tina se assemelha cada vez mais à figura de sua mãe, a velha Constância, embora entre elas haja a enorme diferença de 31 anos. Nenhum espelho pode refletir isso para a filha de Izidoro e Tina não mais possui nenhum termo de comparação. Ela é ela só.

Genésio regressou a casa por volta do meio dia, trazendo os mantimentos antes listados por Tina. Um pacote de banha, outro de farinha de trigo, sal, açúcar, café em grão, colorau, uma vassoura nova e alguns quilos de arroz beneficiado. Tina recebeu e guardou nos devidos lugares cada uma das coisas trazidas pelo marido. Não disse uma só palavra. Genésio preparou seu prato de comida e foi se acomodar no terraço da cozinha, também sem nada dizer. Encaminhava-se para outra rotina que é particularmente sua, apartado de Tina.

Vai olhar os porcos de engorda no chiqueiro, joga a eles algumas espigas de milho, olha de um a um como se os estivesse contando, demorando-se ali. Volta ao terraço e se senta preguiçosamente numa das cadeiras de palhinha, ficando a mirar calado o quintal com árvores frutíferas e uma parte da invernoada que se estende à sua direita. Demora-se ainda mais ali como se estivesse à espera de algo ou de alguém. A quebra de sua rotina só ocorre quando da chegada de algum visitante. Já tendo almoçado segue para seu quarto e cochila por um bom tempo. Ninguém irá incomodá-lo nas próximas horas.

À tardinha arreia seu cavalo e cavalga pelo pasto para apartar os bezerros. Feito isso, retorna ao terraço da cozinha, dessa vez à espera da janta. Aguarda o chamado de Tina. Faz seu prato, senta-se à mesa à frente da esposa, mas continua calado, sem puxar conversa. Tina não provoca. Com a chegada da noite o silêncio é maior. Novamente no terraço, ouve o cantar de uma fogo-apagou, o piar de alguns canários do reino e o canto fúnebre de uma coruja. A lamparina só ilumina o aposento em que ela é posta. Os demais cômodos da casa imergem na escuridão e num profundo silêncio. No quarto, banha-se parcialmente numa bacia com água e deita-se ao lado de Tina. Ambos continuam calados. Não há sobre o que falar. O dia termina.

Amanhã acordará cedo, mas depois de Tina, tomará seu café, irá ao manguirão ajudar a mulher na ordenha das vacas leiteiras, seguirá para o patrimônio ainda pela manhã, só retornando para o almoço, repetindo-se todos os demais atos ao longo do dia. Tudo é de lhe parecer normal na vida. Tem uma mulher que trabalha todo dia sem nenhum reclamo, filhos comportados indo à escola, criações recebendo bom trato, nada faltando em casa, ninguém doente. Uma vida normal, se é que viver é assim.

Nesse começo de ano, um verão quente, com os filhos em férias escolares, ninguém diria que a rotina do estranho casal viesse novamente a ser quebrada. Nem Genésio, muito menos Tina, eram de aguardar a chegada de nenhum visitante, seja ele quem for. Nunca houve convidados e os que surgiam ou os que surgem de repente, batendo palmas à sua porta, nunca eram bem-vindos, apesar de receberem uma aparente boa acolhida da parte do dono da casa. Tina não se aprontava para recebê-los. Bem ao contrário, ao menor sinal da presença de estranhos recolhe-se no quarto quietando-se na cama até se

dar conta de que o visitante foi embora. E estranhos são todos, os próprios familiares e amigos de tempos antigos. Qualquer um é um estranho naquela casa.

Genésio estava junto ao chiqueiro jogando espigas de milho aos porcos de engorda. Tina lavava os pratos usados no almoço. Josué, o filho mais velho foi até o pai e anunciou.

– Pai, tem gente aí!

Genésio se encabulou. Caminhou de volta ao terraço da cozinha, avisou Tina de que tinha gente chegando em casa, contornou o casarão pelo seu lado direito como era de costume e chegou à frente da casa, onde se deparou com dois homens ainda montados em seus cavalos. Eram seu sogro, o velho Izidoro, e outro homem que Genésio não conhecia. Trocaram saudações formais.

– Tarde, compadre Izidoro.

– Tarde, Seu Genésio. Estou de volta, conforme te avisei.

Genésio na hora se deu conta de que esse novo encontro com o sogro iria principiar pelo final do encontro anterior quando Izidoro disse que ia voltar aqui e levaria Tina ao médico, sozinho ou com ele junto. Com ou sem seu consentimento. O final daquele encontro foi de uma agressividade sem igual e Izidoro estava determinado. Essa inesperada visita de hoje não vai ser das melhores, pensou questionando quem era o acompanhante.

– É o Doutor Veras de Cruz das Almas. Resolvi trazer ele aqui pra examinar minha filha, Seu Genésio! Respondeu o velho Izidoro enquanto ele e seu acompanhante apeavam para se dirigirem ao portão.

– Então vamos entrar pra dentro, completou Genésio. Conformado porque outra coisa não poderia dizer nem fazer.

Todos contornaram a casa seguindo o anfitrião até o terraço da cozinha. Acomodaram-se nas cadeiras de palhinha.

Doutor Veras permanecia calado mesmo porque Izidoro lhe havia dito que o encontro deveria ser de pouca prosa.

– Cadê a Tina? Interrogou o patriarca de Santo Antão.

– Está no quarto como da outra vez, balbuciou Genésio, desconcertado.

– Ela já sabe que tamos aqui? Tornou Izidoro.

– Sabe que chegou visita, mas não sabe quem é.

– Quer dizer que qualquer um que seja o visitante ela se recolhe no quarto, né Seu Genésio? Provocou Izidoro para que o Doutor Veras apreciasse a resposta.

– É, meu sogro! Tina fica muito nervosa quando chega gente em casa. Às vezes passa até mal. Gosta mesmo é de ficar sozinha.

– Tá bom, seu Genésio, então vamos lá até o quarto dela. Você na frente!

Seguiram todos pelo mesmo caminho, passando pela cozinha, tomando um corredor, parando à frente da porta do quarto onde devia estar Tina. Genésio titubeou em abrir a porta e acabou recebendo uma ordem severa de Izidoro.

– Não aprendeu ainda, Seu Genésio? Abra essa porta, entre você primeiro e diga pra minha filha que seu pai tá aqui com o médico que vai examinar ela.

Genésio obedeceu com o rabo entre as pernas. Abriu a porta, olhou para Tina deitada, imóvel como de outras vezes, e antes que ela lhe perguntasse qualquer coisa, informou.

– Tina, seu pai tá aqui junto com um médico que vai examinar você.

Mesmo do lado de fora Izidoro e o Doutor Veras ouviram Tina responder.

– Ué, mas eu não tô doente. Pra que o médico?

Izidoro sinalizou para o Doutor Veras e ambos entraram no quarto. De supetão viram Tina ainda deitada, mas agora

imóvel, com os olhos estatelados mirando o nada do teto do quarto. Parecia estar inconsciente ou em estado catatônico. Genésio continuava de pé ao lado da cama. Izidoro falou.

– Eu escutei você dizer que não tá doente, fia. Isso é bom porque sendo assim não vai nem ser preciso tomar remédio, ironizou o velho patriarca.

Tina continuou olhando o teto sem piscar nem mover nenhum músculo. Da mesma forma que se apresentara quando das visitas do Carlinhos Português e do Padre Agostinho. Doutor Veras duvidou na hora que aquele quadro representasse uma verdade. Supôs que Tina estivesse fingindo. Cochichou a Izidoro que somente iria tomar o pulso e medir a pressão arterial de sua filha. Izidoro informou.

– Fia, o médico tá dizendo que já que você não tá doente ele só vai tirar a pressão e medir seu pulso. É uma coisinha de nada.

Tina não reagiu. Continuou estática, deitada de costas, vestida, com seus chinelos e com o olhar sem vida a mirar o nada do quarto. O médico pôs a mão sobre sua testa e considerou que sua temperatura era normal. Tomou de sua mão direita e cronometrou em seu relógio de bolso os batimentos cardíacos de Tina, também considerados normais para sua idade e para uma pessoa em repouso. Seguiu-se a medição da pressão arterial com Tina não apresentando a menor reação quando seu braço foi levantado para receber o aparelho. O experiente clínico geral de Cruz das Almas enlaçou seu braço com a braçadeira do aparelho, pôs sob essa seu estetoscópio e segundos depois já tinha verificado que Tina estava com uma leve alta na pressão, acusando quinze por nove. Considerou normal para quem estava sob a forçada imposição desse exame. Mesmo sem nada lhe ser perguntado, anunciou seu pré-diagnóstico.

– Pois então, Seu Izidoro. Sua filha não tem nada de anormal que indique a necessidade de medicamentos. Pelo menos por ora. Só a pressão é que está um pouquinho alta. Mas recomendo um exame mais detalhado para se apurar mais a fundo o porquê dela ficar assim quando recebe uma visita. Quem sabe com outro médico que entenda melhor das questões relacionadas com os nervos.

De repente Tina surpreendeu os visitantes, movimentando lentamente sua cabeça e virando-a para a direção onde estava seu pai. Pediu sua bênção sem se levantar.

– Deus te abençoe, fia. Viu só? O médico tá dizendo que você não tá doente, não! Ele só acha que você tá com os nervos abalados e um pouquinho de pressão alta. Melhor assim. Isso é fácil de curar. Você vai ficar boa, isso eu te garanto.

Tina estava consciente. Olhou para cada uma das pessoas que estavam à sua volta. Encarou o médico como se reprovasse sua presença ali no quarto. Fitou Genésio com indisfarçado olhar de reprimenda. Tinha ouvido tudo o que o pai lhe dissera e entendeu o que lhe foi falado. Voltou-se para ele.

– Mas eu não tô doente, meu pai! Só quero ficar sozinha.

– Tá bom! Se você não está doente então levanta para oferecer um cafezinho pro Doutor. Vamos lá?

Tina não respondeu, nem reagiu. Retomou sua posição anterior, emudeceu de vez e voltou a mirar o teto. Doutor Veras cutucou Izidoro e sugeriu que deixassem o quarto. Izidoro aquiesceu. Todos retornaram para a área da cozinha sem nenhum comentário. Lá Doutor Veras completou seu diagnóstico.

– Escuta, Seu Genésio, o mal de que a Dona Tina sofre é de origem nervosa. Há tratamento para isso. Só que eu não posso dar nenhuma receita agora porque essa não é minha

especialidade. Ela precisa se consultar com outro médico que saiba melhor desse problema dos nervos. Como médico eu não quero dar mero palpite. Mas acho que o caso dela é de uma doença séria que provoca comportamento que pode ser considerado como anormal. Fazer isso e viver assim é devido a doença de que ela sofre. Isso é tudo o que eu posso dizer agora, Seu Genésio.

– Por um acaso o Doutor tá dizendo que minha mulher tá ficando gira? Maluca da cabeça? Questionou Genésio.

– Não, meu senhor! Eu não estou dizendo isso. Só disse que o caso dela é de origem nervosa. Isso a leva a ter um comportamento que não é o normal nas pessoas sadias. Ela diz que só quer ficar sozinha e não quer ver nem receber ninguém em casa. Isso já é uma prova de desvio comportamental cujo tratamento não é da minha especialidade.

– Mas se o Doutor diz que não é sua especialidade como é então que o Doutor pode dizer que é isso ou aquilo? Desafiou Genésio.

– Escuta bem, Seu Genésio. A medicina já está avançada nos dias de hoje. E vai avançar ainda muito mais. Cada dia que passa é descoberta uma nova doença e encontrado um novo medicamento de prevenção ou de cura. Quanto mais ela avança, mais ela se divide em especialidades médicas. Eu sou um médico de clínica geral e sei de tudo um pouco, mas não sei tudo sobre uma doença especial como é o caso de Dona Tina. Por isso é de minha obrigação recomendar um tratamento por médico especializado. Espero que o senhor tenha entendido.

Izidoro que até então ficara apenas ouvindo, resolveu intervir.

– Ele entendeu sim, Doutor. Se não entendeu é porque não quer entender. Não tem mais prosa. Nós já vamos embora!

Sem se despedir, Izidoro pôs seu chapéu na cabeça e retirou-se dali seguido de perto pelo Doutor Veras. Genésio ficou plantado no terraço com sua mudez, não acompanhando os visitantes.

Izidoro e o médico retomaram o caminho de volta a Santo Antão, agora com liberdade para comentarem entre si o caso de Tina. O velho pai encabulara-se com o fato de Tina ter conversado com Genésio um pouco antes de sua entrada no quarto e ter dito que não precisava de médico. Como é que segundos depois ela se estatelou na cama como se estivesse inconsciente? Por que é que ela se moveu e voltou a falar logo depois que o médico aludiu que talvez fosse uma questão dos nervos? Ela estaria ouvindo tudo o que era dito ali no quarto? Seria um fingimento de Tina? Questionou o médico sobre tudo isso.

– Sabe de uma coisa, Seu Izidoro? Pelo que eu vi e ouvi lá no quarto eu também tive a impressão de que tudo em Dona Tina não passa de fingimento. Agora, é preciso considerar que se ela finge todo aquele torpor, mas está ouvindo a fala de quem a visita e sabe de quem se trata, isso é mais um sinal de que há um sério desvio comportamental. E isso é resultado da doença que ela sofre. Ela não é uma pessoa normal. Isolar se trancafiando em casa e não querendo receber nem ver seus próprios pais ou parentes próximos é um estágio grave da doença. Ela precisa de tratamento, senão vai acabar morrendo sozinha, isolada de todos e do mundo. Isso é sério!

Doutor Veras prosseguiu, depois de pequena pausa.

– O que mais me deixou impressionado, Seu Izidoro, foi a rapidez com que ela entra e sai daquele estado. Ela faz isso porque quer e quando quer, embora não seja culpada pelo que faz. Mas que ela sabe o que está fazendo ela sabe! Tenho quase certeza disso. O fato é que ela não reconhece que é uma

mulher doente. Isso também é resultado da própria doença. Acaba ficando cada vez mais difícil convencê-la a se tratar.

– Isso é uma doença da cabeça, doutor?

– É, Seu Izidoro! Coisa sobre a qual a medicina ainda não descobriu o suficiente, mas que já tem estudos bastante avançados. E tem mais. Se não for tratado, esse tipo de doença pode progredir. Amanhã ou depois Dona Tina pode vir a não querer mais se alimentar e trancar-se num quarto, definitivamente. Passar a viver na clausura. Definhando-se até morrer.

– E o que é que vamos fazer então, Doutor?

– Em Cruz das Almas tem um médico jovem e inteligente, formado há pouco tempo e por certo mais atualizado do que eu. Vou conversar com ele. Se ele não puder atender o caso, quem sabe ele conhece alguém pelas redondezas que possa. Por enquanto, Seu Izidoro, podemos esperar mais um pouco porque Dona Tina não tem nenhuma doença comum no corpo e essa que ela tem não vai matá-la de repente.

Izidoro se calou. Passou a matutar sobre a menina Tina, serelepe e levada da breca, que um dia saiu da casa dos pais para se casar com Genésio, filho de seu compadre Calimério e da comadre Turmalina. Lastimou-se por ver que esse casamento não deu tão certo como o de Coutinho e Ordália. Tornou a pensar que Genésio era um molenga entojado. Fosse outro nem tinha deixado Tina chegar aonde chegou. É um bunda mole! Mas eu ainda vou dar um jeito nisso, concluiu em pensamento.

Chegados em Santo Antônio, Izidoro fez questão de acompanhar o Doutor até a estrada que levava a Cruz das Almas, por onde passaria a jardineira de seu Valentim, que tinha saído de Itaiporã às dezesseis horas e que estaria ali bem antes das dezessete. Despediu-se do Doutor Veras quando esse embarcou, voltando ao casarão dos Coutos puxando o outro cavalo.

Em casa, Constância o esperava ansiosa por receber notícias da filha. O velho Izidoro não economizou detalhes na narrativa da visita. Contudo, omitiu a hipótese de fingimento por parte de Tina. Constância ficou perplexa e interrogativa.

– Mas que mal é esse que ela tem na cabeça?

– Doutor Veras não disse o nome da doença. Só falou que é uma doença dos nervos, respondeu Izidoro.

Enquanto isso, na sombria casa de Inhaúma, Tina estava raivosa, com a cara emburrada, ainda sem sair do quarto, embora desperta. Não retomou o fazer das coisas na rotina do dia a dia. Genésio se incomodou e foi até o quarto.

– Não vai se levantar não? Eles já foram embora!

Tina voltou-se para o marido e em seus olhos deixou ver a expressão de um inusitado rancor. Antes de responder fez uma observação que mais parecia uma ordem.

– Nunca mais você deixe entrar aqui nenhum médico. Eu não tô doente, não careço de médico e quero viver do jeito que eu quiser. Você é que é culpado de eu ser assim!

Genésio emudeceu. Tina não era dada a dar ordens a ele, nem assuntava sobre nada a não ser falar o que fosse necessário. Sempre com frases curtas, simples chamamentos. Estranhou esse discurso longo e mais ainda o fato dela estar lhe inculcando. Que foi que eu fiz? Por instantes não reconheceu a mulher aquietada e silenciosa que vivia em casa. Passou pela sua cabeça que talvez o Doutor Veras tivesse razão e que Tina estivesse mesmo se amalucando com doença nos nervos. Mas que doença é essa?

Sem dizer mais nada resolveu retirar-se e foi apartar os bezerros. Rememorou que Tina era uma mulher alegre e falante até quando do parto de sua filha que nasceu morta. Depois foi ficando assim calada e casmurra. Não mais deixava abrir as janelas da casa, não saía, nem queria receber ninguém.

Lembrou-se do dia em que sua Tia Perpétua morreu. Tina era muito chegada a ela e nutria por ela uma enorme benevolência. Quando quis levá-la ao enterro Tina se recusou alegando estar com indisposição, sem demonstrar o menor sentimento pela perda da tia. Como é que eu posso ser culpado dela ser assim?

No final do dia Tina não aprontou a janta. Ficou encerrada em seu quarto. Sentia um rancor por alguém ou por algo que nem mesmo ela sabia bem quem era ou o que era. Continuou deitada, porém consciente, olhando para um e para outro dos vários detalhes de seu quarto. A janela fechada, o guarda-roupa do casal, uma antiga cômoda com três gavetões, encimada por um espelho corroído pelo tempo, uma cadeira isolada num dos cantos, seus próprios pés calçando os chinelos batidos, suas mãos envelhecidas e seu corpo despejado ali. Não pensava no que houve ou deixara de haver. Só sentia uma enorme raiva como se alguém a tivesse desfeitoado e fosse a causa disso. Culpou Genésio por ter deixado o médico entrar. Não iria fazer a janta.

Genésio se acomodara no terraço da cozinha e ali ficou até que a noite caísse, numa inútil espera por Tina e pela janta. Não havia nada o que comer. Tina ficou no quarto nesse dia.

Na manhã seguinte Tina levantou-se bem antes de Genésio e principiou o cumprimento da rotina de seus afazeres. A única diferença era que seu cenho amanheceu mais carregado do que de costume. Devia ainda estar com muita raiva. Depois do café, Genésio a acompanhou até o mangueirão para o trabalho de ordenha das vacas leiteiras sem ouvir dela uma só palavra. Ele também se fez de mudo. Pensou ser melhor assim. Depois disso arreou seu cavalo e marchou para Itaiporã como diariamente fazia.

Por volta do meio dia Genésio estava de volta. Tinha ido ao patrimônio para fazer absolutamente nada a não ser arrodear-se com outros sitiantes da região também frequentadores da venda de Seu Duílio. Ali ficava proseando solto e sem nenhum compromisso. Ora com um companheiro nem bem chegado e que logo se ia, ora com outro que acabara de chegar e se agachava por ali. Às vezes ficava sozinho por um tempo sem ninguém com quem conversar. Outras vezes reuniam-se muitos de seus conhecidos, todos se sentando num degrau à frente da venda, pitando cigarros de palha e cada qual contando um de seus causos.

Ao voltar a Inhaúma, Genésio notou que Tina não estava na cozinha aprontando o almoço como era de costume. A casa lhe pareceu mais fria e mais silenciosa do que sempre era. Os meninos em férias escolares também não foram vistos. Decerto deviam ter ido à casa dos Arrudas ou dos Caetanos brincar com os meninos de lá. Estava rompida sua velha rotina. Não se sentou no terraço à espera do chamado para comer. Entrou pela casa à procura de Tina. Primeiro em seu quarto, onde verificou que ela não estava. Percebeu, contudo, um inusitado e estranho fato: a janela do quarto estava aberta. Prosseguiu percorrendo um a um dos demais cômodos da casa. Tina não estava na sala da frente, nem no salão do meio, nem no quarto dos meninos. Dentro de casa não havia ninguém. Genésio começou a se preocupar. Voltou a fazer o mesmo percurso pelo interior da casa, agora olhando debaixo das camas, dentro de armários, atrás de portas. Nada. Tina realmente não estava em casa. Sequer havia feito o almoço. Onde será que ela se meteu?

Olhou para o mangueirão e não avistou ninguém. Saiu pelo quintal cada vez mais apressado e ansioso, percorrendo cada um de seus pontos e cantos até a beira do Inhaúma nos

fundos de sua propriedade. Também ali não viu ninguém. Retornou examinando a possibilidade de haver no quintal algum esconderijo que pudesse ocultar Tina. Deu a volta em cada um dos troncos de árvores e examinou detalhadamente as touceiras de bananeiras copadas que um dia ele plantou. Ninguém. Tina não estava ali. Seu nervosismo começou a beirar o desespero. Não sabia mais o que fazer. Sair à procura de Tina nas casas vizinhas seria por demais inútil e constrangedor. Todos sabiam que Tina não visitava ninguém, nem gostava de receber visitante. Não seria agora, depois de mais de dez anos de completo isolamento, que Tina iria bater à porta de uma vizinha. Na casa de Ordália nem pensar! As duas não se davam. Por absurdo, será que o sogro Izidoro voltou aqui enquanto eu estava fora e levou Tina? É difícil de explicar uma coisa dessas! Melhor esperar. Se saiu tem de voltar!

Mesmo preocupado, Genésio foi obrigado a retomar parte de sua rotina enquanto esperava pela volta de Tina. Foi olhar os porcos de engorda no chiqueiro e alimentá-los com algumas espigas de milho, como fazia diariamente. Abriu a porta do paiol para apanhar as espigas e, ali, o espanto da descoberta. Genésio viu Tina acorada no alto do monte de espigas guardadas no paiol. Seu rosto lembrava o de uma criança assustada, olhos arregalados, encolhida como se estivesse com frio ou medo de ser descoberta. Era como se fosse uma fugitiva dentro de seu próprio território. O queixo apoiado nos joelhos e os braços enlaçando as pernas recolhidas. Qualquer animal visto ali e assim sairia em disparada para não ser capturado. Tina não se moveu. Fitou diretamente os olhos do marido enfrentando-o.

– Tina, pelo amor de Deus, o que é que você está fazendo aí? Procurei você por tudo quanto é canto. Vamos voltar pra dentro!

Tina não se mexeu nem desviou seu olhar. Assemelhava-se a um animal acuado na espera do próximo passo de seu agressor para encetar uma escapada. Genésio iniciou a escalada no monte de espigas falando de forma cautelosa para acalmá-la.

– Ô Tina! Que doidice é essa? Você precisa entrar pra dentro, se acalmar e cuidar das coisas. Vem!

Entre eles uma distância de pouco menos de três braças, mas de quase mil espigas empilhadas. Entre eles uma distância de mais de dez anos de incompreensão, de desamor e de isolamento. A alegre e comunicativa Tina transformara-se num bicho enjaulado e agora se recusava a continuar participando do circense espetáculo da vida. Não se sentia doente. Estava é revoltada e com ódio de Genésio, um marido ausente e abestalhado; do Carlinhos Português que tem respostas para tudo e não sabe de nada; daquele Padre idiota que acredita em milagres e acha que um Padre Nosso e três Aves Maria solucionam todos os problemas da vida; de seu pai que a abandonou deixando-a sozinha nas mãos sórdidas desse marido inosso e omissos; daquele médico impostor que não sabe nada do que diz. Enfim, um profundo ódio por todos os que gostam de ficar do lado de fora da lona que cobre o circo e depois falam mal do espetáculo que não viram. Fitava o marido com raiva sem querer vê-lo. Via-o como um domador de animais selvagens que se utiliza de astúcias e artimanhas para adestrar suas vítimas. Havia a distância de uma vida entre eles.

– Por favor, Tina, vô subir aí para te buscar.

Genésio prosseguiu na escalada escorregando-se aqui e ali na palha ou numa espiga solta. Nem supunha o que faria quando alcançasse Tina. Tomaria a mulher pelas mãos e a obrigaria a descer à força? Sentaria a seu lado para convencê-la

a retornar para dentro de casa? Continuou subindo bem devagar e com todo o cuidado para não escorregar. Não tirava os olhos de Tina. Estancou na metade do monte quando ouviu a primeira fala da mulher. O som da voz era diferente e estranho.

– Vem, cachorrinho! Vem!

Genésio teve receio de prosseguir. Estava a uma braça de Tina quando ela de repente abriu os braços e esticou as pernas com toda a força empurrando espigas abaixo de maneira a provocar uma verdadeira avalanche de espigas de milho que atingiu Genésio em cheio fazendo com que ele rolasse descontrolado até o chão da entrada do paiol. Estatelou-se lá embaixo batendo com a cabeça no batente do portão. Ficou ali deitado sem se mexer. Tina deu uma sinistra gargalhada e repetiu.

– Vem, cachorrinho! Vem!

Pairou um mórbido silêncio no paiol sem que nada e ninguém mais se movesse. Genésio estava desmaiado junto à soleira do portão. Tina mantinha um sorriso postiço no rosto como a dizer que foi a vencedora do primeiro combate. Mas estava imóvel. Minutos depois, ela viu um filete de sangue escorrendo da cabeça de Genésio a ensopar as primeiras espigas de milho que estavam ao lado. Olhou para o corpo inerte do marido e seriou. Calculou que a batalha havia terminado e que não haveria um segundo combate, pelo menos por ora. Permaneceu por mais algum tempo sentada lá no alto do monte com o olhar perdido em direção ao portão do paiol onde estava o corpo de Genésio. O filete de sangue lhe pareceu estar subindo pelas espigas. Aumentava o ritmo e ganhava força à medida que subia pelo monte em sua direção. Manchava uma a uma das espigas como num processo de osmose. Nem mesmo esse filete vai alcançar Tina, que se acomodou e deixou-se escorregar pelo monte de espigas até chegar junto ao portão

do paiol. Agora estava bem ao lado do cachorrinho. Aproximou-se mais um pouco e olhou firme para seu rosto pálido. O filete de sangue lhe pareceu ter parado de subir e agora começava a descer pelas espigas como se continuasse à sua procura. Ela retornou para dentro de casa, deixando o marido inerte ali no chão. Sabia que os filhos tinham ido brincar com os amiguinhos no sítio dos Arrudas que fazia divisa pelos fundos, separado pelo Inhaúma. Eles ainda não tinham voltado. Sozinha em casa ela não podia fazer nada. Principiou o preparo do almoço enquanto esperava pela volta dos meninos.

Passava da uma e meia quando Josué e André, esse o irmão mais novo, retornaram para casa. Não se importaram em procurar pelo de comer porque haviam se alimentado na casa vizinha. Estranharam a ausência do pai que àquela hora deveria estar sentado no terraço da cozinha. O mais velho perguntou.

– Mãe, cadê o pai?

– Tá lá no paiol. Vai lá ver.

Josué desceu a escada do terraço da cozinha e dirigiu-se para o quintal. À meia distância avistou o pai caído junto ao portão do paiol e apressou-se para chegar até ele. Voltou correndo ao encontro da mãe e esbaforido lhe contou o que pensava que ela não soubesse.

– Mãe do céu, o pai tá caído lá no chão e tem sangue escorrendo de sua cabeça. Deve ter levado um tombo feio!

Tina não se desacomodou. Sem deixar de olhar para a panela que estava posta ao fogo, emendou.

– Então volta lá na casa dos Arrudas e pede pra alguém vir aqui dar uma olhada nele. Vai lá!

Josué saiu correndo tomando a estrada de Itaiporã em seu sentido contrário, retornando à casa do vizinho. Se tivesse jeito de atravessar o Inhaúma pelos fundos a distância seria

bem menor. Mas não tinha. Chegou lá quase sem fôlego, mas ainda pôde gritar.

– Pelo amor de Deus me ajude. O pai tá caído lá no portão do paiol e tem muito sangue na sua cabeça.

Esse tipo de pedido de ajuda era coisa muita rara naquelas bandas, de modo que o fato assustava e preocupava quem era chamado. Na mesma hora Alcebídio Arruda, homem de seus quarenta e poucos anos e dono do sítio vizinho, pôs a funcionar sua velha camionete Ford e tocou apressado para a casa de Genésio, levando Josué na boleia. No caminho perguntou o que é que tinha acontecido.

– Não sei Seu Alcebídio. Cheguei agora em casa e vi ele caído lá, respondeu Josué.

– E sua mãe, como é que está?

– Tá lá preparando o almoço.

– A essa hora? Ela tá calma?

– Tá!

Quando chegou à casa de Tina, Alcebídio desceu rápido do carro e seguindo o menino Josué foi direto até o portão do paiol onde Genésio continuava caído. Percebeu que o vizinho estava desmaiado, mas respirava normalmente. Viu o sangue já quase coalhado ainda brotando de um grande corte no lado esquerdo da nuca. Deu-se conta de que o caso era grave e concluiu que Genésio tinha que ser levado agorinha mesmo para um hospital. Mandou Josué chamar a mãe para ajudar. O menino correu para a cozinha e fez isso. Tina quis contemporizar.

– Mas agora que eu estou fazendo o almoço?

– Mãe, vamo lá! O Seu Alcebídio disse que vai levar o pai pro hospital.

Tina deixou as panelas e seguiu vagarosa até o paiol. Ali tornou a ver Genésio e o sangue que saía de sua cabeça. Olhou

para o monte de milho até o lugar em que antes se acorara. Não viu mais o filete de sangue que antes subia pelo monte e depois descera atrás dela. Ouviu Alcebídio dizer que ela pegasse nas pernas de Genésio que ele pegaria no tronco para levá-lo até a carroceria da camionete. Fizeram isso ajudados também por Josué, que segurava o corpo do pai pelo meio da cintura. Tina não dizia nem uma palavra. Só se deixara ver pelo vizinho porque esse havia sido chamado para acudir o marido e, portanto, não se tratava de uma visita. Quando Genésio foi acomodado no assoalho da carroceria, Alcebídio comentou.

– Dona Tina, ele tem um corte bravo na cabeça. Precisa de um médico. Vou levar ele até Cruz das Almas. A senhora quer ir junto?

Tina disse apenas um incisivo não, mas quando o vizinho tomava assento no banco do motorista e se aprontava para sair ela aditou.

– Meu filho vai junto. Vai lá Josué!

O menino, que tinha pouco mais de oito anos, obedeceu de pronto, subindo na boleia. Virou-se para olhar pelo vidro traseiro e novamente ver o pai deitado ali, desmaiado. Assustado e calado, continha o choro. André, o filho menor que beirava os seis anos, assistia a tudo com um choro convulsivo. Continuou parado, chorando na frente da casa e olhando a estrada pela qual seu pai estava sendo levado, até não mais poder avistar a camionete. Nunca tinha visto sangue antes. Tina não aguardou o carro se perder de vista. Já tinha voltado para suas panelas.

Antes de alcançar a estrada oficial que o levaria direto à Cruz das Almas, Alcebídio julgou que melhor seria esticar até o patrimônio de Itaiporã e comunicar o fato aos pais de Genésio. Seriam poucos minutos a mais. Era provável que Seu

Calimério, o pai, quisesse vir junto. Pensou que viajar acompanhado só de uma criança não seria o mais conveniente. No patrimônio, tão logo noticiado do ocorrido e visto o filho daquele jeito, Calimério decidiu ir junto adiantando que Genésio deveria ser levado direto para a Santa Casa de Misericórdia de Cruz das Almas e que ele ia chamar o Doutor Veras para atender o caso. Pediu a Turmalina que arranjasse depressa um cobertor e um travesseiro molinho para forrar o assoalho da carroceria e melhor acomodar a cabeça do filho. Ao ser iniciada a acomodação que pretendia virar seu corpo para que ficasse sobre o cobertor, Genésio recobrou a consciência, para a alegria do pai. Ainda meio zozzo e sem saber onde estava resmungou.

– Ai, pai! O que é que aconteceu comigo?

– Você caiu no paiol, fio. Bateu a cabeça e desmaiou. Fica calmo aí que tamos levando você pro hospital em Cruz das Almas e você vai ficar bom de novo.

Genésio calou-se, fechou os olhos e pareceu dormir. Com cuidado, Calimério acomodou no travesseiro sua cabeça ainda sangrando um pouco e seguiram viagem. O pai na carroceria, cuidando do filho, e Josué na boleia. Turmalina ficou desconsolada chorando baixinho. Cerca de quarenta minutos depois, a camionete foi encostada na frente da Santa Casa em Cruz das Almas.

Em Inhaúma, Tina terminara de fazer o almoço e se alimentou sozinha. Seu filho menor recolheu-se em seu quarto e lá ficou choramingando. Ela retomou parte de sua rotina diária. Lavou o prato e as panelas na cozinha, limpou a casa, deu uma varrida no quintal, fechou o portão do paiol sem se incomodar com o sangue ainda visível no chão, retornou para arrumar seu quarto, fechou a janela que antes deixara aberta, deitou-se na cama e passou a mirar o teto com seu

olhar perdido. Nada parecia tê-la afetado. Para ela Genésio havia escorregado nas espigas, caído e batido com a cabeça no batente do portão. Foi só isso. O cachorrinho vai ser medicado e amanhã estará bem. Não pensou em detalhes do caso. Aliás, nem se recordava de detalhes. Sozinha, começou a cantarolar baixinho uma antiga cantiga popular.

“Sapo Cururu na beira do rio

Quando o sapo grita, ó Maninha, diz que está com frio.

A mulher do sapo é quem está lá dentro

Fazendo rendinha, ó Maninha, pro seu casamento”

Na Santa Casa de Cruz das Almas, Genésio foi recebido e rapidamente conduzido numa improvisada maca para a sala de curativos. Doutor Veras atendeu ao chamado e logo depois chegou para acompanhar de perto o paciente. Calimério, o filho Josué e o vizinho de Tina aguardavam no lado de fora, junto às escadarias da Santa Casa. O pai de Genésio aproveitou o espaço de tempo livre para agradecer o favor da ajuda que Alcebídio havia dado a seu filho.

– Por nada não, Seu Calimério! Qualquer um no meu lugar ia fazer a mesma coisa que eu fiz. Quero que o seu filho sare e que não tenha complicação.

– É, vamos esperar pra ver, finalizou Calimério.

Hora e meia depois, Doutor Veras saiu. Veio ao encontro do velho conhecido de Itaiporã e suas notícias eram as que Calimério esperava ouvir. Genésio teve apenas um longo corte na cabeça, mas que não passou do couro cabeludo. Não houve nenhuma lesão no crânio. Desmaiou porque a pancada foi muito forte e fez com que ele perdesse os sentidos. Recebeu sete pontos no corte e foram dados a ele alguns sedativos. Está dormindo um pouco. Agora era só esperar ele acordar e já podia pegar o caminho da volta. Calimério se aliviou expressando gratidão ao antigo médico da família. Era o primeiro

de seus filhos a bater com os costados na porta de um hospital. Esperaram ali por mais uma hora e pouco, até que Genésio tivesse alta e chegasse caminhando à portaria. Estava com uma grande atadura envolvendo todo o alto da cabeça de modo a parecer que o dano tinha sido bem maior do que realmente foi. Ao rever o pai, Genésio deu um largo sorriso de alegria. Sentiu-se como se tivesse sido libertado. Mostrou a receita de alguns medicamentos dada pelo Doutor Veras e lembrou que precisavam passar numa farmácia antes de pegar a estrada. Assim foi feito. De primeira, Calimério perguntou.

– Como é que foi o tombo, filho?

– Sei lá, meu pai. Eu tava procurando a Tina e quando abri a porta do paiol dei com ela sentada lá no alto do monte de espigas. Comecei a subir pra chegar até ela quando escorreguei e rolei monte abaixo. Depois não vi mais nada.

– E o que é que Tina tava fazendo no paiol?

– Não sei, pai. Só me lembro que tava rindo de um modo esquisito.

– Muito estranho isso. E como é que você deixou ela?

– Daquele jeito de sempre que o senhor já sabe.

Calimério apeou em Itaiporã, ocasião em que Turmalina assustou-se ao ver Genésio com a cabeça toda enfaixada.

– Minha Nossa Senhora, foi tão grave assim?

Calimério deu a explicação devida. O diabo não era tão feio como estava pintado. Houve um pequeno corte na cabeça onde foram dados sete pontos e precisou enfaixar toda ela para manter o curativo. Semana que vem, Genésio teria que voltar para tirar os pontos. Turmalina se acalmou.

– Toma mais cuidado ao fazer as coisas, meu filho. Você não é mais criança, acrescentou a bondosa mãe.

Alcebídio, Genésio e o menino Josué seguiram para Inhaúma. Já passava das dezoito horas quando chegaram à

casa de Tina. Genésio desembarcou de forma disposta e, depois de novamente agradecer a seu vizinho, entrou na casa pela porta da cozinha como era de costume. Percebeu que Tina havia preparado a janta com o que sobrou do almoço. Ela não estava à sua espera. Faminto, fez um prato cheio de arroz, feijão, mandioca frita e carne de porco, sentando-se à mesa para comer sem se preocupar em chamar pela esposa. Josué correu para o quarto, onde foi contar ao irmão André a aventura que teve e como estava o pai. No mais, havia um silêncio dentro e fora da casa. Depois da janta, Genésio sentou-se no terraço para matutar um pouco. Tina, que ainda estava desperta, veio até a cozinha e avistou Genésio no terraço com aquele turbante branco na cabeça. Parecendo assustada, perguntou.

– Que é que foi isso? Pra que tudo isso na cabeça?

– Não foi nada não, Tina. Isso é para segurar o curativo num pequeno corte que eu tive na cabeça. Não se assuste.

– Descuidado e desmazelado como você é, é só nisso que podia dar, emendou a misteriosa Tina, falando alto para que Genésio ouvisse enquanto se afastava de volta ao quarto.

Genésio ouviu, mas não respondeu. Achou que cada vez mais Tina estava se amalucando. Tinha certeza de que foi ela quem fez escorregar as espigas com a prévia e consciente intenção de derrubá-lo. Foi ela que me fez cair e agora vem com essa conversa de que eu é que sou descuidado! Cada vez mais começava a achar que o Doutor Veras tinha razão quando disse que ela estava com problema nos nervos e que o caso dela a levava a ter um comportamento que não é o normal nas pessoas sadias. Como já estava escuro resolveu ir para o quarto. Na cama, Tina estava deitada ainda vestida, com seus inseparáveis chinelos. Genésio provocou.

– Você não vai dormir, não?

Tina não respondeu. Por mais uns quinze minutos permaneceu imóvel e calada estirada de costas na cama, ao lado do marido. O quarto estava iluminado pela chama de uma lamparina. Quando Genésio pretendeu apagá-la Tina reagiu.

– Não! Não apaga, não! Vou precisar dela.

Mais uma vez Genésio constatou a estranheza do comportamento da mulher. Mas se aquietou. Minutos depois Tina se levantou, tomou da lamparina e com ela na mão seguiu em direção à cozinha. O quarto ficou às escuras e Genésio dormiu, inclusive pelo efeito dos sedativos que tomara. Tina desceu as escadas do terraço protegendo a chama da lamparina com a concha de uma das mãos e foi até o paiol. Abriu o portão, aproximou a lamparina da parte mais baixa do monte de espigas para que pudesse visualizá-las de perto e separou as que estavam manchadas de sangue. Deixou a lamparina apoiada numa estronca do paiol e começou a apanhar tantas espigas quanto podia carregar levando-as para o chiqueiro ao lado e lançando-as aos porcos. Repetiu isso três ou quatro vezes até supor que tinha retirado dali todas as espigas que estavam manchadas de sangue. Voltou para o quarto e foi dormir.

Nos dias seguintes, com exceção da obrigação de chamar os filhos uma vez que eles estavam em gozo de férias escolares, Tina retomou sua rotina diária. Acordava, vestia-se, calçava seus chinelos, fazia o café da manhã, ia ordenhar as vacas, cuidava da casa, limpava o quintal, preparava as refeições, banhava-se no final do dia e ia dormir para só acordar no dia seguinte, quando tudo se repetia. Sempre calada como se estivesse sozinha em casa.

Passada uma semana desde o dia do acidente, Genésio levantou-se bem mais cedo, arreou seu cavalo, pegou seu chapéu de abas largas, mal acomodado no alto da cabeça por causa da

bandagem que usava, e seguiu a Itaiporã para pegar a jardineira de Seu Valentim, que saía do patrimônio às oito horas. Seu destino era a Santa Casa de Cruz das Almas, para que o médico retirasse os pontos de sua cabeça. Passou pela casa dos pais, onde deixou a montaria. Turmalina estava acordada e já havia feito café. Assustou-se novamente ao ver o filho com aquele capuz encardido. Genésio cumprimentou a mãe e informou que estava indo para a cidade. Tomou um café e caminhou até o armazém de Tertuliano para esperar a condução. Alguns conhecidos que ali também esperavam a jardineira ficaram curiosos em saber o que tinha ocorrido com ele. Uma vez mais Genésio foi forçado a explicar a queda que teve no paiol, sem dizer que isso tinha sido provocado por Tina.

Na Santa Casa da cidade, Genésio soube que o Doutor Veras não estava e que ele iria ser atendido por outro médico. Não se amofinou. Era só para tirar os pontos. Quem o atendeu foi um médico jovem que mais não tinha que seus trinta anos. Se Genésio o visse na rua não imaginaria que aquele homem com cara de menino, cabelos lisos repartidos do lado seria um doutor. Era Eduardo Zambonini, médico formado numa conceituada faculdade da Capital e chegado há pouco tempo em Cruz das Almas. Na sala de curativos, enquanto retirava a bandagem da cabeça de Genésio o jovem médico puxou conversa.

- Como é o seu nome, meu senhor?
- Genésio dos Anjos.
- Mora aonde?
- Em Inhaúma, perto de Itaiporã.
- Por acaso o senhor é o marido de Dona Tina?

Genésio ficou abismado. Como é que aquele médico tão moço, que ele nunca tinha visto antes, sabia o nome de sua mulher? Respondeu com outra pergunta.

– Como é que o senhor sabe que minha patroa se chama Tina?

– Doutor Veras me procurou e contou sobre o caso de sua esposa. Estou estudando e gostaria de lhe fazer uma visita para examiná-la. Se o senhor permitir, é claro!

Genésio matutou em silêncio. Achou o médico muito jovem para entender dessas coisas. Não respondeu. Como é que Tina vai receber a visita de um menino desses se dizendo médico e entrando em casa? Depois, ela havia dito que era para não permitir mais a entrada de nenhum médico em casa. Preferiu desconversar.

– Qualquer dia desses eu combino com o Doutor e o senhor vai lá em casa.

Retirados os pontos da cabeça e passada uma pomada no lugar do corte, Genésio foi liberado. O que o incomodava agora era o fato de que havia um buraco aparente em seus cabelos. Tinha sido raspada uma boa parte deles para fazer a sutura do corte. Confortou-se pensando que pelo menos isso o chapéu ia encobrir. Tinha que fazer hora na cidade até que pudesse embarcar de volta na jardineira de Seu Valentim na viagem que saía às quinze horas com destino a Itaiporã. Foi até a grande Praça do centro de Cruz das Almas e ali permaneceu por cerca de duas horas, tomando um pequeno lanche num bar dos arredores. Mais tarde, embarcou e tomou o caminho de volta. Na casa dos pais Turmalina o recebeu no portão com a cara bem mais aliviada. Não mais se via a bandagem envolvendo a cabeça.

– Agora só falta crescer o cabelo porque eu tô com um raspado grande aqui na nuca. Tá parecendo um aceiro! Comentou Genésio.

– Ora, fio. Isso nem dá pra ver. O chapéu encobre! Finalizou Turmalina.

Outra vez cavalcando seu cavalo, Genésio seguiu para Inhaúma. No caminho cruzou com Coutinho que vinha também a cavalo em sentido contrário e se cumprimentaram tão somente com um rápido e inacabado gesto de quem ia tocar com a mão a aba do chapéu. Era de educação e o máximo de cumprimento entre os dois. Passava das quatro e meia da tarde e Genésio tinha fome. Em casa, Tina já tinha varrido o quintal e procedido a uma limpeza geral do chão junto ao portão do paiol. Ali não se via mais nenhum respingo de sangue. Quando Genésio chegou não desarreou o animal, deixando-o amarrado num cocho. Adentrou pela cozinha. Não viu Tina. Ela devia estar no quarto. Havia comida nas panelas. Alimentou-se e foi se sentar no terraço, tirando o chapéu e deixando à mostra a parte de cabelos raspados na nuca. Não chamou por Tina, nem ela apareceu. Ficou ali um bom tempo admirando o quintal e apreciando a invernada, vendo alguns de seus bois pastando quietamente no final de tarde. Ainda teria que apartar os bezerros. Tornou a montar e cavalgou pelo pasto tocando as vacas e trazendo os bezerros para o mangueirão. Voltou a se sentar no terraço, apaziguado.

Anoitecia quando Tina surgiu na cozinha. Olhou para Genésio, apercebeu-se do raspado e do corte que ele tinha na nuca, mas não fez nenhum comentário, sequer o cumprimentando. Genésio se atreveu a anunciar.

– Escuta Tina! Tem um médico novo em Cruz das Almas, especializado em doença dos nervos. Ele pediu para vir até aqui pra te examinar. Posso combinar com ele?

Tina se enfureceu. Grunhiu um palavreado incompreensível que pelo tom e pelos gestos que o acompanharam deixava entender que havia repudiado a ideia. Genésio calou-se sem insistir. Tina voltou para seu quarto. O dono da casa se convenceu de que a rotina dos dias ia recomeçar.

O CIRCO

O caso da agressão a facada em Carlos Maximiliano, padrinho de casamento de Benvinda, virou um caso de polícia. Tão logo noticiado pelo Hospital, o Delegado convocou dois soldados da Força Pública para acompanhá-lo em diligência até Itaiporã à cata do agressor. O carro preto e branco da Polícia chegou ao patrimônio na manhã do dia 22 de novembro de 1948, uma segunda feira. A mando do Delegado, que seguia na frente sentado no banco do passageiro, com os dois milicianos sentados atrás, o motorista percorreu as ruas circundantes ao largo da igreja exatamente para que fosse visto por todos os moradores do local. A curiosidade natural fez com que muitos saíssem pela porta da rua ou se debruçassem nas janelas das casas. Assim que passou em frente à casa de Seu Alfredo, o alemão largou a enxada que empunhava capinando o quintal e correu em disparada para dentro da casa, fechando as janelas e as duas portas, numa atitude que imediatamente chamou a atenção do experiente Delegado. Mandou que o motorista prosseguisse, porém sem deixar de pensar que deveria retornar mais tarde àquela casa para saber do motivo daquela tão suspeita esquiva do morador.

Terminada a ronda, o carro estacionou junto à casa de Carlinhos Português. O velho chefe político de Itaiporã recebeu os policiais como se fossem amigos antigos em visita de cortesia. Mandou Ademildes servir um café e se pôs à disposição do Delegado para ajudar no que fosse preciso.

– Muito obrigado, Seu Carlinhos. Nós viemos aqui para saber do paradeiro do indivíduo que esfaqueou o senhor Carlos Maximiniano no sábado passado, durante uma festa de casamento. O senhor sabe quem foi e onde é que se encontra esse indivíduo?

– Primeiro o senhor e os demais que estão junto vão tomar o cafezinho feito por minha mulher. Depois nós conversamos sobre esse assunto.

Após todos terem se servido do café quentinho trazido pela gentil Ademildes, Carlinhos retomou a conversa.

– Pois então, doutor. Eu preciso dizer ao senhor que Itaiporã é um lugar pequeno e aqui todo mundo conhece todo mundo. No dia do casamento, que foi no sábado passado, o povo todo daqui e da redondeza tava lá. Eu e a Ademildes fomos os padrinhos de casamento do noivo. Se o crime tivesse sido cometido por algum morador daqui do patrimônio ou mesmo da região, qualquer um de nós saberia dizer ao senhor quem é que foi e onde é que ele mora. Mas quem fez isso não é daqui não! Nem sei se alguém o conhece. Pelo que eu sei ele apareceu na festa sem nem ter sido convidado. Se empanturrou de churrasco e bebeu até mais não poder. Estava bêbado de dar dó. Só podia dar no que deu.

– O senhor chegou a ver ele de perto, Seu Carlinhos? Como é que ele é?

– É um sujeito magro, amulatado, aparentando ter aí uns trinta anos. Calçava uma bota de vaqueiro, vestia uma camisa velha axadrezada de amarelo e preto e trazia a faca com bainha presa no cinto, aqui nas costas. Daqui ele não é morador. Conheço todo mundo dessas paragens e nunca vi ele por aqui.

– E o senhor sabe dizer quem é o morador de uma casinha que tem logo ali na primeira rua que sobe do largo da igreja?

– Ah! Esse eu conheço há bastante tempo. Mora aqui há anos. É o Seu Alfredo, um descendente de alemão. Um homem que vive sozinho, isolado, mas que não faz mal a ninguém. Seu modo de vida é que é um bocado estranho. Não participa de nada aqui no patrimônio. Nem no casamento ele tava. Por que é que o Delegado pergunta dele?

– Por nada não. É que achei estranho ele correr para dentro de casa assim que viu o carro da polícia. Será que ele tem medo de alguma coisa?

– Pode até ser, Delegado! O povo daqui não sabe nada dele. Nem eu sei de onde é que veio, nem porque é que ele está aqui vivendo isolado desse jeito.

– Tá bom, seu Carlinhos! Depois eu vou dar uma passada na casa dele. Mas, voltando ao assunto anterior, o senhor sabe me dizer quem é que o senhor acha que poderia me dar uma informação a mais sobre o indivíduo que atentou contra a vida do senhor Carlos Maximiliano?

– Qualquer um dos moradores aqui do patrimônio. Todos tavam lá na casa do Seu Maximiliano naquela noite. E acho que todos devem ter visto a discussão anterior e o ataque com a faca. Mas não acredito que saibam mais do que eu já falei.

– Quer dizer que houve uma discussão antes?

– Houve. Seu Carlos quis retirar de dentro da casa o sujeitinho porque ele estava muito bêbado e aprontando confusão na cozinha, bulindo com as mulheres. Ele não quis sair. Houve um empurra-empurra e foi aí que o caso de deu. Na frente de muita gente. Em seguida o sujeitinho saiu correndo e o pessoal se preocupou mais em acudir o Seu Carlos. Ninguém foi atrás.

– Tá bem, seu Carlinhos. Agradeço o senhor pelas informações e pelo cafezinho. Vou dar umas voltas por aí. Obrigado e até mais.

O Delegado e seus acompanhantes deixaram a casa do velho português e principiaram uma nova ronda pelo patrimônio, parando aqui e ali. Conversaram com o barbeiro Ataliba e sua mulher Dona Lola, com o Seu Tobias, dono do bar situado na saída para o Ribeirão das Onças, com o Seu Duílio da padaria, com Tertuliano, o dono do armazém, com os membros da família de Carlos Maximiliano e com os pais do noivo, Seu Joaquim Pinho e sua esposa Dona Luzia. Evitaram procurar por Osmar e Benvinda porque souberam que os noivos deixaram a casa antes da ocorrência do fato. Todos contaram a mesma história antes dita por Carlinhos Português. O Delegado convenceu-se de que realmente ninguém conhecia o agressor e que ele não era mesmo dali nem das redondezas. Por enquanto resolveu encerrar as investigações sobre o crime. Seguiu para a casa do alemão.

Seu Alfredo continuava trancado em casa quando o carro da Polícia retornou. Lá de dentro não se ouvia o menor ruído. O Delegado bateu três ou quatro vezes na porta da sala. O silêncio continuou sem que ninguém atendesse. Bateu de novo. Nada. Impossível que ele não estivesse ouvindo as batidas! Arrodearam a casa indo até a porta da cozinha, também fechada. Tornaram a bater. Nada de Seu Alfredo dar as caras. O Delegado resolveu chamar.

– Seu Alfredo, é a Polícia! Abra essa porta!

Um minuto depois o alemão abriu a porta da rua e surgiu vestindo um pijama comprido e listrado com cara de quem estivesse dormindo. Mas não era hora de dormir. Além do mais, há menos de hora e meia o Delegado o havia visto correndo assustado do quintal. Seu Alfredo foi o primeiro a falar.

– Sim senhor, Seu Delegado. Posso saber do que se trata?

– Nada de muito sério, Seu Alfredo. Eu só quero saber por que é que o senhor correu quando viu o carro da polícia e

depois se trancou em casa a essa hora. Tá com medo de alguma coisa?

O alemão mostrou-se um pouco incomodado com o questionamento, mas logo se desvencilhou. Convidou o Delegado para entrar e sentar-se numa velha e rustida poltrona que mantinha na sala, junto com seu baú de bananas e de abacaxis. O Delegado se acomodou enquanto os dois milicianos ficaram de pé junto à porta da sala. Na frente da casa começou a juntar um monte de curiosos, principalmente de crianças que nunca haviam visto um carro de Polícia no patrimônio. Um dos soldados pediu que eles se afastassem, o que fizeram sem desaparecerem de todo. Lá dentro, o Delegado interrogava Seu Alfredo.

– De onde é que o senhor é e o que é que o senhor faz aqui em Itaiporã?

Sentado no baú, o alemão respondeu sem pestanejar.

– Eu não tenho família, Seu Delegado. Vivo aqui sozinho porque meus pais morreram. Eles vieram para o Brasil migrados da Polônia assim que a grande guerra acabou. Nasci na Polônia, sou brasileiro naturalizado e hoje eu só quero viver em paz, quietinho aqui no meu canto. Tenho medo das pessoas.

– Porque é que o senhor tem medo? questionou o Delegado.

– Porque os brasileiros pensam que eu sou um alemão fugitivo da guerra e parece que eles me perseguem. Alguns querem tirar de mim o pouco que eu tenho. Vivo de migalhas, vendendo frutas. A vida é muito difícil, seu Delegado.

– O senhor tem documentos?

– Tenho. Vou pegar pro senhor!

Alfredo se levantou e foi até um quartinho que tinha a porta dando para a sala. Na hora os milicianos entraram na

sala e ficaram de prontidão acompanhando atentos os passos do “alemão”. De uma gaveta de pequena cômoda do quarto ele retirou um grande envelope amarelo contendo vários papéis. Entregou-o ao Delegado que passou a examinar um a um dos documentos que continha.

– Aqui o senhor tem uma identidade expedida pela Polícia da Capital provando que o senhor é brasileiro naturalizado. Seu nome é Alfredo Obremski, é isso? Tem também um velho passaporte que mostra que o senhor viajou para a Europa logo depois de terminada a segunda guerra. O que é que o senhor foi fazer lá?

– Fui com meus pais que ainda eram vivos. Eles queriam rever a Polônia e cuidar de algumas coisas que deixaram por lá. Esse passaporte é antigo. É brasileiro, mas tá vencido. Guardo ele só de recordação. Desembarcamos no porto de Hamburgo, seguimos por terra até uma cidadezinha perto de Szezecin na Polônia, onde nasci, e ficamos lá por oito dias. Depois voltamos. Eu quis voltar pra cá, pra esse lugar sossegado, onde tô até hoje. Não sou fugitivo, nem procurado, nem bandido. Só quero terminar meus dias em paz.

– Eu estou vendo que aqui também tem algumas cartas escritas em alemão ou polonês, não sei. O senhor tem parentes no Brasil ou elas vieram da Europa?

– Não senhor. Eu não tenho nenhum parente aqui. Essas cartas foram escritas por primos meus que ainda estão na Polônia e que sobreviveram à guerra. Eles sabem que tô aqui. Às vezes me mandam até algum dinheiro pra me ajudar. Eu fico agradecido, mas nem sempre respondo. É difícil ir até a cidade para mandar uma carta.

O Delegado se convenceu da veracidade das informações prestadas pelo “alemão”, mas, por via das dúvidas, anotou seu nome completo e outros dados para fazer uma

futura pesquisa no rol de nomes de pessoas procuradas pela Polícia. Antes de sair, fez uma última pergunta.

– O senhor conhece o mulato que esfaqueou o seu Carlos Maximiniano, no casamento de sábado passado?

– Não senhor. Eu nem tava lá naquele dia. Fiquei sabendo do caso porque ouvi conversa no armazém. Não sei de nada.

– Tá bom, Seu Alfredo. Da próxima vez vê se não corre da Polícia porque senão pode ficar pior para o senhor.

O Delegado e seus acompanhantes retomaram seus respectivos assentos na viatura da polícia e saíram dali tomando o caminho de volta para Cruz das Almas. O caso do mulato agressor ficou em aberto na Delegacia.

Na tardinha desse mesmo dia, Carlinhos Português foi fazer uma visita a Seu Alfredo. Era de costume e ele achava que também era de seu dever estar a par de tudo o que acontecia no patrimônio. Sabia que o Delegado tinha ido a sua casa e precisava saber sobre o que conversaram. As portas não estavam mais fechadas. Carlinhos foi recebido com naturalidade pelo “alemão”, que agora já se sabia não ser alemão, mas um imigrante polonês. Conversaram com liberdade, tendo Carlinhos perguntado sobre o que queria e o que dissera o Delegado. Seu Alfredo limitou-se a responder que o policial apenas quis que ele exibisse seus documentos de identidade tendo verificado que todos estavam na mais perfeita ordem, sem nenhuma irregularidade. Não contou a Carlinhos Português nada do mais que declinara ao policial. Para ele e para o povo do lugar, Alfredo continuou sendo o alemão e o mistério que pairava sobre ele em Itaiporã também continuou.

Nos tempos seguintes, vez ou outra um morador tornava ao assunto do crime do dia do casamento ainda sem ter nenhuma informação sobre a identidade ou paradeiro do agressor. Carlos Maximiniano havia sido submetido a uma cirurgia

em Cruz das Almas e oito dias depois já estava de volta a Itaiporã com uma sonda na altura da cintura. A facada tinha atingido seu pâncreas, mas não o fez correr risco de vida. Nem mesmo ele conhecia o mulato que o feriu. Veio saber da vinda da Polícia no patrimônio pelo Carlinhos Português, que logo após seu retorno foi visitá-lo.

Dona Terezinha, sua esposa, ainda estava assustada. Cuidava com esmerado zelo da ferida do marido. O fato continuou a repercutir em Itaiporã nas públicas ou veladas conversas às portas da venda do Duílio, do armazém de Tertuliano e no bar de Seu Tobias. Benvinda só veio saber do ocorrido com seu padrinho de casamento no dia seguinte ao fato. Naquela noite ela e Osmar haviam saído bem antes da casa de Carlos Maximiniano. Tinham se ido para o novo lar. Uma casinha de quatro cômodos que seu sogro mandou construir em suas próprias terras, na parte baixa, bem próxima do patrimônio. Humildemente mobiliada, essa casinha feita de tábuas veio a ser a primeira e mais feliz morada do casal. Sessenta e cinco anos depois, já tendo se mudado por várias vezes e então morando numa cidade do Paraná, Benvinda confidenciaria a uma de suas netas que naquela primeira noite Osmar tinha sido por demais delicado e respeitoso.

Semanas depois do retorno de Carlos Maximiniano, um fato novo em Itaiporã passou a dominar as atenções e a curiosidade de todos os moradores dali, fazendo com que se esquecessem do caso do mulato que esfaqueou o padrinho de Benvinda. Agora o assunto dominante nas conversas descompromissadas de cavaleiros ociosos em frente à venda de Seu Duílio e das comadres desocupadas era outro. Estava chegando ao patrimônio um circo mambembe, cujo dono obtivera permissão de Seu Ataliba, o barbeiro, para ser armado num amplo terreno livre nos fundos do quintal de sua casa. Não

faltou quem viesse de longe e se plantasse nos arredores por horas a fio só para assistir os trabalhos de sua montagem. A nivelção do terreno que serviria como arena ou picadeiro central, depois coberto com serragem que pegaram da madeira de Carlos Maximiniano, o desenrolar da grande lona, o levantamento do mastro principal, o incessante bater de estacas, a armação da imponente entrada que mostrava uma abertura onde seria a bilheteria, os tapumes coloridos, o vai-e-vem de pessoas estranhas entrando e saindo de um trailer também todo colorido que chegou puxado por um velho caminhão, a distribuição de cadeiras brancas ao redor do picadeiro e a montagem da arquibancada. O nome da companhia encimava toda a frente com letras garrafais: Circo Pisca-Pisca. Pisca-Pisca era o palhaço, personagem principal que geralmente dá nome a uma companhia circense. Um tratador buscava capim para dar a dois belos cavalos brancos de crinas longas. Os animais davam a impressão de ser um só de tão parecidos que eram um com o outro. Certamente esses trabalhadores circenses deviam ser os próprios artistas que depois iriam se apresentar com roupas confeccionadas com tecido brilhante, nunca antes vistas em Itaiporã. Malabaristas, acróbatas, equilibristas, trapezistas, atores, domadores e o palhaço. Era um circo pobre e pequeno com capacidade para acomodar não mais do que umas duzentas pessoas, mas não deixou de ser um grande acontecimento para o povo do patrimônio.

O filho mais velho de seu Ataliba, chamado Valdomiro, moço de boa aparência e de corpanzil atlético nos seus quase vinte anos, ficava à volta do circo quase que o dia inteiro, logo se enturmando com aquele pessoal e acabando por receber um convite para ajudar em sua montagem, pelo que iria ganhar alguns trocados e poderia assistir de graça aos espetáculos. Para ele isso é que havia de mais importante.

Na tarde que antecedeu a estreia, o palhaço percorreu as ruas de Itaiporã com um enorme funil de lata na boca anunciando o grande espetáculo e convidando o povo a comparecer à estreia. Era seguido por um grupo de crianças que faziam coro às suas chamadas.

– Hoje tem espetáculo?

As crianças respondiam.

– Tem sim senhor!

– Hoje tem marmelada?

– Tem sim senhor!

– E o palhaço o que é?

– É ladrão de mulher.

Terminado o percurso, o palhaço marcava com tinta vermelha o dorso de uma das mãos de cada criança que o tinha acompanhado, recomendando que não lavasse porque aquela marca era a senha para que pudessem entrar de graça e assistir ao maior espetáculo do mundo. Era um bom truque, porque nenhuma dessas crianças obteria permissão dos pais para irem sozinhas à noite assistir ao espetáculo. Os pais teriam que acompanhá-las e para tanto teriam que comprar seus ingressos.

As mães saíam à porta da rua para ver o desfile do palhaço. Riam de suas estripulias. Um comentavam que o circo era de ciganos e que essa gente é muito perigosa. Outras narravam casos que ouviam dizer sobre crianças que eram roubadas e levadas por ciganos. Dona Biloca, uma antiga moradora do lugarejo chegou a dizer que uma vez ouviu seu pai dizer que a própria Dona Turmalina teria sido uma dessas crianças raptadas por ciganos e que depois veio a ser abandonada na rua tendo sido recolhida e criada pela família dos Cutas, que não eram seus verdadeiros pais. Mas ela não se atrevia a falar que isso era uma verdade, mesmo porque

ninguém acreditava nisso. Só repetia que o palhaço era mesmo um ladrão de mulher. Levava mocinha que se engraçasse com ele. Era preciso ter muito cuidado com essa gente!

Na noite de estreia, o povo se acotovelou no quintal de Seu Ataliba aguardando a hora de poder entrar no circo. Postavam-se admirados com as muitas luzes coloridas acesas na portaria e em seu interior. Essas lâmpadas eram alimentadas pela energia que provinha de um pequeno gerador pertencente à própria companhia circense. Isso era mais uma grande novidade para Itaiporã. O circo ficou lotado na noite de estreia. Antes do início do espetáculo, uma mulher vestida de bailarina percorria as arquibancadas vendendo pirulitos em forma de guarda-chuva. Nenhuma criança deixava de pedir aos pais para comprarem. Um vozerio demonstrava a ansiedade dos presentes. Nas cadeiras brancas em volta do picadeiro era pequeno o número de pessoas que ocupavam algumas delas. O valor do ingresso era maior e o povo do lugar não era dado a gastar muito do pouco que tinha só para gozar de algum privilégio. Lotavam as arquibancadas.

De repente, as luzes que iluminavam o pavilhão foram apagadas só sendo mantidas acesas as que focavam o picadeiro. Ouviu-se no recinto a voz firme e compassada do mestre de cerimônia.

– Respeitável público! O grande Circo Pisca-Pisca tem o prazer de apresentar, aos senhores, senhoras, jovens e crianças desse conceituado patrimônio de Itaiporã, o seu mais belo espetáculo, tendo à frente o famoso palhaço Pisca-Pisca. Palmas para ele!

O público aplaudiu quando o palhaço entrou no picadeiro, com sua calça de cintura larga sustentada por um suspensório, um camisão colorido e uma enorme gravata borboleta. Agradecia fazendo uma nova graça para as crianças.

Abaixava-se deixando soltar um assopro de talco pela bunda. Todos se riam muito. De repente Dona Lola surpreendeu-se com a aparição de seu filho Valdomiro no picadeiro do circo. Ele estava entre os artistas e surgiu sob os holofotes ao vir retirar o banquinho redondo que o palhaço deixara ali. Era um mero e anônimo ajudante pago com alguns poucos tostões. Mas para a mãe ele já começava a ser um grande artista. Orgulhou-se disso.

Seguiram-se os demais números, sempre anunciados pelo mestre de cerimônia com o destaque de que se tratava de artistas consagrados no Brasil e no estrangeiro. O notável casal de malabaristas lançando para o alto suas argolas ou seus boliches. O treinador com a impecável dupla de cavalos brancos que empinavam e caminhavam só com as patas traseiras. Os irmãos contorcionistas que entravam no picadeiro dando saltos mortais ou fazendo com os corpos o que todos não acreditavam ser possível. A volta do palhaço Pisca-Pisca entre uma e outra atração, trazendo novas piadas ou cantando divertidas paródias de musiquinhas conhecidas. Os trapezistas que voavam sobre a rede deixando o público com o coração na mão. Tudo era coisa nunca vista antes e o pessoal de Itaiporã ficava maravilhado com cada uma das atrações.

Ao final, uma encenação teatral com atores e atrizes, talvez os mesmos artistas ou operários, interpretando no palco as cenas de uma peça há muito consagrada pelo público circense, *Coração Materno*, de Vicente Celestino. Muitas senhoras não contiveram o choro ao ver um filho rasgar o peito da mãe e dele retirar o coração ainda pulsando para entregá-lo à sua amada como prova de amor. Quem foi gostou e recomendou a seus conhecidos e vizinhos. Quem não foi na estreia, não deixou de ir numa das sessões dos dias seguintes. Valia a pena!

O circo permaneceu em Itaiporã por uma semana, sempre com lotação esgotada. O filho de Dona Lola atuou em todas as sessões, chegando inclusive a ser o encarregado de cantar o ponto aos atores em cena, abrigado numa coxia posta à boca do palco. O dono do circo lhe dizia que ele já era um artista e que tinha um grande futuro pela frente. Garantiu que ele poderia vir a ser um grande ator dramático ou aprenderia a fazer acrobacias para se apresentar sozinho no picadeiro vestindo roupas reluzentes, sob a luz dos refletores e aplausos de um respeitável público. Valdomiro se entusiasmava com essa ideia.

Quando o circo deixou o patrimônio de Itaiporã, Valdomiro foi junto com a trupe sem ter falado com ninguém nem avisado seus pais. Dona Lola caiu em desespero. Ataliba sentiu vergonha do filho. Coisa rara um filho abandonar a casa dos pais, assim sem mais nem menos. Eles não tinham nenhuma notícia do novo paradeiro do circo. A mãe, sempre inconformada, dizia que Valdomiro fora enganado com falsas promessas de um futuro brilhante naquele circo mambembe. Os fregueses de Seu Ataliba evitavam tocar nesse assunto enquanto cortavam os cabelos ou faziam a barba em seu salão.

Em Itaiporã não se falava sobre o circo sem emendar um comentário sobre a fuga de Valdomiro. Sem saberem ao certo, uns diziam que o filho de Dona Lola teria sido raptado pelo dono do circo, outros que ele estava sendo usado para serviços braçais sem pagamento de salário ou remuneração, ou seja, na condição de escravo, ou que ele teria se transformado num grande artista e passado a ganhar rios de dinheiro, hipótese na qual ninguém botava fé.

Carlinhos Português também se preocupou com esse novo caso. Semanas depois, na primeira vez que esteve em Cruz

das Almas, procurou pelo Delegado de Polícia e o notificou sobre o ocorrido, sugerindo que fosse feita uma investigação para saber onde é que o Circo Pisca-Pisca estaria armado. O Delegado ouviu, anotou e ficou de verificar dizendo que ia mandar um telegrama para a Regional solicitando informação das demais Delegacias sobre o paradeiro do circo. Prometeu que assim que tivesse qualquer notícia ele avisaria. Carlinhos Português ficou no aguardo.

Não custou mais do que três semanas para que a Delegacia de Cruz das Almas recebesse um comunicado da Regional informando que o Circo Pisca-Pisca estava sendo armado num isolado distrito pertencente ao município de Irapuarana, às margens do Rio Jurema, divisa do estado de São Paulo com o do Paraná. Carlinhos Português recebeu essa informação através de um recado do Delegado transmitido por Seu Valentim, o dono e condutor da jardineira. Avisou Seu Ataliba que na hora se animou em viajar em busca do filho o quanto mais cedo pudesse. Era só estudar um meio e escolher a ocasião para seguir até lá.

Dois dias depois Carlinhos Português e Ataliba saíram cedo de casa para empreender viagem. Pegaram a jardineira das oito horas e seguiram para Cruz das Almas. A primeira parada foi na Delegacia de Polícia. Conversaram com o Delegado sobre a pretendida ida até Irapuarana, mas vieram a saber que não havia condução direta que passasse por lá. O Delegado acabou se prontificando a levá-los na perua policial numa viagem de cerca de noventa e poucos quilômetros. Considerou humanitária a missão e julgou ser de seu dever prestar esse serviço. Chamou um miliciano do Destacamento para servir como motorista e seguiram em direção a Irapuarana. O destino final era um lugarejo isolado pertencente a esse município onde o Circo Pisca-Pisca devia estar sendo armado.

O lugar era uma vila distrital chamada de Ribeirão do Ibiquá. Regulava com Itaiporã, mas possuía um número maior de casas habitadas a indicar que a população dali era um pouco maior que a de lá. À chegada, no centro do vilarejo, num terreno livre logo abaixo da igreja, avistou-se um circo já com a lona armada, exibindo na portaria o nome de Circo Pisca-Pisca. Era ali que Valdomiro devia estar. Todos apearam. Foi a segunda parada.

Passava das onze e meia da manhã. O carro da Polícia parado na praça atraiu a natural curiosidade de crianças e adultos, que foram se aconchegando aos poucos e em silêncio. Formaram um significativo grupo em torno dele. Dessa vez, nem o Delegado nem o miliciano mandaram que se dispersassem. Havia ordem no local. O pessoal do circo, que nessa hora trabalhava na finalização da montagem da arquibancada e na disposição de cadeiras brancas em torno do picadeiro, saía de um em um. Também como curiosos, sem demonstrarem nenhum receio. O Delegado abordou um deles e pediu que chamasse o dono ou o responsável pelo circo. Em minutos surgiu um homem gordo, bigodes afinados e de pontas longas, barriga proeminente e com enorme calvície a percorrer todo o alto do crânio. Apresentou-se como sendo Afonso Paes, o dono do circo. Era um homem aparentemente amável, de sorriso fácil, acessível e de bom trato. Colocou-se à disposição do Delegado em tudo o que viesse a ser preciso. Ao fundo, Carlinhos Português conseguiu divisar dois cavalos brancos sendo alimentados por um tratador. O Delegado foi direto ao assunto.

– Seu Afonso, nós estamos aqui à procura do filho de um desses homens que estão me acompanhando. Ele se juntou a seu pessoal quando o circo deixou o patrimônio de Itaiporã. Seu nome é Valdomiro. Ele está aqui?

– Seu Delegado, eu não me lembro do nome de cada um dos homens que passam a trabalhar pra mim. É comum eu deixar um ou outro num lugar, ou receber novo integrante da equipe quando estou noutra lugar. Acabo nem guardando o nome de todos. Nem sei se aqui tem algum Valdomiro.

– Muito simples, Seu Afonso. O senhor poderia reunir todo seu pessoal num lugar só, para que eu possa identificar o Valdomiro entre eles? Pode ser aí dentro mesmo, que é melhor. No picadeiro.

Não fosse o bastante a amabilidade e a disposição do dono do circo em colaborar com a Polícia, o pedido feito pelo Delegado soou como uma ordem que deveria ser prontamente obedecida. Afonso Paes reuniu no picadeiro cerca de 30 ou 35 homens. À frente deles, o Delegado voltou-se para Ataliba como a lhe pedir que identificasse o filho. Contudo, Valdomiro não estava entre esses.

– O senhor tem certeza de que todos seus funcionários estão reunidos aqui, Seu Afonso? Não falta nenhum?

– Estão todos aqui, Seu Delegado! Mas o senhor não é obrigado a acreditar em mim. De maneira que eu convido o senhor para dar uma volta em torno da lona, examinar o trailer, o caminhão e tudo o mais pra ver se há algum mais por aí.

Aceito o convite, o Delegado contornou o pavilhão acompanhado do dono, não sem que antes ordenasse ao grupo para permanecer no picadeiro até seu retorno. Carlinhos e seu Ataliba também ficaram ali. Nos fundos e nos lados foi verificado que não havia mais ninguém. Nem no interior dos veículos. O dono e o Delegado retornaram ao picadeiro.

– É, Seu Afonso! O Valdomiro não está aqui mesmo, mas eu tenho informação segura de que ele se incorporou à sua equipe no patrimônio de Itaiporã perto de Cruz das Almas, insistiu o Delegado.

Carlinhos Português e Ataliba continuavam olhando detidamente no rosto de cada um dos funcionários ali reunidos. Não diziam nenhuma palavra.

– É até possível, Seu Delegado! Mas como eu já disse ao senhor, muitos se incorporam à equipe e ficam no grupo por uma ou duas semanas e depois acabam desistindo e se arrancham em qualquer dos lugares por onde passo. Talvez esse Valdomiro seja um deles. Já faz várias semanas que eu estive em Itaiporã e depois de lá devo ter montado e desmontado o circo um punhado de vezes em lugares diferentes. Meu espetáculo fica só uma semana em cada lugar. Repito que eu não me lembro de nenhum Valdomiro.

– Tá bom, Seu Alfredo. Agradeço sua colaboração e lhe desejo boa sorte aqui.

Ataliba ficou desolado. Agora mais ainda, porque não saberia nem onde nem como continuar a procura pelo filho. Com a cabeça baixa, sem dizer palavra, aprontou-se para sair. Carlinhos Português ainda mantinha sua cabeça erguida e continuava a mirar fixamente no rosto de cada um dos componentes do grupo à sua frente. Quando pretendeu deixar o interior do circo alguém em especial chamou sua atenção. Parou, tornou a olhar detidamente para esse um e de repente deu um alerta ao Delegado, com voz trêmula.

– É aquele mulato ali, Delegado. Foi ele que esfaqueou o Carlos Maximiliano. Tenho certeza disso. É ele mesmo, Doutor. Naquela noite eu vi ele de perto como estou vendo agora! É esse sujeitinho. Ele tá com a mesma bota de vaqueiro que usava naquele dia.

O Delegado não teve dúvida. Sacou do revólver que trazia na cintura e gritou para o mulato.

– Passa pra cá, rapazinho. Acho que você vai ter que me explicar um montão de coisas.

Todos se assustaram. Inclusive o dono do circo. Acuado, o mulato deu alguns passos à frente com as duas mãos sobre a cabeça. Não correu, nem reagiu. A arma estava apontada para ele. O Delegado pediu que alguém chamasse o miliciano que ficou no carro. Algemou o suspeito e o entregou ao motorista policial.

– Vamos levar esse aqui para Cruz das Almas! Você tem documento aí? – perguntou ao mulato.

– Tenho sim senhor.

O Delegado tornou a agradecer ao espantado dono do circo, que não se manifestou a respeito da detenção do ajudante, e deixou o local pelo mesmo caminho em que veio. O mulato foi recolhido atrás na perua, num lugar que os policiais chamavam jocosamente de “chiqueirinho”.

Ataliba voltou calado, abatido e inconformado. O que é que iria dizer para sua mulher quando chegasse em casa? Onde é que eu vou procurar meu filho agora? De sua vez, Carlinhos Português voltava eufórico com a prisão do agressor de Carlos Maximiniano. Sua missão havia sido parcialmente cumprida. Pelo menos na metade.

O mulato, que depois se verificou chamar José Pedro da Silva e que nascera em Garanhuns no agreste pernambucano, ficou recolhido numa cela da velha cadeia de Cruz das Almas. O Delegado reabriu o inquérito e pediu sua prisão preventiva ao Juiz da Comarca, visto que ele não tinha emprego nem residência fixa. Foi indiciado por tentativa de homicídio.

~ 12 ~

SABINO

No segundo semestre de 1950, o patrimônio de Itaiporã parecia estar em permanente festa com a contínua idas e vindas de peruas com autofalantes na capota fazendo ruidosa propaganda de candidatos a cargos eletivos. Era ano de eleições gerais em todo o país. Motivo de reuniões populares, comícios, passeatas e acirrada disputa por votos. O povo iria às urnas para eleger o futuro presidente da república, governadores, deputados federais e estaduais.

Em setembro, as ruas do patrimônio de Itaiporã ficaram coalhadas de cédulas e de santinhos de candidatos. A casa de Carlinhos Português virou um comitê político do Partido Social Democrático, o PSD, opositor ferrenho da antiga União Democrática Nacional, a UDN. A frente de sua casa foi inteiramente empapelada com cartazes e fotos de seus principais candidatos. A campanha local comandada pelo velho português estava dirigida para a eleição de Getúlio Vargas do PTB para a presidência da república. O PSD havia lançado a candidatura do mineiro Cristiano Machado, mas o partido acabou apoiando Getúlio. Para o governo do Estado, Carlinhos Português trabalhava na campanha em prol do Engenheiro Lucas Nogueira Garcez do PRP, esse um aliado ao forte PSP do então governador Adhemar de Barros. Ulisses Guimarães, também do PSD, era o candidato de Itaiporã para a Câmara Federal. O velho líder local ia de porta em porta, de casa em casa, de sítio em sítio, pedindo votos para seus candidatos, ao mesmo

tempo em que estimulava o povo da região a não comparecer em comícios de adversários políticos.

As crianças se divertiam correndo atrás de carros de som ou apanhando na rua os muitos santinhos e cédulas jogados por seus ocupantes. O assunto predominante nas conversas, nas reuniões em volta da venda do Duílio ou no armazém de Tertuliano era a política. Porque é que devia ser dado o voto a esse e não àquele candidato, ou o que é que um ou outro já tinha feito ou deixado de fazer na gestão anterior. Discutia-se política como se Itaiporã fosse uma capital e pudesse ser decisiva na apuração dos votos. A casa de Carlinhos Português ficava abarrotada de correligionários, entrando e saindo gente o dia inteiro e outro não era o assunto senão as eleições de 3 de outubro. Só por vez ou outra é que a conversa aqui e ali derivava para temas já batidos e rebatidos pelo povo do lugar, como o sumiço de Valdomiro, filho de Seu Ataliba, a prisão do agressor de Carlos Maximiniano, o mistério em torno de Seu Alfredo, o “alemão”, ou a clausura de Tina.

Em suas andanças de casa em casa ou em seu comitê, Carlinhos Português explicava a cada um dos habitantes dali que só se devia votar em quem realmente pensasse e se importasse com o povo pobre que sofre na lavoura, e nunca nos que só aparecem nas vésperas de eleição que nem pássaro-preto que só vem em época de colheita para comer sementes. Repetia em todo lugar que quem labutava na roça colhendo arroz, milho, algodão, amendoim e café, esturricando-se no sol o ano inteiro, era quem carregava nas costas o progresso desse país. Atacava os candidatos da UDN chamando-os de almofadinhas engravatados, de gente de colarinho branco que não sabe nem um pouco do que é a dureza dos que vivem no campo, e nem sabe fazer outra coisa a não ser se aproveitarem do cargo e encher de dinheiro seus próprios bolsos. O que os udenistas querem é

vender o Brasil para o capital estrangeiro! Pregava em alto e bom som, de porta em porta, que os pobres que trabalham na roça não podem votar em quem é da elite esbanjadora ou em quem nunca teve um calo nas mãos. Dizia que quem só anda em carrões de luxo e se desinfeta com álcool depois que pega na mão de um roceiro não pode ganhar o voto do pobre. Que só Getúlio é que realmente pensa no povo, apesar de reconhecer que uma canalhada sempre o cerca, manchando sua figura de pai dos trabalhadores. Esse era o Carlinhos Português!

Na quinta-feira da semana seguinte, nove dias depois da eleição, foi noticiado pelo rádio e conhecido o resultado das urnas. Todos os candidatos apoiados por Carlinhos Português venceram as eleições e assumiriam seus cargos em 31 de janeiro de 1951. Foi como se ele próprio tivesse ganhado a eleição. Como se os votos do pequenino Itaiporã tivessem feito a diferença para que Getúlio vencesse o Brigadeiro Eduardo Gomes e fosse eleito com mais de 49% dos votos dos brasileiros. Então veio a churrascada comemorativa. Uma festa que durou o dia inteiro e até entrou pela noite com violeiros e sanfoneiro tocando para todo mundo dançar. O povão se reuniu em frente à casa de Carlinhos Português, fazendo com que parecesse um novo comício. Só não compareceram nessa festa da vitória os fazendeiros donos de terras dadas sob empreitada aos pobres que não as tinham. Ali então podia se falar de tudo e tudo era motivo para comemoração ou para intrigas e fofocas. Da cara lambida do fulano que votou em quem perdeu, ao sicrano que apostou um garrote no pé de um candidato da UDN e agora tinha que pagar. Do reboliço que deu quando Eliodoro bebeu uns goles de pinga e desafiou desafetos políticos com a faca na mão, à participação de Ordália na campanha, subindo em carroceria de caminhão e gritando forte nas passeatas em prol de seus candidatos. Do comparecimento

maciço do povo da região à sessão eleitoral instalada em Itaiporã, à saúde de Carlos Maximiniano, que havia comparecido para votar totalmente recuperado. Do “alemão” que não votou, a Tina, que não saiu de casa nem para cumprir esse dever cívico. Das muitas voltas que João Cai-da-Égua deu no quarteirão da igreja, exibindo sua bem arreada montaria, aos cumprimentos de Carlinhos Português, que no dia da eleição ficou próximo ao lugar de votação, pegando na mão de cada um dos eleitores que chegava, como se ele próprio é que fosse o candidato. De Maria Diabo, que o tempo todo transitou pelo meio do povo que se aglomerava na rua, falando Diabo e mantendo um sorriso cariado na cara, até as crianças que curtiavam aquela festa sem nem saber do que era.

Um dia antes da festa, Carlinhos Português tinha ido até Cruz das Almas avistar-se com o prefeito que era do PSD e trocar com ele as congratulações pela vitória. Encontrou-se também com o Delegado, que assuntou que não tinha havido nenhuma ocorrência grave na cidade no dia do pleito, a não ser as costumeiras trocas de insultos verbais entre partidários de um e de outro candidato. Também em Cruz das Almas houve apostas curiosas em torno do resultado das eleições. A que mais gerou comentários foi a de Ernesto Orlandia, único morador da cidade que mantinha fartas costeletas e um cavanhaque muito bem cuidado. Apostou que se perdesse raparia tudo, inclusive suas sobranceiras. Perdeu, pagou a aposta e por um bom tempo deixou de ser reconhecido na rua. Carlinhos contou ao Delegado que em Itaiporã nem de polícia foi preciso porque seu povo é ordeiro e só saiu para cumprir o cívico dever de votar. Perguntou sobre o mulato que estava preso e recebeu a informação de que o inquérito já havia sido relatado e encaminhado ao Promotor para o oferecimento da denúncia ao Juiz da Comarca. Contou ainda que na instrução

desse inquérito tinha sido descoberto que o sujeitinho já era procurado pela polícia da Capital, por ter matado a facadas um caboclo lá em Pernambuco. Constavam que a vítima teria abusado de uma irmã do mulato de apenas dezesseis anos. No mais, Carlinhos Português voltou todo orgulhoso para casa. Uma vez mais sentia que tinha cumprido bem sua missão.

Ao contrário de Ordália, que não perdeu nenhum comício de candidatos de seu partido e participou ativamente de reuniões na casa de Carlinhos e de passeatas pelas ruas do patrimônio, no dia da eleição Coutinho tinha passado todo o tempo aquietado na casa do sogro Calimério. Votou e voltou. Não era dado aos agitos de multidão, nem era muito chegado aos assuntos de política. Ficou proseando primeiro com o sogro e depois com o concunhado Eliodoro, que foi trazido para casa pelo filho mais velho, depois de ter aprontado encrenca no largo da igreja. Ali ele também se aquietou. O assunto no terraço da casa de Calimério não foi a política, mas negócios de terra. Coutinho noticiou ao concunhado que estava com a ideia de vender seu sítio em Inhaúma e vir morar no patrimônio para mais tarde mudar-se para Cruz das Almas, para que os filhos completassem o estudo primário e, quem sabe, entrassem no ginásio. Eliodoro interessou-se pelo assunto, dizendo que gostaria de comprar as terras de Inhaúma, mas que por ora não tinha recursos para tanto. Perguntou, só por perguntar, se Coutinho já tinha ideia do preço que ia pedir.

– Uns 150 ou 160 contos. Com a porteira fechada. Não sei bem ainda! Afinal, é uma gleba de vinte alqueires banhada por dois rios!

Eliodoro não deixou de dizer que queria ser o primeiro da lista dos interessados na compra de Inhaúma, quando Coutinho fosse mesmo vender. Completou dizendo que as terras do sítio onde morava aqui em Itaiporã na verdade ainda

eram de propriedade do sogro Calimério. Não é minha não! Não tinha sido dada a ele de papel passado. Coutinho aquiesceu e ficou combinado assim, como diria Izidoro, o velho patriarca de Santo Antônio.

No dia dos festejos pela vitória, quando Ordália retornou à casa dos pais era já de noite. Estava suada, rouca e cansada como se estivesse chegando de algum trabalho pesado. Mas era de tanto pular e gritar na festa da casa do Carlinhos Português. Sempre achara que eleição é dia de alegria, no qual o povo se solta, fala e é ouvido. Achava que era dia bom para esquecer males da vida e sentir-se um participante ativo no livre processo de escolha de seus representantes no governo. Eleição faz um bem danado! É a vibração da democracia. A manifestação individual e pública da liberdade. Ordália não podia perder um momento desses de jeito nenhum. Para ela, ficar fora disso era negar a condição de cidadã, com deveres, mas, sobretudo, com direito de participar e de escolher. Tinha votado, ganhou e agora pulava, gritava e comemorava.

Coutinho se riu quando ela chegou toda despojada daquele jeito. Viu com que alegria ela estava vestida. Uma alegria de menina-moleque como só Ordália sabia ter quando estava feliz. Orgulhou-se dela. Supôs até que ela ainda fosse aquela menina atrevida dos velhos e bons tempos de beira de rio. Tornou a gostar dela. Ordália passou rápido por eles, disse um oi e foi para a cozinha onde estava Turmalina. Ali, abraçou a mãe e a fez pular junto, como se a festa não pudesse parar. Caíram os óculos de Turmalina e ela reclamou.

– Ai, filha. Para um pouco. Desse jeito você machuca a mãe. Não tenho mais idade pra pular assim!

No terraço, Coutinho e Eliodoro ainda se riam da estabuada Ordália. Coutinho se lembrou de perguntar.

– E a Natália onde é que tá?

– Deve tá lá em casa. Ela não tem essa energia toda da comadre Ordália. Deve tá lá zelando do Zé Carlos.

– E a Braulina, continua internada? Tem sabido dela?

– A última notícia que eu tive foi que ela não tava boa de saúde, não. Ela nunca foi mesmo muito sadia. Não sei não, mas eu acho que ela não sai mais de lá.

A conversa entristeceu. Ambos se calaram por um bocado de tempo, até que Calimério chegou ao terraço. Ele tinha dado um pulo até a casa de Carlinhos Português para espiar os festejos. Voltou se rindo à toa. Falou que o povaréu estava animado como nunca e que pelo jeito a comemoração não ia acabar tão cedo. As mulheres cantavam uma musiquinha que falava da volta de Getúlio, com versos de Haroldo Lobo:

*Bota o retrato do velho outra vez, bota no mesmo lugar.
O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar”.*

Coutinho apenas se riu. Não quis encompridar o assunto de política, de que não gostava. Apenas ficou contente com o retorno do sogro, porque ele voltava em boa hora para reiniciar a prosa mais um pouco no terraço. Eliodoro, porém, emendou perguntando ao sogro o que é que ele achava que ia acontecer com a volta de Getúlio ao poder. Coutinho se levantou lentamente e foi para a cozinha antes que Calimério respondesse. Ali perguntou para Ordália.

– Cadê as meninas, o Tônico e o Tuta?

– Tão lá, na festa. Pode deixar porque lá tá cheio de crianças. Eles voltam sozinhos.

– Ara, Ordália, mas já tá escuro! Não é melhor ir buscar eles?

– Não! Pode deixar. Sou até capaz de voltar lá e foliar mais um pouco! Tava muito bom.

Passava das dez da noite quando a carroça de Coutinho foi posta de volta para Inhaúma levando a família. Os meninos

dormiam no assoalho. Ordália continuou tagarelando por um tempo. Contava alguns casos acontecidos tanto no dia da eleição como agora nos festejos da vitória. Falou que quando Seu Tônico Antunes, udenista roxo, passou na frente da casa do Carlinhos, foi todo cercado por um grupo que o arrodeou gritando Getúlio, Getúlio! Ele ficou com cara de tacho antes de escapular. Coutinho ouviu, mas não aprovou. Achava que tudo isso era uma coisa meio perigosa que podia sair pelo nariz. Não era contra as eleições nem contra a comemoração de uma vitória, mas achava que esse negócio de comemorar mexendo com os adversários que perderam o voto não era coisa certa. Se cada um tem a liberdade de escolher seu candidato, quem escolheu o candidato contrário e perdeu seu voto tem que merecer o mesmo respeito e não pode ser insultado por isso! A vida vai continuar da mesma maneira que antes porque, no fundo no fundo, não muda nada. Completou dizendo que só mudam as moscas, mas que a bosta é a mesma. Ordália se calou.

Logo no mês de outubro Coutinho iniciou a semeadura de milho em boa parte de suas terras, tendo sido escolhida a parte que melhor sustinha água da chuva. Plantou cerca de cinco alqueires com sementes de sua produção. Como a terra era boa e a época era de chuvas esse plantio deveria lhe render cerca de quatrocentas sacas por alqueire, com a colheita do milho seco estimada para o começo de fevereiro. Ainda que perdendo um pouco para o preço da saca de arroz, Coutinho calculava que a colheita lhe renderia em março uma boa quantidade de dinheiro, talvez uns vinte e cinco contos, isso se uma praga não atacar o cultivo.

Em dezembro já se colhiam espigas de milho verde em Inhaúma. Ordália preparava pamonha e curau, ou assava espigas na brasa do fogão para depois debulhar os grãos no prato,

do jeito que os meninos gostavam de comer. Para a colheita foram contratados caboclos da região, sob o regime de empreitada, aumentando em muito o serviço de Ordália na cozinha com o preparo da alimentação. A derrubada do milho começou na segunda quinzena de fevereiro, alcançado o resultado que se esperava. Coutinho colheu por volta de 3.500 sacas. Vendeu quase tudo a um comerciante de Cruz das Almas, reservada apenas uma parte para a alimentação do gado e dos porcos e outra pequena parte como semente para o plantio na safrinha.

Quem foi retirar a colheita e fazer o transporte até o comprador da cidade foi um pequeno sitiante da região dos Amélios, que tinha um nome esquisito. Chamava-se Lindulfo. Com cara de poucos amigos, era um homenzarrão que tinha orelhas enormes, usava um chapéu de abas bem largas e camisa de mangas compridas, sem gola, abotoada no colarinho. Muito exibido andava sempre armado com um revólver na cintura, metendo mais medo do que respeito no povo da região. Conforme o combinado no ato da venda, a medida a ser usada na retirada do milho era o jacá comum, que uma vez cheio de espigas até a borda correspondia a uma saca de sessenta quilos. Mas Seu Lindulfo começou a usar seu próprio jacá, e esse excedia ao tamanho dos jacás comuns por ser provido de uma rebarba que o tornava bem maior e acolhia muito mais espigas por unidade. Coutinho se sentiu prejudicado e observou.

– O senhor me desculpe Seu Lindulfo, mas eu não posso concordar com a medida que o senhor tá usando. Esse seu jacá é mais grande que o comum, recolhe muito mais espigas e assim eu vou ficar no prejuízo.

Lindulfo encarou o dono do sítio Inhaúma com um olhar de revolta como se tivesse sido insultado. Botou a mão no

cabo do revólver e desafiou Coutinho.

– Escuta uma coisa, Seu Coutinho. Esse é o jacá que eu sempre uso como medida de espigas. O senhor concorde ou não concorde, digo pro senhor que é com ele mesmo que eu vou continuar medindo. Mais alguma coisa?

Coutinho calou e se aquietou. Estava desarmado. Achou melhor levar prejuízo do que um tiro desse sujeito ali no meio da roça. Voltou para casa acabrunhado. Contou para Ordália. A filha de Calimério virou uma onça. Falou em pegar o revólver que tinha em casa e ir até lá tirar satisfação com aquele brutamente. Coutinho não deixou. Ficaram ambos revoltados, mas se conformando em casa, não sem que Ordália acabasse por insultar Coutinho dizendo que se ele emprestasse sua calça comprida, ela ia até lá mostrar para aquele ladrão que aqui em Inhaúma tinha homem macho. Afinal tudo era produto de um tempão de trabalho duro na roça e ser roubado assim era coisa que abalava os nervos. Ainda mais ser ameaçado dentro de suas próprias terras! Doeu no coração de Ordália, mas fazer o que?

Coutinho não gostava de briga. Medo mesmo ele não tinha, é que era de seu temperamento ser um homem de paz. Ordália era diferente. Se deixasse, ela ia lá e enfrentava aquele desgraçado com o revólver na mão. Punha para fora de suas terras na hora, fazendo com que ele arrastasse o rabo e sumisse daqui. Onde é que já se viu uma coisa dessas? Descarregue essa carroça já, porque daqui você não leva nem mais uma espiga! Essa terra tem dona e a dona tá aqui, Seu safado de uma figa! Vá roubar nos quintos dos infernos, ladrãozinho barato! Mas Coutinho não deixou e por acato ao marido Ordália não foi. Calcularam que o prejuízo ia chegar a mais de oitenta sacas de milho ou quase uns dois por cento da produção. Ordália odiou saber disso e acabou por dizer e praguejar

que qualquer dia desses aquele sujeito ia pagar por essa rouba-lheira. Destá.

Ainda acabrunhado, Coutinho voltou a falar sobre a vontade que estava tendo de vender o sítio e ir-se embora para a cidade. Comentou com Ordália que Eliodoro se mostrou interessado em comprar as terras e acrescentou que, por mais tempo que já tivesse ficado aqui, trabalhando na roça ano após ano, e por mais que tenha ganhado algum dinheiro com esse trabalho, não se acostumava com a vida que levava na lavoura. Não era a vida que ele queria viver. Vinha pensando já há algum tempo em se mudar para a cidade, levar os meninos para continuar os estudos lá e sair daqui. Quem sabe na cidade arranje um serviço pra ganhar uns poucos trocados que sejam, mas levar uma vida um pouco melhor? Ordália ficou apreensiva. Na hora pensou no fato de que uma mudança ia fazer com que ela ficasse longe dos pais, da Benvinda, do Osmar, dos parentes e de seus conhecidos de tantos anos. Não reprovou de pronto a ideia, mas pediu tempo para pensar no assunto.

Mês de abril, tarde de uma segunda feira, sol ainda bem quente. Ordália, Coutinho e as meninas estavam no terraço da sala, enquanto os meninos brincavam nos fundos do quintal da cozinha. Algumas vacas leiteiras rodeavam a porteira do mangueirão olhando para os bezerros apartados. Dali dava para ver uma parte da frente da casa de Tina, sem que por lá se avistasse ninguém. Do outro lado do Inhaúma via-se por entre algumas árvores a casa de Alcebídio Arruda, vizinho com quem a família de Coutinho nunca teve uma amizade chegada embora não fosse um desafeto. Nunca trocaram visitas. Na estradinha que se via a pouco mais de umas cinquenta braças da casa não passava ninguém àquela hora.

Coutinho estava aquietado e silencioso, já tendo superado a raiva que teve de Lindulfo. Ordália também. Só de vez

em quando ela falava para Esmáide não se debruçar no gradil de madeira do terraço, pois havia risco de queda. Pensava de tudo um pouco, mas nada de importância que a incomodasse. Nem mesmo sobre a possível venda das terras. Sobre isso ela já tinha concordado com a ideia de que uma futura mudança para a cidade podia ser melhor para que Tonico e Tuta pudessem continuar os estudos até o ginásio. Quem sabe construir uma casinha em Cruz das Almas e se mudarem pra lá? Natália e Eliodoro poderiam ficar com o sítio e isso até que seria bom para a irmã.

Lembrou-se que o japonês Minoru havia dito que Juvelina não ia se casar mesmo. Então ela ficaria em casa. Só tinha que pensar em Ordalina que nesses últimos tempos andava de namorico com um viúvo da família dos Gouveias, homem ainda moço, mas que já era pai de cinco filhos. A mulher dele havia morrido no quinto parto. Tinha um bom sítio em Itaiporã e era um grande negociador de gado bovino. Esmáide era ainda uma criança mal passada de seus dezesseis anos. A cidade até que podia lhe fazer bem. Além disso, uma das irmãs de Coutinho já tinha se mudado para Cruz das Almas, casada e saída de Santo Antônio com a família. Pensou em Coutinho reconhecendo que ele não era muito dado ao trabalho na roça, embora não fosse preguiçoso e enfrentasse tudo o que fosse preciso. Teve dó dele.

Coutinho mantinha o olhar meio que perdido em direção à invernada que se estendia à sua direita. Não estava a fim de prostrar com Ordália nem falar com ninguém. Pitando seu cigarro de palha ficava como que absorto quando se sentava no terraço. Seus pensamentos se alternavam entre as coisas do sítio de Inhaúma e seu tempo de solteiro quando morava com os pais em Santo Antônio. Tempo bom aquele! Tornou a pensar que bem que podia ter sido sorteado para servir o governo e

se incorporado no exército. Hoje ele não estaria aqui. Um tio seu, irmão de Izidoro, havia sentado praça e só deu baixa depois da revolução de 1932. Hoje esse tio é aposentado e mora nos arredores de Cruz das Almas. Conheceu esse mundão todo e ganhou muita experiência. Era o que Coutinho queria ter vivido. Enquanto pensava, sua atenção foi atraída pelo barulho de uma carroça que vinha do Inhaúma em direção a Itaiporã. Era uma carruagem de quatro rodas com as duas da frente um pouco menores do que as de trás, puxada por dois cavalos. Reconheceu ser ela do desonesto Lindulfo. Chamou a atenção de Ordália para o fato.

– Óia só quem tá vindo aí!

Ao passar ao lado da porteira do sítio e tendo avistado a família de Coutinho na varanda, Lindulfo chicoteou os cavalos como para fazer exibição. Ordália se doeu de raiva por dentro e praguejou.

– Hum, que sujeitinho exibido! Tomara que vire essa geringonça!

Foi falar e acontecer. A carroça de Lindulfo de repente se virou, ficando com as rodas para cima, lançando o carroceiro de encontro ao barranco. Os cavalos ficaram entrevados, caídos um sobre o outro, os dois apertados pelas correias que os atavam aos varões da carroça. Demoraram a se levantar. A carroça acabou ficando virada de um lado e Lindulfo caído no chão. Coutinho se riu. Ordália primeiro se assustou um pouco porque na hora percebeu que foi ela que quis assim. Mas não deixou de gostar do que viu. Agora ninguém mais ia impedi-la de se vingar. Entrou depressa em casa, pegou o revólver Colt Cavalinho de cabo de madrepérola que estava escondido no guarda-roupa do quarto e com ele nas mãos correu para a porteira. Coutinho aparvalhado foi atrás de Ordália. Na beira da estrada viram Lindulfo caído sem poder se levantar. Havia

quebrado uma perna. Ordália, com o revólver na mão, foi logo perguntando.

– Tá precisando de ajuda aí, seu ladrãozinho de uma figa?

Lindulfo não respondeu. Apanhou seu chapéu de abas largas que havia caído a seu lado, botou na cabeça e a muito custo ficou de pé tentando empurrar a carroça para desvirá-la. Não conseguiu. Olhou para Ordália percebendo o revólver que ela segurava na mão direita e não disse nada. Ordália ironizou.

– Quem sabe se não é bom pegar um jacá bem grande e pôr esse sujeitinho dentro. Ele não pode nem andar direito, coitado!

Coutinho se manteve calado ao lado de Ordália. Teve a pachorra de olhar bem para o leito da estradinha e nele não viu nenhum buraco que pudesse ter provocado o acidente. Achou tudo um pouco estranho! Nunca tinha visto coisa igual! A carroça virou sem mais nem menos! Mas depois acabou gostando de tudo o que viu e ouviu. Voltaram para casa e deixaram o exibido Lindulfo ali na estrada. Só bem mais tarde, já quase noitinha, é que um cavaleiro passou por lá e o ajudou a desvirar a carroça e a subir nela para poder seguir adiante. A família de Coutinho ainda estava no terraço assistindo a tudo. Recolheram-se depois disso.

Coutinho ficou encafifado com o fato de não haver nenhum buraco na estrada e a carroça ter virado daquele jeito. Ele não entendia como é que ela podia ter tombado sem nenhum motivo aparente. A estrada é plana, não tem pedras nem areia fofa, os cavalos não estavam em disparada, a carroça não transportava carga mal acomodada nem torta. Nada! Como é que os cavalos caíram e a carroça virou? Na cozinha, comentou isso com Ordália. Ela demonstrou a Coutinho uma

incomodação passageira, mas não fez de volta nenhum comentário. Silenciou-se e não tornou ao assunto. Foram dormir.

Dias depois Coutinho veio a saber, lá em Itaiporã, que Lindulfo tinha sido levado naquele mesmo dia até o hospital em Cruz das Almas por causa da fratura que sofreu na perna direita, e de lá voltou com uma bota de gesso que ia do tornozelo até a virilha. Teria que ficar de molho por no mínimo uns quarenta dias. Quando recebeu essa notícia, Ordália se manifestou.

– Bem feito! Quem mandou roubar na medida do milho?

Esse comentário de Ordália lhe pareceu tão estranho quanto a virada da carroça. Era como se Ordália estivesse dizendo que a queda de Lindulfo teria sido um castigo a ele imposto pelo fato dele ter surrupiado espigas de milho a mais com o uso de jacá fora da medida. Mas quem é que impôs esse castigo? Só um poder sobrenatural poderia virar aquela carroça de quatro rodas, derrubar os dois cavalos e arremessar longe o carroceiro! Se aquilo foi coisa feita não pode ter sido coisa de gente! Que diabo! Resolveu deixar pra lá. Mas que era muito estranho, lá isso era! Se não tinha explicação, explicado estava.

No dia seguinte Ordália levantou cedo, como de costume, passou o café e deixou o bule cheio sobre a taipa do fogão. Apanhou um banquinho e um pequeno balde e seguiu para o mangueirão para ordenhar as vacas. Coutinho e os filhos ainda dormiam. Estranhou não ver Sabino no mangueirão, pois sabia que ele se levantava sempre bem antes do que ela para iniciar o trabalho. Observou que as vacas ainda estavam do lado de fora do mangueirão arrodando a porteira fechada. Foi até o quartinho de Sabino procurar por ele. Espiou pela fresta da porta e percebeu que ele ainda estava deitado. Chamou por ele. Sabino não respondeu. Não gostou do que

presentiu e foi chamar Coutinho. Ainda meio sonolento o marido seguiu com ela até o paiol, bateu na porta e chamou por Sabino. Novamente não houve resposta. Não era coisa normal. Coutinho achou na hora que tinha acontecido alguma coisa séria com o ajudante. Ele nunca dormia tanto assim! Por isso resolveu arrombar a tramela da portinha. Apesar do barulho Sabino nem se mexeu. Coutinho aproximou-se dele e o chacoalhou na cama. Ele nada. Estava morto. Coberto com uma colcha encardida, tinha a cabeça pousada no travesseiro de paina, tudo fazendo crer que morrera dormindo.

Ao lado da cama, o cachimbo apagado, o binga com que o acendia, umas revistas velhas no chão, uma pequena maleta rustida com algumas poucas peças de roupas, um santinho de Nossa Senhora de Fátima, um retrato da família que Coutinho jamais conheceu, possivelmente de seus pais e irmãs, um pequeno canivete que ele usava para cortar as unhas ou esgaravatar bicho-do-pé que se transformava numa moranga e que, quando extraído deixava um buraco no dedão, e o cabresto da Crioula dependurado num prego na parede. Entre as coisas miúdas, uma amarrotada cédula de identidade expedida pelo Estado da Bahia, pela qual se soube que seu nome completo era Sabino Amadeu Pereira, nascido em São José do Sacuípe, cidadezinha do interior daquele Estado, e que tinha completado 46 anos de idade.

Ordália se comoveu a ponto de não conseguir segurar o choro. Perdia um amigo e homem de confiança dentro de casa. Era ele quem, logo cedinho, recolhia as vacas que arroteavam o mangueirão para se juntarem a seus bezeros, e preparava uma a uma amarrando as pernas traseiras, para que Ordália iniciasse a ordenha. Era quem se encarregava de esvaziar os baldes de leite numa espécie de tambor que depois de cheio era transportado até o lado de fora da porteira da estrada. Quem

alimentava com milho e abóboras os porcos de engorda. Quem varria diariamente o quintal da cozinha, catava as buchas das cercas, recolhia ovos dos jacás dependurados nos troncos de árvores e os levava para dentro de casa. Quem buscava a mula Crioula no pasto ou arreava o cavalo de Ordália sempre que fosse preciso. Era Sabino quem consertava cerca caída, capinava o quintal debaixo das laranjeiras, aguava as plantinhas da área da frente evitando que o sol as ressecasse, e às vezes contava histórias fantasiosas para as crianças. Era, como se dizia, um pau-para-toda-obra. Sua morte foi muito sentida por todos da família. Ordália mandou soltar os bezerros e nesse dia as vacas não foram ordenhadas.

Tuta, o menorzinho, ficou inconformado. Chorou muito. Ainda nem sabia direito o que era a morte. Ordália lhe disse que Sabino tinha ido para o céu. Tuta foi para o quintal e ficou olhando para as nuvens brancas e o imaginou ali em meio delas, mirando o mundo lá de cima. Observou as mudanças que o vento provocava nas nuvens. Via a formação das mais estranhas figuras. Ora pareciam carneirinhos, ora um rosto mal definido, ora um cavalo, montes dispersos, anjinhos com asas, outra vez parecendo carneiros, outro rosto enorme de quem ele não conhecia, mas nada de ver Sabino. Passou a tarde inteira esperando que Sabino aparecesse lá. Ele não apareceu. Juvelina lembrou que dias atrás tinha visto Sabino encolhido em seu cantinho junto ao paiol parecendo entristecido, abatido demais, como se estivesse doente. Tinha esquecido de contar isso ao pai. Lastimou-se por não ter contado antes.

Coutinho procurou por Ermelindo, o carapina, para que ele confeccionasse um caixão. Sabino era pobre e não tinha nada. Se houvesse morrido andando por aí sem morada e sem trabalho, seria enterrado num lençol, do mesmo jeito que eram

os que não tinham família nem dinheiro para pagar um caixão. Ordália deu um banho no corpo, usando uma bucha e um pano. Era costume lavar os defuntos antes de vesti-los e enterrá-los. Ordália havia feito isso muitas vezes sempre que chamada por família que perdeu ente querido. Ela o fazia sem o menor constrangimento. Como se cumprisse uma delicada obrigação, respeitando e homenageando o falecido. Depois de velado a noite inteira no salão da casa de Inhaúma o corpo de Sabino foi enterrado no dia seguinte no cemitério de Itaiporã, levado pela família de Coutinho e por alguns vizinhos que o conheciam. No patrimônio, um menino subiu na torre da igreja e badalou lentamente o sino enquanto o caixão passava pelo largo da igreja. Só parou de badalar quando, lá de cima da torre, ele viu que o cortejo deu entrada no cemitério das terras dos Gouveias.

A notícia da morte de Sabino correu de boca em boca por toda a região, de modo que se ele tivesse algum parente morando nela esse certamente haveria de aparecer. Mas nunca apareceu ninguém que dissesse ser parente ou quisesse saber como foi que ele morreu ou onde é que ele estava enterrado. Sabino era sozinho naquelas bandas. Sua única família tinha sido a de Coutinho, que o acolheu e o enterrou.

Essa morte mudou muito a rotina na casa de Ordália. Agora era ela quem tinha que cuidar de um monte de coisas que antes eram obrigação delegada a Sabino. Atribuiu a Juvelina algumas das antigas tarefas dele como varrer o quintal, alimentar os porcos e pegar ovos dos jacás. Mas não era a mesma coisa. Ordália tinha que fiscalizar a execução dos serviços, coisa que não precisava fazer quando Sabino era o encarregado. Até arrear e desarrear a mula ou o cavalo passou a ser feito por Coutinho ou pela própria Ordália. Sempre faltava alguém para fazer uma coisa ou outra. Sabino deixou na

casa um vazio enorme, difícil de preencher. Por muito tempo Tuta continuou a perguntar por ele e a resposta era sempre a mesma. Sabino tinha ido para o céu.

Tuta desistiu de olhar para as nuvens e passou a campear por Sabino no escuro de seus olhos fechados. Acostumara-se a fazer isso e gostava de soltar sua imaginação assim. Deixava que as mais fantásticas cenas ou estranhas figuras aparecessem para ele no fundo e no escuro de seus olhos fechados. Eram trilhos no meio de mata cerrada; caras mal definidas com risos alarmados; animais domésticos como cães e gatos em perseguição acirrada; uma pomba no voo solto; campos verdes se espraiando no sem fim; uma casa sombria com escadaria caindo aos pedaços e que ele não conhecia; o corcoveio de um cavalo baio de crinas grandes correndo pelo pasto com esquivas rápidas, recusando-se a receber o cabresto do dono; às vezes um monte de gente em balbúrdia, outras vezes crianças brincando às escondidas longe dos pais; capivaras comendo o arroz das várzeas; veados saltitando livres; um rio largo borbulhando entre árvores copadas; uma estrada diferente da que leva a Itaiporã; uma escola bonita com crianças em recreio e até mesmo o rosto de sua mãe olhando bem de pertinho para ele com um agradável sorriso de quem quer se comunicar. Contudo, ele nunca conseguiu visualizar a figura de Sabino no fundo e no escuro de seus olhos fechados. À noite, antes de dormir, iria continuar rezando um Padre Nosso e três Aves Marias pela alma dele até que se completassem nove dias desde o dia de sua morte.

No canto esquerdo da frente do casarão sobrevivia um isolado pé de girassol que sempre foi tratado com cuidado por Sabino. Tuta o adotou e passou a aguar-lo todos os dias, torcendo para que ele não morresse na segura do tempo. Achava que aquela era a mais bonita de todas as flores que havia visto.

O fato de ela manter sempre sua corola virada olhando para o lado onde estava o sol era alguma coisa misteriosa e bela para Tuta. Ele se apaixonou pelo girassol. A planta era o símbolo da vida e do futuro para Tuta, na beleza de suas pétalas e em seu enigmático mistério. Representava a presença de Sabino. O girassol não podia morrer. Daí porque, todos os dias e por horas a fio, aquela plantinha contava com a silenciosa companhia do menino como se ele velasse pela sua sobrevivência. O girassol olhava o sol e o menino olhava o girassol.

Coutinho conseguiu vender o sítio de Inhaúma exatamente um ano depois da morte de Sabino. Eliodoro havia juntado um bom dinheiro para comprá-lo e foi o que fez. Negócio com as porteiras fechadas ao preço de oito contos por alqueire. Recebida a metade de entrada no ato da compra, e combinado o pagamento da outra metade durante os próximos dois anos, Coutinho mudou-se para o patrimônio de Itaiporã alugando provisoriamente uma casinha que ficava logo depois da do sogro Calimério, na mesma rua. Comprou em Cruz das Almas um terreno numa vila retirada da cidade e combinou com um construtor para erguer ali uma pequena casa de tijolos com sala, cozinha e três quartos. Planejava se mudar com a família para a cidade logo no começo do ano seguinte. Com ele seguiriam Ordália, Juvelina, Esmáide e os dois meninos. Antes, Ordalina se casou com o boiadeiro Gouveias e foi morar no sítio do marido, pegado ao patrimônio, do lado de quem vai para o Ribeirão das Onças. Na cidade, Coutinho cuidou da matrícula de Tônico e Tuta no Grupo Escolar para que eles cursassem o quarto ano do primário. Começaria uma nova era para a família de Ordália.

Por sua vez, a família de Natália bem que gostou de se acomodar na nova morada, a casa grande de Inhaúma. Eliodoro viu que tinha um arrozal cacheando que agora era seu e

a colheita devia começar dentro de um mês no máximo. Com essa, ele já obteria a primeira renda para quitar uma parte da dívida das terras. O fato de morar em lugar mais distante de uma venda agradou Natália. Isso reduziria a preocupação com Eliodoro. Nos primeiros dias caminharam muito, para melhor conhecer cada pedaço da nova propriedade. Andaram pelo quintal, examinaram o poço, viram de perto as laranjeiras e os pés de mexericas, admiraram-se com a fartura de abobrinhas que se espriavam ao redor do quintal, as enormes melancias soltas nos carreadores do arrozal, a mata ciliar que acompanhava o Inhaúma e o Caimbé, a boa invernoada com pasto verde, o mangueirão feito com boas e conservadas tábuas, o paiol com telhas firmes, o chiqueiro, o piquete que se alongava até as margens do Inhaúma, o majestoso ceboleiro que sombreava parte do mangueirão, as boas cercas de quatro fios de arame farpado e a porteira da estradinha que levava a Itaiporã. Tudo acharam bom e bonito. De primeiro, não havia que fazer conserto em nada, a não ser num dos mourões que amoleceu de tanto receber as batidas da porteira, carecendo ser refinado melhor. Eliodoro reconheceu essa necessidade e já no dia seguinte estava à beira da estrada armado de um enxadão e de uma cavadeira para executar o serviço. Cavou aos lados do mourão e o arrancou dali. Depois aprofundaria o buraco para recolocá-lo de volta no lugar e socaria bem a terra a seu redor. Mas, logo que o mourão foi posto fora, ocorreu a surpresa. Chamou Natália para ver. No local antes escavado para retirar o mourão, viu-se um embrulho num saco de estopa amarrado na boca com um barbante resistente. Dentro dele chumaços de cabelo, um sapo ressequido, três velas vermelhas, uma fita com três nozinhos, um pequeno osso, cartas de baralho, um rei de copas e um sete de ouros, mais uma garrafa de pinga ainda pela metade. Natália se assustou.

– Meu Deus do céu, Eliodoro! Isso aí tá parecendo despacho de macumbeiro. Quem é que pode ter posto essa coisa aí?

– Quem fez isso eu não sei, mas que a intenção não foi das boas, não foi. Decerto foi alguém que quis fazer algum mal a Coutinho e Ordália. Isso é coisa de gente ruim!

– Você vai mexer nisso?

– Tô só olhando pra ver. Isso não tá aqui há muito tempo, senão o saco de estopa já tava todo apodrecido de modo a nem mais poder ser tirado inteiro daqui e esse cabelo nem tava mais aí. Isso não é coisa de muitos anos não. Tá me parecendo coisa nova.

– Vamos contar para a Ordália?

– Acho bom contar.

– Então deixa aí, não mexe não!

Eliodoro deixou tudo como estava e se recolheu em casa. Aquilo o incomodou um pouco. Nem bem tinha se mudado e já se deparava com uma preocupação das grandes em suas novas terras. Natália também se aborreceu. Para ela, o despacho de macumba encontrado ali era coisa que dava medo. No dia seguinte Eliodoro foi ao patrimônio e resolveu dar uma chegada à casa de Coutinho para contar a novidade. Coutinho não estava. Tinha ido a Cruz das Almas cuidar dos negócios do terreno e saber da construção da nova casa. Ordália recebeu o cunhado com a alegria e o sorriso de sempre. Na sala, servindo um café, ouviu a novidade contada por Eliodoro, mantendo um ar muito mais de raiva do que de susto. Quando Eliodoro terminou a história ela disparou.

– Desgraçada! Só pode ser coisa da Adelaide, aquela vaca ordinária. Vai ver que ela quer se vingar de mim porque eu botei a navalha na goela dela. Sujeitinha nojenta! Mas ela não me pega!

Eliodoro se estatelou. Não sabia nada dessa história de navalha. Só sabia quem era Adelaide porque ele a via nos bailes lá na casa grande dos Venerandos, mas era só. Discreto e respeitoso, não quis esticar a prosa nem especular sobre esse assunto. Nem vinha ao caso. Viu que Ordália não medrou e isso era o que bastava. Quem sabe, lá em casa a Natália me conta direito essa estória da navalha. Tomou seu café, despediu-se e seguiu para o armazém de Tertuliano. Ordália ficou raivosa, com os olhos apequenados. Rangia os dentes.

Quando Coutinho retornou da cidade, Ordália apresentou-se em lhe contar a história daquilo que foi encontrado por Eliodoro. O filho do velho Izidoro não deu muita corda para esse assunto. Sempre descrente dessas coisas, não acreditou nem um pouco que isso pudesse atingi-lo. Desdenhou do fato dizendo que pessoa que lança mão desse tipo de coisa acaba é ela mesma recebendo o mal que quis fazer para os outros. Volta contra. Isso é picuinha de gente que não presta! Mas Ordália não tinha a mesma opinião.

– Vai ver que quem fez isso tenha feito pra mim sair de Inhaúma.

– Ara, Ordália, se foi pra isso que o trabalho foi feito, então quem fez isso acabou fazendo um bem danado, modo de que eu queria mesmo vender o sítio e sair de lá. Então, que mal é esse? Esquece desse assunto! Em mim não pega!

– Você fala assim porque tem o corpo fechado! Rebateu Ordália.

– Não é isso não! É que eu não acredito mesmo nessas baboseiras. Quem acredita e fica com medo é que acaba recebendo a maldição jogada pelos outros. Fica esperando acontecer uma coisa ruim. Aí, quando acontece, ela acha que foi por causa disso ou daquilo que aconteceu. Mas não é nada disso. Melhor esquecer!

Ordália até que concordou. Coutinho tinha muita segurança no que falava. Resolveu pensar que mesmo que tenha sido aquela sem vergonha da Adelaide não vai acontecer nada. Ademais, também ela nunca foi de ter medo de trabalho feito por macumbeira. Era católica praticante e se sentia protegida com seu amor a Deus. Não deixou, porém, de rezar baixinho um Padre Nosso e três Aves Marias pedindo a Jesus Cristo e a Nossa Senhora da Aparecida que não deixassem que nada de ruim acontecesse com sua família.

De retorno à casa de Inhaúma, Eliodoro foi logo perguntando à Natália que história era aquela da navalha a que Ordália tinha se referido. Natália não tinha ouvido nada sobre uso de navalha. Ordália apenas lhe contara que tinha dado uma lição em Adelaide dizendo que essa nunca mais ia se arrodar de Coutinho. Que tipo de lição foi essa ela não falou! Natália não sabia de nenhum detalhe a mais. Acabou ficando tão interrogativa quanto Eliodoro. Pensou que qualquer dia desses perguntaria à irmã que história era essa de uso da navalha. O assunto morreu ali.

Outro assunto que na semana seguinte já tinha sido esquecido foi o do encontro do despacho de macumba junto ao mourão da porteira. No mesmo dia da volta para casa, Eliodoro se desfez de todo aquele embrulho antes deixado ao pé do mourão. Jogou no Ribeirão Inhaúma o saco de estopa com o sapo ressequido, as velas vermelhas, os cabelos humanos, o osso, a fita com nós, as cartas de baralho e a garrafa com pinga. Depois não se falou mais nisso.

Passaram-se dias até que Natália, que nunca esteve de mal com Genésio, seu irmão e agora seu vizinho de mais perto, resolveu lhe fazer uma visita, apesar de saber que a cunhada Tina não iria recebê-la. Foi o que fez na semana seguinte à sua mudança. Genésio a recebeu no portão estampando

contentamento no rosto. A casa inteirinha fechada como sempre. Sentaram-se na área da cozinha de acordo com o costume do anfitrião. Tina não apareceu e Natália não questionou sobre isso. Sabia direitinho tanto como era o comportamento da cunhada quanto quais eram as desculpas sempre dadas pelo irmão sobre o recolhimento da mulher toda vez que chegava uma visita. Conversaram sobre a compra do Inhaúma e como estavam eles na nova casa. Só no final da conversa é que Natália perguntou, mais por educação.

– E a Tina como é que ela anda?

– Do mesmo jeito de sempre que você já sabe. Não sai do quarto para receber visita de jeito nenhum.

– Você não vai chamar um médico pra tratar dela, Genésio?

– Tem um médico novo em Cruz das Almas que quer vir aqui. Já falei dele pra ela, mas ela não quer nem ouvir falar em médico. Diz que não tá doente! Agora eu fico pensando. Mesmo que eu traga aqui um médico, a Tina não vai receber nem prostrar com ele. Acho tudo muito difícil! Ela não fala com nenhum estranho! Disse para mim proibir a entrada de médico aqui em casa. Que é que eu posso fazer? Pegar ela no laço e arrastar ela até o médico eu não posso!

– É, meu irmão! Mas tá todo mundo dizendo que ela precisa de ser tratada. Viver trancada assim é que não pode. Ela tem família.

Calaram-se. Natália resolveu voltar para casa. Despediu-se e saiu, não sem antes oferecer a Genésio sua ajuda no que viesse a ser preciso. Convidou o irmão para tomar um café na casa dela em qualquer horinha dessas. Eliodoro vai gostar da visita, disse ao sair.

Ao passar pela porteira lembrou-se do saco de estopa com os objetos do despacho. Perguntou a si mesma há quanto

tempo aquilo estaria enterrado ali e se ela corria algum perigo por ser a nova moradora do lugar. Lembrou-se das guasqueadas que levou nas pernas quando, à noite, voltava com Eliodoro de um baile lá dos lados dos Amélios, junto com Ordália e Coutinho. Lembrou que as guasqueadas cessaram logo que passou por essa porteira. Achou que nisso tudo tinha muita coisa de esquisito. Se a macumba era para pegar Ordália ou Coutinho por que é que foi ela que apanhou daquele jeito? Ordália nunca lhe disse estar sendo perseguida ou que tivesse acontecido algo estranho com ela!

De outra parte, Natália estava feliz por ter se mudado. Eliodoro também. Seus filhos gostaram da nova casa. Ela não queria que nada atrapalhasse sua vida agora que estava bem melhor. Precisava esquecer essa coisa ruim.

Tina continuava enclausurada em sua casa soturna. Mesmo tendo sabido que Natália se mudara para tão perto, nem passava pela sua cabeça fazer-lhe uma visita. E era tão perto que bastava caminhar um pouco, atravessar a estrada e já entrar no sítio que agora era de Natália. Não mais do que umas quatrocentas braças. Mas mesmo assim se recusou a ir lá quando Genésio a convidou, contando que Natália tinha vindo aqui. Tina não se manifestou sobre a visita da cunhada, embora nunca tivesse havido nada de mais entre elas. Continuou na sua rotina diária.

Com o término da construção da casa em Cruz das Almas, no mês de fevereiro do ano seguinte, Coutinho mudou-se para lá levando a família. Acomodaram na nova morada o pouco da mudança que tinham e Ordália pôs sua máquina de costura na pequena sala porque outra não havia. Virou esse o lugar de trabalho onde Ordália pretendia continuar costurando. Para Coutinho sobrara ainda um bom dinheiro da venda do sítio, o que daria para o sustento da família pelo menos por

mais um ano. Mas logo ele saiu à procura de emprego, embora se sentisse envelhecido nos seus 49 anos de idade e, semianalfabeto que era, só entendesse de lavoura e de criação. Não tinha nenhuma habilitação que pudesse recomendá-lo para um bom trabalho na cidade. Agora, era acostumar-se com a nova vida. Pessoas que cruzavam com ele na rua não lhe diziam bom dia ou boa tarde. Homens que não usavam chapéu não o cumprimentavam quando passavam por ele. Todo mundo andava com pressa como se tivesse hora para chegar a algum lugar ou estivesse atrasado para algum compromisso. Gente muito estranha, num mundo bem diferente daquele da roça. Pareceu-lhe que ninguém conhecia ninguém. Ia ser difícil acostumar-se ali.

Nos primeiros dias, passou a andar sem rumo para conhecer os arredores do lugar para onde se mudou. Não ia muito longe. Tinha receio de não saber voltar. Enraiveceu-se quando soube que tinha que pagar conta mensal pelo fornecimento de água, coisa que havia em abundância e de graça no seu sítio. Gostou do conforto que lhe dava a luz elétrica, mas resmungou quando foi informado de que tinha que pagar um bom dinheiro por isso no final de cada mês. No sítio a iluminação era parca, à base de lamparinas, mas só lhe custava uma lata de querosene a cada seis ou oito meses. Assustou-se mais ainda quando se viu forçado a comprar coisas necessárias para a casa, como bucha, sabão, arroz, feijão, ovos e banha na venda mais próxima. Coutinho ia descobrindo que na cidade ele teria que pagar por tudo que viesse a ser de precisão dentro de casa, coisas que antes ele tinha aos montões e de graça em Inhaúma. Sempre fora um respeitado dono de terras, com boiada solta no pasto, porcos engordando, leite, ovos e frangos à vontade. Tinha roça produtiva e animal bem arreado. Era dono de seu nariz. Aqui ele ia ter que pagar para viver.

Coisa absurda! Por isso precisava arrumar um trabalho. Virar um empregado, o que antes ele nunca havia sido. Onde e para fazer o que, ele ainda não sabia. Foi de sua vontade deixar o eito e mudar para a cidade com suas belezas e farturas. Mas pouco a pouco foi descobrindo que a fartura e a tranquilidade tinham ficado lá em Inhaúma.

Ordália preocupava-se com os meninos, não os deixando sair para longe. Cuidava de saber das novas amizades que faziam com outros meninos da vizinhança, do que é que estavam brincando e para onde iam juntos. A severidade de Ordália fazia com que Tônico e Tuta só brincassem na rua de casa, empinando pipas ou jogando bolinhas de vidro, brinquedos que antes não conheciam. Viam bicicletas e vez ou outra um automóvel preto passando por ali. Para os meninos, o mundo era novo e bonito. Gostaram dali. Tuta se encantou com a rua onde passou a morar. Era uma rua de terra com mau traçado, sem limitação do passeio, sem árvores às suas margens, mas para ele a rua onde passou a morar era sua rua bonita. Alguns anos mais tarde, quando aos quatorze anos já frequentava o ginásio, Tuta acordaria de madrugada e escreveria seu primeiro poeminha com versos soltos tendo essa rua como inspiração.

Na rua havia algumas casas com plantas floridas debruçando-se nas sacadas. À esquerda avistava-se seu estirar até bem longe, no alto, onde começava a cidade. À direita via-se a última e isolada casa no seu final, onde morava Seu Polito, dono de um Studebaker branco usado por ele como carro de praça. Depois só se via um mato rasteiro e um leiteral dominando a área seguinte. Tuta ansiava por conhecer todos os arredores de sua rua e pensava como seria sua nova escola, por certo em prédio bonito no centro da cidade, com professora nova e novas lições. Tinha sede de saber. Até lá se contentava em brincar na frente da casa, fazer novos

amiguinhos e ficar admirando a beleza das coloridas bolinhas de vidro que passou a colecionar.

Num meio de semana, dia muito quente, Coutinho resolveu dar um pulo até a chácara do Jacinto, seu velho conhecido. Caminhou um bom trecho para perguntar ao amigo como e onde é que ele poderia encontrar algum serviço. Jacinto o recebeu com a efusiva alegria de quem revê um amigo depois de longo tempo. Lembraram-se do dia do casamento, em que Coutinho se hospedou ali juntamente com seus pais. Haviam se passado 28 anos desde então. Jacinto argumentou.

– Como você deve saber Coutinho, Cruz das Almas é uma cidade pequena que não tem muito emprego pra gente como nós. Não tem indústrias, o comércio é fraco e no mais das vezes é tocado pelas pessoas da família. Quem mais emprega aqui é a Prefeitura. Paga pouco, atrasa o pagamento, mas é o que tem. Não sei se interessa ao amigo.

– E qual é o tipo de serviço que a Prefeitura tem prum velho que nem eu?

– Para com isso, Coutinho, você não é tão velho assim! Eu sou bem mais velho que você e ainda tô na luta. Não paro não! Agora, isso vareia. Tem emprego desde guarda-noturno até trabalho nas ruas, de limpeza e de asfaltamento. Nesse caso, o serviço é contratado por um empreiteiro. Esse empreiteiro é que arregimenta o pessoal para executar o serviço. Não tem nenhuma garantia. Bom mesmo é o concurso público quando é aberto, mas acho que esse não é o seu caso.

– É, não é não! Eu só sei ler e escrever mal e mal.

– Você sabe mexer com máquina de beneficiar arroz, Coutinho? Eu pergunto por que aqui tem duas casas de máquinas de benefício, da família dos Vidottis. Uma aqui na entrada da cidade e outra lá na saída depois da ponte sobre o Itajaí. Quem sabe você não consegue um trabalho numa delas?

– Saber mexer com máquina de beneficiar eu não sei, mas posso aprender. Pelo menos nesse caso eu tô mexendo com arroz. E de arroz eu entendo!

– Então vai lá, Coutinho. Fala com Seu Vidotti e diz que fui eu que mandei. Pode ser que ele precise.

Coutinho se animou e agradeceu ao amigo Jacinto. Voltou pensando na possibilidade de trabalhar numa máquina de beneficiar arroz, ainda que fosse para ganhar pouco. Ficar em casa sem fazer nada era o que não queria. Depois, tinha que dar exemplo aos filhos. Vagabundo ele nunca foi.

Não durou nem um mês e Coutinho já estava trabalhando na máquina de beneficiar arroz que ficava na entrada de Cruz das Almas, e os meninos já tinham sido matriculados no Grupo Escolar, passando a frequentar o quarto ano primário. Em casa, Ordália se fez conhecida da vizinhança como uma boa costureira de camisas de homem e logo arranjou serviço. Juvelina e Esmáide se matricularam no SESI para aprender um pouco mais de bordados e de corte e costura. A vida começou a retomar seu rumo.

CONSTÂNCIA

Em Itaiporã, Carlinhos Português vivia adoentado. Passou a ter continuadas dores no corpo, indisposição para caminhar e dificuldades para urinar. Ficava o dia inteiro sentado numa cadeira preguiçosa posta à porta de sua casa, olhando a rua e proseando com conhecidos seus que paravam por ali. Nem na igreja ia mais. Ademildes cuidava dele com o carinho de uma boa esposa, trazendo o jornal ou a revista que chegavam da cidade, acomodando-o melhor na cadeira e por horas a fio ficando a seu lado, velando pela saúde do velho líder político da região. Carlinhos Português passou a viver do passado. Nas conversas que mantinha, rememorava antigos feitos e falava deles como se tivessem acontecido ontem. Assuntos novos mesmo eram poucos, a não ser caso como o do Crime do Sacopã, ocorrido no Rio de Janeiro em 6 de abril de 1952, envolvendo o Tenente Bandeira da Aeronáutica na morte de um bancário, e em cujo julgamento surgiu o controverso advogado Leopoldo Heitor, mais tarde cognominado como o advogado do diabo.

Outro era o caso de Eva Peron, mulher do caudilho argentino, morta em 26 de julho e que viria a ficar insepulta, com o corpo embalsamado por mais de três anos, recebendo visita pública. Esses dois assuntos dominaram a imprensa no começo dos anos cinquenta, e não havia uma só conversa na qual o velho Carlinhos Português deixasse de tecer algum comentário sobre um ou outro desses casos. Acreditava na

inocência de Bandeira e achava um absurdo os argentinos idolatrassem Evita. Acompanhava tudo pelo rádio, sintonizando em ondas curtas a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e nunca deixando de ouvir o Repórter Esso. Foi pelo rádio que ele também soube da morte do cantor Francisco Alves, em 27 de setembro desse mesmo ano, num grave acidente quando seguia de carro pela Rodovia Dutra em direção à Capital Federal. Essa tragédia comoveu todo o país. Muitas mulheres choraram desconsoladas com a morte do Rei da Voz. Carlinhos mandava comprar na cidade a revista O Cruzeiro para ler reportagens mais detalhadas sobre fatos importantes acontecidos no país e no mundo. Tornou-se um admirador do jornalista David Nasser. Mas não falava mais de assuntos políticos, embora reprovasse os continuados ataques que a imprensa fazia contra o Presidente Getúlio. Era como se houvesse se aposentado da política, o que para Ademildes não parecia ser um bom sinal.

Com a saúde do marido piorando dia a dia, Ademildes resolveu se mudar com a família para Cruz das Almas, para que Carlinhos tivesse hospital e tratamento mais perto. Foi para o mesmo bairro onde morava Coutinho. Vizinhos e amigos de longo tempo, passaram a se encontrar com certa frequência para conversar sobre antigas coisas vivenciadas em Itaiporã. O suicídio de Getúlio em 1954 abalou de vez o velho Carlinhos Português, que morreu dois anos depois. A seu funeral compareceram autoridades locais como o Prefeito e vários vereadores da Câmara Municipal de Cruz das Almas, que eram do mesmo partido político que ele professava. Todos os moradores de Itaiporã vieram para seu velório e acompanharam o enterro do estimado conselheiro. Ordália e Coutinho estavam lá, ocasião em que reviram velhos conhecidos, e juntos lastimaram a perda do companheiro e amigo.

O povo de Itaiporã sentiu muito a saída e mais ainda a morte de seu líder. O patrimônio pareceu ter morrido um pouco junto com Carlinhos Português. Suas ruas começaram a ficar vazias. Poucos se reuniam à frente da padaria de Seu Duílio para as costumeiras prosas de final de manhã. Houve uma acomodação dos moradores, todos se aquietando dentro de suas próprias casas. Grassou falta de interesse em saber do que se passava pelo mundo afora, pois não mais podiam ouvir as histórias e as notícias repassadas pelo Português. Até os mexericos das mulheres desocupadas que gostavam de bisbilhotar a vida alheia escassearam. Deixou de existir vida no patrimônio. Alguns de seus antigos moradores estavam se mudando dali com destino a Cruz das Almas ou para o norte do Paraná como fizeram Coutinho, o próprio Carlinhos Português e depois os Pereiras do Ribeirão das Onças, os Galdinos das bandas do Alambari e a família dos Pinhos, que vendeu o sítio e se mudou para um lugarejo isolado do Paraná levando consigo Osmar e Benvinda, esses ainda sem filho.

Pequenas propriedades da região vinham sendo compradas por fazendeiros que as emendavam com suas terras, derrubando cercas e velhas casas, o que fazia com que esses pequenos sítios desaparecessem sem deixar vestígios nem história. As festas religiosas perderam força e importância, até que festeiro nenhum não mais se apresentasse como voluntário para delas se encarregar. Os bailes agora se faziam raros. A pecuária passou a ser o monopólio dos grandes proprietários de terra. O plantio de grãos sobrevivia aos trancos e barrancos nas pequenas propriedades. Não mais se via a chegada de mudança de nenhuma nova família pretendendo ali fincar morada. Até a escolinha veio a ter redução de alunos. O comércio desandou. Tertuliano fechou o armazém e, pouco tempo depois, também se mandou com toda a família para a

cidade. A madeira de Carlos Maximiliano estancou e passou a dar prejuízo. A estrada que vinha de Cruz das Almas até Itaiporã foi abandonada pela prefeitura de Cruz das Almas, ganhando um mato solto nas beiradas e muitos regos feitos pela enxurrada, enchendo-a de buracos. Por ela mal passavam as carroças dos roceiros. A jardineira de seu Valentim passou a fazer apenas uma viagem por dia de Itaiporã até Cruz das Almas. Os poucos passageiros que dela se utilizavam não mais justificavam duas viagens diárias. Ir ou vir para Itaiporã não tinha mais razão nem motivo. Os moradores sobreviventes se ensimesmavam da mesma maneira que Seu Alfredo, o “alemão”, ou Tina, a enclausurada. Só os mais velhos compareciam à igreja de quando em vez para rezar um terço quando um deles organizava uma novena. Rezavam por si mesmos, rogando a Deus para lhes dar forças para vencer a luta pela sobrevivência. Padre mesmo, que era bom, agora vinha pouco ali. Nunca mais se viu Padre Agostinho com sua irradiante simpatia de catequizador. Padre Miguel, que nem chegou a conquistar a benquerença daquele povo, foi transferido de paróquia e ninguém sabe dizer para onde foi. Até mesmo os empregados das fazendas que trabalhavam por meação ou como colonos começavam a deixar a região, migrando com seus filhos pequenos para Cruz das Almas, ou para outros centros urbanos, querendo começar nova vida. Iriam se arrancar nos arrabaldes das cidades, entregando-se a empreiteiros inescrupulosos, exploradores de mão de obra, passando a ser levados como gado, em inseguras carrocerias de caminhões velhos, para trabalharem na apanha do café e no corte ou no plantio de cana de açúcar. Alguns passaram a viver de biscates numa pobreza ainda maior, outros a esmolar no largo da igreja de São Sebastião. Com tudo isso Itaiporã foi se apequenando e morrendo aos poucos, sem ninguém mais se importar com

ele. Carlinhos Português não tinha substituto. Itaiporã não tinha salvação.

Em Inhaúma, Eliodoro e Natália resistiam. Seus filhos e filhas formavam um mutirão no trabalho da lavoura. Genésio continuava às turras com o sogro que teimava em apanhar Tina para levá-la ao médico. O jovem doutor Eduardo Zambonini, que chegou a se interessar pelo estranho caso de Tina, nunca obteve permissão de Genésio para lhe fazer uma visita. Na verdade era Tina quem não permitia. Isso irritava por demais o velho patriarca de Santo Antão, já cansado de sua insistência. Na casa de Tina a vida continuava passando só pelo lado de fora. Na região dos Caetanos e dos Amélios, os pequenos sitiantes que tomaram empréstimos no banco para financiar o plantio de sementes ou para a compra de cabeças de gado viam-se à beira da falência, mal conseguindo pagar os exorbitantes juros cobrados. Começavam a vender seus bois para pagar as dívidas e já pensavam em abandonar suas terras. Não dava mais!

Vindo a saber disso em Santo Antão, Izidoro resmungou que sempre disse que esse negócio de pegar dinheiro de banco era coisa que só dava pelo nariz. Isso ele nunca fez. Dinheiro ele guardava no colchão e só gastava o que tinha. Banco, nem pensar! O patrimônio de Santo Antão também morria.

Um ano depois, após boas colheitas de milho e de arroz, que bastaram para que Eliodoro saldasse o restante de sua dívida com Coutinho, ele e Natália resolveram vender as terras de Inhaúma e também decidiram se mudar para Cruz das Almas. Seus filhos estavam de acordo. Não tinham mais nada que fazer naquele lugar. Acácio e Aníbal tinham sonho de cantar no rádio, já que formavam uma afinada dupla de violeiros. Eliodoro pensava em comprar uma chacrinha pró-

xima da cidade. Seria mais fácil de administrar. Até Inhaúma começava a desmilinguir.

Genésio foi tomado de uma estranha doença de pele que dominou seus braços, o peito e as costas. Apareceram sulcos profundos por todo o corpo, dos quais minava um líquido amarelado. Primeiro a pele avermelhava, depois vinha muita coceira, às vezes ocorrendo lesões com sangramento. Por recomendação do doutor Veras, Genésio fazia compressas com água fria três vezes ao dia e tomava vários comprimidos. Já nem mais podia trabalhar direito. Tina não queria nem chegar perto dele. Dizia que ele estava fedorento. Mandou que fosse dormir em outro quarto.

Algum tempo depois, Josué, seu filho mais velho, abandonou a casa dos pais e sumiu para os lados do Mato Grosso. Mal tinha completado quinze anos. Conta-se que ele teria se empregado numa madeireira no interior daquele Estado, mas ele nunca mais voltou, nem mandou notícias. Genésio ficou-se amargo e triste passando a definhando, alquebrado pela doença de pele. Tina nunca questionou sobre o paradeiro do filho. A casa continuava fechada e só fora dela é que a vida passava.

Natália visitou várias vezes seu irmão. Em nenhuma delas conseguiu ver Tina. Encontrava Genésio acabrunhado, emagrecido e tristonho, falando com voz e cabeça baixas. Era como se ele não fosse mais o dono da casa. Não tinha mais vontade. Vivia só por viver, lastimando-se do incômodo que lhe causavam as feridas na pele, do desaparecimento de seu filho mais velho e do isolamento que Tina lhe impunha, não falando mais com ele. Natália se apiedou perante tanta tristeza e mais ainda por saber que não podia fazer nada nem para um nem para o outro. Imaginou como será que eles vão continuar vivendo ali daquele jeito quando ela se mudar dali. Achou melhor ir até

Santo Antão conversar sobre isso com Constância e Izidoro. Foi o que veio a fazer.

Por sua vez, o patrimônio de Santo Antão estava castigado pela erosão continuada do solo, formando enormes crateras nas ruas, ameaçando engolir casa que fosse mal construída à sua beira. Ali Natália não iria ver coisa menos triste. Encontrou Constância acamada sem poder trabalhar nem andar. Suas pernas e pés estavam muito inchados como se o sangue tivesse descido e não quisesse mais subir. A velha matriarca estava entregue e muito doente. Sua fala era um quase sussurro e seus olhos perderam o brilho. A morte estava à sua espreita. Quanto a Izidoro, esse tinha a vista totalmente embaçada pela catarata que progressivamente a dominava. Mal podia cuidar de si, quem dirá da mulher. Natália achou que Constância não ia durar muito tempo de maneira que resolveu não tocar no assunto sobre Tina ou Genésio. Voltou para casa mais abatida ainda.

Na volta, começo de noite de lua clara, quando passava em frente à casa de Tina, novamente aconteceu o inesperado e inexplicável. Nada se ouvia ao redor. Não havia ninguém na estrada a não ser ela, mas Natália sentiu súbitas dores que latejaram em suas costas. Assustou-se porque lhe pareceram provocadas por alguma coisa ou por alguém que estivesse lhe batendo. Olhou para trás sem parar o animal. Voltou a sentir novas lambadas nas costas provocando dores intensas como se estivesse recebendo chicotadas. Assustada balançou as rédeas do cavalo fazendo com que ele apressasse o passo e chegou desesperada em casa gritando por Eliodoro. Houve um susto geral na casa de Inhaúma. Todos acorreram até Natália que saltou do cavalo e largou apressada as rédeas soltas ali mesmo no portão.

– Pelo amor de Deus, Eliodoro. Alguém ou alguma coisa me bateu nas costas. Dá uma olhada aí!

Mais que depressa Eliodoro levantou um pouco a blusa de Natália examinando suas costas e viu nelas enormes vergões avermelhados a parecer que foram provocados por fortes chicotadas. Levou Natália para dentro e mandou Zé Carlos arrumar um pano limpo molhado para passar nos ferimentos. Ao ser tocada com o pano Natália gritou de dor.

– Ai meu Deus, mas que absurdo é isso? Não tinha ninguém atrás de mim lá na estrada e eu apanhei assim sei lá de quem! Isso só pode ser coisa do outro mundo. Deus me livre e guarde!

Só então é que Natália contou a Eliodoro que essa era a segunda vez que ela apanhava sem saber de onde vinham os ataques, nem o porquê disso. Na hora Eliodoro se lembrou do despacho de macumba que encontrou junto ao mourão da porteira. Ligou uma coisa à outra. Isso só pode ser coisa do diabo. Não tinha outra explicação. O pavor começou a deixá-lo desorientado. Não duvidava dessas coisas, embora nunca tivesse visto igual. Natália havia sido atacada de modo a ficar com marcas visíveis nas costas. Ela não estava inventando. Quem olhou suas costas viu os vergões. Tudo era real e muito estranho. Só pode ser trabalho do coisa-ruim. Reuniu a família no salão e rezaram juntos. Amenizou a dor de Natália, mas as marcas ficaram. Ninguém dormiu direito essa noite. A lâmparina do quarto foi deixada acesa a noite inteira e um rosário havia sido colocado na cabeceira da cama. Durante a noite a cada barulho provocado pelo vento ou pio de coruja Eliodoro e Natália saltavam da cama com olhos estalados morrendo de medo.

Aumentou ainda mais o interesse de Eliodoro e Natália em vender logo suas terras e deixar Inhaúma o quanto antes. A eles parecia que um manto de mistério estava cobrindo aquelas paragens, anunciando desgraça ou tragédia ainda por vir. Já tinha

havido a morte de Carlinhos Português. Tinha começado o êxodo de sitiante da região, vendendo apressados suas terras a preço de banana. O marasmo havia tomado conta da população de Itaiporã, após a morte de seu líder político. Havia o agravamento da doença de Constância e a progressiva perda da visão de Izidoro. Também Genésio se adoentara de repente com uma pereba que se espraia por quase todo seu corpo, deixando-o desmilinguido e sem condições de continuar trabalhando. Seu filho mais velho desapareceu, abandonando a casa dos pais e nunca mais dando notícia sobre seu paradeiro. Até o filho de Ataliba havia desaparecido e dele ninguém mais soube de nada. Tina ficando cada vez mais sinistra e enigmática em seu isolamento, agora se recusando a falar com o marido. O encontro do despacho de macumba no mourão da porteira, as inexplicáveis agressões sofridas por Natália, tudo isso se somando ao fato de que tanto o patrimônio de Itaiporã, quanto o de Santo Antão estavam se degradingolando e morrendo aos poucos.

Natália passa a ter medo de sair ou chegar a Inhaúma. Não quer mais andar sozinha por ali. Eliodoro argumenta estar convencido de que esse é o momento mais propício para vender suas terras, antes que o preço do alqueire despenque de vez. Não há mais dívida das terras e isso pode garantir à família a possibilidade do encontro de um bom lugar para morar em Cruz das Almas. Natália e os filhos estão de pleno acordo. Todos querem se mudar dali. O sítio de Inhaúma é posto à venda.

No dia seguinte, começo de tarde, Eliodoro e Natália vão a Itaiporã e comunicam ao velho Calimério a decisão de vender as terras de Inhaúma, fazendo questão de detalharem os motivos que os levaram a isso. Contam todos os fatos ocorridos desde a primeira vez que Natália sofreu as guasqueadas quando estava na garupa do cavalo voltando de uma festa, até

a recente e também inexplicável agressão sofrida por ela quando cavalgava na volta de Santo Antônio. Natália mostra ao pai as marcas deixadas em suas costas e conta sobre o achado do despacho de macumba junto ao mourão da porteira. Notificou sobre a preocupação que tinha com a doença chagosa de Genésio, com o agravamento da doença de Tina e noticiou que Dona Constância estava acamada e muito doente e que Seu Izidoro estava ficando cego. Turmalina fazia o café na cozinha e não acompanhou o relato. Quando chegou ao terço trazendo uma bandeja com quatro xícaras de café fumegante perguntou distraída.

– E como é que tão as coisas em Inhaúma, Eliodoro?

Calimério interpelou com voz branda e pausada.

– Ara, Turmalina, eles acabam de me contar que vão vender o sítio de Inhaúma e que vão mudar para a cidade. Eu aprovo a decisão porque eles têm um monte de razão para isso. Depois, eu acho que Natália tá precisando mesmo é de marcar uma ida até um benzedor porque ela tá recebendo agressão que deve tá vindo de um trabalho de macumba deixado lá no sítio. Conheço o Pai Gustavo que é um rezador conhecido e afamado que mora num rancho lá nas bandas do Ribeirão das Onças. Se for preciso vou junto até lá.

Turmalina deixou-se cair sentada numa cadeira. Levou um susto porque nunca podia imaginar uma coisa dessas.

– Minha Nossa Senhora! Mas quem é que está querendo fazer mal pra minha filha?

– Ainda não se sabe quem foi, Turmalina! Mas que aprontaram pra ela eu digo que aprontaram. Agora ela tá sofrendo. Precisa ser benzida pra tirar essas encomendações do corpo, pois isso quando pega é uma desgraça!

Natália continuou narrando fatos ocorridos. Acrescentou que quando o sítio ainda era de Coutinho e ela tinha ido

fazer uma visita a Ordália ela viu o tempo virar de repente assim de uma hora para outra. O dia estava bonito com sol brilhante e céu azul, mas de repente armou um toró daqueles e deu uma forte ventania parecendo que o mundo ia desabar em cima de Inhaúma. Foi uma coisa muito estranha, porque do mesmo jeito que veio, a ameaça de tempestade foi embora também assim de repente. Achava muito esquisitas as coisas que estavam acontecendo em Inhaúma.

Calimério ficou pensativo por alguns instantes. Matutou que já tinha visto de tudo nessas paragens, sem se lembrar de ter presenciado antes uma coisa parecida. Era morador na mesma casa há mais de cinquenta anos. Durante todo esse tempo ele viu gente nascendo e morrendo em Itaiporã, com a família gostando do lugar em que viviam sem dele arredar pé. Viu o patrimônio crescer, estagnar e novamente crescer nas mais diversas ocasiões.

Em silêncio e com a cabeça abaixada reconheceu consigo mesmo que dessa vez Itaiporã passava por um dos piores momentos de sua história. Havia começado uma verdadeira corrida do povo da roça em direção aos centros urbanos, e para ele isso era o fim do pequeno sitiante com lavoura de subsistência. Achou que as terras iam acabar todas elas nas mãos dos grandes latifundiários, com expansão da monocultura e a morte da lavoura familiar. Sabia que até os colonos que habitavam conjuntos de pequenas casas construídas ao redor de fazendas estavam deixando o trabalho da roça. Soube depois que a sorte desses colonos na cidade não veio a ser melhor, pois acabaram sendo forçados a trabalhar como boias-frias no corte ou plantio da cana de açúcar, ou na apanha do café. Calimério reconhecia que o campo não tinha mais lugar para os filhos ficarem. Concluiu que era natural que os pais quisessem vender suas pequenas propriedades para se mudarem

para a cidade em busca de uma vida melhor. Principalmente de escolas para as crianças. Pensou consigo mesmo que Eliodoro e Natália nem careciam de outros motivos para se mudarem dali. Dirigiu-se ao genro e finalizou.

– Escuta aqui, Eliodoro! Quanto à venda do Inhaúma não tem mais o que conversar. Vocês tão certos. Agora é pensar no caso de Natália que precisa limpar o corpo dessas coisas ruins que arroteiam ela. Isso, quando pega, acompanha a pessoa pra tudo quanto é lugar que vai. É preciso se benzer com Pai Gustavo.

– Mas nós não vamos hoje, não, compadre Calimério! Amanhã ou depois, quem sabe? Nós voltamos aqui só pra ir lá, interveio Eliodoro.

– Tá bom! Mas carece ir mesmo! Esse negócio é coisa séria e não pode deixar pra muito tempo depois! Arrematou Calimério.

Turmalina ainda estava atônita sem saber o que falar. E ela, que nem tinha ouvido todos os detalhes da conversa. Aproximou-se de Natália e cochichou.

– Fia, eu acho que é bom você também ir na igreja e rezar um pouco. Pede proteção de Jesus Cristo e de Nossa Senhora. Deus escuta o que nós pedimos e dá proteção pra nós todos. Não fica só nesse negócio de benzimento, não! Tá ouvindo?

Natália ouviu e concordou com a mãe. Antes de voltar para Inhaúma foi até a igreja de Itaiporã, que estava vazia nessa hora e, junto com Eliodoro, fizeram uma oração fervorosa. Ganharam força para seguir de volta para casa.

No casarão de Inhaúma, Natália e Eliodoro verificaram antes se todas as portas e janelas estavam bem fechadas para só depois irem se deitar. Era noite de lua cheia e seu clarão permitia que fosse avistado até um pequeno cabrito a uma

boa distância. Com o profundo silêncio que se fez dormiram a sono solto com a lamparina apagada.

Na casa vizinha, Genésio foi dormir uma vez mais na cama que era de Josué, o filho mais velho que abandonou a família. Tina não deixava mais que ele dormisse em seu quarto. Dormir, para Genésio, era o que havia de melhor, pois só assim é que ele podia esquecer um pouco as coceiras que tinha nos braços e os latejamentos das feridas que se abriam pelo corpo. Por certo, a essa hora Tina devia estar dormindo, já que tinha se recolhido logo depois da janta. Nada se ouvia nos arredores da casa. Uma paz silenciosa agasalhava a região do Inhaúma.

Devia ser lá pelas quatro ou quatro e meia da madrugada quando Genésio foi acordado por um barulho parecido com o de uma pessoa andando por dentro da casa. Teve a certeza de que havia alguém ali com uma lamparina acesa na mão, indo para lá e para cá, até mesmo porque se deu conta de que um trêmulo raio de luz invadiu seu quarto por debaixo da porta. Estranhou porque Tina não tinha o costume de acordar e muito menos de se levantar no meio da noite. Ainda um pouco temeroso, Genésio se levantou, saiu da cama, bateu as paredes no escuro, abriu a porta do quarto e andou em direção à cozinha onde percebeu que havia um clarão maior provindo de uma lamparina. Era Tina quem estava ali. Toda amarrotada, a mulher de Genésio estava de pé no meio da cozinha com um olhar assustado de quem tinha visto assombração.

– Ué, Tina! Que é que você tá fazendo acordada a essa hora?

– Você também ouviu?

– Ouviu o que Tina?

– Ué, você levantou por quê?

– Levantei porque ouvi você fazer barulho andando pela casa com essa lamparina acesa.

– Então você não ouviu?

– Mas que coisa, Tina! Ouviu o que?

– A minha mãe andando pela casa. Ela teve aqui agorinha mesmo. Eu escutei os passos dela e sei que foi ela porque eu conheço bem o modo de andar dela arrastando os chinelos. Ela veio aqui pra me ver!

Genésio observou Tina à sua frente com os olhos esbugalhados, cabelos em desalinho, cara assustada, mãos trêmulas e dizendo essas coisas absurdas. Estranhou também ela estar falando tanto. Não era de seu costume. Achou que devia estar se aloucando de vez. Nesse caso era bom ter cuidado ao prostrar com ela, para não agravar a situação. Falou baixo e de forma respeitosa.

– Se acalme, Tina! Foi só um sonho que você teve. Pura imaginação! Sua mãe não veio aqui, nem tá aqui não! Deve ter sido o vento ou outra coisa que fez barulho e você pensou que era alguém andando aqui dentro arrastando chinelos. Vamos voltar pra cama e dormir. Vamos?

Tina silenciou por uns segundos e sem se mover continuou a fitar Genésio com estranheza. Não havia agressividade nesse olhar. Mais parecia o de uma criança assustada que acordou no meio da noite e saiu à procura de um brinquedo. A lamparina em sua mão lançava luzes inquietas pela cozinha. Genésio ficou estupefato. A cada dia que passava vinha se convencendo aos poucos de que Tina era uma mulher doente que precisava de tratamento médico. Só não sabia como fazer para que ela também entendesse e aceitasse isso. Garrou a imaginar que quem sabe agora, que ele também precisa de médico para sua doença de pele, Tina deixa aquele doutor novinho entrar aqui em casa como se ele tivesse vindo só para

atendê-lo. De novo chamou Tina para se deitar. A resposta veio em outro tom.

– Você não sabe de nada, Nésio! Se eu tô falando que minha mãe teve aqui é porque teve. Ela veio aqui pra me ver e eu quero falar com ela agora!

– Tá bom, Tina. Então vamos fazer uma coisa. Quando o dia amanhecer eu vou lá em Santo Antão e trago sua mãe aqui para você ver e falar com ela. Agora vamos deitar. Tá bom assim?

Tina enraiveceu, fechou a cara e falou aos gritos.

– Não tá bom, não! Eu quero falar com ela agora! Vai lá buscar ela!

Genésio se apercebeu de que Tina estava completamente transtornada. Ia ser difícil tratar com ela desse jeito. Procurou argumentar insistindo.

– Escuta Tina. A essa hora da madrugada sua mãe tá dormindo e nem eu vou poder falar com ela pra ela vir aqui. É de madrugada agora! Vamos esperar um pouquinho e quando o dia clarear eu vou buscar ela. Eu te garanto. Agora vamos voltar pra cama.

– Não! Eu quero ela aqui agora, gritou Tina.

Genésio olhou para o relógio de parede e viu que faltavam quinze minutos para as cinco da manhã. Imaginou que com a meia hora que gastaria para chegar à casa grande do sogro, em Santo Antão, o dia já deveria estar clareando. Resolveu ceder.

– Tá bom, Tina. Vou pegar o cavalo e ir até a casa de sua mãe. Me espera aqui que eu trago ela.

Tina ficou plantada de pé no meio da cozinha com a lamparina na mão. Genésio foi se vestir, arreou seu cavalo e saiu a caminho de Santo Antão. Cavalgou devagar porque sentia dores nas costas e seus braços pinicavam. Pelo caminho, ainda

escuro na madrugada, seguiu imaginando como seria a chegada à casa de Izidoro, pois fazia anos que não o visitava. Os últimos encontros que tivera com o sogro em Inhaúma não foram nada amistosos e agora era ele quem ia pedir ajuda. Chegou a pensar que certamente Izidoro iria recebê-lo com a rudeza de sempre. Mandão como ele só! Sabia que seria difícil Constância vir com ele e, mesmo que ela quisesse vir, só viria se fosse acompanhada de Izidoro. Tinha conhecimento de que Constância não andava muito boa, tendo dores e inchaço nas pernas, permanecendo mais tempo deitada do que em pé trabalhando. Pelo menos uma coisa que achava boa ele tinha para dizer ao sogro. Agora ele reconhecia de uma vez por todas que Tina estava doente e que carecia de tratamento médico. A partir de agora ele iria concordar com qualquer providência que o sogro Izidoro quisesse tomar com relação a ela. O que ele não sabia bem é se era ele quem ia ajudar Izidoro a cuidar da filha ou se era Izidoro quem o ajudaria a cuidar de sua mulher. Mas que uma coisa ou outra tinha que ser feita, disso ele não mais tinha dúvida.

Estava decidido a contar para o sogro um monte de coisas que ele ainda não sabia a respeito de Tina. A absoluta indiferença com que ela o tratava, a inarredável recusa em receber um médico em casa, seu recolhimento no quarto e a imobilidade na cama que nem sempre era de verdade. Tudo sobre o acidente do paiol, a expulsão dele de seu quarto após o aparecimento das perebas pelo corpo, o falar de coisas sem nexos e tantos outros comportamentos que só agora ele entendia como sendo coisas que não podiam ser de uma pessoa sã. Não mais diria que Tina era uma mulher normal quando não havia nenhum estranho em casa. Isso nunca foi uma verdade verdadeira. Se viesse a ser necessário, estava disposto até a pedir desculpas ao sogro. Demorou muito para aceitar

isso. Contaria que desde quando do nascimento de sua primeira filha, criança que nasceu morta, começou a haver uma mudança de comportamento da mulher. Tina passou a pedir coisas difíceis de serem atendidas na hora e quando ele conseguia atender ela não mais queria aquilo que pediu. Nunca tinha sido de conversar com os filhos, muito menos com ele. Jamais se sentou com ele no terraço para entabular conversa sobre nada. Não deixava que ninguém abrisse as janelas da casa e nunca aceitou convite para sair de casa a nenhum pretexto. Se ele era acostumado a sair sozinho parando para prostrar com conhecidos na porta da venda ou frequentando festas e até cantando em rodas de amigos, é porque ele precisava viver um pouco e dentro de casa não havia vida. Não era ele que deixava Tina sozinha. Era Tina que o isolava e o anulava. Nunca se sentiu culpado pelas coisas que aconteciam naquela casa sombria. Ele nunca deixou de visitar seus pais e parentes. Achava que só o fato de agora estar indo à casa do sogro já era um pedido de reconciliação. Não tinha porque ser mal recebido.

No horizonte à sua frente aparecem as primeiras cores pinceladas pela luz de um sol nascente. Estava amanhecendo um dia bonito. Genésio sentiu o cheiro bom do mato orvalhado naquela manhazinha e respirou fundo o ar puro da madrugada. Estava calmo e em paz consigo mesmo, disposto a cumprir sua missão com o pacífico enfrentamento de eventuais dissabores. Não estava com receio de avistar-se com Izidoro porque não ia para enfrenta-lo nem contestá-lo. Contaria a que veio e ouviria concordante tudo o que o sogro tivesse para dizer. Seguia em missão de paz.

Meia hora depois Genésio avistou o casarão dos Coutos à esquerda da estradinha de Santo Antônio. Clareava o dia. Chegou a passos lentos, de rédeas soltas. Já passava das cinco

e meia da manhã, hora em que o pessoal da casa já devia estar se levantando. Aproximando-se um pouco mais, perdeu de vista o casarão em face do barranco alto da estrada escavada e da mata que a acompanhava. Voltou a avistá-lo quando se encontrava a menos de umas duzentas braças. Então uma coisa lhe chamou a atenção e o perturbou por demais. Havia um punhado de gente em pé parado na frente da casa. Muito mais do que a quantidade de pessoas que moravam ali. Pareceu-lhe que todos os moradores do patrimônio estavam amanhecendo ao redor daquele casarão e isso não era um bom sinal. Ficou ansioso e apressou o passo do animal. Tudo o que via indicava que tinha acontecido alguma coisa naquela casa. Quando apeou junto ao portão deparou-se com um frio e silencioso olhar de todos voltado para ele. Antes de dizer bom dia foi logo perguntando.

– Que é que tá acontecendo por aqui?

A resposta veio rápida de quem estava mais perto dele.

– Foi a Dona Constância que morreu.

– Minha nossa Senhora! A que horas foi isso?

– Tão falando que foi lá pelas quatro horas da manhã, não sei ao certo, respondeu o homem que estava mais perto. Ela morreu dormindo. Dizem que Seu Izidoro acordou às quatro e pouco e viu ela morta na cama.

Genésio se arrepiou. Era exatamente a hora em que Tina havia acordado no meio da noite dizendo que a mãe estava lá procurando por ela, andando pela casa e arrastando seus chinelos. Teria sido um mero pressentimento da filha ou será que o espírito de Dona Constância tinha ido até Inhaúma à procura de Tina? Mas como é que isso pode ser possível, meu Deus? Tina insistiu de todo modo para que eu viesse até aqui na mesma hora em que Constância morreu! É coisa muito estranha essa! Alguém vai acreditar nisso?

Dentro da casa, a família se movimentava e já tinha tomado as primeiras providências para que o corpo viesse a ser velado. Um caixão de tábuas rústicas havia sido encomendado a um carpinteiro de Santo Antão que se dispôs a confeccioná-lo desde a manhazinha. Enquanto o caixão não chegava, o corpo de Constância foi sendo preparado para o velório. Vestiram-no com sua melhor roupa, calçaram-lhe uma meia bege comprida, arrumaram e pentearam seus cabelos, ataram em sua cabeça um pano branco preso no alto para puxar e segurar seu queixo uma vez que ela havia morrido com a boca aberta, puseram algodão em suas narinas porque delas escorria um líquido escuro e colocaram um rosário entre os dedos de suas mãos cruzadas sobre o peito.

A notícia da morte de Constância se espalhou rápida por Santo Antão e mais e mais gente dali e da redondeza foi chegando ao casarão dos Coutos. Genésio encontrou Izidoro aquietado num canto do salão. Cumprimentou o sogro e apresentou seu pesar sem dizer mais nada e sem contar que outro tinha sido o motivo que provocou sua vinda. Izidoro estava amortecido com o acontecimento. Não respondia a ninguém uma só palavra. Recebia os cumprimentos sem sequer se dar conta de quem é que o cumprimentava. Enxergava mal e não estava a fim de entabular conversa com ninguém. Ficou calado naquele canto por um bocado de tempo até que Aldo o convidasse para sair e respirar um pouco lá fora. Izidoro ainda caminhava bem e aceitou o convite do filho. Foram ambos para o quintal da cozinha e ficaram lá, os dois a sós, até que o caixão chegasse e fosse posto no meio do salão, apoiado sobre quatro cadeiras.

Velas foram acesas ao redor do caixão. Izidoro foi se sentar bem ao lado e ficou olhando fixamente para o rosto de Constância. Permaneceria assim pelas próximas duas horas

sem falar com ninguém. Todos respeitaram seu recolhimento, não se aproximando dele enquanto ele esteve ali. O fundador de Santo Antão não chorava para fora. Sua dor era interna. No coração. Lembrava-se de que Constância foi sua fiel companheira por mais de 53 anos. Nesse tempo construíram juntos tudo o que hoje existe a seu redor. Tiveram seis filhos que nunca lhes deram nenhum desgosto. Tinham 25 netos e Benvenida, sua primeira neta, já estava casada. Nenhum peso na vida o arqueou tanto quanto a morte de sua companheira. Seus olhos embranquecidos pela catarata mal viam o pálido rosto de Constância através de sombras. Não divisava detalhes. Pousou suas mãos sobre as frias mãos de Constância, deixou cair sua cabeça até que a testa tocasse o peito dela e choramingou baixinho.

– Me leva com você, Constância!

Genésio cumprimentou os parentes e conhecidos que estavam presentes no casarão e pensou em retornar, ir até Itaiporã para avisar os pais e se possível trazer Tina para se despedir da mãe. Voltaria para o velório e quem sabe seguiria até Cruz das Almas, onde no dia seguinte ia se dar o sepultamento.

Em casa, Tina já havia feito o café e começava a rotineira limpeza da casa. Não disse absolutamente nada quando viu Genésio chegar de volta, entrando pela cozinha. Era como se nada tivesse acontecido naquele amanhecer de dia. Se Genésio não tornasse ao assunto da ida a Santo Antão, certamente Tina nem se daria conta de que ele tinha ido até lá. Foi ele quem falou primeiro.

– Tina, tô chegando da casa de sua mãe e acho que você precisa ir lá pra se despedir dela.

Tina nem se virou para olhar o marido. De cabeça baixa, empunhando a vassoura, perguntou quase com indiferença.

– Despedir por quê? Pra onde é que ela vai?

Genésio se apercebeu que Tina estava alheada das coisas e desligada de tudo o que tinha acontecido nessa madrugada. Sequer lhe pareceu que Tina se lembrasse do que ela alegou ter ouvido nessa madrugada. Sabia que ia ser difícil conversar com ela desse jeito. Mas prosseguiu.

– Ela foi pro céu, Tina. Sua mãe morreu nessa madrugada.

Tina se estatelou e por um momento pareceu ter assimilado o que Genésio lhe anunciou. Parou de varrer o assoalho, apoiou as duas mãos no cabo da vassoura, fitou o marido com os olhos esbugalhados e parecendo se lembrar de tudo, retrucou.

– Morreu como, se ela teve aqui nessa madrugada querendo falar comigo? Por que é que você não acredita em mim? Você prometeu que ia trazer ela aqui e não trouxe. Você é mentiroso!

Como previsto, ia ser difícil fazer com que Tina compreendesse a realidade num momento como esse. Ela estava passada. Agora havia raiva no seu olhar e quando ficava assim era ainda mais difícil manter com ela o menor diálogo racional. Logo ela iria se ater e se importar com a rotina de seu trabalho diário, sem pensar ou falar sobre qualquer outra coisa. Mesmo assim Genésio teimou em argumentar.

– Eu acredito no que você contou, Tina! Acredito até que sua mãe veio aqui de madrugada só pra ver você. Só que quando fui buscar ela e cheguei em Santo Antônio fiquei sabendo que ela tá morta. Ela morreu dormindo por voltas das quatro horas da madrugada. Agora eu preciso levar você lá pra se despedir dela. Entendeu agora?

– Você tá mentindo, Né시오! Minha mãe não morreu coisa nenhuma! Ela teve aqui de madrugada. Você é que não viu ela porque você é tonto!

Tina recomeçou a varredura do assoalho e aparentou se acalmar como se a conversa houvesse terminado ali, sem nada

com que devesse se preocupar. Deixou de olhar para Genésio e passou a ignorar sua presença quase que o expulsando para fora da cozinha, com movimentos rápidos da vassoura fazendo com que essa tocasse os pés do marido. Melhor ficar quieto, não tem jeito mesmo, pensou Genésio. Quem sabe mais tarde eu consigo falar e ser ouvido!

Olhou para o relógio de parede e viu que passava das oito e meia da manhã. Nem tendo desarriado o cavalo resolveu seguir para Itaiporã para noticiar os pais sobre a morte de Constância.

O patrimônio estava com suas ruas vazias parecendo deserto. Só um cachorro andava vadiando nas proximidades do casarão de Calimério. Genésio entrou pela casa sem bater palmas e foi direto para a cozinha onde Turmalina lavava alguns trens depois de ter feito o café. Assustou-se com a súbita chegada do filho.

– Bença, mãe!

– Deus te abençoe, meu filho. Mas o que é que aconteceu para você tá aqui tão cedinho assim?

– Ih, mãe, tô trazendo uma notícia ruim. Dona Constância morreu nessa madrugada. Eu já tive lá e daqui a pouco eu vou voltar lá. Só vim aqui pra avisar a senhora e o pai.

Ao receber a notícia, Turmalina baqueou-se e puxou uma das cadeiras da cozinha para se sentar. Abaixou a cabeça colocando dois dedos da mão direita sob os aros finos de seus óculos redondos, com eles apertando os olhos e ficando em profundo silêncio. Amargou a perda da grande amiga, mas na hora não disse palavra. Só depois de uns minutos é que se levantou com os olhos marejados e perguntou.

– Como é que ela morreu, fio?

– Morreu dormindo, mãe! Não deve ter sofrido. Como a senhora mesmo diz, morrer dormindo é uma bênção.

– É, meu fio, mas a morte sempre deixa ferida em quem fica. Fazer o quê? Calimério tá lá no Duílio. Quando ele voltar eu conto pra ele e nós vamos pra lá. E a Tina, como ela tá?

– Não sei não, mãe. Tina tá variando muito. Não quer acreditar que a mãe morreu. Falou que a mãe teve lá em casa nessa madrugada, na mesma horinha em que Dona Constância morreu. Acho que não vou conseguir levar ela até lá. Mas também se eu não conseguir, fazer o quê? Então já vou indo mãe. De lá de casa eu vou de novo pra Santo Antão. Vejo a senhora e o pai lá!

– E como é que você tá andando com essas feridas todas pelo corpo?

– Pois é, mãe! Tenho que suportar isso, fazer o quê? Bença!

– Deus te abençoe, meu filho, vai com Deus!

À chegada em casa, Genésio viu Tina varrendo o quintal, parecendo ainda indiferente a tudo o que havia acontecido nessa manhã. Seu semblante estava leve e os movimentos que fazia com a vassoura demonstravam calma e tranquilidade. Olhou para o marido que chegava pela porta da cozinha e continuou varrendo o terreiro no mesmo ritmo, sem dizer palavra. Estava cumprindo sistematicamente a rotina diária de seu trabalho. Acordou cedo, vestiu-se, calçou os chinelos, fez o café e limpou a casa. Agora varria o quintal. Depois arrumará os quartos, preparará o almoço, à tardezinha porá a janta na mesa, irá se banhar e finalmente se deitará para dormir e acordar no dia seguinte para repetir tudo igualzinho de novo. Enlevada no ato de varredura do quintal nenhuma outra coisa mereceu sua atenção. Não assimilara a notícia da morte da mãe.

Genésio tomou um gole de café na cozinha pensou um pouco e foi até o terreiro tentar de novo falar com Tina.

Achegou-se a ela e tornou a dizer que Constância havia morrido e que ela precisava ir a Santo Antônio para despedir-se da mãe. Disse que era verdade e que acreditava que a mãe tinha vindo até aqui no meio da madrugada e que também ele tinha ouvido seus passos. Inventou que sabia que era mesmo Dona Constância que tinha vindo e que ela veio para chamá-la e que era por isso que Tina devia atender ao pedido da mãe e ir até Santo Antônio onde ela estava.

Tina ouvia tudo com olhar impassível e com total descrédito. Virou-se e continuou a varrer o chão sem responder nada. Quando Genésio insistiu para que ela ouvisse, parou e gritou como se tivesse sido ofendida.

– Pode parar com essa prosa mole, Nézio! Minha mãe vai voltar aqui e eu vou esperar ela chegar. Ela vem aqui para me ver e é bom você sair da minha frente.

Genésio desistiu. Montou a cavalo e seguiu sozinho outra vez para Santo Antônio. Permaneceu na casa do sogro durante todo o dia, velando o corpo de Constância até o começo da noite. Só retornaria quando a noite já se fizesse alta em Inhaúma. Viu quando seus pais e suas irmãs Natália e Ordália chegaram. Dessa vez achegou-se a Coutinho e estendeu-lhe a mão para cumprimentá-lo, porém sem nenhum dizer. Calimério e Turmalina viram Izidoro sentado ao lado do caixão com uma das mãos pousada sobre as mãos de Constância. Coutinho ficou ao lado do pai, acompanhado de Ordália. Tônico e Tuta foram para o coreto da igreja onde se reuniram com outros meninos de Santo Antônio e discutiam sobre qual dos patrimônios era o melhor, Itaiporã ou Santo Antônio. Cada um defendia o seu. Na manhã do dia seguinte os familiares e alguns amigos seguiram em cortejo até o cemitério de Cruz das Almas, onde Constância foi enterrada ao lado de Perpétua, a irmã de Izidoro. O caixão foi conduzido no leito de uma

carroça até o cemitério, que ficava no alto da cidade num terreno cercado por eucaliptos.

Com a morte de Constância, Izidoro também morreu um pouco. Perdeu toda a vontade de continuar vivendo. Sozinho em Santo Antão, passou a repetir para si mesmo e para os que o visitavam que seu único desejo agora era também se ir embora para o *calipá*, referindo-se ao cemitério de Cruz das Almas, cercado de eucaliptos. Não quis mais ficar no casarão da família onde cada coisa e cada canto o faziam lembrar-se de Constância. Pouco tempo depois, mudou-se para uma pequena casa junto ao patrimônio, que também era sua e que antes fora ocupada por Perpétua, sua irmã surda e muda. Era uma casa humilde de apenas quatro cômodos e sem nenhum conforto, para a qual foram levados apenas alguns móveis absolutamente necessários para um homem que queria morar sozinho. Trens de cozinha, um filtro para ter água boa de beber, uma cama, um pequeno armário e uma mesa com quatro cadeiras dispostas na única sala que tinha. Izidoro fez questão de levar consigo a violinha e seu antigo relógio de parede que badalava inclusive quando marcava quartos de horas. Dependurou-o na parede da sala.

Para trás deixou a casa grande da fazenda com as criações e roças plantadas, tudo aos cuidados de Miro, seu filho homem mais novo, orientado por ele a zelar dela como se fosse sua propriedade e a tratar de tudo como ele bem entendesse. Não tinha mais nenhuma disposição para falar de negócios, nem interesse em saber o que ocorria no lugar ou pelo mundo afora. Diariamente passou a receber a visita de uma de suas filhas ou da nora, que ainda teimavam em continuar morando em sítios próximos a Santo Antão, terras herdadas do pai. Levavam-lhe comida pronta, arrumavam a casa, cuidavam de sua roupa e buscavam prostrar com ele

sobre assuntos que ainda fossem de seu interesse. Cada vez mais escassos se tornavam esses assuntos. O fundador de Santo Antão que antes era vaidoso, autoritário e de boa prosa, curioso em saber de tudo o que se passava a seu redor, pouco a pouco foi abdicando de sua autoridade, de seu mando, de suas posses e de sua própria vida. Sua única proclamada vontade era ir para o *calipá*. Uma das filhas que haviam se mudado para Cruz das Almas trouxe ao pai um par de óculos, com os quais Izidoro pôde recuperar um pouco a visão de um de seus olhos. O outro estava totalmente esbranquiçado pela catarata e, segundo ele, já não prestava mais para nada.

Passava horas sentado numa cadeira, que ele mesmo levava para a calçada junto à porta da sala, e ali ficava pitando seu cigarro de palha e olhando o largo da igreja, o coreto, a venda do Seu Vando e a loja de Seu Jamil. Todos os que passavam por ele o cumprimentavam com o merecido respeito e às vezes paravam a seu lado puxando um dedo de prosa. Izidoro mais ouvia do que falava. Olhava fundo para o rosto de quem parava ali, quase sempre sem reconhecer quem era. Observava atentamente o vulto embaçado do interlocutor, buscando descobrir no meio de suas lembranças embaralhadas algum indício que pudesse fazer com que ele o reconhecesse. Orientava-se quase que só pela voz de quem falava com ele. Se nem a voz lhe fosse familiar supunha que decerto devia ser filho ou neto de algum antigo companheiro, que por não pertencer à sua classe não tinha como ser reconhecido. Gostava mesmo era quando parava algum sobrevivente de seu tempo que por ele fosse identificado. Só então ele se deixava falar das lembranças que lhe acudiam. Do tempo em que as terras onde hoje está fincado o patrimônio de Santo Antão eram todas suas e a sede do lugar era a casa grande de sua fazenda. Dizia que antes ali não tinha nada, que era só pasto com pouca

plantação. Contava que ele foi construindo devagar tudo o que hoje existe aqui, e demonstrava certo orgulho do muito que fez, embora mantivesse a cabeça baixa e falasse com voz insegura. Citava a igreja, o coreto, o loteamento, a abertura de ruas que hoje circundam o largo, a vinda do comércio e a escola que hoje funciona. Sua narrativa era intervalada. Izidoro silenciava por instantes, campeando num passado distante as lembranças do que fez, para depois retomar a fala como se voltasse a acordar no tempo. Apontava o dedo indicador para a frente, desenhando com ele um círculo no vazio do espaço, e dizia que viu esse patrimônio nascer e crescer e que agora o estava vendo morrer. Sinalizava para as crateras que se abriam à beira das casas e dizia que essas eram a cova que Deus estava preparando para engolir sua gente. Silenciava-se outra vez, baixava a cabeça por instantes, deixando transparecer que não iria prosseguir com sua fala, mas de repente a levantava com um olhar resoluto e incisivo para concluir:

– Vamos todo mundo pra debaixo dessa terra! Só que antes eu vou pro *calipá!*

Emudecia e encerrava a conversa.

Uma vez por semana Izidoro saía de sua pequena morada, caminhando lentamente em direção à venda de Seu Vando. Contornando as valas cavadas pela erosão, ele vencida uma distância de pouco mais de uns oitenta passos. Seu corpo não se mostrava curvado, nem capenga, apesar da vista curta. Ainda era um homem ereto. Nunca dava nenhum passo fora de casa sem seu chapéu, e nem no calor deixava de vestir suas camisas de mangas compridas abotoadas no colarinho. A cinta ele usava de qualquer maneira, afivelada em volta da cintura, sem se importar com os passadores da calça. Olhava à frente, ainda com o queixo erguido de quem detém autoridade e merece respeito. Caminhava com cuidado pela pequena distância

e só parava junto ao balcão da venda do Vando. Era esse seu único passeio e seu hábito semanal. Levava nas mãos uma pequena garrafa de guaraná vazia, com rolha feita de palha de milho e mandava que ela fosse enchida de pinga. Depois da morte de Constância o velho patriarca passou a gostar e a tomar um a dois tragos de pinga por dia, sempre antes das refeições. Os que bem o conheciam sabiam que nunca Izidoro tinha sido dado a ingerir bebida alcoólica, nem permitia que pinga ou barralho entrassem em sua casa. Mas agora, na solidão de seus últimos dias, todos compreendiam e aceitavam que ele podia se dar ao prazer de beber o que quisesse. Sabiam que aquela pequena garrafa ia durar pelo menos uma semana, o que não colocava sua saúde em risco. Ninguém se negava a atendê-lo quando ele chegava na venda com a garrafinha e o dinheiro na mão, pagando sempre à vista com seus trocados. Tinham dó de Izidoro. Vando era quem sempre o atendia do outro lado do balcão. Aproveitava-se do minuto do encontro para puxar uma prosa sobre assuntos dos velhos tempos, o que sabia ser do agrado de Izidoro. Mesmo gostando da conversa, Izidoro não se demorava ali na venda. Aquele não era seu lugar. Toda semana ele perguntava da família do comerciante, de sua esposa, de seus filhos e netos e ouvia as respostas com um simples gesto de compreensão. Em suas prosas não havia mais lugar para desacordo de sua parte, pois não mais lhe cabia fazer apreciação pessoal sobre nenhum caso contado. Já do que ele contava nunca havia contestação de interlocutor, até mesmo pelo respeito que a ele era devido. Quando Vando especulava sobre a saúde de Izidoro, a resposta era sempre a mesma.

– Vô indo, Seu Vando. Por ora ainda tô inteiro, mas logo logo eu vou para o *calipá*. Constância tá me esperando!

Veza ou outra quem o atendia era um dos netos do dono da venda, meninos que nem podiam imaginar quanta história

de vida tinha aquele velho quase cego. Izidoro se incomodava um pouco por não se encontrar com o dono da venda em ocasiões nas quais chegava com sua garrafinha. Ele não gostava de puxar conversa com crianças. Como pai, ele nunca deu muita liga para seus filhos pequenos. Só sabia mandar. Se não via o Vando na venda também não perguntava onde ele estava. Limitava-se a ordenar ao atendente que enchesse a garrafinha de pinga, pagava com seus trocados e sem mais dizer retornava para casa. Nem obrigado ele dizia. Sentia ter perdido a oportunidade de um dedo de prosa com o dono da venda ou com pessoa de sua classe.

Numa das sextas-feiras, na hora em que sempre aparecia na venda, um dos netos de Vando viu o fundador de Santo Antão chegar com a garrafinha vazia na mão. Antes de mandar enchê-la de pinga, ele olhou para todos os cantos da venda como se procurasse pelo dono. Sem dizer nenhuma palavra que fosse desnecessária para ser atendido, Izidoro recebeu de volta das mãos do menino sua garrafinha cheia de pinga. Depois pareceu incomodado e ansioso, revirando os bolsos da calça à cata de suas amarrotadas notas ou dos trocados destinados ao pagamento. Izidoro havia esquecido de trazer o dinheiro. Botou a garrafa em cima do balcão e falou ao menino que ia até em casa buscar o dinheiro. A distância não passava de uns cinquenta metros. O neto de Vando observou.

– Ô, Seu Izidoro! Pode levar a garrafa. Depois, na outra vez que o senhor vier aqui o senhor paga. Não tem problema!

Izidoro lançou um olhar firme de reprimenda ao menino como que reprovando sua sugestão. Sem nada acrescentar deixou a garrafa em cima do balcão e retornou à sua casa para buscar o dinheiro, que sempre mantinha guardado debaixo do colchão. Voltou na horinha, pagou, pegou a garrafa, mas não

saiu sem novamente fitar o menino com o mesmo ar de repremenda e em seguida arrematar.

– Escuta aqui, menino! Nunca na vida eu fiquei devendo um tostão pra ninguém. Nem por um minutinho só. Nunca comprei fiado na minha vida. Se eu não tô com o dinheiro na mão, pra pagar na hora o que eu compro, eu não levo. E digo mais pra você aprender: se eu não pagar antes você não pode deixar eu levar. Tá combinado assim!

Virou as costas e retornou para sua casinha. O neto de Vando ficou impressionado. Sabia que Izidoro era o fundador daquele patrimônio e que morava nele há mais de setenta anos, hoje numa casa que ficava a poucos passos da venda. Mas desse dia em diante ficou combinado assim, pelo resto da vida de Izidoro.

PAI GUSTAVO

Nem por um dia Natália se esqueceu do que o pai lhe dissera sobre o benzedor que morava numa tapera nas bandas do Ribeirão das Onças. Precisava ir até lá e receber dele um benzimento para tirar o malfeito que puseram nela. Porque ainda tinha medo de sair sozinha de casa, pediu a Eliodoro que a levasse até ele e ambos seguiram para Itaiporã. Como não sabiam direito onde Pai Gustavo morava, passaram pela casa dos pais pedindo orientação. Calimério quis ir junto, mas Natália não aprovou. O velho pai caminhava mal e era uma ajuda de que não precisavam. Seria fácil achar. Orientados, prosseguiram ao passo com Natália na garupa do cavalo.

Seguindo a orientação dada por Calimério, não foi difícil encontrar o isolado rancho de Pai Gustavo. Passado o Ribeirão das Onças, que dava nome ao lugar, havia um trilho à direita subindo um pouco pelo morro em meio a uma mata rala. Logo foi avistada uma pequenina casa de pau-a-pique coberta de sapé. Devia ser ali. Natália sentiu sua respiração acelerar como se estivesse cansada. Teve medo de chegar, pois achou que o lugar era por demais estranho e muito isolado. Católica, imaginou que podia estar cometendo um pecado por procurar curandeiro e, sendo assim, pediu perdão a Deus. Quando a cisma aumentou, quase que recua da chegada, dizendo a Eliodoro que não mais queria se benzer. Eliodoro acentuou que ela devia ter calma e disse que já que estavam ali não era mais o caso de voltar atrás. Apeou e ajudou Natália a

descer da garupa da montaria. Reconhecia que o lugar era mesmo esquisito, parecendo que nele não morava ninguém. O mato crescia à porta da tapera e o sapé esturricado pelo tempo deslizava solto deixando pontas irregulares nas beiradas. Se ali morava gente, esse não era um lugar para ser visitado. Mais parecia um esconderijo. Eliodoro bateu palmas e não demorou nem um pouco para que uma portinha se abrisse e por ela saísse um desajeitado homenzinho meio corcunda, o que fazia dele uma pessoa ainda mais baixa. Rosto amorenado pelo sol, tinha os cabelos longos e desalinhados e uma barba crescida sem nenhum zelo. A primeira impressão que dele se teve foi a de que era uma pessoa de poucos amigos. Usava a calça amarrada na cintura com uma cordinha desfiada e uma surrada camisa de mangas compridas apesar do calor que já se fazia sentir naquela tarde. Não usava chapéu e estava calçando um par de rustidos chinelos. Trazia nas mãos um pequeno cajado. Eliodoro o examinou de cima a baixo e, não fosse a recomendação dada por Calimério, nem mesmo ele se animaria a estar com essa figura.

– Pai Gustavo?

– Sim senhor, sou eu!

– Tarde, Pai Gustavo! Nós viemos aqui modo de que o meu sogro Calimério recomendou o Senhor para benzer minha mulher que é filha dele.

– Tá bom então. Pode entrar.

Ambos entraram no pequeno casebre de apenas dois cômodos. Um deles era a cozinha minúscula, na qual desde a porta de entrada, já se via uma improvisada prateleira com alguns poucos objetos postos em desordem, e uma pequenina mesa com duas cadeiras. De onde estavam não se via o fogão. O outro, que devia ser a sala, era uma mistura de sala, quarto e altar de orações. Por todos os lados, e até mesmo no chão,

viam-se imagens de santos, pequenas, médias e grandes. Um São Sebastião todo flechado estava posto num canto. Uma Santa Bárbara, ou Iansã, não se sabe bem, estava colocada sobre uma mesinha com toalha branca de rendas dominando o ambiente. Era a imagem maior. A seus pés algumas flores e uma envelhecida bíblia. Na parede via-se um encardido quadro com moldura fina que mostrava Jesus Cristo com os braços abertos e seu sagrado coração em chagas. Por toda a sala espalhavam-se diversos rosários dispersos, uns dependurados, outros colocados aos pés de imagens de santos, outros jogados num canto. Uma imagenzinha de São Francisco tinha um rosário de pequeninas contas enlaçando seu corpo. Num canto da sala, uma velha e rasgada poltrona de dois lugares, onde se sentaram Eliodoro e Natália. Tudo indicava que o morador dormia nela. Pai Gustavo foi pegar uma das cadeiras da cozinha e veio se sentar bem à frente dos visitantes. Visto assim mais de perto deu para perceber que o benzedor não era nada arredio nem carrancudo, nem sua cara era de poucos amigos como suposto na primeira impressão. Ao contrário, passou a se mostrar amável e acolhedor. Natália continuava estarelecida ao ver tudo aquilo. Começou a rezar um Padre Nosso e Aves Marias em pensamento. Pai Gustavo olhou fixamente para os olhos de Natália e iniciou um diálogo com voz serena.

– O que é que tá sucedendo com você, minha fia?

Natália desfiou ao benzedor toda a história que antes havia contado a seu pai e que tinha motivado sua vinda até ali. Pai Gustavo ouviu tudo calado, mas atento sem tirar os olhos dos olhos de Natália nem por um instante. Sentado ao lado, Eliodoro mantinha-se aquietado, só prestando atenção. Quando Natália terminou o relato o benzedor perguntou.

– A senhora acredita em Deus?

– Acredito sim senhor!

Pai Gustavo informou que iria fazer uma oração forte para espantar e arrancar de Natália qualquer coisa de mal que alguém pudesse ter feito para lhe incomodar ou prejudicar sua vida. Colocou a mão direita espalmada em sua testa e pediu a ela que fechasse bem os olhos e apoiasse as mãos sobre os joelhos sem mais se mexer. Alertou que ela só devia abrir os olhos quando ele mandasse. Apanhou um copo com água, equilibrando-o sobre a cabeça de Natália, e untou as costas de suas mãos e de seus pés com um óleo contido num pequeno vidrinho que estava junto à imagem de Santa Bárbara. Também com esse óleo umedeceu seu dedo indicador e desenhou uma cruz na testa de Natália. Em seguida iniciou uma reza num murmúrio confuso e enrolado com palavras sussurradas de maneira a torná-las incompreensíveis. Só de quando em vez é que Natália ou mesmo Eliodoro conseguia decifrar de sua reza alguma palavra ou frase por eles já conhecida, como “Deus”, “o céu e a terra”, “orai por nós”, ou “amém”. Pai Gustavo punha ambas as mãos nos ombros de Natália e as fazia descerem até seus pulsos, repetindo lentamente esse movimento por três ou quatro vezes enquanto murmurava baixinho sua reza intraduzível. Pediu que Natália dissesse seu nome inteiro. Ela falou sem abrir os olhos: Natália dos Anjos Eliodoro. Pediu que ela rezasse com ele um Padre Nosso, três Aves Marias e o Credo. Ela rezou. O benzedor continuou passando as mãos dos ombros até os pulsos de Natália sempre murmurando sua indecifrável oração.

Calou-se por um instante, fechou também seus olhos, levantando a cabeça como se agora orasse dirigindo-se aos céus. Ficou assim por alguns minutos. Natália permanecia com os olhos fechados e imóvel, preocupada em não deixar cair o copo com água equilibrado no alto de sua cabeça. Ao lado, Eliodoro acompanhava silencioso todos os movimentos do

benzedor, com uma mistura de respeito e de cisma. Terminada a reza, Pai Gustavo pediu que Natália abrisse os olhos sem mover a cabeça. Retirou desta o copo com água e pediu que ela a bebesse. Natália não se esquivou. Já estava mais leve. Aliviada até. Ouvia o benzedor mandar que ela fizesse o sinal da cruz junto com ele. Assim ela o fez.

– Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Pai Gustavo terminara o benzimento de Natália. Os visitantes aguardaram respeitosos uma possível fala final. Lentamente o benzedor acomodou o vidrinho com óleo aos pés de Santa Bárbara, colocou em torno de seu pescoço um grande rosário de enormes contas e pediu que ambos o escutassem com atenção. Sua fala era pausada e segura.

– Dona Natália, nesse mundo tem muita gente ruim que gosta de fazer mal pros outros. Das vezes porque eles pelejam e não conseguem ser como os outros são. Doutras vezes modo a inveja que eles têm do que os outros possuem. É gente ruim, Dona Natália! Gente que não acredita em Deus e que acha que as coisas só se resolvem com a ajuda de demônios. Do capeta. Essa gente não presta. Foi gente assim que fez mal pra senhora e pra sua irmã. Enterraram coisas na entrada do sítio, ali na porteira, e botaram coisas dentro de seu travesseiro. O que estava na terra, as águas do ribeirão já levaram, não tem mais nada e num precisa pensar mais nisso. Mas o que está no travesseiro da senhora ainda precisa ser arrancado de lá. Quando a senhora chegar em casa tem que esvaziar o travesseiro. Tira tudo de dentro dele e jogue no rio tudo que tava lá dentro. Lave bem a fronha e encha ela com coisa nova. Põe paina ou taboa nova nele. Depois disso a senhora vai ficar perfeita e formosa e não vai mais sofrer nada mais daqui pra diante. Deus vai proteger a senhora.

Natália ficou abismada. Como é que Pai Gustavo sabia que o despacho encontrado nas terras de Inhaúma tinha sido jogado no Inhaúma? Isso ela não havia contado. Que será que tem dentro de meu travesseiro? Pensou em perguntar quem fez isso, mas, inibida, preferiu que não. Se vem a saber quem foi, é certo que um sentimento de vingança pode brotar no seu coração. E isso não é bom! Passou a ter pressa de ir embora. Ao sair, lembrou a Eliodoro de dar algum dinheiro ao benzedor como forma de agradecimento. Pai Gustavo se recusou a receber.

– Nada disso, meu senhor! Eu não fiz nada. Eu nunca faço nada. Quem faz é Deus. Não se incomode. Eu não careço de dinheiro pra viver!

Sendo assim, depois de um Deus lhe pague, Natália e Eliodoro cavalgaram de volta para Itaiporã. Natália dando graças a Deus e ansiosa para chegar em casa para examinar seu travesseiro e poder ver o que é que tinha dentro dele. No caminho de volta, lembrou-se do dia em que visitou Ordália e ouviu dela tanta coisa boa que saiu de lá bem melhor do que quando chegou. Nesse dia ela também se sentia assim, leve, como se dela e de suas costas tivesse sido retirado um enorme peso. Ao passar em Itaiporã, contou tudo a seus pais.

Quando soube do caso, Turmalina quis ir junto com Natália até o sítio de Inhaúma para ver o que é que podia ter dentro do travesseiro. Calimério não concordou, pois não queria que ela tivesse que voltar sozinha, nem que viesse a ser preciso Eliodoro ter de acompanhá-la de volta. Depois a Natália conta as coisas!

Em Inhaúma, Natália e Eliodoro foram depressa para o quarto. Na cama arrumada do casal havia dois travesseiros, sem que pudesse ser dito com segurança que esse era de um e aquele era do outro. Natália apanhou o primeiro travesseiro,

desabotoou a fronha e o deixou só com seu pano costurado. Rasgou esse pano e despejou sobre a cama tudo o que nele continha. Só tinha paina antiga. Nada de estranho ou indevido. Não devia ser o seu. Apanhou o outro, repetiu tudo e espalhou seu conteúdo em cima da cama. Nesse tinha coisas e Natália e Eliodoro se espantaram, quando viram no meio da paina vários dentes que pareciam ser de gente, uma fita vermelha com sete nozinhos, um monte de fios de cabelos, pequeninos gravetos secos e uma velha carta de baralho: o rei de espada. Depois do susto vieram as dúvidas. Como é que tinha sido possível alguém de fora colocar isso tudo dentro de um travesseiro sem que ninguém da casa percebesse? Como é que Pai Gustavo podia saber que tinha coisas aqui se ele nunca veio nessa casa e nem bem conhecia Eliodoro e Natália? Ninguém teve respostas para isso.

Da forma como Pai Gustavo recomendou, Eliodoro ajuntou o que tinha dentro dos travesseiros, até mesmo daquele que não tinha nada de estranho, e levou tudo para a beira do Inhaúma, jogando em suas águas. Por um tempo ficou observando a correnteza levar a carta de baralho, os chumaços de cabelos, a fita com nozinhos e os pauzinhos secos. Os dentes devem ter afundado porque ele não viu mais.

Depois disso, Eliodoro e Natália passaram a ter pressa maior em encontrar um comprador das terras de Inhaúma e deixar aquele lugar. Não demorou muito para que Eliodoro encontrasse. O sítio foi vendido para o mesmo fazendeiro que antes havia adquirido as terras dos Pinhos. Depois da venda, caiu a cerca de arame que fazia divisa entre essas terras e tudo passou a ser emendado. Em pouco tempo o novo dono mandou derrubar o casarão construído ali por Coutinho havia 31 anos. Desmanchou o manguairão, botou abaixo o paiol, as cercas do chiqueiro de engorda e do piquete, arrancou as

árvores de frutas que formavam o pomar, fazendo com que dali desaparecessem os últimos vestígios daquilo que antes fora o notável sítio de Inhaúma. Toda a terra foi arada pelo novo dono e no antigo sítio passou a ser vista uma só plantação.

Com o dinheiro da venda, Eliodoro comprou uma boa chácara nos arredores de Cruz das Almas, banhada aos fundos pelo riacho São Lourenço, um pequeno afluente do Itaguaí. Essa nova casa era ampla, com quatro quartos, um bom quintal e muito verde ao seu redor. Só tinha um grave inconveniente. Ficava nos fundos de um bairro que acolhia casas de mulheres da vida, as putas de Cruz das Almas confinadas ali. À noite todas as casas à sua volta ficavam iluminadas por luzinhas coloridas na frente. Se a família de Natália tivesse que voltar para casa quando já estava escuro, tinha que atravessar toda aquela área que o povo dali chamava de zona. Isso não era nada agradável, principalmente para as meninas, que tinham verdadeiro pavor pois ficavam sujeitas a serem abordadas por homens desocupados que vagavam por ali à cata de mulher. Desconsiderada essa inconveniência, a nova morada veio acomodar a família de Natália e Eliodoro por longos anos. Nunca mais Natália sofreu guasqueadas.

Na região do Inhaúma ficaram apenas o refúgio de Tina, o sítio dos Caetanos, que ainda pagava dívidas oriundas de empréstimos tomados de Banco, e as terras de Alcebídio Arruda que, ao contrário dos vizinhos, não se dedicava à agricultura, mantendo-se só com negócios de gado. Mesmo esses não durariam muito tempo nas mãos de seus primitivos donos. Em 1977 os Arrudas venderam sua propriedade e também se mudaram para Cruz das Almas. Alcebídio foi trabalhar com carro de praça.

Genésio morreu de repente em 1982. Foi encontrado caído num trilho do pasto com o cabresto na mão, algum tempo

depois de ter saído para buscar seu cavalo. André estranhou a demora e foi à procura do pai. Achou seu corpo que era um trapo só, magro e perebento. Nesse dia o sombrio casarão de Tina teve todas suas portas e janelas abertas pelos vizinhos e parentes que ali chegaram para preparar e velar o corpo de Genésio. O sol da tarde invadiu a casa como se estivesse curioso de entrar e quisesse reconhecer cada um de seus cantos, por ele não visitados nos últimos quarenta anos. Tina, encantada, não se manifestou sobre nada do que acontecia e não falou com ninguém. Permaneceu isolada o tempo todo, sentada numa cadeira junto à mesa da cozinha e ali ficou aquietada, mirando com olhar apático um toco de lenha que queimava no fogão. A todos parecia não estar pensando em nada nem ter se dado conta do que tinha acontecido. Para ela, todos que estavam à sua volta eram intrusos. Até o sol.

Essa era a segunda vez que sua casa se enchia de gente e dentro dela havia o transitar incessante de pessoas que iam e vinham por seus cômodos e corredor. Ouviam-se sussurros descontraídos e trêmulos. A primeira vez foi quando sua filha nasceu morta, 41 anos antes. Agora a morte novamente adentrava em sua casa sem ter anunciado a trágica visita. Percorreu os cômodos junto com os raios de sol como um invisível espectro invasor. Não foi à cozinha nem se arroudeou de Tina, que permanecia recolhida com seu olhar indolente e sua carancuda mudez, mas vagou por entre as pessoas, pelo corredor, pelas salas e pelos quartos da casa, fustigando rostos com seu látego de tristeza. Demorou-se na sala principal onde estava o corpo de Genésio, como se ali devesse ser o lugar certo para ficar. As entristecidas pessoas em torno do morto sentiam-se sob um frio arrepiante que provinha do desalento pela perda de um ente querido ou de uma estranha presença de algo entre eles que ninguém via. Ao redor do caixão não se ouvia

uma só voz. Na cozinha, a emburrada Tina não chorou nem pronunciou palavra. A muito custo aceitou uma caneca de chá de erva cidreira feito e oferecido por uma das mulheres presentes a quem sequer reconheceu. Bebeu um primeiro gole experimentando-o com notada desconfiança, sem tirar os olhos do fogão e só depois sorveu o resto da caneca, como se estivesse com sede. Assim aquietada, Tina só se recolheu ao quarto quando a madrugada já tinha avançado. Nem por instante chegou a ir até a sala da frente, onde o corpo do marido estava sendo velado. Manhã seguinte não se levantou nem saiu do quarto. Fechou a janela e nesse seu recolhimento íntimo nem o sol teve mais sua permissão para continuar entrando.

Algum tempo depois da morte de Genésio, seu sítio também foi vendido e Tina foi levada para a cidade, passando a morar com André, seu filho caçula e agora o único homem da família. Mudou de local de morada, mas não de comportamento. Continuou vivendo isolada sem sair de casa, sem manter diálogo com ninguém e totalmente esquecida até de si mesma. De quando em vez perguntava pelo Nésio, como se ela ainda estivesse em Inhaúma. Apesar dos cuidados que tanto a nora quanto o filho lhe dedicavam, Tina caiu da cama diversas vezes esfolando o rosto no chão de cimento. Durante todo o resto de sua vida manteve-se enclausurada num pequeno quartinho a ela reservado. Nunca chegou a saber que a mulher que diariamente cuidou dela até sua morte era sua nora e mãe de dois netos e uma neta. Tina jamais veio a ser tratada por médico especializado e a família nunca soube direito de que tipo era a doença da qual sofria. Em Cruz das Almas, o médico que a assistiu até o último dia de sua vida tratou dela apenas como de uma velha caduca.

Coutinho e Ordália não chegaram a visitá-la na casa de seu filho André em Cruz das Almas, embora residissem pró-

ximo e no mesmo bairro. A última vez que tinham se visto foi alguns anos antes, quando Tina ainda habitava sua casa sombria em Inhaúma. Tuta o filho caçula foi quem insistiu em levá-los de carro até lá, quebrando um injustificado distanciamento que já perdurara por quase quarenta anos. Inicialmente Coutinho relutou em aceitar fazer essa visita. Nunca se dera bem com Genésio e sabia que Tina não gostava de receber visitas, além de achar que isso agravava seu estado. Supunha que iria causar incômodo aos donos da casa e passar por constrangimento. Mas acabou cedendo à vontade do filho, vontade essa que então já se impunha aos velhos pais.

A chegada à casa foi amistosa, repetido o conhecido ritual de se acomodarem nas cadeiras de palhinha no terraço da cozinha. De pronto se aperceberam de que Tina já devia ter se recolhido ao quarto, pois ela não estava ali para recebê-los. Genésio insistiu na mesma ladainha de sempre tentando explicar o recolhimento de Tina. Sem cerimônia, Ordália levantou-se da cadeira e atreveu-se a ir até o quarto para avistar-se com a cunhada sem nem pedir permissão ao irmão. Minutos depois retornou inconformada para a área da cozinha informando que Tina estava deitada com o olhar parado e perdido no vazio parecendo que não via nem ouvia nada. Não tinha conseguido falar com ela. Coutinho então resolveu ir até o quarto para ver de perto o que sucedia com a irmã. Também não pediu permissão ao cunhado. Achou que tendo chegado até ali deveria e poderia pelo menos ver a irmã. Havia quase quarenta anos que não se viam. Genésio não se opunha a nada. Ficou calado a maior parte do tempo coçando insistentemente os braços.

A casa era estranha para Coutinho, que nunca antes havia entrado nela. Passou pela cozinha, caminhou pelo corredor e notou um quarto com a porta deixada aberta. Espiou e viu

Tina deitada de costas, vestida, calçando seus chinelos, imóvel com os olhos arregalados mirando o teto. Da porta chamou por ela e ouviu Tina responder na hora.

– Oi, Aristeu, mas que coisa boa é essa de você tá aqui! Vem pra cá!

Coutinho se alegrou, sorriu, entrou pelo quarto e sentou-se na beira da cama tomando de uma das mãos da irmã e ficando calado por um bom momento, apenas admirando seu rosto e achando que ela era mesmo muito parecida com a mãe Constância. Comprovava o que antes Carlinhos Português lhe contara. O olhar de Tina era terno, parecendo dizer do contentamento de estar vendo o irmão Coutinho depois de todos esses anos. Estava lúcida e parecia feliz. Havia brilho em seus olhos e houve uma paz enorme tomando conta do quarto. Olharam-se calados, demoradamente. Tina sabia quem estava ali. Apertou forte a mão do irmão mais velho e falou do mesmo jeitinho que a mãe falava, com a língua solta e a boca mole.

– Ai que bom Aristeu! Nossa Senhora! Quanto tempo faz que nós não se vê? Você envelheceu e ficou cada vez mais parecido com o pai! Você tá bonito, meu irmão! Conta pra mim como é que você tá.

– Tô bem, Tina. Só que a vida passa pra todo mundo. Tô ficando é velho e o corpo já não é mais aquele dos bons tempos. Mas tô contente por tá aqui proseando com você e te vendo assim boazinha. Que bom que é isso, não? Foi meu filho caçula que me trouxe aqui. Ele tem quase a mesma idade do seu filho menor. Como é mesmo que ele se chama?

– André. É o único filho que ficou comigo. Josué que é o mais velho sumiu de casa. Ninguém sabe por onde é que anda. Genésio tá doente, com um monte de perebas espraia-das pelo corpo e eu vou vivendo aqui sozinha do jeito que Deus quer.

– Sabe que você tá bonita ainda, Tina? Tagarela como sempre?

Tina se riu numa mostra de perceptível alegria.

– Ara! Aristeu. Tô nada! Tô é velha e enrugada. O tempo acaba com a gente. Quantos filhos você tem Aristeu?

– Tenho seis. Quatro filhas mulheres e dois filhos homens. A mais velha já tá casada há uma porção de anos, mas ainda não me deu nenhum neto. Essa tá morando no Paraná. Ao depois tem a Ordalina, que é a terceira. Essa se casou com um viúvo, morou um bom tempo aqui mesmo em Itaiporã e agora tá lá em Cruz das Almas. Criou quatro enteados e já me deu um neto e duas netas. E assim nós vai vivendo.

– Eu tive três. A primeira nasceu morta. Acho que você se alembra! Depois vieram os dois meninos, mas hoje é um só que tá comigo. O outro sumiu pelo mundo. Só Deus é que sabe onde tá!

Tina se cala por um minuto. Zanza seu olhar pelo quarto como se viajasse através de recordações esparsas que ao longo dos anos se perderam ali na rotineira quietude de seus dias vazios. Fecha os olhos, aperta ainda mais a mão de Coutinho e depois os abre lentamente tornando a fitar o rosto do irmão como se despertando de um distante mundo das lembranças suas.

– Como é que tá o pai e a mãe? Sinto falta deles. Eles nunca me visitaram!

Coutinho sabia que os pais tentaram vê-la e que não foram recebidos por ela. Não quis falar que tanto a mãe Constância como o pai Izidoro já tinham morrido. Achou melhor desconversar.

– Sabe, Tina? A mãe anda muito adoentada, com inchaço nas pernas, mal podendo andar. O pai não tá com a vista boa. De modo que é muito difícil eles saírem de casa. Mas tão

bem! Vou contar pra eles que eu tive aqui e que você perguntou deles. Não ficar contentes!

Tina novamente silenciou, continuando a fitar Coutinho nos olhos demoradamente. Pareceu ter se amargurado com a notícia. Ensaiou o que dizer em seguida, chegando a balbuciar baixinho a próxima fala com movimentos desordenados dos lábios de sua boca mole para depois perguntar.

– E a Ordália como é que ela tá? Nunca mais eu vi ela!

– Ela tá bem. Tá aqui comigo. Se você quiser ver ela eu vou chamar.

– Ah! Chama sim, Aristeu. Faz tempo que nós não se vê!

Antes de deixar o quarto, Coutinho voltou a apertar firme a mão de Tina, agora com suas duas mãos enormes. Olhou-a um pouco mais, sorriu de contentamento, demorou-se assim e só depois foi para a cozinha chamar Ordália.

– Ué, Coutinho. Como você demorou, hein? Como é que você viu Tina? Ela falou com você?

– Falou e tá muito boa. Ela quer te ver.

Genésio se surpreendeu. Isso nunca tinha acontecido antes. Que será que deu em Tina? Pensou em ir junto com Ordália até o quarto, mas na mesma hora resolveu que não. Deixa como está que assim deve ser melhor! Ordália retornou sozinha ao quarto de Tina e a reencontrou exatamente como ela estava da primeira vez que a viu. Imóvel, pasmada, sem se mexer e não se apercebendo que havia alguém a seu lado. Tendo entrado no quarto Ordália novamente sentiu um medo de permanecer ali. O ambiente estava pesado. Tina não respondeu a seu chamado. Fitava o teto. No quarto predominava um silêncio pesado e angustiante. Dentro dele não era possível haver nenhuma comunicação. Ordália recuou e voltou novamente frustrada para a cozinha contando isso para Coutinho. Alguma coisa fazia com que Tina retomasse e em seguida

perdesse a consciência e a disposição para conversar. Coutinho resolveu voltar ao quarto para de novo conversar com Tina, agora levando Ordália consigo. Genésio ficou meio encabulado com aquelas idas e vindas, mas não contestou nem falou nada embora espiasse, meio que ressabiado com tudo aquilo. Tendo ficado no terraço, puxou conversa com Tuta para se distrair, enquanto Coutinho e Ordália entraram de novo pela casa adentro. À frente da porta do quarto, ainda entreaberta, os dois se fizeram ver e notaram quando Tina virou sua cabeça para observar quem chegava. Tina viu Coutinho e Ordália entrarem no quarto e seu olhar não mais estava perdido como antes descrito por Ordália. Uma expressão de alegria havia voltado. Coutinho foi quem entrou na frente e foi o primeiro a falar.

– Óia a Ordália aqui, Tina! Ela veio te ver!

Tina novamente mostrou que estava bem. Retomara sua vontade de prostrar. Voltou a vestir seu rosto com um olhar brilhante de paz. Chamou Ordália para chegar mais perto dela, pegou numa de suas mãos, acariciou-a levemente e ficou olhando firme para sua face. Houve um minuto de respeitoso silêncio para o feliz reconhecimento. Ordália sentou-se à beira da cama e aguardou que Tina falasse.

– Nossa Senhora, Ordália! Como você é bonita. Você tá com a mesma cara da menina que você era. Nem ruga você tem. Eu não. Veja só como eu tô velha, feia e enrugada. E olha que nós duas temos quase a mesma idade.

– Que nada, Tina! Você tá muito bem. Tá de cara boa e com saúde. Isso é o que importa, completou Ordália.

Sentiu-se um leve perfume de alfazema dentro do quarto. Coutinho se aquietou num canto, encostando-se numa cômoda e só apreciando o encontro e a solta conversa das duas. Elas se riram muito quando falaram da idade que tinham, mas disseram não achar graça nenhuma terem lembrado que

já haviam passado muito dos sessenta. As coisas de que falavam tinham quase quarenta anos. Iam dos tempos de mocinhas até a morte da primeira filha de Tina. Havia assunto de todos esses anos para contar uma para outra. De maneira que só vários minutos depois é que Coutinho resolveu deixar o quarto para que Ordália e Tina ficassem mais à vontade para assuntar sobre o que quisessem. Do que mais ele havia gostado foi de ver as duas se rirem juntas, numa alegria descontraída como a das meninas de ontem. Coutinho saiu discretamente do quarto sem falar nada, retornando para a área da cozinha onde estavam Genésio e Tuta. O cunhado comentou.

– Coisa boa, mas meio que estranha essa, Coutinho! É a primeira vez em todo esse tempo que eu vejo Tina receber e prostrar com alguém. Eu nunca vi ela desse jeito! Deve estar gostando demais da visita e da conversa com vocês.

– Pois é, Genésio! Fico contente de ver ela assim. Graças a Deus que ela tá boa. Eu até pensei que ela não ia me reconhecer depois desse tempão todo! Olha que faz mais de quarenta anos!

Não deu tempo nem bem de terminar essa fala e Genésio e Coutinho viram Ordália retornar agoniada para o terraço, lastimando-se do fato de que, assim que Coutinho saiu do quarto e a deixou sozinha lá, Tina não mais falou com ela e voltou a ficar imóvel, sem ver, ouvir ou se mexer. O quarto tinha voltado a ficar pesado e bateu nela aquele medo esquisito de novo.

Coutinho opinou que era melhor deixar Tina quieta, descansando. Ela já tinha falado bastante e a visita até aqui já tinha sido boa por demais da conta. Era hora de se ir embora. Olhou para Tuta e perguntou se já podiam ir. Tuta nem chegou a ver a tia. Todos se despediram de Genésio, saíram e foram embora daquele sombrio casarão.

Antes que o carro de Tuta desaparecesse da vista de Genésio, seguindo para tomar a estrada de volta para Cruz das Almas, Tina já havia se levantado e ido para a cozinha. Ao vê-la de pé, Genésio fez questão de comentar sobre o bom que tinha sido a visita de seu irmão e sua cunhada. Tina fez que não ouviu e não respondeu. Genésio se calou. No restante do dia tudo o que veio a acontecer naquela casa foi só o retorno da rotina de um e de outro.

No caminho de volta, dia seco e com muita poeira na estrada, Coutinho e Ordália viajaram pensativos quase sem falarem. Ele no banco da frente ao lado do filho que dirigia o carro e ela sentada no banco de trás. Tuta comemorou o resultado da visita feita.

– Viu como foi bom ter ido lá, pai?

O antigo dono do sítio Inhaúma não encompridou a conversa, limitando-se a responder que tinha sido bom demais. Especulou Ordália.

– Você também não acha, Ordália?

Ordália, que até então estava calada, arcou-se para a frente para poder falar bem de perto com Coutinho e respondeu baixinho, quase que segredando.

– Acho que foi, mas depois eu falo disso.

Em Cruz das Almas, Tuta deixou os pais na morada da vila e saiu para o centro da cidade. Sozinhos em casa, Ordália e Coutinho tornaram ao assunto da visita. Ordália estava interrogativa e indignada com uma porção de coisas. Quis saber de Coutinho.

– Vem cá, Coutinho! Diz uma coisa pra mim! Por que é que Tina só ficava boa e só falava quando você tava no quarto?

– Ara, Ordália. E eu lá vou saber por quê? Você já pensou há quanto tempo nós não se via? Acho que a visita foi boa demais.

– É, mais tem uma coisa muito estranha nisso tudo. Você lembra quando o Minoro falou que você tem espírito forte e que até os capetas iam abrir caminho para você passar se você fosse pro inferno? Fico pensando aqui comigo se não é por isso que Tina só ficava boa quando você tava no quarto. Você saía, ela não falava mais e o ambiente ficava carregado. Tina só falou comigo quando você tava lá dentro. Acho isso muito estranho! Você não acha?

– Sei lá Ordália, não acho nada! Continuo não acreditando nessas coisas de espírito. Mas que nisso você tem razão, você tem! Ela só falou mesmo quando eu tava por perto. Será que tem espírito ruim arrodando ela?

Ordália pensou bastante enquanto dava uma arrumada nos trens de cozinha. Achou que só podia ser isso e que Coutinho espantava um coisa-ruim do quarto toda vez que entrava lá ou ficava ali por perto. Acreditou no que Minoro disse. O espírito de Coutinho era mais forte. Só pode ser isso. Não deixou de responder.

– Sabe de uma coisa, Coutinho? Agora eu tô com certeza de que tem espírito mau arrodando a Tina e fazendo tudo isso de ruim pra ela. Não tem outra explicação. Por que é que só você conseguiu falar com ela? É que seu espírito protetor é mais forte! Você tem o corpo fechado, não se lembra? Se você ficava dentro do quarto o coisa-ruim que toma conta de Tina se escapulia de lá. Aí a Tina podia falar comigo. É ou não é? Até o Genésio disse que nunca tinha visto coisa parecida antes. Tina nunca tinha falado com nenhuma visita. Como é que ela falou com você e comigo quando você tava perto? Coitada!

– Sei não, Ordália. Mas o que importa mesmo é que ela falou comigo e vocês duas prosearam bastante enquanto eu tava lá dentro do quarto. Acho que isso é que foi bom! Vocês duas até que se riram muito. O resto não importa. Pronto!

– Mas tem mais uma coisa que eu tô lembrando agora. Eu não te contei que quando a Custódia, aquela parteira de Santo Antão, foi atender a Tina no parto da filha que nasceu morta ela falou pra mim que era pra dizer pro Genésio cuidar bem dela porque ela tava sendo acompanhada de um espírito ruim? Pois então, acho que isso não é coisa de agora, não! Acho que isso é coisa antiga, Coutinho!

– Ara, Ordália! E de que adiante dizer que é isso ou aquilo? Botando minhoca nas coisas. Isso não ajuda em nada! Melhor esquecer.

A conversa acabou aí. Coutinho fez que não ouviu e informou Ordália que iria até o bar comprar algumas coisas para o Tuta, que ainda ia voltar em casa. Ordália ficou sozinha, matutando sobre o caso. Sentiu muito dó por ter visto a cunhada sofrendo daquele jeito. Estava convencida de que o caso dela era de encosto de alguma alma penada. Achava que era coisa de muitos anos e que durante todo esse tempo a cunhada era apenas uma vítima. Concluiu que o Carlinhos Português é que estava com a razão. A cura não podia mesmo ser com nenhum chá de erva nem remédio de farmácia. Não sabia qual devia ser, mas passou a ter certeza de que não ia ser nenhum médico que iria trazer a cura. Disso ela ficou convencida.

Quando Tina morreu, em 1988, com 76 anos, dos quais mais de cinquenta em total confinamento, Coutinho e Ordália foram até a casa de seu filho André, onde o corpo estava sendo velado. Ali também chegaram suas duas irmãs, então moradoras de Cruz das Almas. Dos três irmãos, apenas Coutinho, o mais velho, estava lá. Aldo havia se mudado com a família, primeiro para Cruz das Almas e depois para a cidade de Campinas, tendo montado lá uma fábrica de ladrilhos e azulejos. Com pouco mais de cinquenta anos, morreu ao sofrer um

fatal ataque cardíaco. Miro, o caçula dos homens, mudara-se para São Paulo, onde sofreu um derrame cerebral quando voltava do trabalho para casa e desapareceu na Capital. Chegou a ser levado ao hospital por um desconhecido que o acudiu na rua e chegou a ser mantido internado por cinco dias sem que a família soubesse. Ao falecer, acabou sendo enterrado como indigente porque havia perdido todos seus documentos e no hospital não tinha conseguido nem falar o nome que tinha. Tuta foi quem ajudou a família a desvendar o caso e dar ao tio uma sepultura decente. A morte desses filhos nunca chegou a ser contada para o velho patriarca de Santo Antônio.

Izidoro, o pai, já fazia anos que tinha sido levado para o *calipá*, como sempre fora sua última vontade. Morreu dormindo no mês de fevereiro de 1970, pouco depois de completar 92 anos. Foi Vando da venda quem estranhou o fato de não ver o amigo sentado junto à porta da rua como diariamente fazia. Entrou em sua casa e o encontrou morto, deitado na cama, abraçado à sua violinha de oito cordas. Izidoro deixou uma grande quantia de notas de cruzeiro escondidas debaixo do colchão, que não valiam mais nada porque tinha passado o prazo de troca pelas novas moedas baixadas pelo governo. Foi enterrado ao lado de Constância. Calimério e Turmalina, os sogros de Tina, tinham morrido quase ao mesmo tempo, três anos antes. Ele no mês de março e ela em agosto do mesmo ano. Dormiam para sempre no cemitério de Itaiporã.

A reunião de família que Tina não chegara a ver desde que nasceu morta sua primeira filha, ou desde a morte de Genésio quando ela se isolou, estava envolta num profundo e respeitoso silêncio. No seu velório ninguém ousou falar sobre o isolamento no qual ela se manteve por quase toda a vida. Nem aventaram opinar sobre qual teria sido a causa desse isolamento. Entristeciam-se mais ainda porque se viam reunidos

só agora, na ocasião em que Tina já estava morta. Lembranças pessoais vinham à mente de cada um de seus familiares. A alegre infância que ela teve na casa grande de Santo Antão; os sorridentes passeios infantis que ela fazia no largo da igreja construída pelo pai; a escola mista que passou a funcionar no vilarejo com a simpatia da professorinha Eunice; os casamentos de irmãos e irmãs, a começar pelo de Coutinho quando ela viajou pela primeira vez até Cruz das Almas sentada na traseira de um carro de boi, feliz como nunca; a alegria com que ela se vestiu quando de seu casamento com Genésio, ainda uma mocinha sapeca que fazia brincadeiras até com as coisas mais sérias e os primeiros dois anos em Inhaúma, durante os quais conviveu de perto com Ordália e Natália. Agora estava eternamente sozinha, como sempre viveu. Teve uma vida longa sem ver nem saber nada da vida que existia e que só passava pelo lado de fora das janelas permanentemente fechadas de sua casa. Com o desfiar dos anos, cada um de seus irmãos e irmãs tinha constituído sua própria família e cada qual seguira para um lado, hoje cuidando de netos. Só Tina viveu e morreu irremediavelmente sozinha.

Ordália ficou ao lado do caixão de Tina por um bom tempo. No íntimo lastimou profundamente ter passado grande parte de sua vida morando tão pertinho e vivendo tão distanciada dela. Rememorou os poucos e bons tempos em que mantiveram contato. Nos dois primeiros anos de casada Tina chegou a ser sua companheira preferida. Vizinha em Inhaúma, era fácil estar com ela todos os dias tagarelando sobre o que acontecia ou o que devia acontecer. Gostava de ver a alegria irreverente da cunhada. Esteve ao seu lado quando sua filha nasceu morta. Ajudara a parteira Dona Custódia. Lembrou-se de que seu irmão Genésio também era um jovem alegre e divertido, festeiro como ele só, e que Tina era uma

moleca, brincalhona e muito prosa. Um diz-que-diz mal explicado havia feito com que as duas perdessem a amizade e não mais se dessem. Os sorrisos murcharam. Passaram a inexistir uma para a outra. Depois, tudo foi se apagando aos poucos. A cada dia que passava, o isolamento de Tina foi ficando cada vez mais rigoroso até que a morte viesse buscá-la. Ordália deu graças a Deus por ter podido estar com ela ainda em sua casa em Inhaúma, levada que foi pelo filho caçula, e de ter podido manter com ela uma gostosa conversa de amigas que há muito não se viam. Ainda que tivesse sido pelo pouco tempo em que Coutinho ficou à sua volta. Foram instantes felizes nos quais Tina se riu muito e até debochou divertidamente de algumas de suas lembranças. Essa era a imagem de Tina que Ordália quis guardar como sendo a última da cunhada. Debruçou-se sobre o caixão, chorou baixinho, rezou em pensamento um Padre Nosso e três Aves Marias e depois rogou.

– Pai do céu, recebe sua filha sofredora e cobre ela com teu manto sagrado!

Tina foi sepultada em Cruz das Almas, distante de Genésio, que havia morrido anos antes e fora enterrado no cemitério de Itaiporã. Selou de vez e para sempre seu eterno isolamento.

No dia de finados, os descendentes de Izidoro iam ao cemitério de Cruz das Almas, onde estavam enterrados Perpétua, Constância, o velho patriarca de Santo Antão e Tina. Oravam junto a seus túmulos.

Em Itaiporã, os mortos eram meras lembranças dos que ainda permaneciam vivos e que vagavam silenciosos pelas ruas de um vilarejo quase deserto. Não mais havia túmulos de parentes a serem visitados. Ninguém mais conseguia dizer qual era o exato lugar da sepultura de Sabino, de Calimério, de Turmalina ou de Genésio. Pairava sobre o vilarejo uma nuvem de

incerteza quanto ao dia de amanhã. Medo de que ele não voltasse a nascer. Itaiporã era o próprio cemitério. Maria Diabo continuou perambulando sem rumo à cata de comida sob seus trapos imundos como um cão vadio, só falando Diabo. Ana, sua velha mãe, morreu sozinha no meio do mato e ali apodreceu por dias e dias até seu corpo ser encontrado.

No coreto da praça da igreja já não mais se viam crianças brincando de canto. Deixou de haver canto na desilusão espaiada do lugar. Itaiporã era um fantasma incapaz de assustar seus próprios sobreviventes. Duílio fechara a venda e se mandara para a cidade. Ali não mais se vendia pão. O casarão de Carlos Maximiliano desabou por completo abandono no pouco tempo depois que a família deixou Itaiporã. Tertuliano se mudara há anos. Tobias fechou o bar e passou a ficar isolado em casa vivendo à custa dos filhos, só olhando os dias passarem em branco. Ataliba levou sua família para Cruz das Almas e iniciou peregrinação pelas cidades vizinhas, numa incansável e infrutífera procura por seu filho Valdomiro que um dia fugiu com o circo. Domingos, o dono do açougue, debandara dali sem dizer a ninguém para onde foi que se mudou. Em sua antiga casa só ficaram as moscas. Zé da Foice morreu de repente, dentro da jardineira de Seu Valentim, quando seguia viagem para Cruz das Almas, e lá mesmo foi enterrado. Tônico Antunes envelhecia seus dias à beira do Caimbé e sua oficina ganhou teias de aranha. Não tinha mais nada o que fazer. Limitava-se a olhar desiludido para o monjolo, parado pela insuficiência de força das águas que antes o moviam, e que agora nada mais eram do que um filete impotente para tanto.

A ponte de madeira sobre o Caimbé, ligando Itaiporã à região dos Galdinos e dos Anselmos, apodreceu com o tempo, deixando de garantir segurança para a travessia de carroça

com sacarias ou de mulo com cargas. A escolinha fechou por falta de alunos. Rachaduras nas paredes indicavam que a igreja podia desmoronar a qualquer hora. Ninguém dali poderia recuperá-la. Veio a ser derrubada pelos poucos moradores que restaram e em seu lugar foi levantada uma pequenina capela de tábuas, sem nenhuma torre, apenas encimada por uma enferrujada cruz de ferro catada do antigo cemitério. Foi o último grito de sobrevivência de Itaiporã. Valentim encerrou as viagens diárias que fazia até o antes festivo e movimentado reduto político de Carlinhos Português. Diabo!

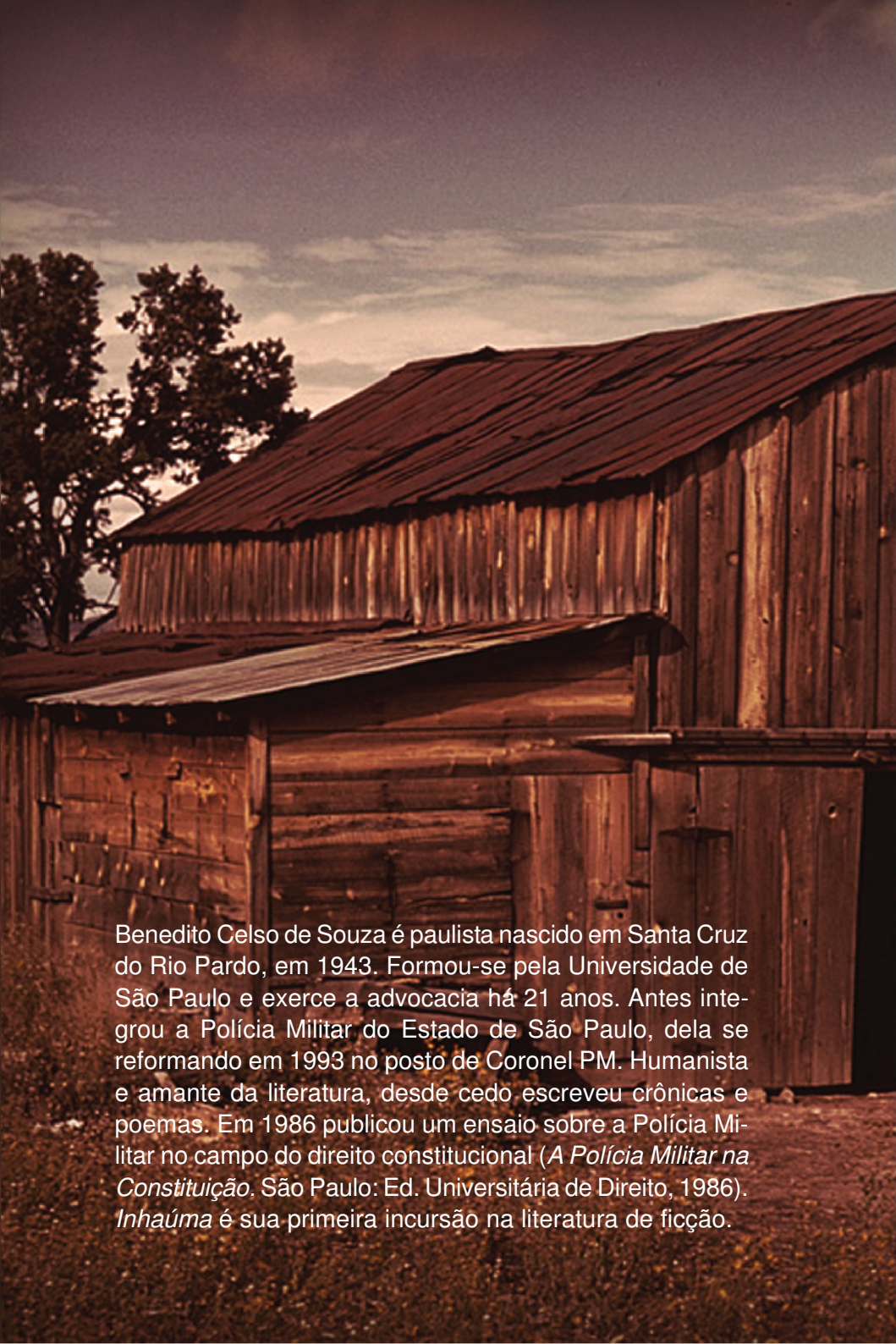
Isolado como sempre quis viver, Seu Alfredo, o alemão, pareceu querer ser um dos últimos a deixar o patrimônio. Viveu todo o tempo esquivando-se de encontros e de conversas com as pessoas do lugar. Agora estava sozinho como nunca estivera, porém sem emitir nenhum pedido de socorro. Comia bananas e chupava seus abacaxis. Tobias soube, e depois contou, que alguns dias antes de sua partida viu dois homens trajados de preto chegarem ao patrimônio ocupando um carro novinho, que seguiu direto para a isolada casa da estradinha que levava à fazenda dos Bertolinos. Permaneceram no interior da casa do velho alemão por cerca de hora e meia e depois retomaram a condução para se irem, sem procurar por mais ninguém. Na semana que se seguiu, esses homens voltaram a Itaiporã e levaram Seu Alfredo naquele mesmo carro, nunca mais dele se tendo notícias. Até o mistério que o cercou por toda a vida foi embora junto.

Só algum tempo depois é que Tobias veio a saber que o Delegado de Cruz das Almas havia solicitado às autoridades da Capital uma pesquisa em torno do nome de um imigrante polonês chamado Alfredo Obremski e que recebera informação oficial dando conta de que esse não era um nome verdadeiro. De quem se tratava era de um homem chamado

Heinrich Hartwig, nascido na cidade de Leipzig na Alemanha e que, ainda moço, logo depois do término da grande guerra, tinha imigrado para o Brasil junto com o pai. No Brasil obteve documentos falsos com os quais passou a se identificar como sendo um polonês naturalizado brasileiro. Retornou uma vez à Europa logo após a Segunda Guerra Mundial. Voltou para Itaiporã onde permaneceu homiziado por cerca de sessenta anos. Era procurado pela Polícia, mas jamais chegou a ser preso em solo brasileiro. Dele nunca mais se teve notícias.

Itaiporã não mais acolhia nem seus próprios mortos. O pequeno cemitério nas terras dos Gouveias, família que também já tinha se mudado para Cruz das Almas, veio a conhecer o mesmo abandono que atingiu o patrimônio. O mato cresceu dentro dele e as sepulturas que não possuíam lápides se esburacaram com os ataques de tatus deixando crânios e ossos humanos à mostra. Apodreceu e caiu o cercadinho de madeira que limitava o espaço onde estavam enterrados os três filhos de Raimunda. Até as almas queriam fugir dali. Bois derrubaram os balaústres que cercavam o campo santo e o invadiam para pastarem dele o capim mais alto. Pisoteavam e quebravam frágeis lápides. Desapareceram as cruzes e nada mais identificava as sepulturas dos que ali jaziam. Se, por um lado, poucos sabiam onde estavam seus vivos, antigos moradores de Itaiporã que dali debandaram, por outro lado ninguém mais tinha certeza do exato lugar onde estavam sepultados seus mortos. Tudo virou pasto, incapaz de alimentar lembrança ou de deixar história.

Itaiporã morre de vez e Inhaúma desaparece.



Benedito Celso de Souza é paulista nascido em Santa Cruz do Rio Pardo, em 1943. Formou-se pela Universidade de São Paulo e exerce a advocacia há 21 anos. Antes integrou a Polícia Militar do Estado de São Paulo, dela se reformando em 1993 no posto de Coronel PM. Humanista e amante da literatura, desde cedo escreveu crônicas e poemas. Em 1986 publicou um ensaio sobre a Polícia Militar no campo do direito constitucional (*A Polícia Militar na Constituição*. São Paulo: Ed. Universitária de Direito, 1986). *Inhaúma* é sua primeira incursão na literatura de ficção.